

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**ALBERT CAMUS,  
UM ESTRANGEIRO NO BRASIL**

**Juliane Bürger**

**Florianópolis**

**2001**

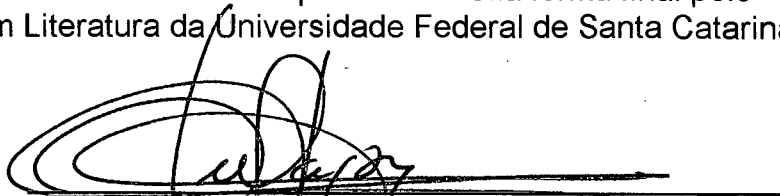
# ALBERT CAMUS, UM ESTRANGEIRO NO BRASIL

**Juliane Bürger**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título


## MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo  
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



---

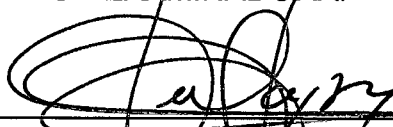
Prof. Dr. Carlos Eduardo Capela  
ORIENTADOR



---

Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt  
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



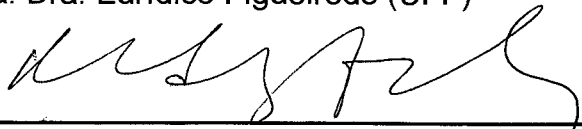
---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Capela  
PRESIDENTE



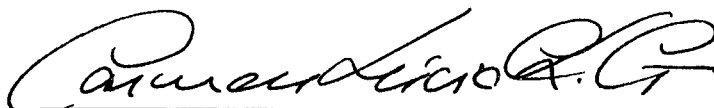
---

Profa. Dra. Eurídice Figueiredo (UFF)



---

Prof. Dr. Marco Antônio Castelli (UFSC)



---

Profa. Dra. Carmen Lúcia Gerbach (UFSC)  
SUPLENTE

**Juliane Bürger**

**ALBERT CAMUS,  
UM ESTRANGEIRO NO BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do grau de mestre em Literatura.  
Área de Concentração: Teoria Literária.  
Curso de Pós-Graduação em Literatura.  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo S. Capela

**Florianópolis**

**2001**

Ao seu Mario,  
meu (e)terno protetor e guia.



“Le seul espoir est qu’une nouvelle culture naisse  
et que l’Amérique du Sud aide peut-être à  
tempérer la bêtise mécanique.”

*Journaux de voyage*, de Albert Camus

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo S. Capela, pela confiança e horas de atenção a mim dispensadas. À CAPES, pelo apoio financeiro. À Prof<sup>a</sup> Dra. Carmen Lúcia C. L. Gerlach e ao Prof. Dr. Marco Antônio Castelli, pela análise e pelas pertinentes observações.

## SUMÁRIO

Resumo.....	01
Introdução.....	03
<b>I Camus, um francês da Argélia.....</b>	<b>09</b>
"Nós" europeus X "aqueles" não-europeus.....	14
Ensaio, construção de uma identidade.....	21
<b>II A (A)Ventura no Novo Mundo: Brasil.....</b>	<b>27</b>
A experiência do "fora do lugar".....	35
<b>III Mar e exotismo, influências de uma viagem.....</b>	<b>45</b>
"La mer au plus près": <i>appel de vie et invitation à la mort</i> .....	47
Mar e melancolia.....	52
"La pierre qui pousse": exotismo e <i>divertissement</i> .....	61
Pascal: tédio, divertimento e miséria.....	64
Pascal e o pensador.....	67
<b>IV Moral e revolta, as conferências de Camus no Brasil.....</b>	<b>73</b>
<b>V Albert Camus, um estrangeiro em Porto Alegre.....</b>	<b>89</b>
Albert Camus visto pelo Brasil de 49.....	90
"A Europa e o Crime".....	96
<b>Considerações finais.....</b>	<b>100</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>103</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>110</b>
1. Atividades Culturais de Camus no Brasil.....	111
2. Artigos de jornais de Porto Alegre.....	113
3. Contos.....	133
4. Conferências.....	134

## RESUMO

Esta dissertação se propõe a estudar a visão do escritor Albert Camus quando visitou o Brasil em 1949. Com base nesta passagem o autor escreveu três textos: o livro *Journaux de voyage* e os contos *La mer au plus près* e *La pierre qui pousse* que servirão como ponto de partida para recuperar seu olhar sobre o Brasil daquela época.

Nos quatro primeiros capítulos investiga-se a questão da identidade de Camus para melhor compreender seu discurso durante sua viagem. Camus proferiu várias conferências em nosso país, cujos conteúdos nos levam a descoberta de seu forte engajamento político. Com palavras lúcidas e contundentes Camus soube abordar como poucos autores de sua época a questão da identidade. Ora, identidade e cultura, para um francês da Argélia, são conceitos intrínsecos a sua experiência de vida.

Considerando-se um movimento inverso, no último capítulo busca-se resgatar a visão de intelectuais e jornalistas brasileiros sobre o autor – sobretudo os da cidade de Porto Alegre – para uma maior explicitação do que tenha representado a sua vinda a este país.

## RÉSUMÉ

Cette dissertation se propose à étudier la vision de l'écrivain Albert Camus au moment de sa visite au Brésil en 1949. Ayant comme base ce passage, l'auteur a écrit trois textes: le livre *Journaux de voyage* et les contes *La mer au plus près* et *La pierre qui pousse* qui sont le point de départ pour rattraper le regard de cet auteur sur le Brésil de l'époque.

Aux quatre premiers chapitres nous travaillons la question de l'identité de Camus pour mieux comprendre son discours pendant son voyage. Camus a proféré plusieurs conférences, dont les contenus nous amènent à la découverte de son fort engagement politique. Avec des mots lucides et conondants Camus a su aborder comme peu d'auteurs de son époque la question de l'identité. Or, l'identité et la culture, pour un français d'Algérie, sont des concepts intrinsèques à sa propre expérience de vie.

En considérant un mouvement contraire, le dernier chapitre recherche la vision des intellectuels et des journalistes brésiliens sur l'auteur – surtout ceux de la ville de Porto Alegre – pour une explicitation encore plus claire de ce qui a représenté son arrivée à ce pays.

## INTRODUÇÃO

Pays où les saisons se confondent [...], où les sangs sont mélangés aussi à tel point que l'âme en a perdu ses limites. [...] c'est le pays de l'indifférence et des sautes de sangs. Le gratte-ciel a beau faire, il n'a pas encore vaincu l'esprit de la forêt, l'immensité, la mélancolie.<sup>1</sup>

Este pequeno fragmento do *Diário de viagem* de Albert Camus ilustra um dos principais temas desta pesquisa: as impressões deste autor referentes ao Brasil que ele encontrou em 1949, quando de sua viagem ao país.

Do ponto de vista acadêmico, é evidente a riqueza que representam os registros deste "homem revoltado" com a inércia das massas diante da tragédia social de seu (e nosso) tempo, desta "antena" dos grandes movimentos de idéias que organizam o mundo de hoje, deste reconhecido "estrangeiro". Em *O Brasil dos viajantes*, Ana Maria Belluzzo comenta: "Não se pode subestimar o poder do olhar dirigido a um mundo com o qual não se está familiarizado." (BELLUZZO: 1999, p. 11) Partindo desta idéia do "olhar do estrangeiro, do viajante", a visão camusiana sobre o Brasil pode nos ajudar a pensar o que somos e fomos, apontando modos de cultura, percebendo ou imaginando semelhanças e diferenças.

---

<sup>1</sup> CAMUS, Albert. *Journaux de voyage*, p. 128.

Em 30 de junho de 1949 Albert Camus toma um navio em Marseille para uma longa viagem em direção ao Brasil. Duas semanas depois, percebe as primeiras luzes do país: Rio de Janeiro, "*le Pain de sucre*". Desde seu desembarque, inúmeras atividades previstas – na sua maior parte culturais (– para este visitante) Nas palavras do autor em seu diário: *le calvaire commence*.<sup>2</sup> (CAMUS: 1978, p. 73)

O Brasil no qual este homem politizado desembarca é governado por Eurico Gaspar Dutra (eleito em 1945), e tem como colaborador Getúlio Vargas, que seria novamente eleito em 1951. É um país que refletia os efeitos do Estado Novo, estabelecido por Vargas através de um golpe militar em novembro de 1937. Este regime, que duraria até sua queda em 1945, "perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo de esquerda e alguns liberais." (FAUSTO: 1995, p. 376) Com este contexto político o Brasil parecia ser um "ninho" ideal para receber as concepções camusianas, resultado de suas experiências como jornalista político de esquerda, nascido na Argélia, colônia francesa, e preocupado com as legitimações da violência pelas ideologias totalitárias de seu tempo. Sua mensagem teria tudo para ter, entre os brasileiros, ouvintes atentos.

Mas, Camus veio ao Brasil à convite de quem? Ou este autor francês, já conhecido por obras célebres como *L'Étranger*, *Le Mythe de Sisyphe*, *Calígula* e *La Peste* teria vindo por vontade própria conhecer a América do Sul? De acordo com certos registros, vários países lhe foram oferecidos como destino para uma futura viagem. Para Camus, entretanto, a Europa não era sedutora. Em carta enviada ao amigo Jean Grenier em

---

<sup>2</sup> Para uma melhor visualização e compreensão da extensa agenda de Albert Camus no Brasil, um calendário de suas atividades culturais no Brasil encontra-se em apêndice a esta dissertação.

1948 teria escrito: "L'Europe et ses cimetières me dégoûtent". Camus gostaria, na verdade, de encontrar-se com Grenier no Egito, mas esta viagem não lhe parecia possível: "Sauf erreur, j'ai l'impression qu'on ne désire pas m'envoyer, en ce moment, en pays arabe, pour les raison que vous imaginez bien" – escreve Camus na carta anteriormente citada. Mas assim como a Europa, a América do Sul também se apresentava como uma opção e fazia sentido aceitá-la, pois sua viagem estava associada a idéia de missão cultural: "Le but déclaré, officiel, de sa visite est le resserrement des liens culturels entre la France et les pays d'Amérique latine. Camus ne manquera pas de le souligner."<sup>3</sup> (BARTFELD: 1995, p. 08) O autor cumpriria, indo à América do Sul em 1949 um trajeto que começara em 1946, quando havia visitado a América do Norte.

Albert Camus chega ao Brasil, em 15 de julho de 1949, onde fica até 09 de agosto. Viaja então ao Uruguai, à Argentina, ao Chile e retorna ao Rio de Janeiro no dia 21 daquele mês, onde fica mais 10 dias até sua partida. Destes dias no Brasil, Camus faz registros surpreendentes em seu diário, que em 1978 seria editado pela Editora Gallimard com o título de *Journaux de voyage*<sup>4</sup>. Neste livro, nos moldes dos diários íntimos, o autor se expõe em comentários espontâneos sobre o que via e sobre as pessoas que o cercaram. Destas anotações, Camus retomou em textos ficcionais os momentos que lhe foram, talvez, os mais marcantes: a travessia do Atlântico e as visitas a um terreiro de macumba e à cidade de Iguape, interior de São Paulo. Distintas do tom bem pessoal da maior parte das

---

<sup>3</sup> À Recife, il précise qu'il est venu au Brésil uniquement en mission de rapprochement culturel entre les deux peuples ("Diário de Pernambuco", 21-07-49); à Porto Alegre, le journal *Correio do Povo* (09-08-49) voit dans la présence et le message de Camus l'affirmation vivante des profondes affinités latines et des liens spirituels non moins profondes qui nous unissent à la France; à Montevideo, "El Dia" (21-08-49) rapporte que, selon une déclaration de Camus, son voyage en Amérique du Sud n'avait d'autre but concret que de connaître le continent et de nouer des relations avec les milieux intellectuels. (BARTFELD: 1995, p. 39)

<sup>4</sup> Note-se que o título encontra-se no plural por se tratar a edição de uma reunião das anotações de dois diários de Camus, referentes à viagem à América do Norte e à América do Sul.



anotações do diário, as observações que Camus tece nos contos "La mer au plus près" e "La pierre qui pousse" são trabalhadas e sutis, resultantes de um nítido processo de criação. O escritor se mostra e nos envolve com seus personagens na aventura de conhecer o Brasil do final dos anos 40.

Em "La mer au plus près" (1953), conto que faz parte de *L'Été* (1954), Camus mostra toda a sua admiração pelo mar: "Grande mer, toujours labourée, toujours vierge, ma religion avec la nuit! Elle nous lave et nous rassasie dans ses sillons stériles, elle nous libère et nous tient debout." (CAMUS: 1954, p. 182) Inspirado na primeira parte de sua viagem ao Brasil, temos neste conto, em muitos momentos, a transcrição das primeiras anotações feitas pelo autor em seu diário, ainda no navio, antes de chegar em terras brasileiras. Tais registros tornam-se importantes, pois exploram as inquietações de Camus logo antes de chegar ao Brasil, suas reflexões e seu estado de espírito.

No outro conto a ser analisado, "La pierre qui pousse" (1955), publicado em *L'Exil et le royaume* (1957), Camus toma como fontes principais de inspiração sua visita a um terreiro de macumba, no Rio de Janeiro, e sua passagem por Iguape, cidade do interior de São Paulo, às quais mescla referências de outros fatos ocorridos durante sua estada no Brasil. Estas experiências haviam sido detalhadamente relatadas em *Journaux de voyage*. Ao analisar estes textos, o que se recupera sobretudo são as impressões deste estrangeiro sobre nosso país.

Mas, se o diário nos serve como referência das impressões imediatas de Camus sobre o Brasil e os contos como fonte de pesquisa para resgatar, na ficção camusiana, suas sensações ao se dirigir ao país e uma visão sobre nossa cultura, como abordar a mensagem que o autor quis deixar ao seu público brasileiro? Para esta parte da pesquisa, buscou-se nos registros das conferências proferidas por Camus no Brasil, além de

algumas matérias de jornais brasileiros que registraram sua visita, o material que pudesse sustentar a construção de um quadro que pretende ilustrar o teor da mensagem que o autor pretendia divulgar na América do Sul e a repercussão de sua vinda ao nosso país.

A análise de suas conferências, *Le temps de meurtriers*, *Roman et révolte*, *Un moraliste de la révolte: Chamfort* e *L'Europe et le crime* mostrará um Camus combatente e interessado em dialogar com intelectuais brasileiros e sul-americanos. Preocupado com as grandes transformações sociais e políticas de seu tempo, Camus antevê nestes textos a crise mundial causada pela globalização. Discussões atuais como as que se referem ao *poder* e à *violência* são temas das conferências. Devido à dificuldades que se colocam para acessar determinados contos cuja consulta torna-se importante para a melhor compreensão deste trabalho, encontram-se no apêndice os contos camusianos "La mer au plus près" e "La pierre qui pousse" e algumas matérias jornalísticas do ano de 1949.

É importante ressaltar ao leitor que embora este trabalho apresente capítulos específicos para a abordagem dos principais textos que baseiam a pesquisa (o diário, os contos, as conferências e as matérias jornalísticas), a análise destes textos encontra-se também paralelamente ao longo de toda a dissertação. Ou seja, as alusões aos textos são constantes, bem como as observações de cunho analítico. Este talvez seja um caminho natural ao se estudar a obra camusiana, obra construída de forma circular, cujas idéias pontuais estão sempre em sintonia com a totalidade de sua produção.

Para a discussão dos registros concernentes à vinda do escritor ao Brasil, fez-se necessário abordar a questão da "identidade", por tratar-se Camus de um escritor francês nascido na Argélia. Como resgatar o processo de criação deste viajante sem buscar seu passado, sem dar atenção as suas origens? Elas influenciaram a formação de Camus, escritor que passa de maneira cativante aos olhos do leitor, das suas anotações de um diário

de viagem para a ficção dos contos, mostrando transitar confortavelmente pelo mito e pelo ensaio. Afinal, em 1949 Camus já fazia suas notas para um livro, considerado por muitos como sua obra de maior destaque, o ensaio filosófico *L'Homme révolté* (1951).

Resgatar este momento da criação camusiana, passado no Brasil do final dos anos quarenta e observar o olhar de Camus sobre nosso país são os principais motivos que instigaram a realização deste estudo.

## CAPÍTULO I

### CAMUS, UM FRANCÊS DA ARGÉLIA

" - Qui aimes-tu le mieux, homme énigmatique, dis? ton père, ta mère, ta soeur ou ton frère?

- Je n'ai ni père, ni mère, ni soeur, ni frère. (...)

- Ta patrie?

- J'ignore sous quelle latitude elle est située."

*L'Étranger*, Baudelaire

Para que melhor se compreenda o olhar de Camus em sua visita ao Brasil, em 1949, torna-se necessário, antes de mais nada, atentar para as origens e a trajetória deste escritor de língua francesa nascido na África.

Filho de colonos pobres da Argélia, "a genealogia de Albert Camus é arquetípica de um *pied-noir* de sua geração, com uma ascendência francesa do lado paterno e espanhola do lado materno." (TODD: 1998, p. 783) Seu avô foi um dos primeiros franceses a se estabelecer na Argélia no final do século XIX. Sua avó fazia parte dos primeiros colonos pobres vindos da Espanha e é desta origem espanhola que Camus dizia ter herdado sua dignidade, sua nobreza de caráter.

Em 07 de novembro de 1913 Albert Camus nasce em Mondovi, próximo à Bone<sup>5</sup>. Seu pai, Lucien Camus, é adegueiro, assim como outros colonos pobres que, juntamente com muçulmanos, trabalham para franceses ricos, os novos proprietários das terras da Argélia, país em franca política de povoamento francês. Sua mãe, Catherine-Maria Sintès, que não sabia ler nem escrever, era faxineira.

A política colonialista da França "persegue um objetivo na Argélia, a substituição da barbárie e do fanatismo pela civilização e pela razão, ou seja, a assimilação, a unificação e o afrancesamento das raças. (...) Alguns franceses estão persuadidos de que o indígena deve transformar-se em cidadão, em igual – com o tempo. A muito longo prazo."<sup>6</sup> (TODD: 1998, p. 22)

Este era o pensamento comum ao país colonizador ocidental em relação ao país oriental a ser colonizado:

O argumento, quando reduzido à sua forma mais simples, era claro, preciso, fácil de apreender. Há ocidentais e há orientais. Os primeiros dominam; os segundos devem ser dominados, o que costuma querer dizer que suas terras devem ser ocupadas, seus assuntos internos rigidamente controlados, seu sangue e seu tesouro postos à disposição de uma ou outra potência ocidental. (SAID: 1996, p. 46)

Edward Said discute este processo de apropriação do oriente pelo ocidente, nomeado por ele de "orientalismo":

---

<sup>5</sup> A 25 quilômetros de Bône fica o povoado de Mondovi, fundado em 1849 por agricultores "vermelhos" deportados de Paris pelo governo (como forma de se livrar de elementos politicamente problemáticos, que receberam terras expropriadas dos autóctones argelinos), cf. E. Said, 1995, p.223.

<sup>6</sup> A fonte deste comentário, que se refere a uma circular do governador geral Lutaud, datada de 20 de maio de 1913, não foi precisa por O. Todd.

Tomando o final do século XVIII como um ponto de partida muito grosseiramente definido, o orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. (SAID: 1996, p. 15)

O Oriente foi orientalizado não só porque se descobriu que ele era "oriental" em todos aqueles aspectos considerados como lugares-comuns por um europeu médio do século XIX, mas também porque podia ser – isto é, permitia ser – feito oriental. (SAID: 1996, p. 17)

Pois aquilo que o orientalista faz é "confirmar" o Oriente aos olhos de seus leitores; ele nem quer nem tenta abalar convicções já arraigadas. (SAID: 1996, p. 75)

O Oriente a ser conquistado pelo projeto de expansão colonialista da França era uma grande ficção, uma imagem criada pelo Ocidente. Para fazer parte deste projeto, em agosto de 1914, o soldado Lucien parte num corpo de infantaria criado na Argélia, em 1830 (ano da ocupação de Argel pela França), denominado *zuavo*. Camus e sua família (mãe e irmão) se mudam para Argel. Lucien Camus morre em combate, na França, e seu corpo não é repatriado. Albert Camus viveu oito meses com seu pai. Esta experiência marcaria a vida do autor que, tendo perdido o pai para uma guerra, se revoltaria desde cedo contra o absurdo do crime.

Albert tem uma infância pobre, mas escapa ao destino da maioria das crianças do seu meio, o de largar os estudos para trabalhar. Brillante nos estudos, sobretudo nas aulas de francês, torna-se bolsista no *Grand Lycée*. Camus passa diariamente

Em 1930, ele conhece aquele que virá a ser um de seus grandes amigos e incentivadores: o professor francês de filosofia Jean Grenier que observava em Camus um "temperamento africano", ou seja, um orgulho característico dos homens da África do Norte e dos espanhóis.

Em 1935, Camus entra para o Partido Comunista, não por estar convencido da necessidade de lutar pelo comunismo, mas sobretudo por ser um ato comum entre os intelectuais de esquerda de sua época - André Gide e André Malraux, por quem Camus cultivava uma profunda admiração, eram simpatizantes do comunismo. Camus escreve à Jean Grenier: "Il me semble que, davantage que les idées, c'est la vie qui mène souvent au communisme (...). J'ai un si fort désir de voir diminuer la somme de malheur et d'amertume qui empoisonne les hommes." Camus fez parte do PC em Argel somente 4 anos (entre 1934 e 1937), mas seu ideal humanista o acompanhou por toda a vida. Em 1949, na visita ao Brasil, a aspiração de dar ouvidos às vítimas do absurdo é claramente discutida em suas conferências.<sup>7</sup>

Em 1937, é publicado seu primeiro livro, *O avesso e o direito*, segundo título de uma coleção Mediterrânea. Camus se deixa descobrir nestas páginas como filho do sol e do mar. Mais tarde, quando questionado sobre se considerar argelino ou francês, o autor dizia-se mediterrânico. "Camus sente-se mais do que argelino e argeliano: imagina-se mediterrânico. Tem o sentimento estranho de ser grego num universo cristão e um estrangeiro na cidade, um meteco." (TODD: 1998, p. 109) Camus comenta, em conferência inaugural à Maison de la Culture d'Alger, em 1937:

---

<sup>7</sup> Ver capítulo 5, "Literatura e política".

L'Afrique du Nord est un des seuls pays où l'Orient et l'Occident cohabitent. Et à ce confluent il n'y a pas de différence entre la façon dont vit un Espagnol ou un Italien des quais d'Alger, et les Arabes qui les entourent. Ce qu'il y a de plus essentiel dans le génie méditerranéen jallit peut-être de cette rencontre unique dans l'histoire et la géographie née entre l'Orient et l'Occident. (CAMUS: 1937; apud LENZINI: 1995, p. 14)

Camus parece estar no intervalo entre lugares. Sua posição não é definível, seu espaço sem limites. Ora francês, ora argelino; ora europeu, ora oriental.

Entretanto, em 1957, ao receber o Prêmio Nobel, agradece a Academia real da Suécia por ter destacado seu país (a Argélia) e um francês da Argélia. Em seu discurso de agradecimento, Camus comenta: "Je suis simplement reconnaissant au Comité Nobel d'avoir voulu distinguer un écrivain français d'Algérie. Je n'ai jamais rien écrit qui ne se rattache, de près ou de loin, à la terre où je suis né. C'est à elle, et à son malheur, que vont toutes mes pensées." Além deste fragmento de seu discurso, em "Guide pour des villes sans passé", ensaio publicado em *L'Été*, Camus afirma:

Pour le reste, il faut (...), en toutes occasions, reconnaître humblement la superiorité de l'Algérie sur la France métropolitaine. Ces concessions faites, on aura l'occasion de s'apercevoir de la superiorité réelle de l'Algérien sur le Français, c'est-à-dire de sa générosité sans limites et de son hospitalité naturelle. (...) je puis bien dire au moins qu'elle [l'Algérie] est ma vraie patrie et qu'en n'importe quel lieu du monde, je reconnais ses fils et mes frères à ce rire d'amitié qui me prend devant eux. (CAMUS: 1997, pp. 850, 851)



## "Nós" europeus X "aqueles" não-europeus

"Ser um europeu no Oriente - comenta Edward Said – sempre implica ser uma consciência distanciada do seu meio, e diferente dele." Qual seria então a identidade deste autor que viveu toda a sua infância e adolescência na Argélia, e que foi educado como um francês? Qual era a situação deste "francês da Argélia", estranho aos árabes e aos franceses?

Camus se sentia em parte francês por sua origem, mas sobretudo por sua educação e sua vida cultural. Como intelectual ativo de seu tempo, trabalhou como jornalista, teatrólogo e escritor, o que lhe possibilitou total engajamento nas questões culturais tanto da Argélia quanto da França. Além do mais, Camus trabalhou num período de guerras – segunda guerra mundial e guerra colonial entre a França e a Argélia – o que lhe exigiu críticas e posicionamentos políticos.

Entretanto, chama a atenção o fato de Camus ser notadamente reconhecido como um intelectual francês. Talvez isso parecesse necessário para afastar o autor da imagem de "atraso" cultural da Argélia – e por conseguinte de todo o oriente. Edward Said comenta:

O orientalismo nunca está longe daquilo que Denys Hay<sup>8</sup> chamou de idéia da Europa, uma noção coletiva que identifica a "nós" europeus em contraste com todos "aqueles" não-europeus, e de fato pode ser argumentado que o principal componente da cultura européia é precisamente o que torna essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: a idéia de identidade européia como sendo superior em

comparação com todos os povos e culturas não-europeus. Além disso está a hegemonia das idéias européias sobre o Oriente, que por sua vez reiteravam a superioridade européia sobre o atraso oriental, desconsiderando normalmente a possibilidade de que um pensador mais independente ou mais cético pudesse ter opiniões diferentes sobre a questão. (SAID: 1996, p. 19)

Camus foi relacionado, pela Europa, a esta hegemonia do "nós" europeus, a esta identidade européia, o que fazia com que, para o senso comum, ele se tornasse superior em comparação aos seus conterrâneos – e estranho entre eles. Incompreendido, Camus é o estrangeiro que perdeu sua mãe, a França (ou seria a Argélia?). Afinal, sua mãe é a colonizada ou a colonizadora? A pergunta sobre a "origem" do escritor talvez já não caiba mais. Ele é uma espécie de exilado, distante e solitário, e sua posição é a de órfão. Júlia Kristeva comenta em *Estrangeiros para nós mesmos*:

Dessa origem – família, sangue, solo – ele fugiu [o estrangeiro] e, mesmo se ela não pára de importuná-lo, enriquecê-lo, estorvá-lo, exaltá-lo ou de causar-lhe dor e, em geral, tudo ao mesmo tempo, o estrangeiro é o seu traidor, corajoso e melancólico. Certamente, ela o assedia, para o melhor e para o pior, mas foi "em outro lugar" que ele colocou as suas esperanças, que se travam os seus combates, que ele hoje mantém a sua vida. "Em outro lugar" oposto à origem, e mesmo "em lugar algum" oposto às raízes: essa divisa dos temerários engendra tanto recalques estéreis quanto impulsos audaciosos. (...) Ele é estrangeiro, é de parte alguma, de todo lugar, cidadão do mundo, cosmopolita. Não o remeta às suas origens. (KRISTEVA: 1994, p. 36)

Kristeva declara que "foi *em outro lugar* que ele [o estrangeiro] colocou as suas esperanças". Camus pode ter optado por colocar suas esperanças na França, ou seja, que seu distanciamento da Argélia refletia uma vontade do autor de não ser relacionado a

---

<sup>8</sup> HAY, Denys. *Europe: the emergence of an idea*. 2ª ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1968.

um país que era inferiorizado por seu colonizador, "pois o Oriente ('lá longe' em direção ao Leste) é corrigido, e até penalizado, pelo fato de estar fora das fronteiras da sociedade europeia, o 'nosso' mundo." (SAID: 1996, pp. 76,77) Um francês ou um escravo da França colonialista? Pertencente aos dominadores ou seria ele próprio um dominado? Entretanto, podemos pensar esta situação de Camus ser considerado mais próximo à França através de um outro movimento, ou seja, um ato da Europa para com o escritor, representando uma situação conveniente para a França de europeizá-lo. Afinal, o racismo do colonizador passa pela identificação e valorização dos habitantes brancos – sobretudo os de origem francesa – da Argélia: "... nos territórios coloniais franceses, *les blancs* significava governantes, cuja condição de franceses era indistinguível de sua condição de brancos." (ANDERSON: 1989, p. 167)

Segundo Said, "a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia." (SAID: 1996, p. 17) Pois talvez esteja aí a resposta: o poder. Para que seus textos obtivessem o reconhecimento da intelectualidade de uma época e tivesse voz ativa num meio social, Camus sabia ser necessário escrevê-los num bom francês e assiná-los como sendo textos escritos por "um francês da Argélia". Camus alcançou o reconhecimento. Segundo Said, "Camus é o único autor da Argélia francesa que pode ser considerado justificadamente como escritor de estatura mundial." (SAID: 1995, p. 224)

Note-se a forma como Said nomeia Camus, um "autor da Argélia francesa", o que o faz parecer um autor nem francês nem argelino. Na biografia *Albert Camus, uma vida*, Olivier Todd diz que Camus pertencia ao que M.O. Stott chamou de os "neofranceses", uma nova espécie de cidadão. Esta diferenciação parece válida, uma vez que toda uma faixa de moradores da Argélia – e de outros países norte africanos

colonizados – não se encaixava em nenhuma classificação étnica. Talvez por isso, certas vezes, Camus se autodenominasse mediterrânico, por não saber ou não encontrar uma melhor maneira de se identificar.

No que se refere à língua falada, estes habitantes não poderiam considerar-se totalmente franceses. A língua, este poderoso instrumento de demarcação e segregação utilizado pelos colonizadores, era inserida na sociedade sobretudo através do ensino escolar, ou seja, não poderia encobrir a vivência dos colonizados. Era importante para a França alfabetizar suas colônias, pois a língua representava a força de uma nação. Autores como Renan (1823-1892), manifestaram-se sobre este assunto:

É a língua que faz o espírito de uma nação. (...) O espírito de cada povo e sua língua têm uma conexão muito estreita: o espírito faz a língua e a língua, por sua vez, serve de fórmula e de limite ao espírito. (RENAN: 1961, p. 96)

Há séculos a França nutria um sentimento etnocêntrico que via no cultivo da língua francesa uma de suas 'armas' mais importantes. A superioridade da França dependia, em parte, de uma idealização da língua francesa. Discursos surpreendentes com o intuito de propagar a língua francesa confirmam tal idéia de superioridade. É o que nos mostram estas palavras destacadas por T. Todorov em *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*:

Ela [a língua francesa] dirá coisas bastante diversas, mas sempre coisas liberais. (...) Jamais será uma língua reacionária. (...) Essa língua aperfeiçoa; é uma escola; tem naturalidade, bonomia, sabe rir, traz em si

um amável ceticismo carregado de bondade (...). O fanatismo é impossível em francês. (...) Um muçulmano que saiba francês jamais será um muçulmano perigoso. (Conferência feita na *Alliance*, pp. 1090, 1091; apud TODOROV: 1993, p. 158)

Segundo Benedict Anderson (1989), é por meio da língua que reconstituem-se passados, imaginam-se solidariedades, sonham-se futuros. Logo, no caso de Camus, a língua torna-se mais um obstáculo para que ele pudesse se sentir totalmente francês ou argelino, mais um obstáculo para que ele pudesse melhor compreender e determinar sua posição política e social.

"Contador e imitador, ele [Camus] sabe que uma comunidade é uma língua, e sua língua uma identidade." (TODD: 1998, p. 173) O escritor passou parte de sua infância e de sua juventude em Belcourt – bairro popular de Argel e limítrofe de Marabout, bairro árabe – e, como outros garotos de sua geração, falava o francês (sobretudo por causa do ensino primário, que lhes proporcionava o certificado de primeiro grau do ensino de francês), o argelino (dialeto árabe falado na Argélia) e, pelo menos, convivia com o espanhol, o árabe, e o italiano pelas ruas da cidade.

É a esta nova "raça" de neofranceses que Camus pertencia. Um neofrancês que utilizava diferentes registros de linguagem para poder se comunicar, e que se distanciava cada vez mais da realidade de seu quarteirão:

Torna-se para os seus um desconhecido admirado, pois sabe sobre o mundo mais do que qualquer outra pessoa da rua de Lyon nº 93 e não pode compartilhar, nem mesmo com Lucien [seu irmão], o que aprende no liceu. Um poema francês, para os Sintès-Camus, não tem sentido nenhum. Os filhos de proletários instruídos destinam-se a ter vida tripla, com a família, freqüentemente analfabeta, em companhia dos professores e colegas, e sozinhos, consigo mesmos. Linguagem tripla:

uma, escolar, acadêmica, convencional, mais escrita do que falada; a segunda, utilizada em Belcourt. (...) Finalmente, aqueles meninos forjam um jargão de adolescentes. Entre Belcourt e Bab-el-Oued, as familiaridades de sua avó e as frases depuradas dos professores, Camus descobre vários universos. (TODD: 1998, p. 44)

Estes "vários universos" também se referem às diversas questões políticas às quais Camus sempre esteve exposto. Assim como o contato com diversas línguas, Camus também convivia com várias realidades políticas.

Na escola, aprendia a agradecer aos franceses, pois se propuseram a civilizar a Argélia:

O ensino secundário reforça teses e preconceitos do primário e ratifica uma história da Argélia normalizada, afrancesada, no espírito do manual de história de A. Malet<sup>9</sup>. Começa com um toque de címbalos: "A França possui na África do Norte um magnífico império colonial formado pelos países do atlas: Marrocos, Argélia, Tunísia, constituído depois de vinte e sete anos de lutas, sob Napoleão III. Os indígenas, árabes nômades e berberes ou cabilas sedentários, todos muçulmanos fanáticos", resistiram." (...) Os liceanos não devem imaginar a Argélia antes da conquista como um Estado organizado: "O país estava à mercê da anarquia". (TODD: 1998, pp. 42, 43)

Estas idéias não eram discutidas pelos alunos, mesmo que as aulas fossem freqüentadas por filhos de árabes. "Por que liceanos franceses iriam questionar as descrições idílicas da ordem estabelecida?" (TODD: 1998, p. 43) Para os professores, vindos dos grandes liceus de Paris e Lyon, por sua vez, tais ensinamentos não pareciam racistas ou passíveis de questionamentos.

---

<sup>9</sup> A. Malet e P. Grillet, Librairie Hachette et Cie., 1917.

Camus chega em casa com seus ensinamentos e percebe que seus amigos de rua não têm o mesmo ponto de vista de seus colegas de liceu. Sem ter contato com esta França "fada madrinha" dos contos infantis, difundida pela escola, o cotidiano dos brancos pobres ou árabes de Belcourt é feito de racismo e miséria. Eles "compartilham o ódio pela polícia, mesmo durante um *baroufa*, um tumulto. Esses pobres temem o desemprego." (TODD: 1998, p. 30)

Tudo isso coloca Camus numa posição diferenciada. Com o passar dos anos, esta pluralidade de pontos de vista aliada aos seus estudos o levam a ser reconhecido e respeitado tanto por franceses quanto por árabes por suas idéias e por sua bagagem cultural. "Camus tenta ultrapassar seu *status* de argelino sem se ligar apenas à França metropolitana, muito menos à Paris. Guia cultural, ele não se sente nem inteiramente francês, nem unicamente argeliano." (TODD: 1998, p. 147)

Sua situação é compatível com a da própria Argel dos anos 30, uma cidade sem identidade cultural esclarecida. Com 170.000 brancos e 55.000 "indígenas", ela é uma "cidade européia", onde os intelectuais se encontram no café *Fromentin*, apreciado por escritores como André Gide. Franceses vindos dos mais altos círculos intelectuais vinham se mesclar à "barbárie árabe", talvez por pura sedução pelo exotismo do ambiente, talvez por razões políticas.

## Ensaio, construção de uma identidade

"A identidade é confiada à obra,  
à produção de uma imagem."  
Jean Starobinski

A reflexão sobre a questão da identidade é capital no olhar de Camus. Se, como vimos até aqui, é difícil para o autor precisar sua identidade, como ele exercita este tema em sua escrita?

Este assunto é amplamente discutido por Manuel da Costa Pinto em *Albert Camus, um elogio do ensaio* (1998). Neste livro o autor mostra o ensaio como o gênero com o qual Camus mais discute as questões relativas à identidade. Ao focar o 'Camus ensaísta', Costa Pinto considera o ensaio não como um gênero literário, mas um 'gênero de intervalo', entre o ficcional e o não-ficcional. Como um 'gênero de passagem', permanece na esfera de uma identidade impossível:

O imperativo de atingir a identidade nunca é esquecido; mas ele é sempre impossível, ou melhor, ele é sempre instável, pois pertence ao hemisfério sensível e contingente da imagem. (COSTA PINTO: 1998, p. 41)

Ora, um gênero cujo imperativo é o de atingir a identidade, sempre impossível por sua instabilidade, torna-se para Camus uma atraente forma de escrita. Ele, na construção irrealizável de sua própria identidade, poderia utilizar este gênero, que está também em perpétuo movimento de construção, para melhor discutir a questão da



identidade. Através do ensaio, com a criação de imagens pela escrita, inventa-se um 'eu' cuja identidade está perdida:

... o ensaísta logo percebe que este *Eu* sobre o qual se debruça não tem ainda um saber que o sustente e que lhe dê uma identidade; trata-se, portanto, de criar o próprio objeto – o que faz da "pintura de si" uma invenção do *Eu*. (COSTA PINTO: 1998, p. 40)

Mas, por que este 'gênero de passagem' teria influenciado de forma fundamental a obra de tantos pensadores franceses? Qual a origem deste germe contido no ensaio em geral e que une toda uma sucessão de escritores, que remonta à Montaigne?

De acordo com o comentário de Costa Pinto, na base do procedimento do ensaio está a *ordem da mimesis*, na Antigüidade, onde:

... a identidade do eu se fazia decisivamente em função de algo externo ao eu; a individualidade antiga implicava a subjunção do eu em algum tipo de comunidade (família, cidade, nação, Deus). (COSTA LIMA, 1993, p. 19)

O 'eu', portanto, se realizaria na identificação com algum tipo de corpo social, o que leva o sujeito a uma busca permanente deste. Este é, na verdade, o pressuposto do ensaísmo francês, "cuja busca de uma identidade à qual fosse redutível toda experiência humana leva a uma descrição moral do homem enquanto fundamento da cultura". (COSTA PINTO: 1998, p. 77)

Desta vivência sensível do intelecto resultaria, segundo T. Adorno, uma filosofia da não-identidade, pois o ensaio "leva em conta a não-identidade da consciência." (ADORNO: 1984, p. 13) Poderíamos relacionar Camus a esta não-identidade da

consciência, maneira pela qual este francês da Argélia poderia reconhecer-se. Nesta filosofia da não-identidade, "da qual a teoria crítica de Adorno e dos demais frankfurtianos seriam, aliás, a feliz manifestação" (COSTA PINTO: 1998, p. 65), o ensaio prima pela criação de imagens e não de conceitos, sendo o ensaísta o anunciante do triunfo da ficção, sem abandonar a demanda filosófica. Isto leva ao diálogo entre ficção e não-ficção, fronteira tão difícil de ser demarcada no texto camusiano.

Entretanto, esta elaboração de Adorno sobre uma filosofia da não-identidade é discutida por Costa Pinto:

A estrutura discursiva do ensaio tem algo de paradoxal. Seu impulso inicial de buscar a identidade das coisas e dos seres é logo frustrada pela não-identidade e pela *mouvance* perpétua da *condition humaine*. Entretanto, (como se pôde ver a partir da leitura de Adorno), o ensaio não atinge a estabilidade de um saber dialético que acolhesse essa mutabilidade, mas permanece na "imobilidade" de que fala Barthes: a apreensão máxima da *mouvance* do mundo determina o progressivo enclausuramento do ensaio em seu próprio universo subjetivo de representações – único campo para o possível.

Não podemos saltar sobre a nossa sombra – e por isso o moralista representa a vacuidade da representação (o que é bem diferente de representar a não-identidade). (COSTA PINTO: 1998, p. 103)

Assim, o gênero do ensaio, ao invés de desempenhar o papel de uma filosofia da não-identidade, representaria a vacuidade da representação. De qualquer forma, pode-se perceber nos ensaios de Camus, como por exemplo *O avesso e o direito*, *Nupcias*, *O mito de Sísifo*, *O homem revoltado* ou *O verão*, que o passado para o autor é irrecuperável, seja ele identificado pela falta de uma identidade ou por uma vacuidade. Este vazio se faz presente tanto na vida pessoal do autor (marcada pela desilusão na tentativa de

reconstituir suas origens) quanto na sua escrita. A busca do "elo perdido", a revisão constante de temas na tentativa de cobrir algo deixado em aberto por sua inacessibilidade, assinala uma característica do texto camusiano: o perpétuo retorno a temas já discutidos – sucessiva circularidade. "Percebemos assim que há um contínuo jogo de refrações entre suas obras." (COSTA PINTO: 1998, p. 170) Para Camus, mais uma vez, o ensaio se apresentava como uma interessante forma de expressão escrita, devido, como observa Adorno, a sua proposta não-sistemática, ao ser metodicamente não-metódico, deixando lugar para o não-dito, o vácuo. Segundo J. A. Barbosa:

Desde *Núpcias* até a conferência de Uppsala<sup>10</sup>, é possível traçar uma linha de coerência para com o fragmento, que termina por emprestar à obra uma feição incômoda de inconclusão para aqueles que desejam sempre a segurança dos sistemas classificatórios. Para esses, Camus sempre deixou de dizer alguma coisa. O seu mundo não era nem podia ser esgotante porque sobretudo pretendia ser verdadeiro. Feito de sugestões, pesquisas, avanços e recuos, era um mundo dialético por natureza. (...) Daí uma espécie de eterno retorno que é constante em sua obra: cada novo livro oferece a possibilidade para melhor compreensão de um anterior. Mas quando esperamos o fechamento do círculo, eis que as cordas se desatam e novamente começa o jogo difícil da procura. BARBOSA: 1993, p. 02)

A impossibilidade de Camus realizar textos definitivamente concluídos vinha da própria inconclusão de sua experiência: "Arma-se assim um movimento circular pelo qual a intuição que anima a ficção é reconduzida incessantemente a uma identidade

---

<sup>10</sup> Juntamente com o discurso de recepção do prêmio Nobel, em 1957, a conferência de Uppsala faz parte dos *Discours de Suède* (reproduzidos no volume *Essais* das obras de Camus publicadas pela Bibliothèque de la Pléiade).

que só se consuma pela própria escrita." (COSTA PINTO: 1998, p. 150) Escrever, para o autor, significava criar uma imagem, uma identidade:

... uma das preocupações mais constantes de Camus (...) é traçar a fisionomia de um lugar e de um povo. Estas descrições – em "O verão em Argel", por exemplo – vão desde a tonalidade de pele dos argelinos ou dos hábitos de uma juventude que se entrega aos prazeres e descobre uma nudez sufocada pela civilização europeia, até a reprodução da narrativa de uma briga de rua ... (COSTA PINTO: 1998, p. 173)

Sua vinda ao nosso país representa muito bem esta idéia; afinal, *Diário de viagem* é o exemplo de um dos textos em que Camus esboçou o caráter do brasileiro que, como o de Argelino, se entrega aos prazeres do corpo, mas que, embora tenha sido colonizado pelo europeu, não parece sucumbir à repressão imposta pelo Velho Continente. Ao contrário, no futuro do Brasil Camus vê uma vitória do original sobre a tradição. A identidade do Brasil era formada, no imaginário camusiano, por uma mistura de conceitos como modernidade e primitivo, resultando num surpreendente conceito de não-identidade:

Le Brésil avec sa mince amature moderne plaquée sur cet immense continent grouillant de forces naturelles et primitives me fait penser à un building, rongé de plus en plus avant par d'invisibles termites. Un jour le building s'écroulera et tout un petit peuple grouillant, noir, rouge et jaune, se répandra sur la surface du continent, masqué et muni de lances, pour la danse de la victoire. (CAMUS: 1978, p. 109)

A impossibilidade do estabelecimento de uma identidade para a miscigenação do brasileiro provém da própria impossibilidade de identificação deste povo

com qualquer modelo europeu e tradicional. A imagem criada por Camus de um país restrito a uma armadura moderna que limitaria sua riqueza natural, prestes a explodir por sua força pulsante, revela que o autor era sensível a idéia de uma libertação cultural do colonizado, do surgimento de uma identidade baseada na transformação do dependente.

## CAPÍTULO II

### A (A)VENTURA NO NOVO MUNDO: BRASIL

A idéia de que uma nova potência viesse a surgir de um povo livre e jovem, que tivesse a força para combater os rumores do passado que envolvem as grandes cidades, esteve sempre presente na literatura camusiana. Em *Noces* (1959), espécie de ode de Camus dedicada ao sol e ao mar da terra em que passou sua infância, o autor faz um retrato bem pessoal:

Il y a des peuples nés pour l'orgueil et la vie. (...) Ce peuple sans religion et sans idoles meurt après avoir vécu en foule. (...) J'entends bien qu'un tel peuple ne peut pas être accepté de tous. Ici, l'intelligence n'a pas de place comme en Italie. Cette race est Indifférente à l'esprit. Elle a le culte et l'admiration du corps. Elle en tire sa force, son cynisme naïf, et une vanité puérile qui lui vaut d'être sévèrement jugée. (...) Voici pourtant un peuple sans passé, sans tradition et cependant non sans poésie. (...) Le contraire d'un peuple civilisé, c'est un peuple créateur. Ces barbares qui se prélassent sur les plages, j'ai l'espoir insensé qu'à leur insu peut-être, ils sont en train de moderer le visage d'une culture où la grandeur de l'homme trouvera enfin son vrai visage. (CAMUS: 1997, pp. 72, 73, 74, grifo meu<sup>11</sup>)

---

<sup>11</sup> Acreditamos que a concepção camusiana da palavra "bárbaro" esteja de acordo com o conceito de Montaigne, discutido por T. Todorov em *Nós e os outros*: "Todo ensaio de Montaigne é, de fato, um elogio aos *canibais* e uma condenação a nossa sociedade: se em algum lugar há selvagens, deixa entender, talvez não seja onde se crê. Pode-se, no limite, desculpar o canibalismo, mas não a traição, a deslealdade, a tirania, a crueldade, que são nossas faltas ordinárias. (...) Montaigne emprega a palavra *bárbaro* em um sentido não relativo – e mesmo em dois sentidos, um tão absoluto quanto o outro, mas carregados de apreciações contrárias. O primeiro é histórico e positivo: é bárbaro o que está próximo das origens; ora, as origens são melhores do que o que veio depois. "Essas nações me parecem, assim, bárbaras, por terem recebido muito pouco da maneira do espírito humano, e estarem ainda muito vizinhas de sua ingenuidade original. As leis naturais ainda as comandam, muito pouco abastardadas pelas nossas." (MONTAIGNE: 1987, p. 204) O

Neste comentário Camus apresenta uma "preocupação" que o acompanha já há alguns anos. Ela refere-se à razão e à inteligência ocidentais, aos sistemas políticos convencionais, autoritários. Esta inquietação já havia sido trazida à tona nas conferências do autor no Brasil em 1949.<sup>12</sup>

Paralelamente, o autor faz um elogio à expressão, ao corpo, valorizando a poesia do homem desprendido de vínculos com o passado. Camus explicaria em "Guide pour des villes sans passé" (1947), conto da coletânea *L'Été*, a origem deste potencial na Argélia:

Les Français d'Algérie sont une race bâtarde, faite de mélanges imprévus. Espagnols et Alsaciens, Italiens, Maltais, Juifs, Grecs enfin s'y sont rencontrés. Ces croisements brutaux ont donné, comme en Amérique, d'heureux résultats. (Camus: 1997, p. 848)

Essa energia original, que teria o potencial de transformar a sociedade, distanciando-a da racionalidade dos fins, foi percebida por Camus não só na Argélia, mas também no Brasil, nos poucos dias que aqui esteve: "Le seul espoir est qu'une nouvelle culture naisse et que l'Amérique du Sud aide peut-être à tempérer la bêtise mécanique." (CAMUS: 1978, p. 92)

Como na Argélia, a mistura de raças teria trazido um fortalecimento ao homem das Américas, que apresentaria assim o vigor para superar o homem das metrópoles. O fato de Camus ter visitado a América do Norte três anos antes de sua visita ao Brasil (março a maio de 1946) mostra sua busca pela descoberta do "Novo Mundo". Este

---

segundo sentido é ético e negativo: é bárbaro o que é degradante e cruel; é o que permite qualificar nossa sociedade, desta vez, de mais bárbara que a outra." (TODOROV: 1993, pp. 57, 58)

Novo Mundo representaria talvez, na visão do intelectual, a idéia de independência do homem, que não se deixa prender por um passado que traz consigo o peso de tradições seculares: "Camus quer ver nesse mundo as raízes elementares que, do outro lado do Mediterrâneo, estão encobertas por séculos de cultura." (COSTA PINTO: 1998, p. 174) Em 1947, André Maurois, romancista, ensaísta e historiador, eleito para a academia francesa em 1938, chega ao Rio de Janeiro, e registra em seu diário: "Foi a mistura dos sangues que salvou a cultura brasileira do colonialismo. A partir do momento em que se aceitou como original, deixou de ser dependente." (MAUROIS: 1986, p. 46) Conforme Camus, esta poderia ser a meta à qual a Argélia seria capaz de alcançar, admitindo sua força original e independente do colonizador. Nas primeiras linhas de seu prefácio ao livro *Cultures croisées. Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes* (1993), de Mario Carelli, Gilbert Durand comenta:

Chacun sait en France, tout au moins dans les milieux cultivés, que le Brésil est un paradigme – un peu lointain certes par rapport à nos problèmes d'acculturations et de confrontations européen-africaines – d'un mixage de culture tel qu'il a produit par métissage un peuple prolifique et beau et une chatoyante culture syncrétique à l'abri de la langue lusitanienne. (DURAND; apud CARELLI: 1993, p. 07)

Nesta passagem podemos observar com clareza um tipo recorrente de pensamento francês sobre a cultura brasileira. Vê-se novamente o destaque à fusão de raças que deram origem à nação brasileira que, embora tenha guardado a língua de seu colonizador, soube desprender-se deste, criando e fixando uma nova cultura e identificação. Durand diz ainda:

---

<sup>12</sup> Este tema será discutido no capítulo 5 deste trabalho, "Literatura e Política", onde será considerada a crítica



Brésil, tout au contraire, Eldorado concret de nos songes, de nos regrets, de nos vocations fondamentales. (...) en cette fin de XXe siècle, le Brésil est porteur, sans complexes, de ce message d'anthropologie culturelle, indiquant à chaque culture qu'elle ne peut trouver son identité et conforter ses espérances qu'en se replongeant dans la saga imaginaire, foisonnante, plurielle qui l'a fondée. (CARELLI: 1993, p. 11)

A antiga imagem do Eldorado, país fabuloso da América do Sul, parece sobreviver ao passar dos séculos no imaginário francês, e, o que nos é mais surpreendente, o Brasil poderia ser este país maravilhoso, o éden desejado. Surpreendente sim, pois este imaginário europeu do Brasil não corresponde aos estudos sobre "os complexos" dos países (ex)colonizados. Assim como a Argélia – e tantos outros países, como a Escócia, por exemplo – o Brasil apresenta um (res)sentimento histórico para com o colonizador. Este é um tema que foi sempre caro a intelectuais brasileiros, e que na segunda metade do século XX, mereceu a atenção de críticos e estudiosos como Antônio Cândido, Roberto Schwarz ou Silviano Santiago, para ficar no terreno dos estudos literários.

Camus, ao se dirigir para a América do Sul, independente de quais tenham sido as razões efetivas de sua viagem (relacionadas ao momento político do Brasil de 1949, e já levantadas na introdução deste trabalho), poderia estar buscando, em parte, resgatar um país onírico. Inegável o fato de o autor pertencer ao grupo de escritores europeus - em destaque franceses – interessados em resgatar um certo *élan* fundamental ao homem, que teria se desgastado no cidadão das grandes e antigas metrópoles.

A idéia do revigoreamento vindo de um povo novo norteia boa parte dos registros de Camus em seu diário. Este seria também o tema das primeiras linhas da conferência *Le temps des meurtriers*, proferida durante sua visita ao Brasil. Nela o autor

---

camusiana à racionalidade moderna.

faz uso de toda a sua técnica de grande conferencista para, ao inverter a crença que tem a Europa como a grande potência da qual necessitam as outras nações, mostrar aos ouvintes brasileiros a força e a liberdade de que são portadores, e como eles podem contribuir para a regeneração do velho continente. Camus inicia desta forma *Le temps des meurtriers*:

Quelques-uns d'entre vous ont la générosité de s'intéresser à l'Europe. Et je reconnais qu'ils ont du mérite. Le vieux continent porte beaucoup de cicatrices qui lui font le visage patibulaire. Il a l'humeur souvent méchante et une assez injuste prétention à croire que rien n'existe hors de ses limites, qui ne dépassent pourtant pas celles du seul Brésil. (...) ... il arrive qu'ici ou là, des hommes dispersés sur les continents, se toument encore vers la malheureuse Europe et s'interrogent sur son avenir (...). Jé partage cette inquiétude et jé voudrais y répondre. Je n'ai pas le don de prophétie et je ne suis pas qualifié pour décider si l'Europe a encore un avenir. Il est fort probable aussi que l'Europe a besoin de se retremper au contact des peuples libres. (CAMUS: 1949; apud Bartfeld: 1995, p. 50)

O sonho exótico que envolve as terras brasileiras sempre fizeram parte do imaginário francês. A referência mítica à riqueza paradisíaca da *Terra brasilis* continua entre os franceses, guardada as devidas proporções, até os dias atuais. Entretanto, parece que Albert Camus não teria vindo aqui com esta visão edênica ao Brasil. Para ele, nativo de uma região mediterrânea, onde línguas, hábitos e religiões distintas conviviam, nosso país não representava algo tão novo ou exótico. Sua visão é bem diversa da expressa, por exemplo, pelo escritor francês Abel Bonnard em 1929, marcada pelas fortes tintas do colonialismo:

[Les Brésiliens] nous montrent les trésors de leur sol et nous demandent ceux de notre culture. Cela rappelle la franchise et la naïvité des anciens échanges: ils nous offrent des papillons et nous demandent des idées. (BONNARD; apud CARELLI: 1993, p. 14)

A visão caricatural e arquetípica da troca entre os navegadores e os "selvagens" no momento da descoberta do Novo Mundo não é aquela do diário de Camus, vinte anos depois. Provavelmente pela proximidade da paisagem brasileira e a mediterrânea, e mesmo pela coincidência de certos aspectos culturais de Brasil e Argélia, Camus demonstrou uma visão menos estereotipada do Brasil. A questão da incompreensão do povo brasileiro não era tão marcante para este francês da Argélia. Camus não vê o Brasil através do modelo fabricado pelo imaginário francês, comentado por Carelli :

... les images du Brésil s'amalgament en France autour de clichés assez grossiers (le Brésil comme pays du football, du carnaval ou de la mulâtresse...) nés, comme nous le verrons, de la nostalgie du Paradis perdu et d'une conscience diffuse de la supériorité d'un pays de civilisation plus sédimentée. (CARELLI: 1993, p. 15)

Justamente, talvez, pelo fato de não ter nascido neste país *de civilisation plus sédimentée*, a França, Camus consegue entrar em contato, identificar-se muito mais naturalmente com o brasileiro. Na verdade, alguns incômodos que ocorreram durante a passagem do autor pelo país tiveram origem numa barreira erguida pelos próprios brasileiros que, por vezes, no afã de se mostrarem cordiais, acabaram cometendo excessos.

Este movimento do olhar de Camus foge ao lugar comum, pois neste caso um estrangeiro chama a atenção do brasileiro para aspectos ainda insondados de sua originalidade. Não é de fácil absorção pelo brasileiro a maneira, por vezes agressiva, com

que Camus interroga identidade do país. Em *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas* (1970), Aracy Amaral atenta para este novo enfoque da cultura brasileira sobre os influxos desse grande símbolo cultural que sempre foi a França para o Brasil:

Curioso que justamente da França, sob cujo domínio cultural tanto tempo nos mantivemos – e nas artes plásticas foi a nossa metrópole desde a chegada da Missão Francesa em 1816 até praticamente a época imediatamente posterior à II Guerra Mundial – e de onde copiávamos submissos, absorvidos na imitação sem atentar para o atraso com o que o fazíamos, haja sido precisamente da França que vinha o poeta Blaise Cendrars, a nos alertar sobre o Brasil, em 1924. O Brasil como matéria-prima, poética, plástica, musical. (AMARAL: 1970, p. 07)

O grande tesouro do Brasil era agora representado pelo seu imenso continente, de possibilidades infinitas. Essa imensidão chama a atenção de Camus, muito embora ela traga um sentimento de melancolia<sup>13</sup>, ligada à nostalgia típica do europeu (lembremo-nos de um dos temas mais caros à literatura portuguesa, a saudade):

A tout moment, cet énorme continent sans route, livré tout entier à la sauvagerie naturelle, peut se retourner et recouvrir ces villes faussement luxueuses. (CAMUS: 1978, p. 111)

Ce sont d'immenses étendues sans habitation, sans culture. La terrible solitude de cette nature démesurée explique bien des choses dans ce pays. (CAMUS: 1978, p. 120)

"La nature suffoque l'homme." (CAMUS: 1978, p. 91) É assim que Camus percebe a relação do brasileiro com a natureza. Uma força descomunal cercando o ser

---

<sup>13</sup> A melancolia em Camus, no que se refere a sua viagem ao Brasil, é um dos temas que serão abordados mais profundamente no capítulo III, "Mar e exotismo, influências de uma viagem".

humano, mas ao mesmo tempo energizando-o, abrindo o caminho para o futuro. Futuro este comprometido para as grandes cidades. "L'avenir n'est pas chez nous et nous ne pouvons rien contre ce mouvement irrésistible." (CAMUS: 1978, p. 92)

Camus guarda sua visão bem particular, muito embora seja difícil não imaginarmos o contato que teve com toda uma literatura de viajantes franceses. Os relatos de viajantes franceses que criaram uma imagem de Brasil é tradicional na literatura daquele país. Desde o século XVI, com os registros dos navegadores normandos, o francês mantém-se informado sobre o que acontece deste lado do Atlântico. É interessante observar como, com o passar dos séculos, visitar o Brasil tornou-se uma espécie de passagem obrigatória no currículo do mundo intelectualizado:

No começo do século, a viagem ao Brasil parece uma tradição para muitos artistas, intelectuais e até homens políticos. Se o século XIX preferiu os artistas franceses – Taunay, Grandjean de Montigny, Debret, etc., até Manet –, o século XX se inclinará para a música, de Saint-Saëns a Darius Milhaud, e sobretudo para o teatro. Sarah Bernhardt fez freqüentes turnês, inclusive para o luxuoso teatro de Manaus, construído por ocasião do riquíssimo ciclo da borracha. (...) Viajam para o Brasil regularmente os dois Coquelin, Suzanne Desprès, le Bargy, Antoine, Lucien Guitry, Gabrielle Dorziat, De Max, Brulé, Seignoret, Réjane. Esta última vem ao Brasil na mesma época em que Anatole France visita-o e faz suas conferências. (RIVAS: 1995, p. 171)

E quanto a Camus? Como foi a experiência de sua viagem pelo Brasil? Qual o é o olhar deste viajante, deste estrangeiro? Como foram registradas as impressões desta experiência?

## A experiência do "fora do lugar"

"Viajar, sabemos, não é dado a todos."  
Sérgio Cardoso

Por que a experiência da viagem de Camus ao Brasil ainda é interessante para o leitor do século XXI? Passados tantos anos de sua vinda, o que faz com que possam ser considerados tão preciosos os registros deste diário?

Ana Maria Belluzzo, em *O Brasil dos viajantes* (1999), destaca a importância das descrições das imagens feitas de nosso país pelos viajantes:

A iconografia dos viajantes oferece uma história de pontos de vista, de distâncias entre observações, de triangulações do olhar. Mais do que entrever o Brasil, deixa ver o Europeu. Mais do que enxergar a vida e a paisagem americana, leva a focalizar a espessa camada da representação. Evidencia versões e não fatos.

O interesse que a contemporaneidade encontra no reexame da contribuição dos viajantes que passaram pelo Brasil é um reconhecimento de que eles escreveram páginas fundamentais de uma História que nos diz respeito. Uma grande motivação para estudar o legado iconográfico e a literatura de viagem dos cronistas europeus está na possibilidade que oferecem de rever o Brasil. Mas, como estigma, essas obras só podem dar a conhecer um Brasil visto por outros. O olhar dos viajantes espelha também a condição de nos vermos pelos olhos deles. (BELLUZZO: 1999, p. 13)

Ora, um dos aspectos que mais chamam a atenção no relato de Camus é a percepção do autor sobre o Brasil e os brasileiros de 49. Por percepção, pensa-se na ligação

entre compreensão e sua integrante, a criação, segundo os comentários de Fayga Ostrower, em seu artigo "*A construção do olhar*":

Dirijo-me à sensibilidade de cada um. Falarei sobre experiências artísticas e sobre o papel que é desempenhado pela percepção, este espontâneo olhar-avaliar-compreender (de fato, a palavra "percepção" já conota a compreensão). E vocês vão compreender (...) o quanto os processos de percepção se interligam com os próprios processos de criação. O ser humano é por natureza um ser criativo. No ato de perceber, ele tenta interpretar e, nesse interpretar, já começa a criar. Não existe um momento de compreensão que não seja ao mesmo tempo criação. (Novaes: 1989, p. 167)

Logo, o que se quer observar é que Camus, ao registrar em seu diário o que percebia durante sua viagem, praticava o próprio ato da criação. Ao interpretar o que via, criava a sua imagem deste país, numa espécie de "o Brasil é o que eu vejo". Este é um processo interessante, pois nos leva a questionar as palavras do autor em seu diário. Se acreditamos na interligação entre o processo de percepção e o de criação, logo, podemos tomar os comentários de Camus como o fruto de sua interpretação criadora. Mais do que ser uma criação geradora de outras criações (os contos "La mer au plus près" e "La pierre qui pousse", que retomam experiências ocorridas durante a visita ao país), o diário apresenta o Brasil do imaginário camusiano.

Além da percepção de Camus, outro aspecto interessante em sua experiência diz respeito ao olhar de viajante que ele guarda. No que este olhar se diferenciaria do olhar cotidiano do habitante?

Ora, o olhar do viajante difere porque "pensa". Ao contrário dos espectadores passivos que se acostumaram ao espetáculo que se apresenta, o olhar deste visitante é inquieto, ávido pelo desconhecido que desfila:

Camus visita as cidades espanholas e, com o mesmo ardor sensual e enlevo contemplativo, frequenta os cafés e o claustro gótico de Palma – evocando ainda uma vez a alternância entre gozo e sentimento da morte, entre o desejo de reconhecimento no mundo e a opacidade do mundo que perpassa toda sua obra. (COSTA PINTO: 1998, p. 168)

As viagens estão estritamente relacionadas à atividade do olhar. Para compreender o mundo, elas transformam-se numa "ponte" para a experiência do estranhamento, buscada pelo viajante. A sensação por ele sentida seria a descrita por Sérgio Cardoso, em seu artigo "O olhar viajante (do etnólogo)":

Compreendemos, portanto, que as viagens sejam sempre experiências de estranhamento. E podemos mesmo observar que está, talvez, neste efeito de distanciamento, no sentimento de *dépaysement* (termo forjado com tanta felicidade pela língua francesa, cuja significação se aproxima do nosso termo "desterro", se o tomássemos num registro exclusivamente psicológico e simbólico) que, de um modo ou de outro, sempre envolve o viajante (que não se mostre inabalavelmente frívolo), o seu núcleo essencial e sua expressão mais íntima. Ora, esta experiência é frequentemente atribuída à simples estranheza do entorno que localiza o viajante, a sua posição em um meio adverso, cuja oposição, separação e "distância" relativamente ao seu universo próprio o fariam sentir-se "deslocado" ou "fora do lugar". (NOVAES: 1989, p. 359)

Camus é este sujeito *dépaysé, déplacé*. No Brasil ele teve experiências com um mundo que lhe era alheio. Passou por caminhos de uma rotina comumente reservada



aos escritores que visitavam o país (forma de alimentar o imaginário europeu que sempre relacionou o Brasil a uma terra de exotismos): foi levado a uma penitenciária, ao cerimonial de uma macumba, ao candomblé, comeu feijoada, tomou caipirinha, viajou para o interior do país, participou de uma procissão, etc. Aproximou-se, da maneira como lhe foi proposta, da identidade do brasileiro, e, ao aproximar-se dela, acabou por marcar a sua. Com relação a questão da identidade, é Sérgio Cardoso quem comenta:

Quando consideramos o caráter temporal das viagens, compreendemos que o *dépayement* não testemunha a exterioridade e estranheza do mundo circundante, (...) mas assinala sempre desarranjos internos ao próprio território do viajante, advindos das fissuras e fendas que permeiam sua identidade. (NOVAES: 1989, p. 359)

Com isso, temos a possibilidade de interpretar o *spleen*<sup>14</sup> que envolve todo o discurso de seu diário como sendo o fruto de uma sensação íntima do autor, desencadeada pela atividade da viagem. Neste caso, o viajante poderia ser aproximado à figura do exilado, aquele que se impõe a um exílio voluntário.

O tema do exílio é freqüente na literatura camusiana. O próprio livro do qual faz parte o conto "La pierre qui pousse" intitula-se *L'Exil et le royaume*. Nele Camus mostra, através de seis contos cujas histórias se desenrolam em diferentes partes do mundo, uma busca pela adaptação - literal ou metafórica - em diferentes países. O autor parece querer escrever sobre sua própria dificuldade de se exilar. No diário, vemos as seguintes palavras de Camus sobre um provável exílio no Brasil: "... sur cette terre démesurée qui a la tristesse des grands espaces, la vie est à ras de terre et il faudrait des années pour s'y

---

<sup>14</sup> *Spleen*: melancolia sem causa aparente, caracterizada por um desgosto por tudo.

intégrer. Ai-je envie de passer des années au Brésil? Non." (CAMUS: 1978, p. 103) Estas palavras mostram um questionamento, a procura por um "reino".

Importante lembrar que esta busca pelo exílio é um pensamento da fase madura do autor. Em 1952, ele escreve em "Retour à Tipasa", conto da coletânea *L'Été*:

Un jour vient où, à force de raideur, plus rien n'émerveille, tout est connu, la vie se passe à recommencer. C'est le temps de l'exil, de la vie sèche, des âmes mortes. Pour revivre, il faut une grâce, l'oubli de soi ou une patrie. (CAMUS: 1997, p. 871)

Ao pensarmos nas primeiras experiências de exílio de Camus, vemos um escritor afastado da Argélia, por questões políticas, durante a Segunda Guerra Mundial. Desta maneira, poder-se-ia aliar à idéia de exílio a do medo (compreendendo-se, pela palavra medo, não um sinônimo de inquietude causada pela ameaça da perseguição política, mas sobretudo uma espécie de angústia vinda do pensamento de não mais poder retornar à pátria). Este medo, positivo, afirma a identidade do viajante. Camus escreve em 1936:

Sans les cafés et les journaux, il serait difficile de voyager. Une feuille imprimée dans notre langue, un lieu où le soir nous tentons de coudoyer des hommes, nous permet de mimer dans un geste familier l'homme que nous étions chez nous, et qui, à distance, nous paraît si étranger. Car ce qui fait le prix du voyage, c'est la peur. Il brise en nous une sorte de décor intérieur. Il n'est plus possible de tricher (...). Le voyage nous ôte ce refuge. Loin des nôtres, de notre langue, arrachés à tous nos appuis, privés de nos masques (on ne connaît pas le tarif des tramways et tout est comme ça), nous sommes tout entiers à la surface de nous-mêmes. (CAMUS: 1997, pp. 42, 43)

O estranhamento da viagem, que afasta o viajante de si próprio, não o desenraíza, mas diferencia seu mundo:

Pois, as viagens, na verdade, nunca trasladam o viajante a um meio completamente estranho, nunca o atiram em plena e adversa exterioridade (mesmo porque ele não se encontra "dentro do espaço", como uma coisa, nem "fora dele", como um espírito, como a cada passo insiste em lembrar Merleau-Ponty); mas, marcadas pela interioridade do tempo, alteram e diferenciam seu próprio mundo, tomam-no estranho para si mesmo. Assim, neste sentimento de estranheza, de "alheamento" e distância, seu mundo não se estreita, se abre; não se bloqueia, mas experimenta a vertigem da desestruturação (sempre, em alguma medida, marcada pela perda e a morte) que lhe impõem as alterações do tempo. É desta natureza o estranhamento das viagens: não é nunca relativo a um outro, mas sempre ao próprio viajante... (NOVAES: 1989, p. 359)

Vemos que o *dépaysement* do viajante não estaria somente voltado para testemunhar e descobrir a estranheza do mundo circundante, mas também para analisar os próprios desarranjos internos do sujeito viajante. Assim, "o estrangeiro está sempre já delineado – latente e invisível – nas brechas da nossa identidade, na trilha aberta por nossa própria indeterminação". (NOVAES: 1989, p. 360) Analisemos então o olhar de Albert Camus, ele nos é importante à medida que o olhar estrangeiro é capaz de revelar aquilo que os olhares ordinários já não podem.

Vários conceitos se entrelaçam ao se discutir a palavra "estrangeiro"<sup>15</sup>. Muito além de ser somente a pessoa "de nação diferente daquela a que se pertence", o

---

<sup>15</sup> **Estrangeiro.** 1. De nação diferente daquela a que se pertence. (...) 4. Que é de outra região, de outra parte, ainda que pertencente ao mesmo país; ádvena, forasteiro, estranho. (*Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A, 1988.)

estrangeiro pode representar o estranho. Ser estranho é ser dessemelhante. Mas, dessemelhante ao que, a quem? Como compreender e determinar esta estranheza?

Segundo Julia Kristeva, qualquer tentativa de classificação do ser estrangeiro ou do que causa a sua estranheza seria inútil e improdutiva. Se há uma atitude a ser tomada com relação ao estrangeiro é justamente a inversa: "Não procurar fixar, coisificar a estranheza do estrangeiro." (KRISTEVA: 1994, p. 10) O papel do observador é o de tornar mais leve a estranheza, não procurando simplesmente assimilar o estrangeiro ao seu sistema estabelecido, mas se identificando como ser a este estranho, admitindo ser ele também, o próprio observador, um estrangeiro. Kristeva assume a posição freudiana sobre esta questão:

Delicadamente, analiticamente, Freud não fala dos estrangeiros: ele nos ensina a detectar a estranheza que há em nós. (...) Em Freud, sucede a coragem de nos dizermos desintegrados para não integrar os estrangeiros e muito menos persegui-los, mas para acolhê-los nessa aflitiva estranheza que é igualmente a deles e a nossa. (KRISTEVA: 1994, p. 201)

Seguindo esta forma de ver o estrangeiro, Edward Said comenta em "Representar al colonizado", artigo publicado em *Cultura y tercer mundo*:

Representar a alguien o incluso algo há llegado a ser un esfuerzo tan complejo como problemático y sin resultados, com consecuencias en el campo de las verdades, tan lleno de dificultades como pueda imaginarse. (SAID: 1996, p. 24)

O ser estrangeiro então, habita em nós e, ao reprimi-lo, acabamos por projetar nos outros nossa própria estranheza.

Ao vir para o Brasil, em 1949, Albert Camus parecia apresentar estas características inerentes ao estrangeiro: a estranheza consigo e com o meio que o cercava. Desde as primeiras páginas de *Journaux de voyage* podemos ler que o autor já lançava seu olhar aos imigrantes e ao mar:

J'attends le départ, marchant à travers les coursives et les ponts. Sentiment de honte en voyant les passagers de 4ème classe, logés dans l'entrepont, dans des couchettes superposées, style concentrationnaire. Des langes pendent, souillés. Des enfants vont vivre 20 jours dans cet enfer. Et moi... (...) A l'arrière, où je vais me réfugier, des émigrants boivent du vin à l'outré et chantent. Je reste avec eux, inconnu et heureux, (pendant dix secondes). Et puis je vais regarder la mer. Un croissant de lune monte au-dessus des mâts. Jusqu'à perte de vue, dans la nuit pas encore épaisse, la mer – et un sentiment de calme, une mélancolie puissante montent alors des eaux. (CAMUS: 1978, p. 55)

Nestas linhas podemos identificar o não-lugar de Camus, estrangeiro entre os meios que o cercam, bem como o não-lugar dos imigrantes, alvo sob o qual o autor lança o seu olhar bem como para o infinito mar. Eles são símbolos da incerteza e do movimento, símbolos aos quais Camus lança seu olhar nos momentos de tédio e inquietação. É Camus quem comenta:

Quel est donc cet incalculable sentiment qui prive l'esprit du sommeil nécessaire à sa vie? Un monde qu'on peut expliquer même avec de mauvaises raisons est un monde familier. Mais au contraire dans un univers soudain privé d'illusions et de lumières, l'homme se sent étranger. Cet exil est sans recours puisqu'il est privé des souvenirs d'une patrie perdue ou de l'espoir d'une terre promise. Ce divorce entre l'homme et sa vie, l'acteur et son décor, c'est proprement le sentiment de l'absurdité. (CAMUS, in MAGAZINE LITTÉRAIRE: 1990, p.43)

Ao aproximar o "se sentir estranho" no mundo (dos outros) com o absurdo, Camus mostra seu mal-estar; entretanto, é claro seu interesse pela viagem. Isso não significa, contudo, que uma viagem ao Brasil em 1949 fosse a sucessão de prazeres sem contratempos e incômodos:

Voyager en 1949 n'était pas un plaisir sans mélange. Pour se rendre à Rio, Camus prit le bateau à Marseille et la traversée dura quinze jours. Puis, à partir de Rio, Camus voyagea surtout en avion, moyen de transport qu'il détestait et qui, de façon générale, était loin de signifier rapidité et confort. Les vols étaient irréguliers et les correspondances rares et incommodes. C'est ainsi que Camus, pour se rendre à Recife, sa première étape après Rio, dut se lever à 4 h du matin pour prendre un avion qui ne décolla qu'à 8 h 30 et arriver quatre heures plus tard à destination. (BARTFELD: 1995, p. 6)

Além das dificuldades de cunho prático que Camus teve que superar, o autor apresentava uma resistência pessoal às viagens:

Não sei dizer que se viaja por prazer. Não há prazer em viajar. Veria nisso antes uma ascese. (...) É pela cultura que se viaja, entendendo-se por cultura o exercício de nosso sentido mais íntimo, que é o da eternidade. O prazer nos afasta de nós mesmos, como o divertimento de Pascal afasta de Deus. A viagem, que é como uma ciência maior e mais grave, nos traz de volta nós mesmos. (CAMUS; apud TODD: 1998, p. 86)

Lemos nestas linhas o Camus moralista, que, ao modelo de Pascal, aborda pontos fundamentais da natureza humana, como o tédio (*l'ennui*)<sup>16</sup> e o divertimento (*le divertissement*)<sup>17</sup>. Isto justificaria o tom melancólico das palavras de Camus em seu diário, onde o autor por vezes não quis registrar a alegria vulgar do divertimento, que representaria na viagem um desvio na busca do eu, mas preservar pela escrita apenas seu olhar mais "nobre". A melancolia em Camus é o tema principal de *Mar e exotismo, influências de uma viagem*, capítulo que segue.

---

<sup>16</sup> A palavra francesa *ennui* possui várias significações: tédio, tristeza, aborrecimento, contrariedade, pena. Opto pelo significado mais corrente à ela conferido: "tédio".

<sup>17</sup> Nos *Pensamentos* de Pascal, *le divertissement* (o divertimento) é igualmente analisado em seu poder de *détournement* (desvio), cf. do latim *divertere*: desviar.

### CAPÍTULO III

#### MAR E EXOTISMO, INFLUÊNCIAS DE UMA VIAGEM

Nos contos analisados neste trabalho, "La mer au plus près" (1953) e "La pierre qui pousse" (1955), Albert Camus expõe, em ficções suaves e envolventes, seu olhar de escritor sobre momentos de sua viagem ao Brasil.

Em "La mer au plus près", vemos Camus retomar os registros feitos durante a sua travessia de navio em direção ao Brasil. Tais registros seriam convenientes para a publicação que Camus faria na primavera de 1954, chamada *l'Été*. Nesta coletânea de contos escritos entre 1939 e 1953, Camus buscava reunir textos de sua autoria que se inscrevessem na tradição dos ensaios "solares", conforme ele próprio explicaria mais tarde<sup>18</sup>. Sendo assim, retomar a primeira parte do percurso ao Brasil, quando passara 15 dias num navio tomando notas sobretudo a respeito do mar e da natureza, resultaria num conto que se adaptaria perfeitamente aos objetivos de Camus, conforme nos indica este comentário de R. Quilliot:

Comme l'indique le prière d'insérer, Camus a voulu situer l'Été dans la tradition des essais "solaires". Ils sont, en un sens, le rappel d'une vocation à l'innocence. (...) Quant à *La mer au plus près*, elle nous restitue, dans sa poésie fiévreuse, le cadre où Camus a toujours aimé vivre. Chacun de ces textes enfin reste fidèle à la technique du mythe qui, selon Camus, permet à l'artiste et au moraliste de se rassembler. (Quilliot: 1997, p. 1817)



"La pierre qui pousse", tido como *un récit-mythe* não foge à esta técnica do mito, de fundamental importância na construção da escrita de Camus, para quem, como ressalta Costa Pinto:

O termo *mito* tem um sentido específico. Nos textos literários de Camus, o caráter mítico das personagens e a naturalidade dos contextos em que elas estão imersas criam uma naturalização do inverossímil que indica, de uma lado, que o relato recapitula uma condição imutável do homem e, de outro, que esta condição está inscrita na espessura da realidade." COSTA PINTO: 1998, p. 163)

Com o mito Camus podia desvendar o mundo como uma totalidade, a totalidade do ser. Seu interesse, ao escrever seus contos, voltava-se para representação literária de sua visão de mundo. Por ser o mito um exercício estético onde o mundo mágico e o mundo do poeta se associam, Camus utilizava esta forma poética para melhor se expressar, sendo seu tema mais recorrente a discussão sobre as virtudes do espírito. Na abordagem que segue sobre os contos "La mer au plus près" e "La pierre qui pousse", veremos dois exemplos de fidelidade do autor à técnica do mito, forma narrativa ideal ao olhar do estrangeiro, conforme comentário de Nelson Peixoto em artigo intitulado "O olhar do estrangeiro":

O estrangeiro toma tudo como mitologia, como emblema. Reintroduz imaginação e linguagem onde tudo era vazio e mutismo. Para ele estes personagens e histórias ainda são capazes de mobilizar. Ele é o único que consegue ver através desta *imagerie*. (NOVAES: 1989, p. 363)

---

<sup>18</sup> Segundo observa Roger Quilliot na edição comentada "La Pléiade" da obra camusiana, 1997, p. 1817: "en février 1950, on trouve dans les *Carnets II*, p. 311: "Titre essais solaires: l'Été, Midi, La fête."

**"La mer au plus près": *appel de vie et invitation à la mort*<sup>19</sup>**

Marcada por uma profunda nostalgia, "La mer au plus près" mostra toda a admiração de Camus pelo mar: "Grande mer, toujours labourée, toujours vierge, ma religion avec la nuit! Elle nous lave et nous rassasie dans ses sillons stériles, elle nous libère et nous tient debout." (CAMUS: 1954, p. 182)

Neste conto temos, em muitos momentos, a transcrição das primeiras anotações feitas pelo autor, ainda no navio, antes de chegar em terras brasileiras.

DIÁRIO: Un vent court et dru brosse vigoureusement la mer qui se révolte en petites vagues sans écume. (CAMUS: 1978, p. 65)

CONTO: ... un vent court et dru brosse vigoureusement la mer qui se révolte en petites vagues sans écume. (CAMUS: 1997, p. 880)

DIÁRIO: Mer du Matin: Imense vivier de poissons – lourde et fréillante – écailleuse – glouante – couverte de bave fraîche. (CAMUS: 1978, p. 61)

CONTO: Ainsi, toute la matinée, nos voiles claquent au-dessus d'un joyeux vivier. Les eaux sont lourdes, écailleuses, couvertes de baves fraîches. (CAMUS: 1997, p. 880)

DIÁRIO: ... je cherche depuis vingt ans pour ces ramages et ces dessins que fait sur la mer l'eau rejetée par l'étrave. (CAMUS: 1978, p. 58)

CONTO: De temps en temps, les vagues jappent contre l'étrave; une écume amère et onctueuse, salive des dieux, coule le long du bois jusque dans l'eau où elle s'éparpille en dessins mourants et renaissants, pelage de quelque vache bleue et blanche, bête fourbue, qui dérive encore longtemps derrière notre sillage. (CAMUS: 1997, p. 880)

---

<sup>19</sup> "La mer est ainsi, et c'est pourquoi je l'aime! Appel de vie et invitation à la mort." (CAMUS: 1978, p. 58)

DIÁRIO: ... je regarde le soleil se coucher. Mais il est absorbé par la brume bien avant l'horizon. À ce moment, la mer est rose à bâbord, bleue à tribord. (...) Et à l'heure plus grand apaisement des centaines de marsouins surgissent des eaux, caracolent un moment, et fulent vers l'horizon sans hommes. Eux partis, c'est le silence et l'angoisse des mers primitives. (CAMUS: 1978, p. 64)

CONTO: Pleines eaux. Le soleil descend, est absorbé par la brume bien avant l'horizon. Un court instant, la mer est rose d'un côté, bleue de l'autre. Puis les eaux se foncent. La goélette glisse, miniscule, à la surface d'un cercle parfait, au métal épais et temi. Et à l'heure du plus grand apaisement, dans le soir qui approche, des centaines de marsouins surgissent des eaux, caracolent un moment autour de nous, puis fulent vers l'horizon sans hommes. Eux partis, c'est le silence et l'angoisse des eaux primitives. (CAMUS: 1997, p. 881)

DIÁRIO: Le jour se lève sur une mer d'acier, pleine d'écailles aveuglantes, et houleuse. Le ciel est blanc de brume, et la chaleur, d'un éclat mort mais insoutenable, comme si le soleil s'était liquéfié et répandu dans l'épaisseur des nuages, sur toute l'étendue de la calotte céleste. À mesure que la journée avance, la chaleur croît dans l'air livide. Tout le long du jour, l'étrave débusque des nuées de poissons volants hors de leurs buissons de vagues. (CAMUS: 1978, pp. 62, 63)

CONTO: Le jour se lève sur une mer houleuse, pleine de paillettes d'acier. Le ciel est blanc de brume et de chaleur, d'un éclat mort, mais insoutenable, comme si le soleil s'était liquéfié dans l'épaisseur des nuages, sur toute l'étendue de la calotte céleste. Ciel malade sur une mer décomposée. À mesure que l'heure avance, la chaleur croît dans l'air livide. Tout le long du jour, l'étrave débusque des nuées de poissons volants, petits oiseaux de fer, hors de leurs buissons de vagues. (CAMUS: 1997, p. 882)

DIÁRIO: Dans l'après-midi, grand événement: nous dépassons un paquebot qui fait la même route que nous. Le salut que se font les deux bateaux avec trois grands cris d'animaux préhistoriques, les signaux des passagers perdus sur la mer et alertés par la présence d'autres hommes, la séparation enfin sur les eaux vertes et malveillantes - tout cela serre un peu le coeur. (CAMUS: 1978, p. 62).

CONTO: Dans l'après-midi, nous croisons un paquebot qui remonte vers les villes. Le salut que nos sirènes échangent avec trois grands cris d'animaux préhistoriques, les signaux des passagers perdus sur la mer et alertés par la présence d'autres hommes, la distance qui grandit peu à peu entre les deux navires, la séparation enfin sur les eaux malveillantes, tout cela, et le coeur se serre. (CAMUS: 1997, pp. 882, 883).

Suas impressões sobre a paisagem que o envolveu durante a travessia do Atlântico foram sem dúvida retomadas quando Camus escreveu seu conto. É importante observar que neste processo, o autor submete suas notas de diário a uma reescrita em busca de efeitos poéticos, como por exemplo:

DIÁRIO: Cette fois la lune éclaire tout un couloir de mer qui, avec le mouvement du navire, semble, dans l'océan obscur, un fleuve laiteux et abondant qui descend inlassablement vers nous. (CAMUS: 1978, p. 61)

CONTO: La lune s'est levée. Elle illumine d'abord faiblement la surface des eaux, elle monte encore, elle écrit sur l'eau souple. Au zénith enfin, elle éclaire tout un couloir de mer, riche fleuve de lait qui, avec le mouvement du navire, descend vers nous, inépuissablement, dans l'océan obscur. (CAMUS: 1997, p. 882)

Além dos fatos cotidianos relatados em seu diário de bordo e retomados depois em forma de conto, um estudo comparativo do diário e do conto pode resgatar o olhar de Camus em relação à sua chegada ao Brasil, para que assim se tomem mais claras as sensações do autor ao se dirigir para este país. Em certos momentos identifica-se, nos dois textos, o que Camus refletia durante a viagem:

DIÁRIO: Je me sens seul et un peu perdu, ravi enfin et sentant mes forces renaître peu à peu devant cet avenir inconnu et cette grandeur que j'aime. (CAMUS: 1978, p. 65).

CONTO: Délicieuse angoisse d'être, proximité exquise d'un danger dont nous ne connaissons pas le nom, vivre, alors, est-ce courir à notre perte.

(...) J'ai toujours eu l'impression de vivre en haute mer, menacé, au coeur d'un bonheur royal. (CAMUS: 1997, p. 886).

Podemos observar que os textos "La mer au plus près" e *Journaux de voyage*, oferecem a possibilidade para serem feitas no mínimo dois tipos de análises: uma relacionada à transcrição comparativa de acontecimentos/fatos da viagem e uma outra, que nos parece mais importante e que será desenvolvida neste trabalho, que se refere à análise das impressões vividas por Camus durante sua jornada.

No primeiro parágrafo do conto "La mer au plus près" o narrador, em primeira pessoa, diz ter crescido pobre e à beira do mar, único luxo de sua infância (experiência comum à Camus). Desde que perde o mar, sem declarar como, diz se encontrar num eterno estado de espera.

On me voit passer dans de belles rues savantes, j'admire les paysages, j'applaudis comme tout le monde, je donne la main, ce n'est pas moi qui parle. On me loue, je rêve un peu, on m'offense, je m'étonne à peine. Puis j'oublie et souris à qui m'outrage, ou je salue trop courtoisement celui que j'aime. Que faire si je n'ai de mémoire que pour une seule image? (CAMUS: 1997, p. 879)

Na artificialidade das atitudes sociais em que vive, o personagem mostra que seu único e real interesse está voltado para a imagem do mar. O mar é o seu habitat, imenso exílio, o que restou de sua pátria mãe: "Point de patrie pour le désespéré et moi, je sais que la mer précède et me suit..." (CAMUS: 1997, p. 880) Comenta, também em *Diário de viagem*, o quanto lhe é penível a vida em sociedade:

Tout d'un coup, l'idée de quitter ce bateau, cette cabine étroite où j'ai pu abriter pendant de longs jours un coeur détourné de tout, cette mer qui m'a tant aidé, m'effraie un peu. Recommencer à vivre, à parler. Des êtres,

des visages, un rôle à jouer, il y faudrait plus de courage que je ne m'en sens. Par bonheur, je suis en pleine forme physique. Il y a pourtant des moments où je voudrais éviter la face humaine. (CAMUS: 1978, pp. 69, 70)

Este cotidiano *rôle à jouer*, mostra a vida como um passatempo para o personagem. Seu coração está no mar, de onde nunca saiu, e não nos ensaiados gestos cotidianos ou na utilização de palavras justas. O olhar procura o mar, não as pessoas: "mon intérêt en ce moment n'est pas réellement dirigé vers les êtres mais vers la mer et cette profonde tristesse en moi dont je n'ai pas l'habitude." (CAMUS: 1978, p. 66)

A ligação do autor com o mar, descrita desta forma por Camus em seu diário, faz pensar que este contato, mais do que resgatar uma nostalgia, desencadearia no homem um sentimento melancólico.

## Mar e melancolia

"Todo homem que pensa,  
mesmo em sendo um libertino,  
aproxima-se de Pascal,  
como este se aproxima de Montaigne."  
François Mauriac

Segundo a apresentação feita por Manuel da Costa Pinto à edição brasileira de *A inteligência e o cadafalso e outros ensaios*, de Albert Camus:

Devemos pensar em Camus como um ensaísta, dentro da tradição iniciada por Montaigne, e como um moralista, dentro da linhagem especificamente francesa de Pascal e Chamfort – autores que, na impossibilidade de darem conta do desarrazoado do mundo, transformam suas meditações em retratos da condição humana, retratos que encontram seu ponto de apoio numa lapidação formal que os aproxima da tessitura literária." (COSTA PINTO; apud CAMUS: 1998, p. 10)

Camus, assim como o pensador de maneira geral, "fareja" até estabelecer relações. Talvez o que mais une Pascal a Camus seja a necessidade que estes escritores tiveram de buscar a compreensão da natureza humana. Eles viveram momentos históricos difíceis, de transformações revolucionárias, de inquietações religiosas, quando os horizontes do mundo ampliavam-se. Eram pertencentes a períodos fortemente influenciados por grandes guerras, e conheceram o desassossego que aflige o homem em tal condição. Camus, em seu discurso ao receber o prêmio Nobel, em 1957, fala sobre sua profissão:

Son discours d'acceptation du prix Nobel est court. Il y parle de l'art de l'écrivain. Écrire est un honneur. Il décrit sa génération, née avec la

Première Guerre mondiale, elle en a connu une deuxième et voit maintenant un monde menacé de destruction nucléaire. Le rôle de l'écrivain est de refuser le nihilisme et de servir la paix. Il lui faut chercher la vérité. (WADDINGTON: 1994, p. 70)

Em 1941, depois de ter escrito *O estrangeiro* e *O mito de Sísifo*, e de ter sua obra como uma das novas descobertas da literatura, Camus se vê abalado, retendo e associando questões existenciais. Na biografia *Albert Camus, uma vida*, Olivier Todd escreve:

Em Oran, Camus, pouco à vontade, isolado, acumula anotações pessimistas em seus cadernos: "Vertigem de se perder e de negar tudo, de não se assemelhar a nada, de quebrar para sempre o que nos define, de oferecer ao presente a solidão e o nada, de reencontrar a plataforma única em que os destinos podem sempre se repetir." Ele tem uma idéia clara e elevada de sua obra. A Europa está sob fogo e sangue. Ele lembra "... os que criaram em pleno período de distúrbios: Shakespeare, Milton, Ronsard, Rabelais, Montaigne, Malherbe." Lê as últimas obras de Tolstói – monótonas, na sua opinião –, livros hindus, as profecias bíblicas, o Buda, o Corão, Nietzsche, Pascal, Chestov. (...) Trabalha em seu novo livro, que será um romance-crônica em torno da peste, e pratica o aforismo: "A vontade também é uma solidão." (TODD: 1998, p. 297)

Essa "vertigem de se perder e de negar tudo", a preocupação com a importância de criar uma obra de valor num período de profundas alterações e conflitos sociais, a propensão à solidão que Camus apresenta são, sem dúvida, traços do intelectual engajado e do melancólico. A necessidade de estar só – assim como a amargura da própria solidão – é característica do melancólico. (SONTAG: 1986, p. 99)



Camus poderia se igualar ao herói saturnino da moderna cultura. A força com que ele se envolve em questionamentos do "eu" é própria do saturnino<sup>20</sup>:

A característica do temperamento saturnino é a relação consciente e implacável com o eu, que nunca pode ser dada como certa. O eu é um texto – precisa ser decifrado. (Logo, é um temperamento adequado ao intelectual.) O eu é um projeto, algo a ser construído. (Logo, é um temperamento adequado aos artistas e aos mártires; àqueles que cortejam "a pureza e a beleza de um fracasso", como Benjamin diz a propósito de Kafka.) (SONTAG: 1986, p. 91)

Existe também uma outra característica comum ao saturnino e a Camus, ela está ligada ao mar e as grandes viagens: "Surgem detalhes exóticos, como a inclinação do melancólico para longas viagens – daí o mar no horizonte da *Melancolia*, de Dürer<sup>21</sup>, e também o exotismo fanático dos dramas de Lohenstein<sup>22</sup>, a tendência da época às descrições de viagens." (BENJAMIN: 1985, p. 171) Sem dúvida Camus sentia tal "inclinação para as longas viagens". Ele comenta: "A viagem, que é como uma ciência maior e mais grave, nos traz de volta a nós mesmos." (TODD: 1998, p. 86)

Embora Camus tivesse partido em condições físicas satisfatórias da França em direção ao Brasil, seu estado de espírito no navio se mostrava, já nos primeiros dias de viagem, fortemente abalado. Em introdução feita à *Journaux de voyage*, Roger Quilliot comenta:

---

<sup>20</sup> "A teoria da melancolia está estreitamente associada à doutrina das influências astrais. Entre essas influências, a mais fatídica era a exercida por Saturno, que governava o melancólico." (BENJAMIN: 1984, p.171)

<sup>21</sup> "Essa gravura [*A Melancolia*, de Albert Dürer] antecipa sob vários aspectos o Barroco. Nela, o saber obtido pela ruminação e a ciência obtida pela pesquisa se fundiram tão intimamente como no homem do Barroco." (BENJAMIN: 1984, p. 164)

<sup>22</sup> Lohenstein (1635-1683): um dos mais representativos dramaturgos do drama barroco. Foi, em grande parte, influenciado por Opitz (1597-1639), "que destacou entre os temas da tragédia os incestos, parricídios, incêndios, envenenamentos." (ROUANET: 1984, p. 24)

Au total, ces pages portent la marque d'un état de crise que la lecture de Vigny ne fait que confirmer dès le bateau: crise physique, que Camus mettra de longs mois à surmonter; crise sentimentale et morale qui se traduit par l'obsession du suicide comme par un sentiment aigu d'exil... (QUILLIOT: 1978, pp. 11, 12)

Em seu segundo dia de viagem Camus escreve em seu diário: "A deux reprises, idée de suicide. La deuxième fois, toujours regardant la mer, une affreuse brûlure me vient aux tempes. Je crois que je comprends maintenant 'comment' on se tue." (CAMUS: 1978, p. 60)

A melancolia de Camus tinha uma relação com o mar, ao menos no que se refere a este primeiro momento de sua viagem. Ao mar, este companheiro, ("...le ciel et les eaux n'en finissent plus. Comme la tristesse y est bien accompagnée!" - CAMUS: 1978, p. 60), o autor dedica vários comentários, dando a impressão de que as reflexões mais profundas que teve durante a travessia desvendavam-se diante da imensidão do oceano. Há uma ligação entre o mar e a melancolia do autor ("... la mer – et un sentiment de calme, une mélancolie puissante montent alors des eaux. J'ai toujours tout apaisé sur la mer..." - CAMUS: 1978, p. 56), entre o mar e a morte ("La mer est ainsi, et c'est pourquoi je l'aime! Appel de vie et invitation à la mort." - CAMUS: 1978, p. 58), entre o mar e a paz ("On imagine ces milliers de kilomètres, ces solitudes où les eaux épaisses et brillantes font comme une glèbe huileuse. Ceci du moins serait la paix." - CAMUS: 1978, p. 70).

O desejo pela morte que Camus apresentou em alto mar pode ser interpretado não somente como o suicídio do ser, mas, conforme explorou Walter Benjamin, um suicídio do herói moderno<sup>23</sup>:

<sup>23</sup> "A modernidade deve manter-se sob o signo do suicídio, selo de uma vontade heróica, que nada concede a um modo de pensar hostil. Esse suicídio não é renúncia, mas sim paixão heróica. É a conquista da

Benjamin não se refere apenas à própria capacidade de auto-destruição. Ele pensa que existe um impulso ao suicídio peculiarmente moderno. Em *A Paris do Segundo Império e Baudelaire*, escreveu: "A resistência que a modernidade oferece ao élan produtivo natural de uma pessoa é desproporcional à sua força. É compreensível que uma pessoa acabe cansando e busque refúgio na morte. A modernidade deve estar sob o signo do suicídio, ato que sela uma vontade heróica... É a grande realização da modernidade no reino das paixões..." O suicídio é compreendido como uma resposta da vontade heróica à derrota da vontade. (SONTAG: 1986, p. 102)

Benjamin também havia pensado várias vezes em cometer suicídio (ato que realiza em setembro de 1940): "... a primeira das várias vezes em que Benjamin contemplou a idéia do suicídio foi no verão de 1931. A segunda vez foi no verão seguinte..." (SONTAG: 1986, p. 102). O suicídio para Benjamin seria "uma espécie de conjuração, uma tentativa de Benjamin de arrancar os elementos destruidores de sua personalidade saturnina – para não ser destruído por eles." (SONTAG: 1986, p. 102) Para Camus, entretanto, o suicídio, além de representar uma vontade do ser melancólico era, sobretudo, mais interessante como tema de reflexão filosófica, importante para a discussão da relação entre absurdo e morte. Desta forma, apesar de sentir a compulsão suicida, característica do homem moderno, acaba por negar a eficácia de tal ato.

O tema principal das conferências de Camus no Brasil relaciona-se com a questão da morte: "Il n'y a qu'un seul problème aujourd'hui qui est celui du meurtre." (CAMUS: 1949; apud Bartfeld: 1995, p. 48). Interessante relacionar esta frase de *Nous*

---

modernidade no âmbito das paixões. Assim, o suicídio, como a paixão particular à vida moderna, aparece na clássica passagem dedicada à teoria da modernidade." (BENJAMIN: 1989, p. 75)

*autres meurtriers*, artigo publicado em 1946 na revista *Franchise*, (e que resultaria em *Le temps de meurtriers*, conferência proferida por Camus no Brasil), com a frase que inicia *Le mythe de Sisyphe* (1942), obra onde Camus discute o suicídio: "Il n'y a qu'un problème philosophique vraiment sérieux: c'est le suicide." (CAMUS: 1997, p. 99)

Em *Le temps des meurtriers*, o autor discorre sobre o absurdo da violência, como chegamos a ela e o que podemos fazer para sair deste estado. A idéia que está no teor desta conferência é, sem dúvida, a do absurdo da modernidade: "... il y avait en même temps dans l'absurdité, cette leçon que nous étions dans une tragédie collective..." (CAMUS: 1949; apud Bartfeld: 1995, p. 66)

Em seu artigo, *Sob o signo de Saturno*, Susan Sontag comenta a relação entre surreal e melancolia, algo muito próximo de absurdo e melancolia. Afinal, se a grande contribuição do surrealismo à sensibilidade foi tornar a melancolia alegre, com o absurdo a melancolia pode expandir todo o seu potencial reflexivo. Ou seja, com o tema do absurdo o melancólico explora, de forma aguçada, o seu "campo de ruínas". No absurdo, assim como no surreal, associações livres são feitas, o grande exercício prazeroso de se perder toma forma artística. O absurdo é um dos temas que mais ocuparam o pensamento de Camus, levando-o a uma profunda reflexão sobre a condição humana:

A noção de absurdo – que ele [Camus] desenvolve sobretudo em *O mito de Sísifo* é que expressa a oposição entre nosso desejo de compreender e de durar e a opacidade e finitude do mundo – culmina efetivamente numa aposta trágica, naquele apego desesperado aos "frutos da terra". O absurdo, todavia, retira sentido a tudo, até mesmo às representações filosóficas; restam-lhe apenas a contemplação e a criação dessas situações de embate do homem e do artista com paixões que, ao mesmo tempo em que organizam seu universo, dando-lhe um destino e uma

permanência, indicam sua desordem e seu vazio essenciais. (COSTA PINTO; apud CAMUS: 1998, pp. 9, 10)

Segundo Camus, ao silenciarmos diante da tragédia moderna, dos assassinatos por uma causa, estamos compactuando com este absurdo e, conseqüentemente, tornamo-nos assassinos. A única atitude correta a ser tomada é a da revolta. É o que lemos nestes fragmentos das conferências, *La crise de l'homme* e *Nous autres meurtriers*, pronunciadas por Camus nos Estados Unidos (1946) e no Brasil (1949), respectivamente:

Nous devons ainsi commencer à appeler les choses par leur nom et bien nous rendre compte que nous tuons les hommes chaque fois que nous nous complaisons dans certaines pensées. La première chose à faire est donc le rejet pur et simple, par la pensée et l'action, de toute philosophie réaliste ou fataliste. (CAMUS: 1949; apud Bartfeld: 1995, p. 54)

Oui, c'est la vérité que nous vivons sans avenir et que le monde d'aujourd'hui ne nous promet plus que la mort ou le silence, la guerre ou la terreur. Mais c'est la vérité aussi que nous ne pouvons pas le supporter parce que nous savons que l'homme est une longue création et que tout ce qui vaut la peine de vivre, amour, intelligence, beauté, demande le temps et la maturité.

Et si nous ne pouvons pas le supporter, nous devons le dénoncer. Et la première chose justement est de pousser ce cri de révolte. Car la terreur et la fatalité sont faites pour moitié au moins de l'inertie et de la fatigue des individus en face des principes stupides ou des actions mauvaises dont on continue d'empoisonner le monde. (CAMUS: 1949; apud Bartfeld: 1995, p. 47)

Camus se posiciona de um forma bem particular diante dos problemas do homem de seu tempo. Aqui, o intelectual não está assumindo a atitude do *flâneur* ou do

*dandy*, que observam o mundo mas não se engajam: "O dândi, ao contrário das classes em luta, não luta. O spleen previne a ação, melhor dizendo, a inquietação." (MATOS: 1995, p. 66) Camus propõe a revolta, pondo de lado o *spleen* baudelairiano: "Baudelaire escrevia também que o absurdo é a graça das pessoas que estão cansadas." (TODD: 1998, p. 184) Ele é, como Baudelaire, o poeta da metrópole, melancólico devido a uma perda irremediável, voltado para a reflexão, mas sem dar as costas à multidão.

Assim, este estado melancólico começa a ser representado como um estágio intelectual de inspiração e aspiração do divino, fundador de uma transformação fundamental que construiu o homem moderno: a dualidade do ser racional ansioso pela compreensão do divino.

Importante observar que este questionamento do autor não está relacionado à filosofia existencialista de Kierkegaard ou de Sartre. Camus não se considerava um existencialista:

Je ne suis pas un philosophe. Je ne crois pas assez à la raison pour croire à un système. Ce qui m'intéresse, c'est de savoir comment il faut se conduire. Et plus précisément comment on peut se conduire quand on ne croit ni en Dieu ni en la raison.

L'existentialisme a deux formes: l'une avec Kierkegaard et Jaspers débouche dans la divinité par la critique de la raison, l'autre, que j'appellerai l'existentialisme athée, avec Husserl, Heidegger et bientôt Sartre, se termine aussi par une divinisation, mais qui est simplement celle de l'histoire, considérée comme le seul absolu. On ne croit plus en Dieu, mais on croit à l'histoire. Pour ma part, je comprends bien l'intérêt de la solution religieuse, et je perçois très particulièrement l'importance de l'histoire. Mais je ne crois ni à l'une ni à l'autre, au sens absolu. Je m'interroge et cela m'ennuierait beaucoup que l'on me force à choisir absolument entre saint Augustin et Hegel. J'ai l'impression qu'il doit y avoir une vérité supportable entre les deux. (CAMUS: 1997, pp. 1.427, 1.428)

Quando Camus dirigia-se ao Brasil, estava influenciado pela visão do porvir:

"Des nuées tragiques viennent du continent à notre rencontre – messagers d'une terre effrayante. C'est l'idée qui me vient tout d'un coup et réveille le pressentiment absurde que j'ai eu devant ce voyage." (CAMUS: 1978, p. 69) Seus questionamentos morais não eram nem de cunho religioso, nem filosófico. Buscava *une vérité supportable entre les deux*.

### **"La pierre qui pousse": exotismo e *divertissement***

"La pierre qui pousse" é parte integrante de *L'Exil et le royaume*. Neste texto o autor retoma sua viagem pelo Brasil, baseando-se nas notas de seu diário de viagem.

Segundo Roger Quilliot em comentário para a edição de *la Pléiade*, o título deste conto poderia ter sido tanto *Une Macumba au Brésil* (nome de um artigo publicado em 1951 por Camus e que toma por base um episódio relatado em seu diário da viagem ao Brasil, onde descreve sua visita a uma macumba em Caxias, subúrbio do Rio de Janeiro) quanto *Iguape* (nome dado por Camus a suas anotações, no ano de 1952, referentes à viagem que realizara a esta cidade, no interior de São Paulo, em 1949, em companhia de Oswald de Andrade). Na verdade, as visitas ao terreiro de macumba e a Iguape são só alguns dos episódios que Camus relembra em "La pierre qui pousse", mas outros acontecimentos ocorridos durante sua passagem pelo Brasil são trabalhados em conjunto, como sua visita a uma favela ou sua ida a um terreiro de candomblé. Tudo serve como inspiração para este "*récit-mythe qui fit naître la fraternité de la solitude*". (QUILLIOT: 1997, pp. 2064-5)

Em "La pierre qui pousse", como em "La mer au plu près", trechos inteiros são aproveitados pelo autor que por vezes, ao escrever seu conto, retoma toda uma parte de seu diário:

DIÁRIO: J'aperçois soudain une théorie de filles noires qui montent vers nous. Elles sont habillées de robes blanches en soie grossière, la taille aux fesses. Un homme vêtu d'une sorte de casaque rouge, portant des collers aux dents multicolores, les suit. (...) Les deux pères des saints



(celui qui nous reçoit est habillé, comme les danseurs, d'une sorte de pyjama blanc) se font face au centre des cercles. (CAMUS: 1978, pp. 86,87).

CONTO: On vit peu après apparaître une théorie de filles noires, vêtues de robes blanches en soie grossière, à la taille très basse. Moulé dans une casaque rouge sur laquelle pendait un collier de dents multicolores, un grand noir les suivait et, derrière lui, une troupe d'hommes habillés de pyjamas blancs et de musiciens munis de triangles et de tambours larges et courts. (CAMUS: *Théâtre, Récits, Nouvelles*, 1957, pp. 1673, 1674).

Se "La mer au plus près" inicia com um comentário sobre o constante "estado de espera" do narrador (em primeira pessoa), este tema ressurge de maneira reveladora neste outro conto de Camus, "La pierre qui pousse":

D'Arrast se retourna. Autour de lui, les pèlerins attendaient, sans le regarder, impassibles sous l'eau qui descendait des arbres en volles fins. Lui aussi attendait, devant cette grotte, sous la même brume d'eau, et il ne savait quoi. Il ne cessait d'attendre, en vérité, depuis un mois qu'il était arrivé dans ce pays. Il attendait, dans la chaleur rouge des jours humides, sous les étoiles menues de la nuit, malgré les tâches qui étaient les siennes, les digues à bâtir, les routes à ouvrir, comme si le travail qu'il était venu faire ici n'était qu'un prétexte, l'occasion d'une surprise, ou d'une rencontre qu'il n'imaginait même pas, mais qui l'aurait attendu, patiemment, au bout du monde. (CAMUS: 1997, p. 1668)

Tanto d'Arrast, personagem principal do conto, quanto Camus tinham uma agenda cheia no país. Engenheiro e escritor, respectivamente, eram aguardados pela ansiosa sociedade que esperava beber da sabedoria de franceses tão ilustres. Entretanto, apesar de d'Arrast e de Camus serem recepcionados pelas autoridades locais, eles procuraram a companhia de pessoas que fugiam ao "protocolo" oficial. D'Arrast escolhe como "guia" em Iguape um mulato, cozinheiro de um navio - que, apesar de ser um dos personagens

centrais da trama, não chega a receber um nome - e Camus, no Rio de Janeiro, faz amizade com Abdias Nascimento, jovem ator negro com quem vai, entre outros programas, conhecer a noite carioca e uma macumba em Caxias. Envolto numa melancolia desencadeada pela própria imensidão dos espaços brasileiros, viam talvez na tentativa de um contato informal a única forma de se divertirem neste longínquo país de horizontes perdidos que os envolvia. "On y respire une mélancolie très particulière, la mélancolie des bouts du monde" (CAMUS: 1978, p. 125), é o comentário que Camus registra em seu Diário, em Iguape. Em "La pierre qui pousse", lemos: "Il lui semblait [à d'Arrast] qu'il aurait voulu vomir ce pays tout entier, la tristesse de ses grands espaces, la lumière glauque des forêts, et le clapotis nocturne de ses grands fleuves déserts. Cette terre était trop grande, le sang et les saisons s'y confondaient, le temps se liquéfiait." (CAMUS: 1997, p. 1678) Para se distraírem da melancolia sentida na viagem, buscaram o divertimento. Os compromissos previstos do personagem d'Arrast ou os de Camus no Brasil eram pretextos para que pudesse acontecer "algo", alguma coisa que os desviasse de sua melancolia constante. Esse movimento da busca do intelectual por algo que o distraísse de sua angústia não era novo para Camus, leitor de Pascal e pertencente, como vimos, segundo a opinião de estudiosos, à tradição de escritores moralistas cujas origens remontam a Montaigne.

## Pascal: tédio, divertimento e miséria

Nos *Pensamentos*, Pascal (1623-1668) dedica-se a descrever o não acabamento e a contradição da natureza humana. Isso o leva a ser considerado como um dos precursores mais autênticos do existencialismo contemporâneo. Muitos atribuem a capacidade de observar a natureza humana de Pascal à influência exercida sobre ele pelos estudos de Montaigne (1533-1592).

Esse jansenista [Pascal] é filho de Montaigne. Montaigne foi seu verdadeiro mestre, e não Jansenius, que não o ensinou a conhecer o coração humano. Verdade é que Pascal escreveu: "Não é em Montaigne, porém em mim mesmo, que encontro tudo o que vejo." Mas Montaigne lhe serviu de baliza. (...) Pascal concorda com Montaigne e sua posteridade no amor ao conhecimento do homem; compartilha sua paixão pelo estudo do coração humano. (MAURIAC: 1953, pp. 19, 20)

Essa mesma natureza, esse mesmo coração que Montaigne observou é o alvo das análises de Pascal, cuja principal contradição observada foi, segundo indicam seus escritos, a coexistência de dois sentimentos díspares e inerentes ao homem: o tédio e a necessidade de distração. Ao tema do *tédio* e ao do *divertimento*, muitas vezes relacionados através do tema da *miséria*, o autor dedicou grande parte de suas anotações. Dentre tantos pensamentos de Pascal sobre este tema, podemos destacar, como exemplo, alguns fragmentos:

**Tédio:** Rien n'est si insupportable à l'homme que d'être dans un plein repos, sans passions, sans affaire, sans divertissement, sans application.

Il sent alors son néant, son abandon, son insuffisance, sa dépendance, son impuissance, son vide. Incontinent, il sortira du fond de son âme l'ennui, la noirceur, la tristesse, le chagrin, le dépit, le désespoir. (PASCAL: 1973, p. 79)

**Divertimento:** Quelque condition qu'on se figure, si l'on assemble tous les biens qui peuvent nous appartenir, la royauté est le plus beau poste du monde; et cependant, qu'on s'en imagine (un) accompagné de toutes les satisfactions qui peuvent le toucher, s'il est sans divertissement, et qu'on le laisse considérer et faire réflexion sur ce qu'il est, cette félicité languissante ne le soutiendra point, il tombera par nécessité dans les vues qui le menacent, des révoltes qui peuvent arriver, et enfin de la mort et des maladies qui sont inévitables; de sorte que, s'il est sans ce qu'on appelle divertissement, le voilà malheureux, et (plus) malheureux que le moindre de ses sujets, qui joue et qui se divertit. (PASCAL: 1973, p. 104)

**Miséria:** Quand je m'y suis mis quelquefois à considérer les diverses agitations des hommes et les périls et les peines où ils s'exposent, dans la cour, dans la guerre, d'où naissent tant de querelles, de passions, d'entreprises hardies et souvent mauvaises, etc., j'ai dit souvent que tout le malheur des hommes vient d'une seule chose, qui est de ne savoir pas demeurer en repos, dans une chambre. (...) Mais quand j'ai pensé de plus près, et qu'après avoir trouvé la cause de tous nos malheurs, j'ai voulu en découvrir la raison, j'ai trouvé qu'il y en a une bien effective, qui consiste dans le malheur naturel de notre condition faible et mortelle, et si misérable, que rien ne peut nous consoler lorsque nous y pensons de près. (PASCAL: 1973, pp. 103, 104)

Através de seus escritos, Pascal demonstra sua inquietação diante da incoerência das ações do homem. Este homem que, vindo da Renascença onde toda a arte era simbólica e estava ligada ao universo, vive na dualidade e em conflito. "O homem, segundo Pascal, se divertia para desviar seu pensamento dos assuntos de reflexão, tais como seu destino, sua saúde, sua fé em Deus." (DUBOSCLARD: 1986, p. 28) O divertimento é o remédio para o tédio, a melancolia e, relacionado a estes sentimentos, a

*acedia*, rinação do melancólico que o leva à inércia do coração. A *acedia* pode ser interpretada como a amargura no coração causada por se ter evitado a "boa obra". Na verdade, segundo a astrologia, "disciplina helenística que alimentou a doutrina do melancólico" (BENJAMIN: 1984, p. 171), é Saturno quem torna os homens apáticos, indecisos e vagarosos. Como reação a esta apatia, o homem recorre a qualquer divertimento que possa fazê-lo esquecer sua condição:

Ainsi l'homme est si malheureux qu'il s'ennuierait même sans aucune cause d'ennui, par l'état propre de sa complexion; et il est si vain, qu'étant plein de mille causes essentielles d'ennui, la moindre chose, comme un billard et une balle qu'il pousse, suffisent pour le divertir. (PASCAL: 1973, p. 106)

## Pascal e o pensador

"A melancolia trai o mundo pelo saber."  
Walter Benjamin

Aristóteles, na *Problemata XXX*, lança a seguinte questão: "Por que todos os homens particularmente brilhantes em filosofia, política, poesia ou nas artes são melancólicos?" O que leva o pensador à melancolia?

Se considerarmos que a melancolia seja causada pela meditação, ou *Tiefsinn*<sup>24</sup>, assim como o considera Benjamin, podemos também dizer ser o filósofo, este melancólico pensador, um alegorista. Ele busca decifrar fenômenos estéticos. Há uma distinção, entretanto, entre a alegoria medieval e a alegoria moderna. "A alegoria medieval é cristã e didática; o Barroco retrocede à Antiguidade, dando-lhe um sentido místico-histórico" (BENJAMIN: 1984, p. 193), enquanto que na alegoria moderna há a necessidade da decodificação. A leitura passa, para Benjamin, a ser (re)valorizada na busca do saber e da verdade. Assim, o culto barroco das ruínas se explica, pois "as alegorias são no reino dos pensamentos o que são as ruínas no reino das coisas." (BENJAMIN: 1984, p. 200) Ou seja, "é sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo, através da estrutura alegórica." (BENJAMIN: 1984, p. 208) Na alegoria temos um mundo como um livro que se lê, a ser decifrado, e não mais um mundo que se dá sem leitura, típico da arte simbólica da Renascença. Da necessidade do mundo ser lido vem o trabalho contemplativo e intelectual

---

<sup>24</sup> *Tiefsinn*, literalmente reflexão profunda, significa ao mesmo tempo meditação, profundidade do pensamento e melancolia.

do pensador. Este se distancia, assumindo um caráter melancólico e concentrado. "Exatamente porque o caráter melancólico é perseguido pela morte são os melancólicos que melhor sabem decifrar o mundo. Ou melhor, é o mundo que se rende à minuciosa investigação do melancólico, como não se rende a mais ninguém." (SONTAG: 1986, p. 93) Considerando-se a aproximação do ser melancólico com o intelectual, podemos dizer que na modernidade o alegorista, o filósofo, ocupam o papel do introspectivo pensador medieval da época barroca, mesmo papel do homem de letras que mantém, *a priori*, a atitude de manter-se longe do Estado. Não é o caso de Camus.

Se o intelectual vive envolto pelo *spleen* (de Baudelaire) ou pelo *ennui* (de Pascal), ele ao mesmo tempo almeja a luz, *idéal* ou *divertissement*. O divertimento era para Camus a maneira pela qual podia desvendar o mundo. Mesmo tendo num primeiro momento o simples objetivo de desvio (*détournement*), o divertimento era o próprio campo para proporcionar a ação ao autor. Em sua viagem, Camus parece querer contrapor a inércia de sua contemplação melancólica em alto mar à ação da dura visita de carro, em 1949, ao interior de São Paulo. A procissão da Igreja do Bom Jesus, animada pelo evento da pedra que cresce, é um *détournement* suficiente para que Camus aja, escrevendo "La pierre qui pousse". No conto, ele reinterpreta o que havia visto, ou, mais ainda, descreve seu olhar sobre o acontecimento. No diário, faz o seguinte registro sobre o evento do homem que paga uma promessa carregando a pedra até a igreja:

Certains de ces pèlerins sont en route depuis cinq jours sur les chemins défoncés de l'intérieur. L'un d'eux qui a l'air d'un Assyrien, omé d'une belle barbe noire, nous raconte qu'il a été sauvé par le Bom Jésus d'un naufrage, après une nuit et un jour passés sur les flots furieux et qu'il a fait vœu de porter sur sa tête une pierre de 60 kilos pendant la procession. (...) Nous allons attendre la procession à un autre point

stratégique et lorsqu'elle repasse devant nous, l'homme à la barbe paraît crispé de fatigue et tremble sur ses jambes. Il arrivera cependant sans encombre. (CAMUS: 1978, pp. 126, 127)

Este curto relato deu origem à trama principal de "La pierre qui pousse", onde Camus, além de transformar este peregrino num personagem coadjuvante, junto a d'Arrast durante a maior parte da trama, muda de maneira surpreendente o desfecho da promessa:

Les premiers marchaient à reculons, et d'Arrast vit qu'ils entouraient le coq. Celui-ci était visiblement exténué. Il s'arrêtait, puis, courbé sous l'énorme pierre, il courait un peu, du pas pressé des débardeurs et des coolies, le petit trot de la misère, rapide, le pied frappant le sol de toute sa plante. (...) Quand il vit d'Arrast, sans paraître pourtant le reconnaître, il s'immobilisa, tourné vers lui. (...) D'Arrast se trouva, sans qu'il sût comment, à sa droite. Il posa sur le dos du coq une main devenue légère et marcha près de lui, à petits pas pressés et pesants. (...) Et soudain la pierre glissa sur son épaule, qu'elle entailla, puis en avant jusqu'à terre, tandis que le coq, déséquilibré, s'écroulait sur le côté. (...) Il [d'Arrast] fit signe aux autres de l'élever [la pierre] et la chargea presque sans effort. (...) Il avançait du même pas emporté, et la foule lui ouvrait un chemin jusqu'à l'église. (...) Il marchait vers elle et avait déjà dépassé le centre de la place quand brutalement, sans savoir pourquoi, il obliqua vers la gauche, et se détourna du chemin de l'église, obligeant les pèlerins à lui faire face. (...) Il pressa le pas, parvint enfin sur la petite place où se dressait la case du coq, courut à elle, ouvrit la porte d'un coup de pied et, d'un seul mouvement, jeta la pierre au centre de la pièce, sur le feu qui rougeoyait encore. Et là, redressant toute sa taille, énorme soudain, aspirant à goulées désespérées l'odeur de misère et de cendres qu'il reconnaissait, il écouta monter en lui le flot d'une joie obscure et haletante qu'il ne pouvait pas nommer. (CAMUS: 1997, pp. 1682-5)

Com este fim, Camus, através da atitude do personagem d'Arrast, mostra sua propensão a intervir na procissão, aliviando o sofrimento daquele crente esmagado pelo



peso de uma pedra. Sua atitude é típica do visitante, do estrangeiro, daquele que, por manter um distanciamento, vê o já invisível aos outros olhares. Não só a ação d'Arrast de aproximar-se do cozinheiro e de aliviar-lhe a dor é surpreendente, pois tira de maneira abrupta o personagem de sua inércia, mas sobretudo, como sua opção do pouso que dá à pedra. Ao desviar da igreja, lugar para onde se dirigia a procissão, d'Arrast demonstra não considerar a igreja digna de acolher uma pedra milagrosa e elege o humilde barraco do cozinheiro, com quem se encontrara na noite anterior para juntos irem a uma macumba, como lugar ideal para recebê-la. Camus lida claramente, ao mudar a direção d'Arrast, com a questão religiosa.<sup>25</sup> Interessante observar o diálogo entre d'Arrast e Sócrates, depois da cerimônia da macumba:

"Oui, dit Socrate, chez toi, c'est la messe seulement. Personne ne danse."

(...) Puis il regarda d'Arrast avec curiosité:

"Et toi, tu vas à la messe?"

- Non.

- Alors où tu vas?"

- Nulle part. Je ne sais pas."

Socrate riait encore.

"Pas possible! Un seigneur sans église, sans rien!"

D'Arrast riait aussi:

"Oui, tu vois, je n'ai pas trouvé ma place. Alors, je suis parti.

- Reste avec nous, monsieur d'Arrast, je t'aime.

- Je voudrais bien, Socrate, mais je ne sais pas danser."

(CAMUS: 1997, p. 1679)

D'Arrast mostra-se sem lugar no que diz respeito à religião. Assim como Camus, o personagem é o fora do lugar, aquele que não se adapta às situações, "não sabe

---

<sup>25</sup> "Sartre et moi ne croyons pas en Dieu, il est vrai. Et nous ne croyons pas non plus au rationalisme absolu. Mais enfin, Jules Romains non plus, ni Malraux, ni Stendhal, ni Paul de Kock, ni le marquis de Sade, ni

dançar" conforme o ritmo. Entretanto, isto não impede que haja uma simpatia por certas vivências. D'Arrast, por exemplo, prefere o barraco à igreja, podendo representar a escolha do ritual da macumba ao da procissão. Em suas notas de 1952, Camus acentua o fato deste barraco, representando a mais miserável e longínqua das habitações, ser o lugar para receber a pedra, símbolo da graça divina. Ele escreve:

Pour finir, il porte la pierre dans la case la plus misérable. Les indigènes se serrent sans mot dire pour lui faire place. Dans le silence, on n'entend plus la rumeur du fleuve. Ici nous sommes les derniers, la dernière place parmi les derniers. (CAMUS: 1997, p. 2065)

É nesta casa, entre os últimos dos seres, que d'Arrast encontra seu exílio, acolhido por ter-se envolvido com seu semelhante, assumindo os valores daquele grupo. Camus termina o conto com d'Arrast sendo acolhido: "Assieds-toi avec nous." (CAMUS: 1997, p. 1686) Interessante observar que nas notas de Camus, datadas de 1952, lemos outro final, não menos surpreendente, imaginado por Camus para "La pierre qui pousse": "Un homme à l'avant du bac. La ville, la procession – L'Homme, la pierre s'écroule. Le visiteur prend la pierre mais dépasse l'église en marche vers le fleuve. Il charge la pierre dans une longue barque et remonte le fleuve vers la forêt vierge où il disparaît." (CAMUS: 1997, p. 2065) Ao imaginar dois finais para o conto Camus poderia estar apontando para duas formas de exílio possíveis para o sem lugar. Um nas águas (como em "La mer au plus près", conforme a idéia do mar no horizonte do melancólico), e o outro na possibilidade do exílio para o estrangeiro, ocorrendo o encontro deste entre os homens. *L'Exil et le royaume* queria mostrar esta busca do homem por seu reino, como explica Camus:

---

André Gide, ni Alexandre Dumas, ni Montaigne, ni Eugène Sue, ni Molière, ni Saint-Évremond, ni le cardinal de Retz, ni André Breton. Faut-il mettre tous ces gens-là dans la même école? (CAMUS: 1997, p. 1425)

Quant au royaume dont il est question aussi, dans le titre, il coïncide avec une certaine vie libre et nue que nous avons à retrouver, pour renaître enfin. L'exil, à sa manière, nous en montre les chemins, à la seule condition que nous sachions y refuser en même temps la servitude et la possession. (CAMUS: 1997, p. 2039)

"La pierre qui pousse", por ser o último conto da coletânea, com seu desfecho, poderia indicar que todo homem pode achar o seu reino, entremeio entre Deus e a razão.

## **CAPÍTULO IV**

### **MORAL E REVOLTA, AS CONFERÊNCIAS DE CAMUS NO BRASIL**

Provavelmente por sua condição de "francês da Argélia", Albert Camus desde muito jovem já manifestava em seus escritos um forte senso crítico quanto a questões políticas, sobretudo no que se referia às relações entre a Argélia e a França. Já por volta dos seus vinte anos, redige textos onde a revolta, um dos temas "chave" de sua obra, ocupa um papel relevante.

Por suas idéias, sua posição destacada em seu meio social (pelo próprio fato de ser um intelectual em meio a tantos iletrados), sua ascendência francesa e por sua facilidade para transitar entre europeus e "indígenas", Camus logo chamou a atenção do PCF (Partido Comunista da França). Convidado para integrá-lo, Camus a princípio relutou. Segundo ele: "Aderir seria me forçar a esconder de mim as outras coisas que há em mim." (TODD: 1998, p. 73) Ele vacila em razão de sua visão pluralista de mundo.

Entretanto, Camus acaba por aderir ao PCF no ano de 1934, atitude comum entre os intelectuais da época. Esse era o partido que se apresentava como sendo da classe trabalhadora e da fraternidade. Filho de um adegueiro e de uma faxineira e com a vontade de ver mais justiça e melhores condições de vida para o povo argelino, Camus viu na adesão ao PCF a oportunidade de realizar uma ação política que obtivesse mais resultados do que suas críticas solitárias. Por não conceber a atividade política como um carreirismo, Camus não é um militante comum. Não participa dos cursos preparatórios propostos pela central francesa do partido para preparar seus partidários, não é um bom panfletista e não

costuma sair às ruas discursando pela causa comunista ou colando cartazes. Estava mais preocupado em conseguir dar voz às suas aflições, relacionadas sobretudo ao fascismo, ao imperialismo e ao colonialismo.

Mas, por se sentir incapaz de querer ou aceitar a morte do adversário, por marcar sua posição contra a violência, Camus resolve em 1937 desligar-se de sua única experiência de militante político dentro de um partido. Mas isto não significa um desinteresse do autor pela política. Ele resolve militar através de seus textos e pela ação. A preocupação de Camus pela valorização do homem levava-o a interferir da única maneira que lhe cabia: pela palavra. Por sua experiência de vida, sua origem cultural tão particular que o levou a não se adaptar a nenhum partido político, esperava talvez alcançar com mais expressividade a opinião pública. Ao mostrar sua indignação queria ter um retorno através da justiça política. Sua arte tinha uma finalidade, a ação política. Camus estava, e sempre esteve, comprometido somente com a causa humanista. Sua luta era pela paz. Entretanto, Camus não era ingênuo quanto ao seu pedido pacifista, como muitos o pretendiam. Em entrevista publicada na revista anarquista *Défense de l'Homme*, em julho de 1949 (enquanto Camus estava no Brasil), o autor pronuncia-se pela paz:

D.H.<sup>26</sup>: - L'avenir est bien sombre.

CAMUS: - Pourquoi? Il n'y a rien à craindre, puisque désormais nous nous sommes mis en règle avec le pire. Il n'y a donc plus que des raisons d'espérer, et de lutter.

D.H.: - Avec qui?

CAMUS: - Pour la paix.

D.H.: - Pacifiste inconditionnel?

CAMUS: - Jusqu'à nouvel ordre, résistant inconditionnel – et a toutes les folies qu'on nous propose. (...) Je parie pour la paix. C'est mon optimisme

---

<sup>26</sup> *Défense de l'Homme*.

à moi. Mais il faut faire quelque chose pour elle et ce sera dur. C'est la mon pessimisme. De toute façon, seuls ont mon adhésion aujourd'hui les mouvements pour la paix qui cherchent à se développer sur le plan international. C'est chez eux que se trouvent les vrais réaliste. Et je suis avec eux.

D.H.: - (...) Ces mêmes hommes [des politiques] vous accusent d'être un rêveur.

CAMUS: - Il en faut. Et personnellement, j'accepterai ce rôle, n'ayant pas de goût pour le métier de tueur. (CAMUS: 1997, pp. 383, 384, 385)

Camus, entre outros escritores, pensava na arte como uma forma de expressar corajosamente suas convicções, sem a preocupação com a fidelidade a qualquer partido ou organização. O essencial era a possibilidade de lutar pela liberdade e o amor entre os homens. O que importava ser ou não inscrito em listas de militantes partidários? A luta implicava acima de tudo no combate ao uso de armas. A ação se dava pela própria revolta, mostrando a não conviência com os assassinos. Entre as conferências proferidas por Camus no Brasil, é em *Le temps des meurtriers* que o autor explora mais detalhadamente este tema da posição que cada um de nós assume diante do problema da violência.

*Le temps des meurtriers*, título que sofre ligeiras alterações quando Camus realiza esta conferência em outras cidades durante sua visita à América do Sul (em Buenos Aires, Camus a teria intitulado de *Nous autres meurtriers*, e em Montevideu, de *Nous sommes des meurtriers*), retoma, em grande parte, as idéias do autor discutidas em artigo para a revista *Franchise*<sup>27</sup>, em 1946, que tem por título (como a conferência de Buenos Aires) *Nous autres meurtriers*<sup>28</sup>. Neste texto, Camus desenvolve e retoma de maneira mais

<sup>27</sup> Revista *Franchise*, nº 3, nov.-déc. de 1946.

<sup>28</sup> Em 1947, quando o jornal *Combat* começa a perder seu vínculo com a esquerda, Camus precede sua demissão com uma série de artigos intitulados *Ni victimes, ni bourreaux*, que fazem parte integrante de

aprofundada, por exemplo, o sentido da revolta. Segundo Fernande BARTFELD, "Le temps de meurtriers annonce L'Homme révolté, tout comme Nous autres meurtriers annonce, toute proportion gardée, Le temps de meurtriers." Assim, *Le temps des meurtriers*, por tratar já de forma tão minuciosa o tema da revolta, anuncia o conteúdo de uma das mais polêmicas obras de Camus, *L'Homme révolté* (1951), cuja publicação trouxe, entre outras conseqüências, o rompimento do autor com o amigo e escritor existencialista Jean-Paul Sartre.

Em *Le temps de meurtriers*, Camus alerta os seus interlocutores sobre a importância destes se posicionarem diante do problema da violência e da guerra. Ele, como muitos de sua geração, tiveram de aceitá-las, sofrendo suas conseqüências:

Les hommes de mon âge en France et en Europe, par exemple, sont nés juste avant ou pendant la première grande guerre, sont arrivés à l'adolescence au moment de la crise économique mondiale et ont eu vingt ans l'année de la prise de pouvoir par Hitler. Pour compléter leur éducation, on leur a offert ensuite la guerre d'Espagne, Munich, la guerre de 1939, la défaite et quatre années d'occupation et de luttes clandestines. Pour finir, on leur promet le feu d'artifice atomique. Je suppose donc que c'est ce qu'on appelle une génération intéressante. (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, pp. 54, 55)

Qual é afinal a posição reivindicada por Camus? Sua postura recusa a violência passiva, onde a morte torna-se assunto de estatísticas e nega a política que tenta obter o direito de regulamentar tudo, catequizando política e moralmente o mundo.

---

*Actuelles I* (publicada na 1ª edição da obra completa de Camus pela "Bibliothèque de la Pléiade", em 1965). Tais artigos, bem como *La crise de l'homme*, título de uma das conferências proferidas por Camus em 1946, nos Estados Unidos, são textos inscritos na mesma linha de reflexões exploradas em *Le temps des meurtriers*. Nestas exposições, "Camus se saisit de l'occasion pour dire son credo: ne pas s'élever contre un monde où sévit le meurtre, c'est, d'une certaine manière, être meurtrier soi-même." (BARTFELD: 1995, p. 46)

Une autre chose à faire sera de refuser aux philosophies politiques le droit de tout régier. Il ne s'agit pas en effet de donner à ce monde un catéchisme politique et moral. Le grand malheur de notre temps est que justement la politique prétend nous munir, en même temps d'un catéchisme, d'une philosophie complète, et même quelquefois d'un art d'aimer. Or le rôle de la politique est de faire le ménage et non pas de régler nos problèmes intérieurs. (CAMUS: 1946; apud BARTFELD: 1995, p. 54)

Camus, através de um periodismo crítico, mostra a perda de algumas ilusões e o fortalecimento de convicções mais profundas. Amadurece desde os apaixonados artigos para o *Alger Républicain* (1938) e o *Soir Républicain* (1939) – jornais argelinos - até os editoriais de *Combat*, jornal francês dirigido por Pascal Pia, em 1943. Neste jornal de resistência, Camus será chefe de redação, e por seu jornalismo assumirá o papel de *historien du moment*, segundo sua própria definição. Lá escreveu comentários bem pessoais, mostrou uma luta difícil de ser travada mas baseada em razões bem claras. Discutiu temas como a morte que acabou se tornando, em grandes países, um assunto administrativo. Para Camus, ver a morte como algo abstrato é, por consequência, ver a vida também como uma abstração.

Em *Les temps des meurtriers*, Camus defende seu ideal como resistente incondicional:

On pensera peut-être que l'attitude assez limitée dont j'ai parlé, n'a que des chances modestes contre les forces du meurtre. Mais, je conclurai ainsi, ce n'est pas mon avis. Car il s'agit d'une prudence bien calculée, d'ailleurs provisoire, qui demande de la force et de l'obstination. Plus simplement, elle demande qu'on aime la vie plus que l'idée. Voilà peut-être ce qui la rend difficile, dans une Europe qui a désappris d'aimer la vie..." (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 70)



Ao dizer que a Europa chegou à situação em que se encontra (onde a morte não representa mais do que números) por sua maneira de pensar – "on ne pense pas mal parce qu'on est un meurtrier, mais on est un meurtrier parce qu'on pense mal" (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p.53) – talvez Camus quisesse provocar os europeus no que diz respeito à tão prestigiada – sobretudo entre os franceses – justiça social. Mais adiante ele explica que a indiferença européia com relação ao homem está relacionada com sua preocupação de grande continente contagiado com o vírus moderno da eficácia:

Il n'y a pas de vie sans dialogue. Et sur la plus grande partie du monde, le dialogue est remplacé par la polémique, langage de l'efficacité. (...) Il n'y a pas de vie non plus sans persuasion. Et l'histoire d'aujourd'hui ne connaît que l'intimidation, politique de l'efficacité. (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 60)

Este tema da "eficiência" é retomado por Camus durante entrevista concedida ao jornal *Correio do Povo* (1949), que cobria sua visita a Porto Alegre:

Na verdade, o nome de Albert Camus já agora não pode mais ser separado da idéia-força da 'não violência'. Numa entrevista, concedida logo após o enorme sucesso de seu romance *La Peste*, declarava ele, voltado contra aqueles que não haviam encarado com a devida seriedade o seu ideal da "não violência":

- "A eficiência! Vocês me fazem rir! Ninguém tem outra palavra na boca que não seja esta. Mas eu gostaria de saber, depois de considerar-se os belos resultados da ação eficiente nestes últimos vinte anos, de que lado está a utopia... Ser eficiente dessa maneira – não me interessa. Ademais, a não-violência nada tem que ver com a não-resistência. É justamente o contrário." (*Correio do Povo*, 09-08-49)

Camus está em sintonia com as discussões levantadas por teóricos da modernidade, como por exemplo Theodor Adorno e Max Horkheimer, que discutem em

*Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (cuja primeira impressão data de 1947), o poder manipulador, origem do vírus da eficácia:

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. (...) O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama "verdade", mas a "operation", o procedimento eficaz. (ADORNO & HORKHEIMER: 1994, p. 20)

Para Adorno, o poder passa pela manipulação, o procedimento eficaz, que leva o ser à morte, a sua representação por números, forma de, na dialética do esclarecimento, fugir à ilusão. Esta massificação (perda do eu) legítima, em nome da eficácia, a criminalidade, ponto de interseção entre a discussão adorniana e a camusiana.

Segundo Adorno:

As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais. (...) Tudo o mais, Idéia e criminalidade, experimenta a força da coletividade que tudo vigia, da sala de aula ao sindicato. (ADORNO & HORKHEIMER: 1994, p. 40)

O eu integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade, à qual a civilização desde o início procurou escapar. Concretiza-se assim o mais antigo medo, a perda do próprio nome. (ADORNO & HORKHEIMER: 1994, p. 42)

Evidentemente a violência que causa a morte não é um assunto recente. Camus também o sabe - "Ce n'est pas d'aujourd'hui que Caïn tue Abel. Mais c'est d'aujourd'hui que Caïn tue Abel au nom de la logique et réclame ensuite la Légion

d'honneur." (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 52) - mas agora instalou-se o terror, pois os valores humanos foram substituídos pelos valores do desprezo e da eficácia e a vontade de liberdade pela vontade de dominação. "On n'a plus de raison parce qu'on a la justice et la générosité avec soi. On a raison parce qu'on réussit. Et plus on réussit, plus on a raison. À la limite, c'est la justification du meurtre." (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 48)

Estas palavras servem de exemplo ao que o jornalista Fernando Savater escreve sobre Camus em artigo para a Folha de São Paulo: "O escritor Albert Camus forjou um dos diagnósticos mais perfeitos da humanidade do século XX." (Folha de São Paulo, caderno Mais!, 17.12.2000) Esta é, na verdade, uma das muitas críticas que ressaltam a atualidade da obra camusiana. Em outro ensaio, lê-se no comentário de Manuel da Costa Pinto para o jornal acima citado:

Percebe-se hoje uma releitura geral da obra de Camus. Isto se deve, em parte, a acontecimentos editoriais (...). Mas talvez indique também a atualidade de um autor que representa uma estranha alternativa tanto ao engajamento do existencialismo quanto ao pensamento anti-anthropomórfico do estruturalismo (as duas últimas correntes hegemônicas da filosofia francesa). (...) Preocupado com as legitimações da violência pelas ideologias de seu tempo, Camus irá privilegiar em *O homem revoltado* o exame dos movimentos políticos mais do que expor dialéticas impiedosas." (COSTA PINTO: 1996, p. 5)

A crítica da atualidade parece perceber a sintonia de Camus com relação aos problemas que viriam a se instalar definitivamente na sociedade do final do século XX. Mais do que detectá-los, o autor já discutia, através de uma delicada construção de uma trama de idéias, registradas em seus ensaios, a solução para a situação criada por políticas

totalitárias. O problema da violência, cujas raízes estavam numa política de poder, sempre foi o objeto de estudo e discussão de Camus. Na entrevista que concedera à revista *Défense de l'Homme*, anteriormente citada, Camus comenta:

CAMUS: Les gouvernants d'aujourd'hui, russes, américains et quelques européens, sont des criminels de guerre, selon la définition du tribunal de Nuremberg. Toutes les politiques intérieures qui les appuient d'une façon ou d'une autre, toutes les églises, spirituelles ou non, qui ne dénoncent pas la mystification dont le monde est victime, participent de cette culpabilité.

D.H.: - Quelle mystification?

CAMUS: Celle qui veut nous faire croire que la politique de puissance, quelle qu'elle soit, peut nous amener à une société meilleure où la libération sociale sera enfin réalisée. La politique de puissance signifie la préparation à la guerre. La préparation à la guerre, et à plus forte raison la guerre elle-même, rendent justement impossible cette libération sociale. (CAMUS: 1997, p. 384)

O discurso de Camus sobre uma política do poder une-se ao da atualidade, ao discurso de críticos como Michel Foucault ou Theodor Adorno.

Para Foucault o fato do poder rigorosamente não existir significa que este é algo que se exerce, impossível de se dar conta, pois é um fenômeno que diz respeito, por vezes, à lei ou à opressão. Para desconcertar esta rede que atravessa o corpo social Foucault distingue a ação do intelectual atual – que teria se desenvolvido a partir da Segunda Grande Guerra – daquela do antigo intelectual de esquerda, habituado a trabalhar no universal, no exemplar. Foucault viu o surgimento deste outro tipo de intelectual - por ele nomeado de *específico*, por atuar em setores determinados. Em *Microfísica do poder*, Foucault comenta este processo de politização do intelectual no século XX:

Havia o tipo de intelectual "maldito" e o tipo de intelectual socialista. Estas duas formas de politização facilmente se confundiram em determinados momentos de reação violenta do poder, depois de 1848, depois da Comuna de Paris, depois de 1940: o intelectual era rejeitado, perseguido, no momento mesmo em que as "coisas" apareciam em sua "verdade", no momento em que não se devia dizer que o rei estava nu. O intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber. (...) O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do discurso. (FOUCAULT: 1999, pp. 70, 71)

Se analisarmos a progressão sofrida entre a figura do intelectual universal até a figura do intelectual específico estabelecida por Foucault e tentarmos enquadrar Camus, nota-se que o autor perpassa esta transformação. Insatisfeito com a posição de intelectual "inativo" no meio burguês no início de sua vida política – diante dos obstáculos aos quais se expôs como intelectual moderno (se limitar a reivindicações setoriais, se deixar manipular por partidos políticos ou aparelhos sindicais, risco de não ser seguido) - Camus sempre buscou inquieto atingir seu objetivo: lutar contra as formas de poder. Isto se daria pela realização de uma teoria não estanque, que não se totalizasse, mas se multiplicasse. Uma teoria que o "armasse" para a luta contra a eficácia da massificação. Pela necessidade que se colocou de lutar com armas mais específicas contra o poder, Camus optou por restringir em seu discurso os temas a serem discutidos: o absurdo, a revolta e suas conseqüências; a massificação e o crime.

Para solucionar este problema da banalização da morte, seu texto propõe uma só atitude, simples, mas que combateria definitivamente tal situação: o diálogo. É o que o autor propõe em *Les temps des meurtriers*:

Il n'y a pas de vie sans dialogue. Et sur la plus grande partie du monde, le dialogue est remplacé par la polémique, langage de l'efficacité. Le XXe siècle est, chez nous, le siècle de la polémique et de l'insulte. (...) Mais quel est le mécanisme de la polémique? Elle consiste à considérer l'adversaire en ennemi, à le refuser de le voir. (...) Grâce à la polémique, nous ne vivons plus dans un monde d'hommes. Mais dans un monde de silhouettes. (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 60)

Ainsi, à partir de la négation et par le simple mouvement de notre révolte, il était possible de retrouver une morale de la liberté et de la sincérité, une morale du dialogue.

Pour guérir l'Europe, pour servir l'avenir du monde, c'est cette morale du dialogue que nous avons provisoirement à opposer à la morale du meurtre. Nous devons lutter contre l'injustice, contre la servitude et la terreur, parce que ces trois fléaux sont ceux qui font régner le silence entre les hommes. (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, pp. 66, 67)

De acordo com estas posições, a Europa deixara para trás o humanismo que, já na época da viagem de Camus ao Brasil, não era mais exercido. "Comment la terre de l'humanisme a-t-elle produit le camp de concentration et une fois la chose faite comment les humanistes eux-mêmes se sont arrangés des camps de concentration. (...) L'Europe, aujourd'hui, est dans le malheur." (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 51) A solução, então, poderia vir do exemplo de um povo comunicativo e que cultivasse a espontaneidade afastando-o da tentação da inércia. O homem que perde suas raízes, seu contato com a natureza e se entrega ao raciocínio como única forma de alcançar o que

almeja, ou seja, a eficácia, perceberá que este caminho o levará à solidão, angústia e morte (ao menos de alma).

Car tout cela est logique. Quand on veut unifier le monde entier au nom d'une théorie, par moyen de l'efficacité, il n'est pas d'autres voies que de rendre ce monde, aussi décharné, aveugle et sourd que la théorie elle-même. Il n'est pas d'autres voies que de couper les racines mêmes qui attachent l'homme à la vie et à la nature. (...) C'est n'est pas un hasard si le philosophe qui inspire aujourd'hui une grande partie de la pensée européenne est celui qui a écrit que seule la ville moderne permet à l'esprit de prendre conscience de lui-même et qui est allé jusqu'à dire que la nature est abstraite et que la raison seule est concrète. C'est le point de vue de Hegel, en effet, et c'est le point de départ d'une immense aventure de l'intelligence, celle qui finit par tuer toutes choses. (...) Ceux qui connaissent les villes détruites d'Europe, savent ce dont je parle. Elles offrent l'image de ce monde décharné, éfflanqué d'orgueil, où le long d'une monotone apocalypse, des fantômes errent à la recherche d'une amitié perdue, avec la nature et les êtres. Le grand drame de l'homme d'Occident, c'est qu'entre lui et son devenir historique, ne s'interposent plus ni les forces de la nature, ni celles de l'amitié. Ses racines coupées, ses bras desséchés, il se confond déjà avec les potences qui lui sont promises. (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 62)

Este amor à vida, ao qual a Europa teria renunciado, é um sentimento que Camus observou como latente no brasileiro. Para o autor, as qualidades humanas esperadas talvez estivessem na América, ou em povos que vivessem o calor do sol e o encanto do mar. Estes dois elementos muito evocados na obra camusiana têm em comum a natureza, a beleza e a simbiose com o homem. O homem puro, para Camus, é aquele em sintonia com a natureza, sensível ao parentesco com o mundo. Já em 1935, na *Maison de la Culture d'Alger*, o jovem diretor Albert Camus, pretendia conciliar e harmonizar as civilizações francesa e "indígena", na esperança de que, de uma eclosão, pudesse nascer uma nova

cultura Mediterrânea. Em 1949, quatorze anos depois, Camus tentaria mostrar à América, através de suas conferências que debatiam os problemas do antigo continente, que ela poderia ser uma esperança para o mundo.

Em outra conferência de Camus no Brasil, *Un moraliste de la révolte: Chamfort*, apesar do autor não tratar de maneira tão explícita o tema da morte, ele busca novamente o tema da revolta. Esta conferência mostra que Chamfort (1741-1794), "dernier moraliste de nos lettres modernes" segundo Camus, atacava pela sua crônica uma classe minoritária "separée du reste de la nation, sourde et aveugle, entêtée de plaisirs." (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 80) Camus indica que para Chamfort, um moralista cercado por um mundo corrompido, a única forma de sobreviver se dá pelo movimento de uma moral pessoal, uma moral da revolta, expressa na literatura do autor:

L'homme est un sot animal, dit Chamfort, si j'en juge par moi." C'est en cela qu'il [Chamfort] me paraît être le moraliste de la révolte, dans la mesure précise où il a fait toute l'expérience de la révolte en la tournant contre lui-même, son idéal étant une sorte de sainteté désespérée. (...) Une attitude si extrême et si farouche devrait l'amener à la négation ultime qui est le silence. (...) L'art est le contraire du silence, il est l'une des marques de cette complicité qui nous lie aux hommes dans notre lutte commune. (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, pp. 85, 86)<sup>29</sup>

Assim como Chamfort, que registrava em crônicas sua revolta com os homens, Camus também procura pronunciar sua revolta em seus livros, críticas e peças teatrais, nunca deixando que o silêncio se tornasse sua opção.

---

<sup>29</sup> Esta revolta contra si próprio retoma a discussão sobre a procura do estrangeiro em si mesmo, vista no capítulo I.



O fato de Camus escolher a conferência *Un moraliste de la révolte: Chamfort* para ser proferida durante sua visita ao Brasil mostra que o autor sentia a necessidade de discutir não somente o tema da revolta, em desenvolvimento em 1949 (dois anos antes da publicação de *L'Homme révolté*), mas também a questão do "ser moralista". Em 1944, Camus havia publicado o ensaio crítico intitulado *Introduction aux "maximes" de Chamfort*, na *Collection Incidences*, Mônaco, texto reproduzido pela 1ª edição da obra completa do autor pela "Bibliothèque de la Pléiade", em 1965. Neste ensaio Camus escreve o que seria a base de sua conferência no Brasil. Sobre a questão da moral, lemos:

Qu'est-ce qu'un moraliste en effet? Disons seulement que c'est un homme qui a la passion du coeur humain. Mais qu'est-ce que le coeur humain? Cela est bien difficile à savoir, on peut seulement imaginer que c'est ce qu'il y a de moins général au monde. (CAMUS: 1997, p. 1099)

Ao viajar pelo Brasil, ao se deparar com um povo de costumes e maneiras diferentes dos europeus, Camus talvez tenha sentido a vontade de retomar este seu texto que fala sobre morais diferentes, sobre moralismos e moralistas. Via o moralista como alguém interessado em conhecer e explorar o coração humano para identificar uma pretensa cumplicidade entre os homens. Sua moral era a do diálogo, da liberdade e da revolta, e é neste sentido que Camus se distancia do moralismo pascaliano: "não é a impossibilidade de alcançar as essências que faz a nossa miséria, mas é a inexistência dessas essências que possibilita nossa revolta." (COSTA PINTO: 1998, p. 142)

Outra conferência que teria explorado o tema da revolta foi *Roman et révolte*<sup>30</sup>, proferida em Recife. Isto não somente pela obviedade do título, mas por "Roman et révolte" ser o título de um dos capítulos do livro *L'Homme révolté* (1951). Ao analisar *L'Homme révolté*, na edição comentada de 1965 pela "Bibliothèque de la Pléiade", Roger Quilliot reproduz vários trechos de outros escritos de Camus que, segundo ele, viriam de *Discours de Suède* (1957) – discurso pronunciado por Camus no final do banquete que encerrou as cerimônias de atribuição do prêmio Nobel -, do artigo *Art et Révolution* e de uma conferência que supostamente seria a proferida no Brasil. Sendo assim, torna-se nítida a influência que os escritos da conferência de 1949 exerceram sobre sua obra de 1951.

No capítulo "Roman et révolte" de *L'Homme révolté*, Camus faz, já no primeiro parágrafo, uma ligação entre o sentimento de revolta e o romance. Explica que o romance nasce ao mesmo tempo que o espírito de revolta, traduzindo no plano estético a mesma ambição do sentimento. Como uma espécie de complemento do pensamento desenvolvido no texto sobre Chamfort, o autor escreve:

Le monde romanesque n'est que la correction de ce monde-ci, suivant le désir profond de l'homme. Car il s'agit bien du même monde. (CAMUS: 1997, p. 666)

Le roman, à ce niveau, est d'abord un exercice de l'intelligence au service d'une sensibilité nostalgique ou révoltée. (CAMUS: 1997, p. 668)

Se, no texto sobre Chamfort, Camus comenta que a arte é a forma de o artista não silenciar sua revolta, em *Roman et révolte* ele explicita que é através do romance

---

<sup>30</sup> Não foi conseguido acessar registros desta conferência.

que o homem revoltado, moralista que é, corrige o mundo, através de um exercício de inteligência.

Ainda nas notas de R. Quilliot, lemos a definição camusiana para o tema em questão: "Peut-être faut-il imaginer le roman pur. Il s'agit seulement, à l'intérieur du roman, de prendre conscience du refus du monde créé qui l'anime, et pousser le refus à la limite. Nous obtiendrons ainsi le roman de la révolte." (CAMUS: 1997, p. 1653)

Com estas conferências Camus evidencia que suas visitas a outros países visavam mostrar de uma forma bem clara sua posição com relação à missão do escritor. Elas seguem, de uma maneira geral, um esquema complementar, pois se vimos em *Le temps de meurtriers* Camus pintar um quadro sobre o caos em que se encontra a moral humana, em *Un moraliste de la révolte: Chamfort e Roman et révolte*, vemos de que maneira o artista pode atuar pela revolta criadora na solução deste problema.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Camus proferiu ainda uma quarta conferência no Brasil intitulada *L'Europe et le crime*, discutida no capítulo seguinte: "Albert Camus, um estrangeiro em Porto Alegre".

## **CAPÍTULO V**

### **ALBERT CAMUS, UM ESTRANGEIRO EM PORTO ALEGRE**

Se nos capítulos anteriores deste trabalho foi discutido, entre outros pontos, o olhar de Camus sobre o Brasil de 1949, o que se pretende neste capítulo é a contrapartida deste movimento, ou seja, recuperar o olhar do Brasil do final dos anos quarenta sobre Camus. Para tanto, o caminho escolhido foi o de resgatar matérias de periódicos da época, vindo estes a servir como base para pesquisa e análise.

Ao se buscar estes registros, observou-se que uma das mais completas bibliografias sobre Camus encontra-se na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Na BN, conforme contatos realizados, foi possível verificar a existência de vários títulos de artigos datados de 1949 que referiam-se a passagem de Albert Camus pelo Brasil. Infelizmente, porém, estes artigos não constam nesta pesquisa pelo fato de não terem sido liberados a tempo de serem analisados ainda para este trabalho.

Entretanto, numa tentativa de elucidar a visão do país sobre a estada de Camus no Brasil, optou-se por reunir, na medida que se fez possível o acesso, as críticas feitas pela imprensa gaúcha. Esta escolha se deve em primeiro lugar ao fato de Porto Alegre ser uma das capitais que recepcionou o autor (tendo Camus proferido uma conferência nesta cidade) e também à proximidade que se faz entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, facilitando o acesso aos arquivos daquela capital. Sendo assim, espera-se recuperar o que significou a passagem de Camus pelo sul do Brasil, segundo o olhar da capital gaúcha.

## Albert Camus visto pelo Brasil de 49

A vinda de Albert Camus foi um acontecimento de grande importância para o meio cultural do Brasil de 1949. Sim, para o meio cultural, pois nos anos quarenta poucos eram os brasileiros não pertencentes à intelectualidade local que conheciam o autor. Na época de sua visita, Camus ainda não tinha ganho o prêmio Nobel de Literatura (a ele concedido em outubro de 1957), mas "já era o famoso romancista de *O Estrangeiro* e *A Peste*, o dramaturgo de *Calígula* e de *O mal-entendido*, o ensaísta de *O Mito de Sísifo*." (MUNIZ: *Jornal do Brasil*, 1999) Recepcionar no Brasil o escritor de tais obras, representava entrar em contato com uma personalidade que, sem dúvida, despontava na França como um dos grandes escritores, ensaísta e teatrólogo do século XX. Nas palavras de Jean Roche, adido cultural francês em Porto Alegre no ano de 1949:

Pela sua experiência, pela sua lucidez, pelo seu expressivo talento, Albert Camus é o escritor da nossa época, sendo, por outro lado, muito mais que isso: ele é o escritor que a França esperava e, sem dúvida, aquele que o mundo dava a honra de esperar da França. (*Correio do Povo*, 10-08-49)

Neste comentário observam-se conceitos compartilhados por muitos dos que recepcionaram o autor. Camus era tido, por boa parte dos jornalistas que cobriram sua visita em 1949, como um autor francês (não um autor nascido na Argélia). Os jornais se referiam à honra em recepcionar "o pensador gaulês", tão famoso quanto um Proust, representante da mais pura e idealizada tradição literária francesa, filho da burguesia de um país pelo qual

o Brasil cultivava uma admiração deslumbrada, relegando ou omitindo, por vezes, a origem argelina do escritor.

Numa das únicas críticas jornalística da época que identificaram Camus como um homem do Mediterrâneo, sem citar a Argélia<sup>32</sup>, observa-se a preocupação do jornalista em unir a África do Norte a uma "mãe-pátria", a França:

Albert Camus representa, sob todos os aspectos, a expressão perfeita da nova geração francesa. Tendo nascido na África do Norte, prolongamento direto da metrópole, nova província de onde corre uma seiva jovem para renovar a força da mãe-pátria, ele é um homem do Mediterrâneo, região de sol e banhada de latitudes. Vem daí, pois, o modo perfeitamente natural com que ele se sente no Brasil. (*Correio do Povo*, 09-08-49)

Sobre o expressivo interesse de intelectuais e francófilos brasileiros pela França, Claude Lévi-Strauss teceu comentários em *Tristes trópicos* (1955):

Essa especialização no plano mundano ia de par com um apetite enciclopédico. O Brasil culto devorava os manuais e as obras de vulgarização. (...) Nesse sentido, o amor demonstrado pela América do Sul à França derivava em parte de uma convivência secreta baseada na mesma inclinação a consumir e a facilitar aos outros o consumo, mais do que a produzir. (...) Nesse Brasil que conhecera certos êxitos individuais brilhantes, mas raros – Euclides da Cunha, Oswaldo Cruz, Chagas, Villalobos -, a cultura permanecera, até época recente, um brinquedo para os ricos. (LÉVI-STRAUSS: 1996, pp. 96, 97)

---

<sup>32</sup> Só foi encontrada uma matéria do ano de 1949 que identificou Albert Camus como argelino: "Nascido em Mondo [Mondovi], na Argélia, à 7 de novembro de 1913, o futuro romancista ..." (O Estado de São Paulo, 04-08-49)

Pode-se confirmar esta simpatia do meio intelectual brasileiro pela França ainda na época da visita de Camus:

Como aconteceu no Rio e em São Paulo, sua presença aqui [em Porto Alegre], sua mensagem, enfim, será a afirmação viva das profundas afinidades latinas e das não menos profundas ligações espirituais que nos unem à França. (*Correio do Povo*, 09-08-49)

Esta atenção à França baseava-se numa curiosidade brasileira pelo que se produzia na Europa. Na década de quarenta, ainda havia no Brasil um claro confronto entre a ideologia do "país novo" e a ideologia do "país subdesenvolvido". Segundo Antônio Cândido: "a consciência do subdesenvolvimento é posterior à Segunda Guerra Mundial e se manifestou claramente a partir dos anos de 1950." (CÂNDIDO: 1987, p. 142). Desta forma, embora desde os anos trinta – ou em casos isolados até mesmo antes – já houvessem manifestações vinculadas à consciência do subdesenvolvimento de nosso país, a idéia de país que ainda não se realizara mas que possuía grandes possibilidades de progresso futuro (podendo vir a tornar-se tão bem sucedido quanto um país europeu) continuava a ecoar na sociedade.

Camus era ainda, aos olhos de boa parte de seu público brasileiro, o representante da cultura francesa que inspirava nos intelectuais brasileiros um movimento de adaptação à cultura francesa, forma de dependência não inventiva. De certa forma, ao ser convidado a visitar as Américas, Camus tinha justamente o encargo de cultivar esta dependência.

Para resgatar o interesse pela cultura francesa, abalado pela ocupação alemã da Segunda Guerra, a França convida Albert Camus, nos anos 40, a viajar pela América do Norte (1946) e América do Sul (1949). Camus, radicado em Paris, tinha escrito sua obra em língua francesa e, além do mais, destacava-se como um escritor de opiniões políticas respeitadas: "Começando sua luta contra o nazismo, Camus foi, seguramente, um dos mais altos valores de uma nova França que surgiu após o fim da segunda guerra" (BACIU: Tribuna da Imprensa, 07-01-60). Camus viajaria em missão cultural, atuando como uma espécie de embaixador da França ("Com Albert Camus recebemos, realmente, a visita de um legítimo embaixador de tudo aquilo que a França tem de melhor e duradouro" - *Correio do Povo*, 10-8-49). Se a imagem da França estava abalada pela guerra, ninguém melhor do que um escritor ligado à causa humanista para reerguê-la.

Contudo, para Camus mais importante do que o resgate da admiração ao povo francês era certamente a divulgação e o debate de suas idéias com este público até então desconhecido. Nestes encontros o autor teria a oportunidade de trazer para a discussão seus conceitos sobre temas capitais em sua obra, como a morte, a violência, o absurdo e a revolta. Camus já tomava suas notas em 49 para *L'Homme révolté* e lemos por vezes em suas conferências que temas deste seu ensaio polêmico já eram discutidos pelo autor.

Como já foi comentado, Camus além de conhecer um meio social brasileiro que parecia ofuscado pela oportunidade de estar próximo de tão ilustre homem de letras francês, também pode entrar em contato com intelectuais mais aptos a receber sua palavra.

Camus parece ter conseguido cumprir o papel ao qual se propôs. Sua mensagem repercutiu: "- De qualquer forma, eu sou contra a legitimação da violência." Esta afirmativa, que lembra sua famosa fórmula política – 'nem vítimas, nem carrascos' –



exprime sua missão de levar aos seus contemporâneos, não apenas uma mensagem intelectual, mas sobretudo um novo estilo de vida." (*Correio do Povo*, 09-08-49)

Depoimentos de intelectuais que participaram de suas conferências evidenciam este fato. Neles, escritores destacam o interesse com que receberam as palavras do autor.

Sobre a brilhante conferência que o escritor francês Albert Camus pronunciou ontem, no Auditório Tasso Correia do Instituto de Belas Artes, a reportagem do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, colheu as seguintes impressões, que dizem bem do sucesso maiúsculo que coroou a iniciativa da Associação Cultural Franco-Brasileira:

MOISÉS VELLINHO – "Porto Alegre, a meu ver, nunca teve oportunidade de ouvir nada de tão vivo conteúdo humano e que traduzisse com tanta crueza e verdade os problemas do homem universal."

GHILHERMINO CÉZAR – "Lamento que nem todos os homens públicos, educadores e homens de pensamento deste país, pudessem ouvir dos lábios de Camus, uma rude verdade, necessária ao mundo torturado dos nossos dias."

ÉRICO VERÍSSIMO – "Uma das mais notáveis conferências a que tenho assistido. Camus definiu perfeitamente a missão do escritor de nosso tempo." (*Diário de Notícias*, 10-08-49)

Nas conferências, sua visão de mundo era debatida em encontros públicos, através de temas como a liberdade, a revolta, o crime e a tarefa do autor. O público via em Camus um conferencista simpático e cativante. Assim como em seus ensaios, a improvisação era peça chave no discurso camusiano para que este atingisse seu público.

A importância para Camus da visita ao Brasil se confirma, não somente pela enriquecedora experiência da viagem e pelo fato de ele ter escrito narrativas sobre o país, mas também pelas declarações do autor sobre a possibilidade de seu retorno ao país. É o que nos confirma este fragmento de uma matéria de 1949:

Lamentou, entretanto, que tantos compromissos o tivessem impedido, durante esta viagem, de entrar em contato mais íntimo com o povo brasileiro, suas coisas e seus costumes. Prometeu, entretanto, que na primeira oportunidade regressará ao Brasil, para, então, desobrigado de pronunciar conferências, misturar-se com o povo brasileiro. Disse ser esse, agora, um de seus mais ardentes desejos. (*Diário de Notícias*, 10-08-49)

Na verdade, este retorno foi agendado para julho de 1960, não tivesse o autor falecido no início daquele ano:

A viagem que, em 1949, realizou pelo Brasil, o havia encantado de tal maneira, que agora estava planejando outra, que não mais se realizará.

De fato, o nome de Albert Camus figurava na lista dos que aqui deviam reunir-se por ocasião do congresso internacional do PEN-Clube, a ser organizado no próximo mês de julho.

Na sua agenda, já estava marcado o nome do Brasil. Agora, seus inúmeros amigos que aqui deixou, como os deixou em todos os países do mundo, aquém e além das Cortinas, não mais ouvirão a voz que sempre era portadora de uma mensagem. (*BACIU: Tribuna da Imprensa*, 07-01-60)

## "A Europa e o crime"

Ao todo foram encontradas sete matérias nos periódicos de Porto Alegre sobre a vinda de Camus à capital. São artigos dos jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *Folha da Tarde* e da revista *O Globo*.

Camus, que só passou um dia na capital gaúcha, na tarde do dia 09 de agosto de 1949 concede uma entrevista ao *Diário de Notícias*, é recebido para uma palestra pelas "figuras de letras e elementos da colônia francesa radicada em Porto Alegre" na Associação de Cultura Franco-Brasileira e ministra conferência no Instituto de Belas Artes durante a noite.

No auditório lotado do Instituto, "a cabeceira da mesa, tomara assento, além do representante do governador do Estado, os escritores Érico Veríssimo, Moisés Vellinho, Manoelito de Ornelas e numerosas figuras dos nossos meios literários." (*Diário de Notícias*, 10-08-49)

Nas palavras de abertura proferidas por Érico Veríssimo o reflexo de toda a admiração do auditório pelo intelectual "francês" que se apresentava:

"Porque vós, sr. Camus, vós pertenceis a uma idade nova e dramática. Vós sois uma das mais claras, mais belas e corajosas vozes da França de hoje, temporada na forja da Resistência. Vós representais, aos nossos olhos, o homem que, na frase de Matthew Arnold, se encontra oprimido entre um mundo que agoniza e um outro que nasce. É por tudo isso, sr. Camus, que eu quero vos dizer o quanto somos todos felizes, esta noite, de vos encontrar entre nós e sobretudo de vos ouvir. Eu bem sei que vós não necessitais do nosso assentimento e do nosso apoio para continuar a viver e a escrever, mas eu não posso deixar de

vos dizer que enquanto nós chegamos vossas admiráveis mensagens, é por elas, assim como pelas de outros homens de letras do mesmo valor, que nós julgamos esta grande França, objeto constante da nossa admiração e que nós amamos sobretudo pelas suas tradições de liberdade e de humanismo."

Mais adiante, disse Érico Veríssimo:

"Nós também temos consciência de estar vivendo instantes trágicos de todos os lados por causa da peste, e que grande número de homens de responsabilidade fazem causa comum com a peste bubônica, em vez de combatê-la. Bem como vosso admirável Dr. Rieux, sabemos que cada um de nós traz em si a peste, que desse mal ninguém está isento, e que devemos nos cuidar sem cessar, afim de que o sopro da nossa respiração não contamine os outros; e que o resto – santidade, integridade, pureza – é produto da vontade humana, dum vigilância que não se deve afrouxar, e que, finalmente, como existem sobre a terra pestilências e vítimas, de forma alguma devemos nos prestar a ajudar a propagação da peste". (*Correio do Povo*, 10-08-49)

Este discurso demonstra o conhecimento da obra camusiana por parte de seu público, bem como demonstrava que seus ouvintes estavam atentos à luta de Camus pelo despertar da consciência para o grave problema da convivência com a atual política do crime, tida por Camus como uma doença que se alastra.

Na conferência que pronunciou nesta noite no Instituto de Belas Artes, "L'Europe et le crime", Camus discutiu questões como a guerra, o niilismo, e o materialismo histórico que ameaçam a história da Europa:

Assim, a Europa sofre pelo crime e pela abstração, o que para Albert Camus é uma única e mesma doença. (...) Seja porém como for, o niilismo levou ao campo de concentração e ao assassinato, ao crime.

Por sua vez, o materialismo histórico conduz ao assassinio com o mesmo rigor que o niilismo: para que a era dos imperialismos seja

substituída pela era da sociedade universal, a guerra é necessária, o assassinio é legitimado, pois liquida os restos de uma estrutura ultrapassada. (*Correio do Povo*, 12-08-49)

Em sua conferência Camus não foge a temas já discutidos em conferências anteriores como "Nous autres meurtriers". A morte sendo relevada a dado estatístico continua sendo um dos pontos capitais da discussão do autor, bem como o confronto entre conceitos como diálogo e persuasão:

Em lugar de persuadir, intimida-se; e o diálogo, manifestação da vida do homem, é impossível entre o senhor e o escravo, entre a vítima e o carrasco. Aquele que quer dominar é surdo; os outros devem bater-se ou desaparecer.

Olhemos a Europa: ela está sob o regime da ficha policial, é percorrida pelas "pessoas deslocadas", ela está unificada, descarnada, surda e cruel porque se submeteu à eficiência. É o triunfo das cidades sobre a natureza, e os romances não falam senão de juizes, de processos, de prisões. A Europa tem a literatura que merece, uma literatura de prisioneiros.

A Europa de hoje: alguns homens procurando a amizade perdida... (*Correio do Povo*, 12-08-49)

Como solução desta situação limite em que se encontra a Europa Camus prevê a revolta: "A revolta será a recusa da dominação e uma tentativa de diminuir a dor do homem." (*Correio do Povo*, 12-08-49) Impossível deixar de destacar nas palavras do autor o peso de uma mensagem humanitária. Mesmo que Camus não pretendesse ser um guia de sua época, ele termina sua conferência admitindo a missão do escritor segundo sua concepção:

E Albert Camus termina dizendo que se por desgraça o escritor fracasse na sua generosa missão, mais vale enganar-se sem assassinar ninguém do que ter razão no meio do silêncio e dos túmulos. (*Correio do Povo*, 12-08-49)

O público de Porto Alegre parecia escutar atentamente o conferencista, "cuja palavra expressiva e densa, ágil e colorida, vigorosa e bela, vinha empolgando o auditório..." (*Correio do Povo*, 12-08-49) A imagem alcançada por Camus em seu discurso seja talvez a retratada por Jean Roche:

... honesto até o escrúpulo, tão sincero quanto probo, tão claro quanto direto, Camus sabe tocar os outros homens com a sua mensagem: ele tem o dom de saber falar aos outros homens daquilo que os apaixona quando eles refletem e se mostram dignos desse grande nome. (*Correio do Povo*, 10-08-49)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

- ...Êtes-vous guidé dans votre travail d'écrivain par le souci d'être un "guide" pour votre génération?

- Pardonnez-moi, mais ce genre de jugement me paraît comique. Je ne parle pour personne: j'ai trop à faire pour trouver mon propre langage. Je ne guide personne: je ne sais pas, ou je sais mal, où je vais. Je ne vis pas sur un trépied: je marche du même pas que tous dans les rues du temps.

Je me pose les mêmes questions que se posent les hommes de ma génération, voilà tout, et il est bien naturel qu'ils les retrouvent dans mes livres, s'ils les lisent. Mais un miroir renseigne, il n'enseigne pas.<sup>33</sup>

Apesar de Albert Camus não ter se preocupado em ser um guia de sua época ou de forjar um diagnóstico dos acontecimentos de nossa época ele tornou-se um referência para a crítica literária.

Suas idéias evidenciam uma apurada compreensão de mundo. Com críticas que vão além das análises demagógicas sobre a sociedade, Camus tem uma concepção da realidade que lhe é bem pessoal, resultado de sua rica experiência de vida. Sua criação ficou como o retrato de uma visão durável e clara, pois é baseada na moral de um escritor combatente e preocupado com os discursos dominantes. Isto é o que se confirma nos textos resultantes da passagem de Camus pelo Brasil.

---

<sup>33</sup> Última entrevista com Albert Camus, em 20 de dezembro de 1959. (CAMUS: 1997, p. 1925)

Ao vir ao nosso país Camus procurou um contato com nossa cultura, sem esquecer seu maior compromisso: deixar sua mensagem de luta pela paz. Sua intenção ao vir à América do Sul era a da aproximação de culturas. No caso de Camus esta aproximação se faz tanto com a França quanto com o Oriente. Quem vem discutir suas idéias com o brasileiro não é um escritor francês que logo ao chegar impressiona-se com o exotismo de nosso país, mas sim um homem do Mediterrâneo, acostumado com o seu não-lugar no mundo.

Sente-se tão à vontade no seu papel de *dépaysé* que escreve um conto interferindo em rituais religiosos praticados pela tradicional sociedade do interior do país. Isto indica que Camus não somente tinha a intenção de conhecer e participar da cultura nacional como também queria transformá-la em sua realidade, adaptando-a a uma visão particular de mundo. A inércia e a melancolia de seus primeiros dias no navio, ainda embebidos nas lembranças do Velho Continente e retratadas no conto "La mer au plus près", dão espaço para a ação do pensador, realizada sobretudo na literatura. A crítica à sociedade se faz clara, por exemplo, no surpreendente final que o autor dá ao conto "La pierre qui pousse", ao mudar o rumo da história.

Não menos surpreendentes são suas anotações no diário sobre pessoas e situações do Brasil. Delas, o que se torna mais interessante são sem dúvida suas notas sobre o futuro do país, que evidenciam no autor uma aposta no potencial da natureza pulsante. Esta aposta, conforme o pensamento camusiano, talvez já se frustrasse na consciência primeira de sua impossibilidade. Entretanto isto não impediu que Camus escrevesse várias notas descrevendo sua visão de país promissor. Deixou claro seu interesse em retornar às nossas terras, deixando manifesto seu interesse de envolver-se de modo mais profundo com a diversa cultura brasileira.



Para o Brasil, embora o autor só tenha passado cerca de um mês no país, os registros aqui deixados mostram que Camus quis fazer de sua visita uma oportunidade para divulgar suas idéias. Suas conferências, palestras e entrevistas deixam entrever um inequívoco sentido moral. Elas relacionam-se e completam-se, assim como também estão de acordo com o todo de sua obra. Suas conferências, espécie de ensaios do autor, abordam sob todos os ângulos a convivência da sociedade com as políticas totalitárias. São o chamado de alerta de alguém que, por conhecer o horror da guerra, quer trazer um pouco de sua experiência ao nosso país.

Camus era um homem simples, cuja obra acentuava as suas origens simples: sol, mar, pobreza, luta e morte. Era um estrangeiro interessado em dar uma solução para o problema do assassinio, buscando um posicionamento da sociedade, forma de tornar sua escrita útil e combativa. Ao receber o Prêmio Nobel Camus lembra ter escrito toda a sua obra voltada para sua terra natal, e esta afirmação mostra claramente o quanto sua vida como Europeu vindo do Oriente lhe marcou como escritor. Sua reflexão moral sobre a condição humana não é fruto de um pensamento acadêmico e sistemático sobre o assunto, mas sim o fruto de uma vivência inacabada. A obra camusiana desenrola-se como o próprio desenrolar da vida, e este talvez seja o ingrediente fundamental de sua escrita. A eterna *mouvance* seduz e deixa o leitor instigado por prever que não lhe será imposta nenhuma grande verdade demagógica ao serem discutidas de maneira consiente questões profundas sobre o homem.

Florianópolis, 21 de maio de 2001.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. De Albert Camus

*Théâtre, récits, nouvelles.* Paris: Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1999.

(1ª ed. 1962)

*Essais.* Paris: Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1997. (1ª ed. 1965)

*A inteligência e o cadafalso.* Trad. Manuel da Costa Pinto e Cristina Murachco. Rio de Janeiro: Record, 1998.

*Journaux de voyage.* Paris: Gallimard, 1978.

*Le premier homme.* Paris: Gallimard, 1994.

### 2. Sobre o autor

ADJADJI, Lucien, (Org.). *Albert Camus. Pages méditerranéennes.* Paris: Didier, 1968.

BARBOSA, João Alexandre. "Entre livros". *Caderno de literatura.* Nº 6. São Paulo: Edusp, nov./dez., 1993.

BARRETO, Vicente. *Camus. Vida e obra.* Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, s/d.

- BARTFELD, Fernande. *Albert Camus, voyageur et conférencier, le voyage en Amérique du Sud*. Revue Archives des Lettres Modernes, n.7. Paris: Lettres Modernes, 1995.
- BORRALHO, Maria Luiza. *Camus*. Porto: Rés, 1984.
- COSTA PINTO, Manuel da. *Albert Camus, um elogio do ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- \_\_\_\_\_. "O pensamento do meio-dia". In: Folha de São Paulo, caderno Mais!, 17 nov. 1996, p. 5.
- CROSIER-GAY, Raymond; LÉVI-VALENSI, Jacqueline, (Org.). *Albert Camus, Oeuvre fermée, oeuvre ouverte?* Paris: NRF/Gallimard, 1985.
- CROSIER-GAY, Raymond, (Org.). *La pensée de Camus*. La revue de Lettres Modernes, n.9. Paris: Minard, 1979.
- GONZÁLES, Horácio. *Albert Camus - A libertinagem do sol*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HOURDIN, Georges. *Camus le juste*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1960.
- LEBESQUE, Morvan. *Camus*. Paris: Seuil, 1981.
- LOTTMAN, Herbert. *Albert Camus*. Paris: Seuil, 1978.
- LUPPÉ, Robert de. *Albert Camus*. Paris: Éditions Universitaires, 1959.
- MAQUET, Albert. *Camus ou L'invincible été*. Paris: Nouvelles Éditions Debresse, 1955.
- QUILLOT, Roger. *La mer et les prisons - Essais sur Albert Camus*. Paris: Gallimard. 1970.
- TODD, Olivier. *Albert Camus: Uma vida*. Trad. de Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- WADDINGTON, Madeleine. *Albert Camus*. Paris: Hachette, 1994.

### 3. Geral

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido A. de Almeida. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ADORNO, Theodor W.. "L'Essai comme forme". *Notes sur la littérature*. Paris: Flammarion, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Mínima moralía: reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz E. Bicca. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Martins, 1970.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusion del nacionalismo*. México: D.F., 1993.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BASTIDE, Roger. *Brasil terra de contrastes*. 5ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.
- \_\_\_\_\_. *As religiões africanas no Brasil; contribuição a uma sociologia das interpretações de civilização*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BATAILLE, Georges. "L'Amérique disparue". In: *Oeuvres complètes. Premiers écrits*, 1922-40. Paris: Gallimard, 1970.

- BAUDELAIRE, Charles Pierre. *Petits poèmes en prose. / Pequenos poemas em prosa*. Trad. Dorothée de Bruchard. Florianópolis: Ed. da UFSC / Aliança Francesa, 1988.
- BAUDRILLARD, Jean. *América*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. 2ª ed. São Paulo: Metalivros; Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Vol. III. Trad. José Carlos M. Barbosa e Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BONNARD, Abel. *Océan et Brésil*. Paris: Flammarion, 1929.
- CARELLI, Mario. *Cultures croisées. Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes*. Paris: Nathan, 1993.
- CENDRARS, Blaise. *Etc..., etc... (Um livro 100% brasileiro)*. Trad. Tereza Thiériot. São Paulo: Perspectiva / Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- COSTA LIMA, Luiz. *Limites da voz (Montaigne, Schlegel – vol. I; Kafka – vol. II)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DÉJEUX, Jean. *La littérature algérienne contemporaine*. Paris: Presse Universitaires de France, 1975.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DUBOSCLARD, Joël. *Profil d'une oeuvre: "Un roi sans divertissement", Jean Giono*. Paris: Hatier, 1986.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Edusp/FDE, 1995.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.
- FREUD, Sigmund. *O estranho*. Trad. Eudoro Augusto M. de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GARDNER, George. *Viagens no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEITÃO, Cândido de Melo. *História das expedições científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- LERY, Jean de. *Viagem a terra do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1941.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MATOS, Olgária C.F. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MAURIAC, François. *O pensamento vivo de Pascal*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Editora, 1953.
- MAUROIS, André. *Diário de uma viagem pela América Latina*. Trad. Sierrí Maria Campos. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

- MONTAIGNE, Michel Eyquem de. "Des canibales". In: *Essais I*. Cap. XXXI. Paris: Gallimard, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio*. Trad. Sergio Milliet. São Paulo: UNB-Hucitec, 1987.
- NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. 2ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- PASCAL, Blaise. *Pensées*. Paris: Garnier-Flammarion, 1973.
- RENAN, E. *De l'origine du langage. (1848 – 1858)* Vol. VIII. Paris: Calmann-Lévy, 1961.
- RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas. França – Brasil – Portugal*. Trad. Maria Leticia G. Alcoforado. São Paulo: Hucitec, 1995.
- ROUANET, Sérgio Paulo. "Introdução", In: BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ROUSSEAU, J.-J. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard – Pléiade, 1969.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Representar al colonizado", In: STEPHAN, Beatriz Gonzales (org.). *Cultura y tercer mundo. (I- Cambios en el saber academico)*. Caracas: Nubes Tierra, Nueva Sociedad, 1996, pp. 22-59.
- SARTRE, Jean-Paul. *Colonialismo e neocolonialismo*. Trad. Diva Vasconcelos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara: filosofia marxista e ideologia existencialista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1986.
- SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. 2ª ed. Trad. Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM, 1986.

\_\_\_\_\_. "Os 'Cadernos' de Camus". *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Trad. Sérgio G. de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

VOGT, Carlos & LEMOS, José Augusto Guimarães de. *Cronistas e viajantes*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

## **Periódicos Pesquisados**

### **Matérias publicadas em 1949**

#### **Jornais**

*Correio do Povo*, Porto Alegre.

*Diário de Notícias*, Porto Alegre.

*Diário de São Paulo*, São Paulo.

*O Estado de São Paulo*, São Paulo.

*Jornal de Letras*, Rio de Janeiro.

*Jornal da Noite*, São Paulo.

*Folha da Tarde*, Porto Alegre.

#### **Revistas**

*Letras e Artes*, Rio de Janeiro.

*Revista do Globo*, Porto Alegre.



## **APÊNDICES**

# 1. ATIVIDADES CULTURAIS DE CAMUS NO BRASIL

## (julho-agosto de 1949)

LUGAR	ATIVIDADE	DATA
<b>Rio de Janeiro</b>		
Serviço Nacional de Teatro	Debate sobre teatro	19 julho
Auditório do Ministério da Educação	Conferência: <i>Le temps des meurtriers</i>	20 julho
<b>Recife</b>		
Sede da Associação Cultural Franco-Brasileira	Mesa Redonda	21 julho
Faculdade de Direito	Conferência: <i>Roman et révolte</i>	21 julho
<b>Bahia</b>		
Secretariado da Educação	Conferência: <i>Le temps des meurtriers</i>	23 julho
Aeroporto	Encontro com intelectuais	25 julho
<b>Rio de Janeiro</b>		
Teatro Experimental do Negro	Camus assiste à representação de um ato de <i>Calígula</i> e de outro de uma peça brasileira	26 julho
Ministério das Relações	Conferência: <i>Un moraliste de la révol-</i>	01 agosto

Exteriores

te: Chamfort

### São Paulo

Estada Oswald de Andrade	Conferência de imprensa	04 agosto
Escola Caetano de Campos	Conferência: <i>Le temps des meurtriers</i>	08 agosto
Aliança Francesa	Visita	08 agosto
Museu de Arte Moderna	Conferência: <i>Un moraliste français: Chamfort ou Roman et révolte</i>	08 agosto

### Porto Alegre

	Entrevista ao <i>Diário de Notícias</i>	09 agosto
Instituto de Belas Artes	Conferência: <i>L'Europe et le crime</i>	09 agosto

### Rio de Janeiro

	Conferência: <i>Roman et révolte</i>	22 agosto
ABI	Conferência-debate	23 agosto

### Observações

- ◆ Entre 13 e 20 de agosto de 1949 Camus viaja pela América do Sul, realizando atividades em Buenos Aires, Santiago e Montevideu.
- ◆ Este calendário foi traduzido do livro de Fernande Bartfeld: *Albert Camus, voyageur et conférencier. Le voyage en Amérique du Sud*, pp. 41, 42, 43.
- ◆ A sigla ABI significa *Associação Brasileira de Imprensa*.

## 2. ARTIGOS DE JORNAIS DE PORTO ALEGRE

*REVISTA DO GLOBO*, 06/08/49, pp. 2, 3

Coluna: "Por êsses caminhos do mundo"

### Crença relativa

Encontra-se no Brasil, em viagem de intercâmbio cultural, o escritor francês Albert Camus, uma das mais brilhantes figuras da literatura moderna. É ele o autor do romance "La Peste", considerado pela crítica como "a mais profunda mensagem nascida das inquietações da nossa época tão pesada de apreensões e angústias".

Albert Camus tem 36 anos de idade, começou sua vida de escritor como repórter marítimo dum jornaleco de Argel, sua terra natal, e foi um autêntico herói da Resistência. Seu nome literário projetou-se no mundo depois da guerra, principalmente devido ao citado "La Peste".

À sua chegada no Rio, declarou Camus aos jornalistas:

- Não sou existencialista. Tenho uma formação mais grega do que nórdica. Sou mais discípulo de Platão que de Hegel.

Solicitado, porém, a explicar-se mais sobre a obra do seu amigo Jean-Paul Sartre, acrescentou:

- O existencialismo é uma filosofia muito séria, que não deveria ser objeto de publicidade tão leviana.

Mais tarde, momentos antes de fazer uma conferência no Itamarati, - intitulada "Les Temps des Meurtriers", - Albert Camus concedeu uma entrevista coletiva à imprensa. Eis algumas de suas declarações:

"Não me preocupo muito com o futuro da humanidade; o que me interessa é a gente que vive hoje - seus filhos - para os quais me sinto pleno de ternura. É a conservação de suas vidas que tem significação para mim e me faz desejar a paz".

"... Creio muito na humanidade - creio nos homens - mas com uma crença um tanto relativa. Nesse sentido, aliás, escrevi "La Peste", que penso não ser uma expressão desalentada sôbre o futuro".

"Deve haver uma função social no teatro. Grande parece ser sua influência sôbre a mentalidade do povo, pois os governos às vezes chegam ao ponto de interditar peças."

"Quanto ao cinema, êle poderia ser um maravilhoso instrumento de educação. No entanto, tornou-se uma empresa que vem embrutecendo a inteligência internacional. Deve-se isso ao fato de, antes de fazer arte, os produtores e exibidores se preocupam exclusivamente em ganhar dinheiro. O conceito de moral que se pode extrair dessa opinião é que a arte não pode subsistir onde predomina exclusivamente o interesse monetário."

A viagem de Albert Camus ao Brasil inclui escalas no Rio, em São Paulo e em Porto Alegre. Depois disso, deveria ir à Argentina, o que foi, porém, cancelado pelo escritor. Motivo: a censura do país vizinho acaba de proibir a representação de uma peça de Camus.



# POR ÊSSES CAMINHOS

BRASIL

## NEM SÓ DE SUCESSÃO VIVE O HOMEM

Tivemos, na quinzena passada, mais uma entrevista do senador Getúlio Vargas. Não ficamos sabendo se "ele voltará" tão cedo ao Palácio Monroe, mas o habilidoso político, levando na devida consideração os pronunciamentos episcopais dos últimos tempos, apressou-se em esclarecer: "O que eu prego hoje foi o que fiz quando governo e ninguém pôde afirmar que fui uma ameaça à propriedade particular." O insigne prelado Cardeal D. Sebastião Leme considerava a legislação social do meu governo em perfeita consonância com a encíclica "Rerum Novarum" de Leão XIII. E frisou: "O que eu não sou é retrógrado." Outra entrevista da quinzena foi a do deputado Raul Pilla, que esteve em Porto Alegre no preciso instante em que as livrarias colocavam à venda o seu microscópico "Catecismo Parlamentarista". O chefe libertador disse que também tinha a sua fórmula: "a reforma da Constituição para adotar o sistema parlamentar." E explicou: "A política nacional, como tem sido a regra neste país e neste regime, gira atualmente em torno do futuro presidente da República. Atualmente, digo mal, porque já alguns meses depois da posse do Gal. Dutra, se começou a cogitar do seu possível sucessor. De modo que a questão política brasileira é sempre muito simples: reduz-se a uma questão de pessoas. Mas por ser simples demais é que se complica". Por isso, para evitar complicações ao seu partido no caso duma vitória populista (melhor especificando, de Getúlio ou de Ademar), o prático deputado Mário Brandt, do interpartidário PR, também divulgou a sua fórmula: reformar a Constituição para adotar um dispositivo conforme o qual só será considerado eleito o candidato à presidência que obtiver maioria absoluta de sufrágios. Enquanto isso, os impacientes "áulicos palacianos" clamam a todo o pano pela intervenção direta de Dutra no problema da sucessão.

Mas nem só de sucessão vive o homem do Brasil. Vive naturalmente de outras iguarias, muito embora quase todas, no final de contas, tenham o mesmo sabor estranho.

Em São Paulo, na Praça do Patriarca, a polícia dissolveu a bala um comício, resultando daí a morte do sapateiro Vicente Maluene. No Amazonas, também no cumprimento duma tarefa natural, uma sucuri devorou o incauto caçador Daniel Louzada; e para cúmulo da desgraça, no mesmo dia, uma onça pintada matou o filho de Daniel.

No Rio, divulgaram-se enfim as dezenove conclusões da última "Mesa Redonda do Carvão". Segundo essas conclusões, o governo terá de fazer muita coisa, inclusive aumentar o preço do carvão. Quanto a situação dos trabalhadores nas minas, decidiu a mesa redonda que será "aconselhável" o estudo de um plano de assistência social.

Ainda no Rio, depois de vetar um projeto que dispunha sobre a aposentadoria dos humildes mata-mosquitos, o Presidente Dutra, perante os jornalistas reunidos na ABI, discursou sobre as dificuldades econômicas que o país atravessa. Disse ele: "A presente situação está exigindo de todos os brasileiros um programa firme de economias e sacrifícios. Todas as dificuldades com que agora nos defrontamos terão, em realidade, de ser resolvidas com o nosso próprio esforço: tudo vai depender do que pudermos exportar e das restrições que impuzermos às importações..."

Na verdade, com sacrifício e economia não há o que rezear. Pois já não disseram que o Brasil é um país do futuro?

## MANTENDO A ORDÉM

Na quinzena passada, o deputado Antônio José da Silva apresentou na Câmara Federal uma grave denúncia sobre o bárbaro espancamento dum perário pela polícia, que pode ser assim resumida:

No dia 8 do corrente, o trabalhador Manuel Messias dos Santos tentava atravessar, a cavalo, a ponte da entrada em Realengo, Rio, quando uma patrulha da Polícia Militar do exército o chamou à ordem. Desanimado, tentou efetuar a prisão do infrator, que procurou fugir, sendo então alvejado, mas sem consequências. A essa altura, dava-se a interenção do Socorro Urgente de Bangu, momentos antes solicitado pelo telefone. Depois de algum trabalho, conseguiram os oito guardas deter o operário na sua própria residência e logo começou o espancamento, que prosseguiu mesmo dentro do carro em que

o transportavam para a Delegacia. Ali, esse espancamento continuou até que diretores do Realengo F. C., de que era sócio o operário, pagaram a sua fiança, libertando-o. Mas o trabalhador Manuel Messias já se encontrava mortalmente atingido pela brutalidade extrema dos policiais e não podia mais locomover-se. Sofrera fraturas diversas, ruptura dos intestinos, estrangulamento do órgão genital e várias outras lesões. Os mesmos representantes do Realengo Futebol Clube providenciaram imediatamente o seu internamento no Hospital Rocha-Faria, onde o trabalhador veio a falecer no dia 16, depois dos mais penosos padecimentos.

## CRENÇA RELATIVA

Encontra-se no Brasil, em viagem de intercâmbio cultural, o escritor francês Albert Camus, uma das mais brilhantes figuras da literatura mo-

derna. É esse o autor do romance "La Peste", considerado pela crítica como "a mais profunda mensagem nascida das inquietações da nossa época tão pesada de apreensões e angústias".

Albert Camus tem 36 anos de idade, começou a sua vida de escritor como repórter marítimo dum jornalço de Argel, sua terra natal, e foi um autêntico herói da Resistência. Seu nome literário projetou-se no mundo depois da guerra, principalmente devido ao citado "La Peste". A sua chegada no Rio, declarou Camus aos jornalistas:

— Não sou existencialista. Tenho uma formação mais grega do que nórdica. Sou mais discípulo de Platão que de Haegel.

Solicitado, porém, a explicar-se mais sobre a obra do seu amigo Jean-Paul Sartre, acrescentou:

— O existencialismo é uma filosofia muito séria, que não deveria ser objeto de publicidade tão leviana.

Mais tarde, momentos antes de fazer uma conferência no Itamarati, intitulada "Les Temps des Meurtres", — Albert Camus concedeu uma entrevista coletiva à imprensa. Eis algumas de suas declarações:

• Não me preocupo muito com o futuro da humanidade; o que me interessa é a gente que vive hoje — seus filhos — para os quais me sinto pleno de ternura. E a conservação de suas vidas que tem significação para mim e me faz desejar a paz?

• Creio muito na humanidade — creio nos homens — mas com uma crença um tanto relativa. Nesse sentido aliás, escrevi "La Peste", que penso não ser uma expressão desalentada sobre o futuro?

• "Deve haver uma função social no teatro. Grande parece ser sua influência sobre a mentalidade do povo, pois os governos às vezes chegam ao ponto de interditar peças".

• "Quanto ao cinema, ele poderia ser um maravilhoso instrumento de educação. No entanto, tornou-se uma empresa que vem embrutecendo a inteligência internacional. Deve-se isso ao fato de antes de fazer arte, os produtores e exibidores se preocupam exclusivamente em ganhar dinheiro. O conceito de moral que se pode extrair dessa opinião é que a arte não pode subsistir onde predomina exclusivamente o interesse monetário."

A viagem de Albert Camus ao Brasil incluiu escalas no Rio, em São Paulo e em Porto Alegre. Depois disso, deveria ir à Argentina, o que foi porém cancelado pelo escritor. Motivado a censura do país vizinho acaba de proibir a representação de uma peça de Camus.



# INHOS DO MUNDO



**GETOLIO VARGAS**  
"O que não sou, é retrógrado"

## ESTADOS UNIDOS

### A VINGANÇA DE BRENDA

Alta e bem feita de corpo — comenta o "Time" — Brenda Allen tinha quase tudo quanto uma moça precisa para ser uma prostituta de sucesso. Abstêmia, dona dum sotaque sulino, seu espírito era uma caixa registradora; não se apaixonava por ninguém desde os 21 anos (isto é: havia 15 anos). Por tudo isso Brenda encontrava facilidades na sua profissão. De quando em quando, porém,

ela andava às voltas com a lei por causa de suas atividades.

Há coisa duns dois anos a situação mudou. Brenda havia transferido residência para Los Angeles, instalando-se como a "madama" duma casa de mulheres. O negócio marchou com bastante sucesso, e à medida que as coisas melhoravam Brenda tratava de deixar a descura Fedora Street, indo para as vizinhanças do famoso Sunset Strip de Hollywood, onde instalou seu luxuoso quartel-general. Alguns dos nomes mais brilhantes da cidade do cinema tornaram-se seus fregueses firmes. Brenda se sentia tão segura que chegou mesmo a tomar um quarto de página numa publicação da Academia de Artes e Ciências do Cinema (a que dá anualmente os "Oscars") para nele estampar um anúncio em que ela aparecia em duas boas fotografias sob as quais havia seu nome e o número de seu telefone.

As coisas teriam marchado indefinidamente assim se um sargento de polícia encarregado de combater o vício não fosse intrometido. Chamava-se ele Charles Stoker e começou a ficar interessado no "negócio" de Brenda. Descobriu um meio de escutar e gravou um disco as conversações telefônicas da "madama" sem que ela soubesse; e o que ouviu foi algo de muito interessante. Um dos que se comunicavam com Brenda era um outro sargento da "esquadra do vício" chamado Elmer Jackson, que falou uma vez diretamente da Prefeitura para o *atelier* de madame. Numa dessas chamadas Elmer pediu desculpa a Brenda por causa dum *raid* que o sheriff havia feito ao estabelecimento dela. Stoker contou de sua descoberta a um ajudante confi-



**ALBERT CAMUS**  
"Creio nos homens, mas..."

dencial do Chefe de Polícia C. B. Horrall, e em seguida invadiu a casa de Brenda com outros agentes.

Brenda ficou indignada. O que a incomodava não era tanto o fato de ser presa como o de ter sido traída. Prometeu aos policiais que lhe vasculharam a casa que havia de vingarse deles. O Chefe de Polícia não se apouquentou. Disse ele: "Los Angeles é a cidade mais limpa da Califórnia".

Há uns dois meses, entretanto, um grande júri distrital teve notícia dos discos que Stokes gravara das conversações telefônicas. A história toda explodiu, aparecendo na primeira página dos jornais da cidade. Saindo triunfantemente da cadeia para comparecer perante o júri, Brenda apresentou-se num belo costume e de óculos escuros, e começou a falar...

### JUSTIFICAÇÃO

Um negro alto e de ombros largos contou uma história solene na sala dum júri federal em Nova York. Benjamin J. Davis, um dos onze comunistas que estão sendo julgados, com muita publicidade do Departamento de Estado, por crime de conspiração para derrubar pela força o governo dos Estados Unidos, foi o terceiro dos réus a depor. Foi, entretanto, o primeiro que explicou por que um norte-americano pode tornar-se comunista.

Numa voz baixa e um pouco arrastada, Davis recordou sua infância em Dawson, Georgia, onde cresceu do "lado" de lá dos trilhos. Neto dum escravo e filho dum redator de jor-

Cont. na pág. seg.



**A "FAMÍLIA DE CANTORES TRAPP"**  
"A própria experiência na arte de viver"



**Albert Camus chega hoje**

O famoso romancista francês pronunciará uma única conferência em Porto Alegre, logo à noite, no Instituto de Belas Artes – Sua apresentação ao nosso público será feita pelo escritor Érico Veríssimo

Como antecipamos, deverá chegar hoje a Pôrto Alegre, procedente de São Paulo e Rio, o escritor francês Albert Camus, que vai encerrar, nesta capital, o ciclo de suas conferências no Brasil.

Tendo de prosseguir viagem para Montevidéu, amanhã quarta-feira, a conferência de Albert Camus será realizada ainda hoje, às 20:30 horas, no auditório do Instituto de Belas Artes, sob o patrocínio da Associação de Cultura Franco-Brasileira.

O conferencista, que é o romancista mais credenciado da França moderna, será apresentado ao público porto-alegrense por um escritor gaúcho não menos conhecido, o Sr. Érico Veríssimo, devendo falar sobre "A Europa e o Crime".

Está claro que a conferência desta noite será correspondida com vivo entusiasmo pelo nosso mundo intelectual, pois constitui um acontecimento literário da maior significação.

Albert Camus representa, sob todos os aspectos, a expressão perfeita da nova geração francesa. Tendo nascido na África do Norte, prolongamento direto da metrópole, nova província de onde corre uma seiva jovem para renovar a força vital da mãe-pátria, êle é um homem do Mediterrâneo, região de sol e banhada de latinidade. Vem daí, pois, o modo perfeitamente natural com que ele se sente no Brasil.

Como aconteceu no Rio e em São Paulo, sua presença aqui, sua mensagem, enfim, será a afirmação viva das profundas afinidades latinas e das não menos profundas ligações

espirituais que nos unem à França. A própria presença de Albert Camus em Pôrto Alegre é, pois, um fato de grande significação cultural.

Filósofo, romancista, dramaturgo e jornalista, Camus é um homem realmente representativo, incarnando o espírito da civilização ocidental e, particularmente, da francesa, de modo ardente e dinâmico.

Seus livros, especialmente seu último romance, "La Peste", que alcançou o Prêmio da Crítica de 1947, indicam que ele feriu, com total lucidez, os problemas atuais do mundo civilizado, conseguindo enquadrar suas rigorosas e dolorosas análises, no corpo de uma obra de forma impecável.

Homem da nova geração, ele logrou exprimir-se num novo tom (o que de resto é normal), mas num tom de tal modo verdadeiro e tão adequado aos motivos da nossa época, que tem sido apontado como "o homem de um novo classicismo".

Por mais objetivo que seja o tom da obra de Albert Camus, essa característica nunca conseguiu dissimular a sensibilidade do autor, sua contínua paixão de apresentar pacientemente, se necessário, humildemente, uma ou duas verdades fundamentais. E uma dessas idéias é aquela de que o homem primeiro deve rejeitar a violência.

Na verdade, o nome de Albert Camus já agora não pode mais ser separado da idéia-força da "não violência". Numa entrevista, concedida logo após o enorme sucesso de seu romance "La Peste", declarava ele, voltado contra aqueles que não haviam encarado com a devida seriedade o seu ideal da "não violência":

- "A eficiência! Vocês me fazem rir! Ninguém tem outra palavra na boca que não seja esta. Mas eu gostaria de saber, depois de considerar-se os belos resultados da ação eficiente nestes últimos vinte anos, de que lado está a utopia... Ser eficiente dessa maneira – não me interessa. Ademais, a não-violência nada tem que ver com a não-resistência. É justamente o contrário."

E baseado nos exemplos afinal tornados banais de Tolstoi e Gandhi, ele acrescenta:

- "De qualquer forma, eu sou contra a legitimação da violência."



Esta afirmativa, que lembra sua famosa fórmula política – "nem vítimas, nem carrascos" – exprime a missão a que se propõe Albert Camus, a missão de levar aos seus contemporâneos, não apenas uma mensagem intelectual, mas sobretudo um novo estilo de vida.

A conferência que será pronunciada esta noite, no auditório do Instituto de Belas Artes, pelo ilustre escritor francês saído da "Resistência", pode, pois, ser apresentada como um prolongamento de sua obra escrita e estamos certos de que seus leitores apreciarão ainda mais a sua exposição oral e viva sobre esse problema tão atual quanto profundo: "A Europa e o Crime".

- A conferência começará às 20.30 horas pontualmente, a fim de permitir a assistência assistir também ao concerto do barítono Winters, cujo início será, para tal fim, retardado.







# ALBERT CAMUS CHEGA HOJE

## O famoso romancista francês pronunciará uma unica conferencia em Porto Alegre, logo à noite, no Instituto de Belas Artes — Sua apresentação ao nosso publico será feita pelo escritor Erico Verissimo

Como antecipamos, deverá chegar hoje a Porto Alegre, procedente de São Paulo e Rio, o escritor francês Albert Camus, que vai encerrar nesta capital, o ciclo de suas conferencias no Brasil.

Tendo de prosseguir viagem para Montevidéu, amanhã quarta-feira, a conferencia de Albert Camus será realizada ainda, hoje, às 20.30 horas, no auditorio do Instituto de Belas Artes, sob o patrocínio da Associação de Cultura Franco-Brasileira.

O conferencista, que é o romancista mais credenciado da França moderna, será apresentado ao publico porto-alegrense por um escritor gaúcho não menos conhecido, o sr. Erico Verissimo, devendo falar sobre "A Europa e o Crime".

Está claro que a conferencia

desta noite será correspondida com vivo entusiasmo pelo nosso mundo intelectual, pois constitui um acontecimento literário da maior significação.

Albert Camus representa, sob todos os aspectos, a expressão perfeita da nova geração francesa. Tendo nascido na Africa do Norte, prolongamento direto da metropole, nova provincia de onde corre uma seiva jovem para renovar a força vital da mãe-patria, ele é um homem do Mediterraneo, região de sol e banhada de latitudes. Vem daí, pois, o modo perfeitamente natural com que ele se sente no Brasil.

Como aconteceu no Rio de Janeiro e em São Paulo, sua presença actual, sua mensagem, enfim, será a afirmação viva das profundas afinidades latinas e das não menos profundas ligações espirituais que nos unem à França. A propria presença de Albert Camus em Porto Alegre é, pois, um fato de grande significação cultural.

Filosofo, romancista, dramaturgo e jornalista, Camus é um homem realmente representativo, incarnando o espirito da civilização ocidental e particularmente da francesa, de modo ardente e dinâmico.

Seus livros, especialmente seu ultimo romance, "La Peste", que alcançou o Premio da Critica de 1947, indicam que ele feriu, com total ousadia, os problemas atuais do mundo civilizado, conseguindo enquadrar suas rigorosas e dolorosas analises, no corpo de uma obra de forma impecavel.

Homem da nova geração, ele logrou exprimir-se num novo tom (o que de resto é normal), mas num tom de tal modo verdadeiro e tão adequado aos motivos da nossa época que tem sido apontado como "o homem de um novo classicismo".

Por mais objetivo que seja o tom da obra de Albert Camus, essa característica nunca conseguiu disimular a sensibilidade do autor, sua continua paixão de apresentar, pacientemente, se necessario, humildemente, uma ou duas verdades fundamentais. E uma dessas idéias é aquela de que o homem primitivo deve rejeitar a violencia.

Na verdade, o nome de Albert Camus já agora não pode mais ser separado da idéa-força da "não violencia". Numa entrevista, concedida logo após o enorme sucesso de seu romance "La Peste", declarava ele, voltado contra aqueles que não haviam encarado com a



Albert Camus, considerado a maior figura da moderna literatura francesa, que hoje pronunciará uma conferencia no Instituto de Belas Artes

devida seriedade o seu ideal de "não violencia".

— "A eficiencia! Vocês me fazem rir! Ninguém tem outra palavra na boca que não seja esta. Mas eu gostaria de saber, depois de considerar-se os bellos resultados da acção eficiente nestes ultimos vinte anos de que lado está a utopia... Ser eficiente dessa maneira — não me interessa. Ademais, a não-violencia nada tem que ver com a não-resistencia. E' justamente o contrario".

E baseado nos exemplos aninal tornados banais de Tolstol e Gandhi, ele acrescenta:

— "De qualquer forma, eu sou contra a legitimação da violencia".

Esta afirmativa, que lembra sua famosa formula politica — "nem victimas, nem carrascos".

— exprime a missão a que se propõe Albert Camus, a missão de levar aos seus contemporaneos, não apenas uma mensagem intelectual, mas sobretudo um novo estilo de vida.

A conferencia que será pronunciada esta noite, no auditorio do Instituto de Belas Artes pelo illustre escritor francês saído da "Resistencia", pode, pois, ser apresentada como um prolongamento de sua obra escrita e estamos certos de que os seus leitores apreciarão ainda mais a sua exposiçao oral e viva sobre esse problema tão actual quanto profundo: "A Europa e o Crime".

— A conferencia começará às 20.30 horas pontualmente, a fim de permitir a assistencia assistir também ao concerto do harpista Winters, cujo inicio será para tal fim, retardado.

### APENAS NA O FOVO"

de entrar na assuntos não npetições, mas a cada govero que pode ou indo um plano não estar quer a outro, tra- para terrenos que o governo menos seu ério da Viação, zer a sua de-

# TO DE 60 MILHÕES TURA NACIONAL

### guerra alista

quarta-feira, há haverá ren-

### ARA

u hoje seus residência do aprovando-se são anterior, ntre outros mensagem do ublica acom- o de del au- garantia do ao emprestir- ter contralido hidro-Elétrica com o Inter- leconstruction t, para a co- da maquina- e materiais- strução da- ca de Paulo

r foi o depu que fez um o problema a migração, s tempos do alidade. Em nsiderações, mos fazer, nização e a politica de tam- bem, de prou- a ge- e não excluir a

ado um vo- cimento do edreira, só- advogado e

gumas considerações sobre a obra que está sendo levada a efeito pela Cia. Hidro-Elétrica do São Francisco, para afirmar que o tecnico Marcondes Ferraz, um dos dirigentes, é, negativamente, uma das glorias da engenharia nacional.

Acrescentou que, através duma conferencia que assistiu em São Paulo, ficou perfeitamente convencido de que o trabalho que ali se está organizando, é de molde a causar não só admiração como orgulho para todo o Brasil.

Em seguida, o deputado Coelho Rodrigues, ocupando a tribuna, fez novas criticas à administração do Banco do Brasil, para sustentar que aquele estabelecimento, entrando sistematicamente o financiamento, põe a perder no Brasil todo o esforço que se fez e se possa fazer em prol do aumento da produção, de que tanto necessitam.

O pessimista maranhense Gregory Franco, voltou a falar sobre os recentes acontecimentos de que foi teatro o Maranhão, para focalizar de preferéncia a prisão do jornalista Neiva Moreira. Lembrou o orador que para a pratica dessa violencia, se invocou o nome do ministro da Justiça, que teria determinado a aludida prisão, em consequéncia da qual o redator- chefe do vespertino carioca "A Vanguarda" foi atraindo numa prisão comum, junto com la- drões e elementos inqualifica- veis.

Acrescentou depois que os parlamentares haviam telegra- fado ao ministro da Justiça, e que a ex- clia, em resposta, in- formara que não havia orde-

DR. CARLOS M. CARRION

O desastu de 15 anc

"Pare virand

QUITO 9 (I li, da Associa pequena "pont belecida entre ta do Equador, ma principal d abastecimentos da pelo terren sua os merdos, necessitam de Para uma das sentos, porém, i inolvidavel.

Pedro Chango indiana de qui dos sobrevivente esta agora recol tal Eugenio Est A viagem aerea e Quito foi par primeira oportu jar em um av- curto voo. Pedro unico que não ti de pessoas de Mantive-se, po- bem disposto, i todo instante, a encimados o q- os outros avistad- Alvaro eparelho m- Quedada. Foi- e se responden- da historia

Am- do de i encontra- quando alizeses quando começqu Pareu que o mu- rando de pernas. I vi- rulos estranh- terror e após um- rival. Depois de- congreso dos sentio que o ter suce- exto do mundo, poi- de a- encontrav- rido, quando em- se algum um verde- lagre- os meus- pend- com que- Nesta- entre duas e- lano- posico- pas- da- que- até que- An- local e- tu- interroga- durante

UTOM



## **DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 9-8-1949, contra-capá**

### **" - Julgo a liberdade o mais grave problema da vida moderna"**

René Char, o acontecimento da nova poesia francesa – Uma visita a Meneghetti – Harry Davis e a ONU, dois mitos de nosso tempo – Camus chega hoje a Pôrto Alegre

S. PAULO, 7 (Meridional) – Hospeda São Paulo o romancista e pensador francês Albert Camus. Uma das personalidades mais vigorosas da França contemporânea, Camus representa o que há de mais vivo e sedutor no pensamento de hoje. Antena poderosíssima, capta e transmite num estilo que o coloca entre os mestres da literatura de Racine, os comunicados empolgantes da aventura humana neste tempo varrido de tempestades.

De uma simplicidade encantadora, é um demônio de inteligência e sobriedade. Cáustico, suas palavras ferem rápidas e incisivas.

- "É muito fácil aos americanos que se mantiveram distantes do conflito perceber a profunda marca que as diversas formas de opressão deixaram na psicologia do europeu. O campo de concentração, cuja imagem dolorosa carregamos, foi vencido pelo desespero. Essa luta nos levou a verificar as profundas contradições em que se debate a sociedade. Como poderia o humanismo engendrar campos de tortura? Fomos, imediatamente-  
(Continua na 5ª Página)

(p. 5)

te, arrebatados pela revolta."

### **Revolta e liberdade**

Após a feijoada que o escritor Osvaldo de Andrade ofereceu a Camus em seu apartamento, conversam animadamente escritores e jornalistas. Camus caminha de um lado para o outro. O repórter insiste:

"Creio – diz o ensaísta francês – que o problema mais grave da atualidade é o da liberdade. Quem o compreende em toda a sua amplitude sabe que é condição indispensável ao progresso humano e a paz. E só os amigos da tirania, os diretores dos Campos de

Concentração podem estar a favor da guerra. Aos escritores cumpre alertar e lutar contra toda e qualquer espécie de escravidão. Essa a nossa tarefa."

### **O problema do crime**

Mencionou o repórter o último filme de Carlito, que tanto comentário provocou na imprensa de todo o mundo. À insinuação respondeu o entrevistado:

"O crime é uma revolta. Em "Monsieur Verdoux" não encontro semelhanças com o tema de "L'Étranger", não obstante tenham idêntico sentido na sua parte de crítica e negação. E não se pode esquecer que Carlito vai para a morte ladeado por dois policiais.

Não se pode esquecer que depois do estupendo progresso que representa a psicanálise, no campo da psicologia, a polícia política atingiu as formas mais requintadas de exploração psicológica."

### **Encontro com Meneghetti**

O automóvel caminhava para a Penitenciária. Osvaldo de Andrade expõe a "Antropofagia". Surge em debate a mulher. Camus exclama: "O mundo sem a mulher! Quel ennui! O mundo com a mulher! Quel ennui!"

Durante a visita à Penitenciária conversou Camus trinta minutos com Meneghetti. O sentenciado comunica claramente o seu pensamento sobre o problema do crime. Camus ouve: "Quem faz o criminoso é a sociedade. Calcula porventura o que significa para mim a liberdade? Depois de mais de vinte anos de cela, saí para a rua. Todos me indicavam e faziam comentários, nos bondes, nos cafés, no trabalho. Sabe por ventura o que é ser "cartaz" para todo o mundo? Não pude resistir à liberdade." Sente-se que o escritor se transforma. Ei-lo, novamente, em plena condição de revolta. O seu sorriso sarcástico vale por um discurso: lê, em voz entrecortada, o cartaz suspenso no corredor: "Otimismo". Um funcionário diz-lhe cordialmente: "A casa é sua." A ironia salta – "merci". Indaga da situação de Meneghetti. Informam-lhe. Camus pergunta: "Quem lhe poderia conceder indulto?..."

## **Mitos**

Sáimos do Presídio. Camus alude a mitos:

"Entre Garry Davis, o já famoso "cidadão do mundo" e a ONU, prefiro o idealismo ingênuo do primeiro, não obstante a utopia que encerra a afirmação de que a política deve ser de caráter exclusivamente internacional, combatendo atitudes nacionalistas e regionalistas. Pelo menos não assassina ninguém."

## **RenéChar**

Indaga o repórter da poesia francesa.

"René Char – diz Camus – é o maior acontecimento na poesia francesa depois de Rimbaud. É ele hoje o poeta na França que mais alto eleva o canto e maior riqueza humana comunica. E falando de poesia, estamos próximos do amor, a grande força que não se pode substituir nem pelo dinheiro, que é vil, nem pela infeliz coisa que chamam moral."

## **Contribuição de existencialismo**

Concluindo, afirma o autor de "L'Étranger":

"É um grave engano tratar com tanta leviandade uma pesquisa filosófica como é o existencialismo. Suas origens remontam a Santo Agostinho e a sua principal contribuição ao conhecimento está, sem dúvida, na riqueza impressionante de seu método. O existencialismo é sobretudo, um método. As semelhanças que costumam notar entre os trabalhos de Sartre e os meus, correm naturalmente, pela felicidade ou infelicidade de vivermos numa mesma época e em face de problemas e preocupações em comum."

## **Camus chegará hoje**

Albert Camus chegará hoje a esta capital, devendo pronunciar à noite uma conferência no Instituto de Belas Artes.





Camus, nascido em 1913, dinâmico, culto, experimentado pela luta cívica durante os anos de guerra, jornalista de imensa projeção, é, agora, o mais notável escritor da nova geração, conhecido no mundo inteiro com um pequeno número de obras, obras fundamentais para a compreensão do nosso mundo moderno.

A primeira obra notável de Camus foi o romance "L'Étranger", publicada em 1941, cuja expressão original surpreendeu os círculos literários pela clareza do drama de Meursault, o homem estrangeiro num mundo mentiroso e cruel. A seguir, imprimiu, durante a ocupação da França "Le Mythe de Sisyphe", ensaio filosófico, tratando do problema fundamental da nova geração, o valor e a significação da vida, a compreensão do mundo torturado pela violência. Eis que a violência é sempre a maior preocupação do pensamento de Camus.

Filósofo e romancista, Camus volta-se para o teatro e a temporada de 1945 marcou-se pelo ponto culminante da apresentação de sua peça "Calígula". O problema do absurdismo é ilustrado por um exemplo histórico, por um homem conhecido pela rara crueldade dos seus crimes. Violência, crimes, loucura, não só de um indivíduo, mas também da sociedade, problemas dolorosos ante a inteligência e sensibilidade de Camus. Outra peça, "Le Malentendu", indica com força a necessidade da franqueza e da honestidade na vida. Autor ou jornalista Camus situa-se na melhor das tradições da França. É também, e antes de tudo, um moralista. Como tal, analisa os males, os defeitos e as dificuldades da atual condição humana.

O último romance de Camus, datado de 1947, o famoso e extraordinário "La Peste", é o estudo mais comovente das tentativas dos homens contemporâneos, flagelados pela guerra, pelas epidemias, torturados pela brutalidade da morte, pela injustiça cega da Peste que mata os inocentes assim como os criminosos. Há páginas definitivas sobre a morte das crianças, as primeiras vítimas castigadas por causa dos crimes dos pais. Padres e médicos rivalizam em benevolência e sacrifício e esta é a esperança humana: a bondade.

A arte do autor está ao par do bem das idéias. Camus obteve assim, com justiça, prêmios literários e êxito extraordinário. A mensagem de Camus será entendida com fervor nesta Capital, cujos meios terão comunhão com o homem que, entrevistado há poucos, disse: "É preciso salvar a paz, salvar o homem da barbárie que o ameaça. Temos que tentar tudo isso, mesmo se duvidamos do nosso êxito. É de amor que a humanidade necessita."

Assim, espera-se com a maior expectativa a visita de Camus, cuja palavra a mais autorizada para exprimir aos homens do Brasil o sentido da nova geração francesa.

A Associação de Cultura Franco-Brasileira de Pôrto Alegre está de parabéns ao patrocinar a conferência a cargo de Camus a realizar-se hoje, às 20.30 horas, no Auditório do Instituto de Belas Artes, gentilmente cedido para esse fim. O orador versará sobre o tema "A Europa e o Crime".

### **Aviso importante**

A conferência começará às 20.30 horas pontualmente, a fim de permitir a assistência ao concerto do grande barítono negro Winters, no Teatro São Pedro, cujo início será retardado porcionalmente.



# PEDIDO DE CREDITOS ESPECIAIS

Importante mensagem enviada ontem pelo governador Jobim à Assembleia Legislativa — Cr\$ 50.000.000,00

O governador Vitor Jobim enviou ontem, à Assembleia Legislativa, acompanhado de inúmeras justificativas do secretário da Fazenda, vários pedidos de créditos especiais, num montante de Cr\$ 50.000.000,00, assim distribuídos:

1. — Secretaria da Fazenda — Cr\$ 15.000.000,00, destinados à atender as necessidades do Estado com as Prefeituras, de acordo com o art. 18 do Regulamento. O crédito estipula 15 milhões para esse fim, mas a contribuição total deve ser de 20 milhões, a maior, a 11.000.000,00 de cruzados, a ser cobrada da arrecadação da contribuição pedida.

2. — Secretaria do Interior — Cr\$ 1.000.000,00, para a restauração do edifício da Imprensa Oficial, destruído por um incêndio no ano passado.

3. — Secretaria das Obras Públicas — Cr\$ 200.000,00, para a construção da ponte sobre o rio São João, na proximidade de sua foz com o rio Uruguai, em Itaraí.

4. — Secretaria do Interior — Cr\$ 215.000,00, para a iluminação à Prefeitura de São João Gonzaga, pela construção da rede elétrica desta cidade.

5. — Universidade — Cr\$ 1.000.000,00, para a construção do edifício da Faculdade de Direito.

6. — Secretaria das Obras Públicas — Cr\$ 1.125.000,00, para a conclusão das obras: a) — do rio de S. Pedro — Cr\$ 115.000,00; b) — do rio de Cachoeira do Sul — Cr\$ 112.500,00; c) — do rio de Cachoeira do Sul — Cr\$ 144.478,00; d) — Pavilhão de Educação Física da Escola Normal "A. de Assis", em Foz de Iguaçu; e) — Pavilhão de Educação Física da Escola Normal "A. de Assis", em Foz de Iguaçu.

7. — Secretaria do Interior — Cr\$ 1.011,00, para a concessão de um crédito à Prefeitura Municipal do Tequari, em vista da comemoração do centenário de sua fundação.

8. — Secretaria da Fazenda — Cr\$ 2.500.000,00, para restituição aos municípios de acordo com o art. 18 da Constituição na 2.ª Parte.

# DIARIO DE NOTICIAS

ANO XXIV - F. ALEGRE, 2.ª FEIRA, 9/8/69 - PAG. 14



ALTO: Os imponentes "seduzidos" com suas luzosas vestes de demônio encarnado acompanham o formidável brasileiro e seus pares brancos e pretos do apartamento posicionar, embaixo, os dois brasileiros quando se apresentam a um pedreiro no momento de sua visita ao Vaticano.

# O ENVIADO DO ACORDO PARTIRÁ DE AVIÃO ÀS 8 HORAS, PARA S. BORJA

Intensa expectativa cerca a histórica conferência de amanhã entre o chefe do P.T.B. e o presidente do F.S.D. gaúcho

Já domingo, à noite, tinha-se conhecimento da resposta do sr. Getúlio Vargas à carta em que o sr. Cilon Rosa, como delegado do Acordo Interpartidário, solicitava ao chefe do trabalhismo gaúcho a ida e hora para a histórica consulta sobre o sucesso presidencial.

E, ontem mesmo, o sr. Cilon Rosa contratava um "Elctra" da Varig, a fim de voar, quarta-feira próxima, às 8 horas da manhã, com destino a Santos Reis, para se avistar com o sr. Getúlio Vargas.

O presidente do PTB respondeu imediatamente à carta do sr. Cilon Rosa, através de um cartão do qual foram portadoras, igualmente, os deputados trabalhistas da Paulicéia. Domingo, os parlamentares trabalhistas regressaram a Porto Alegre e, domingo seguinte, às 21 horas, o sr. Cilon Rosa recebeu o cartão-resposta do sr. Getúlio Vargas.

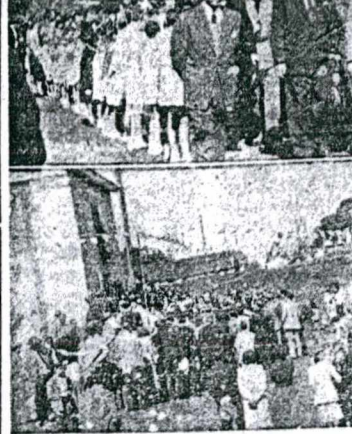
Nos últimos dias, o sr. Cilon Rosa tem sido assediado, telefonicamente, por representantes da imprensa carioca, curiosos em colher do emissário do Acordo Interpartidário, impressões acerca de uma conferência que está ainda por se realizar.

Entrando, a reportagem procedeu a um trabalho de sondagem dos meios políticos locais, a propósito da missão do sr. Cilon Rosa.

Outrora, assim, tanto entre péssocletores como entre trabalhistas, que não poderia ter sido mais feliz a escolha para este contato inicial com o sr. Getúlio Vargas, pois, em estado de poucos momentos reunem-se não só as grandes condições objetivas e subjetivas do sr. Cilon Rosa, geralmente respeitado e prestigiado no Rio Grande do Sul, como as condições de todas as correntes políticas.

Reina, porém, passível quanto ao estilo da consulta ao sr. Getúlio Vargas sobre o problema necessário. Enquanto, a um lado, os jornalistas péssocletores mostravam-se ligeiramente otimistas, os partidários do sr. Getúlio Vargas mostravam-se mais bem contrários e avessos a um simples entendimento.

Declarou-nos, a propósito, categorizado proferiu o seguinte: — É possível que resulte. (CONT. NA 6.ª PAGINA)



Em frente da visita do governador Vitor Jobim

# EM MARCHA O PLANO DE ELETRIFICAÇÃO FEITA DOMINGO PELO GOVERNO

LIGAÇÃO DE NOVA PETROPOLIS, CONTRA SAO LEOPOLDO-CAXIAS, CONTRA

NOVA PETROPOLIS e (De Ovidio Spier, correspondente do DIÁRIO DE NOTÍCIAS) — Pela terceira vez este distrito recebeu um governador do Estado. A visita do sr. Vitor Jobim, como o do presidente Ovidio Cordeiro de Farias, asinava um marco brilhante na vida deste distrito de CA principalmente porque, desta vez, a presença do chefe do Executivo asinava a ligação de Nova Petrópolis a São Leopoldo-Caxias, contra

# O PRESIDENTE E dos Contramestres CONTRA O CAPIT

O sr. Francisco Capin dos Contramestres, Marinho, viaja de Porto Alegre, sentindo feridas contra a sua pessoa por os seus capital, endereçou ao capitão dos Portos de São Paulo, Sr. Capitão de Capitania dos Portos do Est. Gaúcho.

O Sindicato dos Contra Transportes Fluviais de Porto Alegre, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

A atitude desagradável de 20 de julho do corrente, a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

Polícia raspa expostas, o uma representação contra o Sr. Capin, a fim de que cesse a irregularidade da navegação fluvial, pediu ao sr. Capin a suspensão de suas funções de 30 dias, com o intuito de atender a situação de emergência de São Paulo.

# Paz e fraternidade entre os povos, eis o caminho de Roma

A Itália aguarda o Ano Santo com quem espera a própria salvação — Origens do Ano Jubilar — As quatro finalidades principais do grande acontecimento no mundo católico

MONIZ PACHECO (Enviado especial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

ROMA, julho (Via SAS) — A menos de seis meses da abertura do próximo Ano Santo, anunciado por Pio XII na sua "Jubiläum Maximus" de 25 de maio passado, e cuja solenidade deverá realizar-se na véspera do Natal vindouro, a Cidade Eterna ativa os seus preparativos para receber e hospedar muitas centenas de milhares de peregrinos católicos, procedentes dos mais longos países, que virão participar das imponentes cerimônias inaugurais. Não somente nos meios eclesiais, mas por toda parte, no comércio, indústrias, hotéis, imprensa de transporte, mesmo nas ruas, sente-se a expectativa. É grande e o entusiasmo crescente, quanto mais se avizinha a arrojada solenidade. Debata-se em uma intensa, fervorosa, com a sua moda completamente desvalorizada, e a oferta superando um milhão de peças, de roupas, de tecidos, de artigos de romaria, resobram a Rua papal com uma ligação providencial, como uma promessa de redenção não somente espiritual, mas, também, de emancipação econômica, pois, certo é que o Ano Santo canalizará para a Itália somas astronômicas em moeda-curo, revitalizando, como uma providencial injeção de óleo motorizado, as fontes da produção do país, incrementando o seu comércio e surgimento, consequentemente, o atual nível de vida da população.

A fim de conhecer de perto as providências oficiais que vêm sendo adotadas para o completo êxito do Ano Santo de 1950, visitamos a sede do seu Comitê Central. Esse Comitê encontra-se instalado no famoso palácio Torlonia, nas proximidades da Cidade do Vaticano e especialmente cedido para tal fim pelo seu proprietário, príncipe Torlonia. O Comitê Central é presidido pelo monarca Valerio Valeri, que, na ocasião da nossa visita, estava ausente, em gozo de férias. Recebeu-nos o vice-presidente, monarca Sergio Pinigoldi, figura conhecida em toda América, cujas principais palestras já têm percorrido. Monarca Pinigoldi não somente pôs à nossa disposição o seu departamento de propaganda do Ano Santo, mas ainda nos forneceu as indicações necessárias para uma série de diligências, no

seus palácios foram rapidamente incluídas. "É muito difícil nos americanos que se mantiveram distantes do conflito por obra de uma profunda marca que as diversas formas de opressão deixaram na psicologia do seu povo. O tempo de concentração, sua imagem deturpada, carregada, foi vendida pelo desespero. Essa luz não levou a verificar as profundas condições em que se debate a sociedade. Como poderia, o homem máxime esquecer o tempo de guerra? Não, imediatamente

DR. CARLOS M. CARRION — oculista — Consultas das 14.00 às 18.00 horas De manhã, com hora marcada. Ed. Orla Irmãos, rua Dr. Flores 252

# HA TRES ANOS QUE CILON E GETULIO NAO SE AVISTAM

O sr. Cilon Rosa torna a se avistar com o sr. Getúlio Vargas após um intervalo de três anos, sendo que o último encontro entre os dois homens públicos teve lugar em Porto Alegre.

# O DIA POLITICO

- \* A visita da bancada do P.T.B. paulista a Santos Reis
- \* Podem dizer que em setembro irei ao Rio
- \* Uma pergunta ao sr. Cilon Rosa

Nem Vargas nem o P.T.B. têm compromissos com quem quer que seja — declara o líder trabalhista paulista Cassio Ciampolini

Mais uma visita política recebeu, sábado último, em São Borja, o sr. Getúlio Vargas, no vialar ao encontro do chefe do P.T.B. bancada trabalhista na Assembleia Legislativa de São Paulo.

Segundo em aviso especial da Varig, para São Borja, os deputados trabalhistas foram recebidos pelo sr. Getúlio Vargas na Granja São Vicente, de propriedade do deputado João Godard.

São os seguintes os deputados paulistas que estiveram, até o momento, em São Borja. (Continua na 2.ª Pagina)

# Estiveram reunidas para discutirem a situação política as bancadas do P.T.B. gaúcha, paulista e fluminense

As bancadas petebistas dos Estados de São Paulo e do Estado do Rio de Janeiro reuniram-se, ontem à noite, na biblioteca da Assembleia Legislativa, com os seus colegas da bancada gaúcha, a fim de discutirem aspectos da política trabalhista no cenário nacional.

A reunião teve início às 21 horas e terminou exatamente à meia-noite, e nela usaram da palavra o líder da bancada paulista, deputado Cassio Ciampolini, o da bancada fluminense, deputado Mario Fonseca, e o cel. José Diogo Brochado da Rocha, presidente da Assembleia Legislativa do Estado, que expuseram, sucessivamente, a situação do P.T.B. nos respectivos territórios, estudando, também, uma ação conjunta pró melhor organização e expansão do partido.

# ACABOU O SUPLICIO DA "FILA" NO I.A.P.I.

Apenas 95, de varias centenas, lograram o financiamento

Vementes apelos do governador Jobim e do sr. Domingos Spolidero à direção do IAPI para que suplemente a ridícula verba de 6 milhões destinada ao Rio Grande do Sul

Depois de 72 horas de longa espera, terminou o assustoso contator das contribuições. A "bicha" que teve início às 18 horas de 1.ª-feira, com a colocação em 1.º lugar do sr. Harry F. Seger, que há mais de 10 dias vinha "rodando" as portas daquele Instituto, terminou ontem às 16 horas, quando foi atendido o último candidato.

Distribuído fichas cor de rosa e verde, respectivamente para os pretendentes a financiamentos até 16 mil cruzados e superiores àquela importância, os funcionários do IAPI deram início ao recolhimento dos requerimentos.

Os ÚLTIMOS SERÃO OS FRIELOS. São velho cidadão popular. (Continua na 6.ª Pagina)

# JULGO A LIBERDADE O MAIS GRAVE PROBLEMA DA VIDA MODERNA

René Char, o acontecimento da nova poesia francesa — Uma visita a Meneghetti — Harry Davis e a ONU, dois mitos de nosso tempo — Camus chega hoje a Porto Alegre

S. PAULO, 7 (Meridional) — "Hosede São Paulo, o jornalista e pensador Albert Camus. Uma das personalidades mais vigorosas da França contemporânea. Camus representa o que há de mais vivo e sedutor no pensamento de hoje. Antiga solidariedade, agra e transmite sua mensagem que o coloca entre os mestres da literatura de nosso tempo, os comunicados empolpanos da aventura humana, neste tempo variado de tempestades.

De uma simplicidade encantadora, é um demônio de inteligência e seriedade. Interessante e nobre. (Continua na 14.ª Pagina)



DEPUTADO WALDY RODRIGUES não se conforma

# "GETULIO CANDIDA" DO P.T.B.

Declarações do deputado natural do Partido e baltista brasileiro e Presidência da República — disse Waldy Rodrigues, o jovem lutado gaúcho e Câmara u

Getúlio Vargas é o dileto natural do Partido e baltista brasileiro e Presidência da República — disse Waldy Rodrigues, o jovem lutado gaúcho e Câmara u



tituições aos municípios de acordo com o art. 18 da Cons-  
(Continua na 6.ª Pagina)



ALBERT CAMUS

AFIRMA ALBERT CAMUS

## - JULGO A LIBERDADE O MAIS GRAVE PROBLEMA DA VIDA MODERNA "

René Char, o acontecimento da nova poesia francesa  
— Uma visita a Meneghetti — Harry Davis e a  
ONU, dois mitos de nosso tempo — Camus chega  
hoje a Pôrto Alegre

S. PAULO, 7 (Meridional). — Hospeda São Paulo o romancista e pensador francês Albert Camus. Uma das personalidades mais vigorosas da França contemporânea, Camus representa o que há de mais vivo e sedutor no pensamento de hoje. Antena poderosíssima, capta e transmite num estilo que o coloca entre os mestres da literatura de Racine, os comunicados empolgantes da aventura humana neste tempo varrido de tempestades.

— De uma simplicidade encantadora, é um demônio de inteligência e sobriedade. Cauti-

co, suas palavras ferem rápidas e incisivas.

— "É muito difícil aos americanos que se mantiveram distantes do conflito perceber a profunda marca que as diversas formas de opressão deixaram na psicologia do europeu. O campo de concentração, cuja imagem dolorosa carregamos, foi vencido pelo desespero. Essa luta nos levou a verificar as profundas contradições em que se debate a sociedade. Como poderia o humanismo engendrar campos de tortura? Fomos, imediatamente

(Continua na 1.ª Pagina)

## A Itália aguarda o Ano Santo como qu- gens do Ano Jubilar — As quatro finali- mento no mundo católico

ROMA, julho (Via SAs) — A menos de se-  
abertura do próximo Ano Santo, anunciado por Pio  
"Jubilaeum Maximum" de 26 de maio passado, e  
dade deverá realizar-se na véspera do Natal vindou  
Eterna ativa os seus preparativos para receber e h-  
tas centenas de milhares de peregrinos católicos,  
dos mais longínquos países, que virão participar d-  
tes cerimônias inaugurais. Não somente nos mel-  
cos, mas por toda parte, no comércio, indústrias,  
presas de transporte, mesmo nas ruas, sente-se qu-  
tiva é grande e o entusiasmo crescente, quanto mai-  
a excepcional efemeride. Debatendo-se em uma  
rível, com a sua moeda completamente desvaloriza-  
superando em muitas vezes a procura, os italianos,  
cular os romanos, receberam a Bula papal com  
providencial, como uma promessa de redenção  
espiritual, mas, também, de emancipação econômica  
é que o Ano Santo canalizará para a Itália somas  
em moeda-ouro, revitalizando, como uma provide-  
de óleo canforado, as fontes de produção do país  
tando o seu comércio e aoerguendo, consequentem-  
nível de vida da população.

A fim de conhe-  
as providencias o  
vêm sendo adota-  
completo exito do  
de 1950, visitamos  
seu Comité Centra-  
mité encontra-se  
famoso palacio T-  
proximidades da C-  
tico e especialm-  
para tal fim pelo  
tario, principe T-  
Comité Central é p-  
lo mons. Valerio  
na ocasião da noss-  
tava ausente, em  
rias. Recebeu-nos  
dente, mons. Sergi  
figura conhecida  
America, cujos pri-  
ses já tem percorri-  
Pignedoli não son-  
nossa disposição o  
tamento de propaga-  
Santo, mas ainda n-  
as indicações neces-  
uma serie de divi-

DR.

Cons  
De  
Ed. C







**Hoje à noite a conferência do escritor Albert Camus**

Conforme já foi noticiado, realizarse-á hoje às 20:30 horas no Auditório do Instituto de Belas Artes a conferência do ilustre escritor francês Albert Camus. O filósofo e romancista autor da "Peste", intitulou a sua conferência de hoje "A Europa e o Crime". O festejado escritor, antes de se fazer ouvir, será saudado por Érico Veríssimo. Visto o extraordinário êxito das conferências pronunciadas no Rio de Janeiro e São Paulo, pode-se prever que a noite de hoje assinalará um dos maiores acontecimentos culturais de Porto Alegre. A entrada será franca, sendo convidados pela ACFB todos os interessados.

Por causa das exigências do seu programa, Albert Camus pronunciará uma só conferência em Porto Alegre e prosseguirá amanhã para Montevidéu. A oportunidade de ouvi-lo será assim única.

A conferência começará às 20:30 horas pontualmente, afim de permitir a assistência ao concerto do barítono Winters, cujo início será para tal fim retardado.



# HOJE À NOITE A CONFERÊNCIA DO ESCRITOR ALBERT CAMUS

Conforme já foi noticiado, realisar-se-á hoje às 20.30 horas, no Auditório do Instituto de Belas Artes, a conferência do ilustre escritor francês Albert Camus. O filósofo e romancista autor da "peste", internacional a sua conferência de hoje "A Europa e o Crime". O festejado escritor, antes de se fazer ouvir, será saudado por Erico Veríssimo. Visto extraordinário êxito das conferências pronunciadas no Rio de Janeiro e São Paulo, pode-se prever que a noite de hoje assinalará um dos maiores acontecimentos culturais

de Porto Alegre. A entrada será franca, sendo convidados pela ACFB todos os interessados. Por causa das exigências do seu programa, Albert Camus pronunciará uma só conferência, em Porto Alegre e prosseguirá amanhã para Montevideú. A oportunidade de ouvir-lo será assim única.

A conferência começará às 20.30 horas pontualmente, afim de permitir a assistência ao concerto do bariton Winters, cujo início será para tal fim, retardado.

# No Congresso de Estudantes só havia a bandeira da Russia

## Declarações de um grupo de representantes da Universidade Católica do Rio

RIO, 9 (F.T.) — A bandeira da Russia era a única existente na sede do Congresso de Estudantes da Bahia, recentemente se reuniu o XII Congresso Nacional de Estudantes, convocado pela União Nacional de Estudantes. Representantes da Universidade Católica desta capital dali saíram o pavilhão da folclore e do teatro, trazendo-o como troféu da luta travada entre estudantes demócratas e comunistas.

"Embora uma bandeira nacional cobrisse a mesa que presidiu o Congresso", declara à reportagem da "O Globo" o universitário Abelardo Alves de Moraes, presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica. "Não conseguimos que ela fosse imediatamente hasteada no recinto do auditório, apesar de aprovada uma moção, nesse sentido, feita por um representante do Paraná. Entretanto, um armário, na sede da U.E.B., encheu com flâmulas estudantis, encontramos a única bandeira ali existente — a da União Soviética." Enormo o acadêmico Carlos Henrique Fróes, representante da Facul-

dade de Direito da Universidade Católica, que durante o Congresso se observou, por parte de representantes comunistas, formal obediência aos interesses e à orientação da política soviética, evidenciando-se essa atitude pela existência, ali, da bandeira da U.R.S.S. e pelo teor dos discursos dos oradores comunistas. "Versaram êsses discursos — esclareceu — principalmente sobre temas referentes à democracia, liberdade, paz, petróleo e ataque às autoridades, temas sempre bendecidos e habitualmente usados pelos comunistas."

Referiu-se ainda o acadêmico Carlos Fróes a um ligeiro e pitoresco incidente ocorrido quando um orador comunista, discursando sobre liberdade de palavra, negou-se enfaticamente a conceder a um colega licença para um aparte.

"O fato não pôde deixar de causar hilaridade", concluiu — pois des cobriu claramente, por um momento ao menos, a insinceridade dos comunistas quando se referem a democracia e liberdade."

AMANHÃ  
QUARTA-FEIRA

CORTES e  
RETAHOS

Mudas  
**Quaspari**  
CORTES E RETAHS  
FABRICA DE CORTES E RETAHS



### OLHO CLINICO

# NAO TINHA ASPECTO DE "ESTACIO", MAS OS VIGARISTAS LHE TOMARAM QUASE Cr\$ 6.000,00!

Há vários dias que não se registra um caso de conto do bilhete nesta capital, dando ate a impressão de que os "obários" tivessem fiado mais espertos ou se que os "marteletes" houvessem seguido para outras plagas. Aconteceu, porém, que hoje pela manhã a nossa reportagem foi encontrar um cidadão, decentemente vestido, no plantão da Central de Polícia, falando calmamente com o delegado de serviço, dr. Ja. Luz, enquanto o escritor abria o termo de ouvir mais uma historia triste...

A reportagem de FOLHA DA TARDE, que estava próximo, preparou-se para ouvir o caso



# UM NOVO DRAMA



**A conferência de Albert Camus**

O numeroso público que acorreu ao Instituto de Belas Artes, ontem, à noite, viveu momentos de vibração intelectual que dificilmente serão esquecidos

"Pela sua experiência, pela sua lucidez, pelo seu expressivo talento, Albert Camus é o escritor da nossa época, sendo, por outro lado, muito mais que isso: êle é o escritor que a França esperava e, sem dúvida, aquele que o mundo dava a honra de esperar da França."

Estas palavras, escritas pelo Sr. Jean Roche, adido cultural francês em Pôrto Alegre, tiveram admirável confirmação, na noite de ontem, quando o público desta capital teve oportunidade de ouvir Albert Camus.

O auditório do Instituto de Belas Artes foi pequeno para acomodar o grande número de pessoas que ali acorrem para assistir a esperada conferência do famoso escritor francês, que falou sobre "A Europa e o Crime", proporcionando ao nosso público momentos de vibração intelectual que dificilmente serão esquecidos.

Nesta sua conferência, de fundamental importância, porque nela foram feridos, com lucidez e paixão, os problemas atuais do mundo civilizado, Albert Camus desenvolveu o seu pensamento filosófico, político e social, trazendo até nós não só a mensagem do autor que tem sido apontado como "o criador de um novo classicismo", mas também a mensagem de toda uma geração, aquela que saiu da Resistência.

Como ainda afirmou, com toda propriedade, o sr. Jean Rocha, "honesto até o escrúpulo, tão sincero quanto probo, tão claro quanto direto, Camus sabe tocar os outros homens com a sua mensagem: êle tem o dom de saber falar aos outros homens daquilo que os apaixona quando êles refletem e se mostram dignos desse grande nome".

Além do enorme público, a conferência do notável escritor francês foi prestigiada pelas figuras mais representativas do nosso meio literário e artístico e ainda pelas mais altas autoridades do Estado.

Às 20:30 horas, com todas as dependências do auditório do Instituto de Belas Artes literalmente tomadas, o ministro Guilhermino Cesar, presidente da Associação Cultural

Franco Brasileira, deu a palavra ao escritor Érico Veríssimo, que fez a apresentação do nosso ilustre visitante, num belo discurso pronunciado em francês.

A certa altura de sua expressiva oração, disse Érico Veríssimo:

"Porque vós, sr. Camus, vós pertenceis a uma idade nova e dramática. Vós sois uma das mais claras, mais belas e corajosas vozes da França de hoje, temporada na forja da Resistência. Vós representais, aos nossos olhos, o homem que, na frase de Matthew Arnold, se encontra oprimido entre um mundo que agoniza e um outro que nasce. É por tudo isso, sr. Camus, que eu quero vos dizer o quanto somos todos felizes, esta noite, de vos encontrar entre nós e sobretudo de vos ouvir. Eu bem sei que vós não necessitais do nosso assentimento e do nosso apoio para continuar a viver e a escrever, mas eu não posso deixar de vos dizer que enquanto nos chegam vossas admiráveis mensagens, é por elas, assim como pelas de outros homens de letras do mesmo valor, que nós julgamos esta grande França, objeto constante da nossa admiração e que nós amamos sobretudo pelas suas tradições de liberdade e de humanismo."

Mais adiante, disse Érico Veríssimo:

"Nós também temos consciência de estar vivendo instantes trágicos de todos os lados por causa da peste, e que grande número de homens de responsabilidade fazem causa comum com a peste bubônica, em vez de combatê-la. Bem como vosso admirável Dr. Rieux, sabemos que cada um de nós traz em si a peste, que desse mal ninguém está isento, e que devemos nos cuidar sem cessar, afim de que o sopro da nossa respiração não contamine os outros; e que o resto – santidade, integridade, pureza – é produto da vontade humana, duma vigilância que não se deve afrouxar, e que, finalmente, como existem sobre a terra pestilências e vítimas, de forma alguma devemos nos prestar a ajudar a propagação da peste".

Falou após, durante quase duas horas, o escritor Albert Camus, de cuja conferência publicaremos amplo resumo, nu-

(Continua na 4ª Página)

(p. 4)

ma de nossas próximas edições, mesmo porque se trata de um trabalho cuja beleza artística e profundidade de pensamento só poderá enriquecer a experiência de todas aquelas pessoas que se interessam pelas coisas da inteligência e pelos problemas do homem.

Com a sua memorável conferência de ontem à noite, Albert Camus encerrou o ciclo de palestras que vinha realizando no Brasil, devendo prosseguir viagem, na tarde de hoje, para Montevidéu, de onde seguirá em seguida para Santiago, em continuação à sua longa excursão pela América do Sul, em viagem de verdadeiro e criador intercâmbio cultural.

Com Albert Camus recebemos, realmente, a visita de um legítimo embaixador de tudo aquilo que a França tem de melhor e duradouro.



# CORREIO DO POVO

O JORNAL DE  
CIRCULAÇÃO DIÁRIA  
DO RIO GRANDE

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1949

## DOLARES FALSIFICADOS VENDIDOS NO BRASIL

### Em São Paulo que estejam envolvidas na falcatrua de dólares na capital paulista e no Distrito Federal

Após várias diligências, foi apreendido há dias, à rua Florencio do Albreu, quando vendia a um turista 800 dólares falsificados, o corretor de câmbio Araken Charion. De suas declarações ao Departamento de Investigações, ficou apurado que o chefe da quadrilha estava arindo no Rio de Janeiro. Em diligências efetuadas na mesma capital, foi preso ontem, Juarez Monteiro Guimarães, que tinha em sua residência, mais de dez milhões de dólares falsificados.

Transportado para São Paulo, Juarez Monteiro prestou declarações no inquérito efetuado a respeito, admitindo que ha muito tempo negociava com dólares falsos, recebendo o "dinheiro" do chefe do bando que agia na Argentina, e vendendo aqui no Brasil à base de 30 e 35 cruzeiros o dólar.

## COM PLOT CONTRA TITO

ROMA, 9 (C.P.) — O "Giornale di Trieste", publicado na zona sulada do território livre, declara que um complot contra o objetivo de acumular altos explosivos em Pola, sede o premier jugoslavo TITO deveria falar aos trabalhadores do distrito pela polícia. Adianta a notícia que o complot era relacionado com a tentativa de prisão de agente do Com. Infor, que se infiltraram na base naval jugoslava de Pola.

## OS COMUNISTAS PROVOCAM DISTURBIOS EM M. GERAIS

BELO HORIZONTE, 9 (C.P.) — A Polícia resolveu intervir na "Parada da Fome", anunciada pelos comunistas, procurando controlar-se com os seus dirigentes. Os comunistas não quiseram aceder em sustar a manifestação. Antes, insistiam em realizar a passeata "aux flammes" até o Palácio da Liberdade. Pondo-se em marcha, os manifestantes já haviam andado uns 50 metros pela Avenida Afonso Pena, quando novamente foram bordados pelos agentes da polícia.

Os comunistas reagiram e com as tochas que empunhavam e com os gritos, lutaram com os policiais, certa altura, confundindo-se e o espoucar dos fogos que os comunistas soltavam, ouviram-se os gritos de "viva" e "viva". Um dos proleitos atingiu a perseguidora da gra. Clotilde Araujo, que foi imediatamente transportada para o Pronto Socorro. No hospital de emergência, continua internada, a senhora

## URGÊNCIA NA CONCESSÃO DAS LICENÇAS DE IMPORTAÇÃO

RIO, 9 (C.P.) — Há dias o Centro da Federação das indústrias de São Paulo solicitou ao diretor da Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil a concessão urgente de licenças de importação, sugerindo a concessão de serem estabelecidas essas concessões em todas as fábricas, tendo em vista a fase difícil por que atravessa a indústria sulista. Estudando a sugestão, o diretor da Carteira recebeu a seguinte resposta: "A concessão de licenças de importação, a partir do dia 10 corrente, ou seja amanhã, já iniciada a concessão de licença. Ao que se informa, já numerosos os pedidos de licenças, não só procedentes de São Paulo como dos outros Estados, os quais são encaminhados a partir de amanhã."

## UNIÃO NACIONAL DE HOMENS DE COR

RIO, 9 (C.P.) — A União Nacional dos Homens de Cor, segundo declaração feita pelo seu presidente, sr. Plínio Coelho, pretende transformar-se em partido político, reunindo milhões de negros em todo o Brasil. "Friso o sr. Plínio Coelho que os preconceitos e discriminações raciais existem no Brasil, apesar da igualdade de direitos proclamados pela Constituição."



Albert Camus chegou ontem à tarde, sendo logo após recepcionado na Aliança Francesa, com um coquetel que teve o comparecimento de inúmeras figuras representativas dos nossos meios sociais, literários e artísticos. São dessa reunião os flagrantes que a nossa gravura reproduz.

## A CONFERENCIA DE ALBERT CAMUS

### O numeroso publico que ocorreu ao Instituto de Belas Artes, ontem, à noite, viveu momentos de vibração intelectual que dificilmente serão esquecidos

"Pela sua experiência, pela sua lucidez, pelo seu expressivo talento, Albert Camus é o escritor da nossa época, sendo, por outro lado, muito mais que isso: ele é o escritor que a França esperava e, sem dúvida, aquele que o mundo dava a honra de esperar da França."

Estas palavras, escritas pelo sr. Jean Koché, adido cultural francês em Porto Alegre, tiveram admirável confirmação, na noite de ontem quando o público desta capital teve oportunidade de ouvir Albert Camus. O auditorio do Instituto de Belas Artes foi pequeno para acomodar o grande número de pessoas que ali acorrem para assistir a esperada conferência do famoso escritor francês, que falou sobre "A Europa e o Crime", proporcionando ao nosso público momentos de vibração intelectual que dificilmente serão esquecidos.

Nesta sua conferência, de fundamental importância, por que nela foram feridos, com lucidez e paixão, os problemas atuais do mundo e da França. Albert Camus desenvolveu o seu pensamento filosófico, político e social, trazendo até nós não só a mensagem do autor que tem sido apontado como o criador de um novo claxicismo, mas também a mensagem de toda uma geração, aquela que salu da Resistência.

## Condolencias de S. Paulo ao ministro Mesquita

RIO, 9 (C.P.) — O ministro Adroaldo Mesquita de Albuquerque recebeu na tarde de ontem, em sua residência, a visita do presidente Eurico Dutra, que se apresentou pessoalmente para condolências por motivo do trágico desaparecimento de seu filho Antonio.

## As dificuldades financeiras do Departamento de Trabalho

O ministro Honorio Monteiro foca diversos problemas do Departamento de Trabalho.

RIO, 9 (C.P.) — O ministro Honorio Monteiro, palestrou ontem com os jornalistas e informou, então, que amanhã será iniciada as atividades da Comissão Especial presidida pelo sr. Dorval Lacerda, incumbida da regulamentação da profissão de jogador de futebol.

Respondendo a uma pergunta sobre a intervenção federal no Departamento Estadual de Trabalho de São Paulo, o ministro esclareceu que não se trata de intervenção, mas de um dispositivo do convenio, cuja denuncia fora solicitada ao Congresso. O Ministério trata que tomar as providências necessárias para o restabelecimento da Delegacia Honorária do Ministério do Trabalho naquele Estado, o que não se fez, acentuou, hoje ou amanhã, mas em época oportuna.

Informou depois, que na próxima quinta-feira levará ao presidente da República o projeto definitivo de regulamentação da lei do repouso semanal remunerado.

O problema imigratório veio à tona após a notícia de que o Conselho de Imigração estava sem recursos para atender à leva de imigrantes Italianos, esperados em nosso país.

O sr. Honorio Monteiro disse que era este um assunto do Conselho e não do seu Ministério. Manifestou, porém, sua opinião no sentido da elaboração dum plano de colonização e dum perfeita seleção de imigrantes destinados ao Brasil, a fim de se evitar a vinda de desajustados. O governo federal entrará em entendimentos com os governos dos Estados, para a colocação destes imigrantes não só no sul e no centro, mas também no norte do país, cogitando-se, mesmo, de

Continua na 4.ª pagina

## Aumentada de cinco milhões de cruzeiros a verba do I.A.P.I. destinada à

### Cerca de setenta associados serão beneficiados com o — Telegramas do sr. Alim Pedro, presidente do IAPI, governador do Estado e ao presidente da Camara Municipal

Não ha duvida de que mais uma vez ficou comprovado, pelo menos em parte, o velho adágio de que quem persevera sempre alcança. Desta feita foram os associados do IAPI que demonstraram a veracidade daquela assertiva.

Como é do conhecimento geral, tres dias antes de ser aberta a Carteira Imobiliária do IAPI, cerca de trezentos associados colocaram-se em fila indiana, em plena via pública, enfrentando as intemperies e todos os demais inconvenientes de tão penosa espera, no afã de conseguirem o financiamento de suas casas próprias. Desde o primeiro dia, ficou de conhecimento que apenas uma centena de associados, no máximo, alcançaria o que desejava, e isto pela pequena verba existente: 6 milhões de cruzeiros. Não obstante, os que ocupavam os lugares mais longínquos da "bicha" resolveram apanhar com o sacrifício que se impunham, na vaga e peraltosa de que algo acontecesse e que os membros do IAPI, segunda-feira, às 8 horas, se abrissem mais intensamente a porta de espera. Apesar de ter tido o tempo de espera aberto a Carteira Imobiliária para receber as propostas, pois a verba havia se esgotado. Porém, não



Albert Camus chegou ontem à tarde, sendo logo após recepcionado na Aliança Francesa, com um coquetel que teve o comparecimento de inúmeras figuras representativas dos nossos meios sociais, literários e artísticos. São dessa reunião os flagrantes que a nossa gravura reproduz.

## A CONFERENCIA DE ALBERT CAMUS

O numeroso publico que acorreu ao Instituto de Belas Artes, ontem, à noite, viveu momentos de vibração intelectual que dificilmente serão esquecidos

"Pela sua experiencia, pela sua lucidez, pelo seu expressivo talento, Albert Camus é o escritor da nossa época, sendo, por outro lado, muito mais que isso: ele é o escritor que a França esperava e, sem dúvida, aquele que o mundo dava a honra de esperar da França.

Estas palavras, escritas pelo sr. Jean Roche, adido cultural francês em Porto Alegre, tiveram admirável confirmação, na noite de ontem, quando o publico desta capital teve oportunidade de ouvir Albert Camus.

O auditorio do Instituto de Belas Artes foi pequeno para acomodar o grande numero de pessoas que ali acorrem para assistir a esperada conferencia do famoso escritor francês, que falou sobre "A Europa e o Crime", proporcionando ao nosso publico momentos de vibração intelectual que dificilmente serão esquecidos.

Nesta sua conferencia, de fundamental importancia, porque nela foram feridos, com lucidez e paixão, os problemas atuais do mundo civilizado, Albert Camus desenvolveu o seu pensamento filosofico, politico e social, trazendo até nós não só a mensagem do autor que tem sido apontado como "o criador de um novo classicismo", mas também a mensagem de toda uma geração, aquela que saiu da Resistencia.

Como ainda afirmou, com toda propriedade, o sr. Jean Roche, "honesto até o escrupulo, tão sincero quanto probo, tão claro quanto direto, Camus sabe tocar os outros homens com a sua mensagem: ele tem o dom de saber falar aos outros homens daquilo que os apaixonava quando eles refletiam e se mostram dignos desse grande nome".

Além do enorme publico, a conferencia do notavel escritor francês foi prestigiada pelas figuras mais representativas do nosso meio literario e artistico e ainda pelas mais altas autoridades do Estado.

Às 20.30 horas, com todas as

dependencias do auditorio do Instituto de Belas Artes literalmente tomadas, o ministro Guilherme Cesar, presidente da Associação Cultural Franco Brasileira, deu a palavra ao escritor Erico Verissimo, que fez a apresentação do nosso ilustre visitante, num belo discurso pronunciado em francês.

A certa altura de sua expressiva oração, disse Erico Verissimo:

"Porque vós, sr. Camus, vós pertenceis a uma idade nova e dramática. Vós sois uma das mais claras, mais belas e corajosas vozes da França de hoje, temporada na forja da Resistencia. Vós representais, aos nossos olhos, o homem que, na frase de Matthew Arnold, se encontra oprimido entre um mundo que agoniza e um outro que nasce. E' por tudo isso, sr. Camus, que eu quero vos dizer o quanto somos todos felizes, esta noite, de vos encontrar entre nós e sobretudo de vos ouvir. Eu bem sei que vós não necessitais do nosso assentimento e do nosso apoio para continuar a viver e a escrever, mas eu não posso deixar de vos dizer que enquanto nos chegam vossas admiraveis mensagens, é por elas, assim como pelas de outros homens de letras do mesmo valor, que nós julgamos esta grande França, objeto constante da nossa admiração e que nós amamos sobretudo pelas suas tradições de liberdade e de humanismo."

Mais adiante, disse Erico Verissimo:

### A CONFERENCIA DE ALBERT

"Nós também temos consciencia de estar vivendo instantes tragicos de todos os lados por causa da peste, e que grande numero de homens de responsabilidade fazem causa comum com a peste bubonica, em vez de combatê-la. Bem como vós admiravel Dr. Rieux, sabemos que cada um de nós traz em si a peste, que desse mal ninguém está isento, e que deve-

mos nos cuidar sem cessar, a fim de que o sopro da nossa respiração não contamine os outros; e que o resto — sanidade, integridade, pureza — é produto da vontade humana, duma vigilancia que não se deve afrouxar, e que, finalmente, como existem sobre a terra pestilencias e vitimas de forma alguma devemos nos prestar a ajudar a propagação da peste".

Falou após, durante quase duas horas, o escritor Albert Camus, de cuja conferencia publicaremos amplo resumo.

Continua na 4.ª pagina

## Aumentada de cinco a verba do I.A.P.

Cerca de setenta associados — Telegramas do sr. Alim P. nador do Estado e ao p

Não ha duvida de que mais uma vez ficou comprovado, pelo menos em parte, o velho adagio de que quem persevera sempre alcança. Desta feita foram os associados do IAPI que demonstraram a veracidade daquela assertiva.

Como é do conhecimento geral, tres dias antes de ser aberta a Carteira Imobiliaria do IAPI, cerca de trezentos associados colocaram-se em fila indiana, em plena via pública, enfrentando as intempéries e todos os demais inconvenientes de tão penosa espera, no afã de conseguirem o financiamento de

suas casas. No inicio, ficou que apenas o máximo, a sejava, e is ba existents zelros. Não pavam os l quos da "b carretar co se impunha ça de que a lhes viria : portões do às 8 horas, tensa torn por isso m se tornou rante oito. Carteira I ber as pro havia se es forme com to, a maior atendidos de que os pelo deleg tituto, dr. Moraes, qu procurou o

GRESSO NACIONAL MANTEVE PRESIDENTE DA REPUBLICA



tar o pleito  
a.

## IGREJA

qual se re-  
vista de D.  
São Paulo,

ria tive o-  
clar, larga-  
im discurso  
dativa pan-  
uma capita,  
comparati-  
tico-doutri-  
do illustre

mento con-  
o, posso di-  
sociais de  
um e valor  
ou confun-  
ca, no que

trabalhis-  
Igreja. Os  
entrevista,  
ar a aten-  
fazem na-  
mo genero,  
campam. O  
e a doutri-  
de tal for-  
sciencia do  
limonte es-  
a que vise  
ar e de-

Alem do  
ento çado

Vargas e  
ni fez ar-  
dos explo-  
rvas. mos-  
ta causa e  
se metiam.  
mais tala  
nacionada  
o compré-  
nais uma  
dores rea-  
lidade de  
reja com

alini, com  
u talento.

na Câmara de Vereadores,  
que constitue a maioria, dis-  
corda e não irá atender ao  
pedido formulado pelo pre-  
feito.



## A CONFERENCIA...

### Continuação da última pagina

ma das nossas proximas edições, mesmo porque se trata de um trabalho cuja beleza artistica e profundidade de pensamento só poderá enriquecer a experiencia de todas aquelas pessoas que se interessam pelas coisas da intelligencia e pelos problemas do homem.

Com a sua memoravel confe-  
rencia de ontem à noite, Albert  
Camus encerrou o ciclo de pa-  
lestras que vinha realizando no  
Brasil, devendo prosseguir via-  
gem, na tarde de hoje, para  
Montevideu, de onde seguirá em  
seguida para Santiago, em con-  
tinuação à sua longa excursão  
pela America do Sul, em viagem  
de verdadeiro e criador inter-  
cambio cultural.

Com Albert Camus recebemos,  
realmente, a visita de um legi-  
timo embaixador de tudo aqui-  
lo que a Franca tem de melhor  
e duradouro.

—oOo—

## NECROLOGIA

### ANTONIETA KARNAL DE BARROS

Faleceu, ontem, nesta cidade, à  
rua Espirito Santo, 66 onde se  
encontrava a passeio a sra. An-



**Expressiva recepção teve, em pôrto alegre, o famoso escritor francês Albert Camus**

Pretende voltar ao Brasil para, sem o compromisso de pronunciar conferências, conhecer melhor o povo brasileiro – O humano e o intelectual no autor de "La Peste" – Conferência no Instituto de Belas Artes: "A Europa e o Crime" – Viaja, hoje, para Montevidéu

Transitou, ontem, por Pôrto Alegre, o famoso escritor francês Albert Camus, que realiza uma viagem através de vários países da América Latina, pronunciando conferências e estreitando os laços culturalmente afins que unem Brasil e França.

Ao descer no aeroporto de Pôrto Alegre, ontem, pela manhã, foi o escritor francês recebido por personalidades do mundo oficial, entre os quais o representante do governador do Estado, e crescido número de intelectuais.

À tarde, com a presença de figuras das nossas letras e elementos da colônia francesa aqui radicada, o autor de "La Peste" foi recepcionado pela Associação de Cultura Franco-Brasileira.

Agradável e inteligente palestra estabeleceu-se, então entre o fulgurante pensador gaulês e os presentes.

**Deseja voltar ao Brasil**

Irradiante de simpatia, profundamente humano, o autor de "Calígula" palestrou ligeiramente com o representante do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* e expressou a sua alegria em conhecer o Brasil.

Lamentou, entretanto, que tantos compromissos o tivessem impedido, durante esta viagem, de entrar em contato mais íntimo com o povo brasileiro, suas coisas e seus costumes. Prometeu, entretanto, que na primeira oportunidade regressará ao Brasil, para, então, desobrigado de pronunciar conferências, misturar-se com o povo brasileiro. Disse ser esse, agora, um de seus mais ardentes desejos.

Mais um pensador do que propriamente um romancista, Albert Camus fala, com fluência verdadeiramente fascinante e num francês muito singelo, sobre o mundo, seus problemas e seus dramas. O traço marcante do pensamento do ilustre escritor francês – sua

profunda humanidade -, revela-se, então, em toda a sua plenitude, encantando os presentes. Camus refere-se à técnica, o ridículo de se pretender endeusá-la e mostra a necessidade de nos humanizarmos, fugindo ao embrutecimento a que somos jogados quotidianamente. O "homem" e o "humano" são o centro de gravitação do pensamento do escritor francês.

### **Conferência no Instituto de Belas Artes**

À noite, considerável público reuniu-se no salão de conferências do Instituto de Belas Artes, a fim de ouvir a palavra do escritor francês.

À cabeceira da mesa, tomaram assento, além do representante do governador do Estado, os escritores Érico Veríssimo, Moisés Vellinho, Manoelito de Ornelas e numerosas outras figuras dos nossos meios literários.

A sessão foi presidida pelo escritor Guilhermino César, presidente da Associação de Cultura Franco-Brasileira. Inicialmente, o escritor Érico Veríssimo, em nome da intelectualidade gaúcha, saudou o ilustre visitante, salientando a simpatia em que é tida, entre nós, a obra de Camus e como persiste, no Brasil, a fascinação que sobre os brasileiros sempre exerceram a cultura e o espírito luminosos da França.

Albert Camus, a seguir, desenvolveu o tema "A Europa e o Crime", em conferência brilhante que durou cerca de mais de duas horas. Conferencista de mão cheia, verdadeiramente capaz de encantar espiritualmente qualquer auditório, Albert Camus estudou, desde as suas origens, o crime na Europa e situou as diversas correntes na apreciação daquele fenômeno sócio-penal.

Hoje, pela manhã, o escritor francês deverá seguir para Montevidéu, onde pronunciará uma série de conferências. Deixa, em Pôrto Alegre, uma impressão profunda e leva, segundo disse, ontem, ao repórter, uma comovida recordação do Brasil e dos brasileiros.

### **Opiniões**

Sobre a brilhante conferência que o escritor francês Albert Camus pronunciou ontem, no Auditório Tasso Correia do Instituto de Belas Artes, a reportagem do *Diário de Notícias*, colheu as seguintes impressões, que dizem bem do sucesso maiúsculo que coroou a iniciativa da Associação Cultural Franco-Brasileira:

**Moisés Vellinho** – "Pôrto Alegre, a meu ver, nunca teve oportunidade de ouvir nada de tão vivo conteúdo humano e que traduzisse com tanta crueza e verdade os problemas do homem universal."

**Ghilhermino César** – "Lamento que nem todos os homens públicos, educadores e homens de pensamento deste país, pudessem ouvir dos lábios de Camus, uma rude verdade, necessária ao mundo torturado dos nossos dias."

**Érico Veríssimo** – "Uma das mais notáveis conferências a que tenho assistido. Camus definiu perfeitamente a missão do escritor de nosso tempo."



## EXPRESSIVA RECEPÇÃO TEVE, EM PORTO ALEGRE, O FAMOSO ESCRITOR FRANCÊS ALBERT CAMUS

Pretende voltar ao Brasil para, sem o compromisso de pronunciar conferências, conhecer melhor o povo brasileiro — O humano e o intelectual no autor de "La Peste" — Conferência no Instituto de Belas Artes: "A Europa e o Crime" — Viaja, hoje, para Montevideu

Transitou, ontem, por Porto Alegre, o famoso escritor francês Albert Camus, que realiza uma viagem através de vários países da América Latina, pronunciando conferências e estreitando os laços culturalmente afins que unem Brasil e França.

Ao descer no aeroporto de Porto Alegre, ontem, pela manhã, foi o escritor francês recebido por personalidades do mundo oficial, entre os quais o representante do governador do Estado, e crescido número de intelectuais.

A tarde, com a presença de figuras das nossas letras e elementos da colônia francesa aqui radicada, o autor de «La Peste» foi recepcionado pela Associação de Cultura Franco-Brasileira.

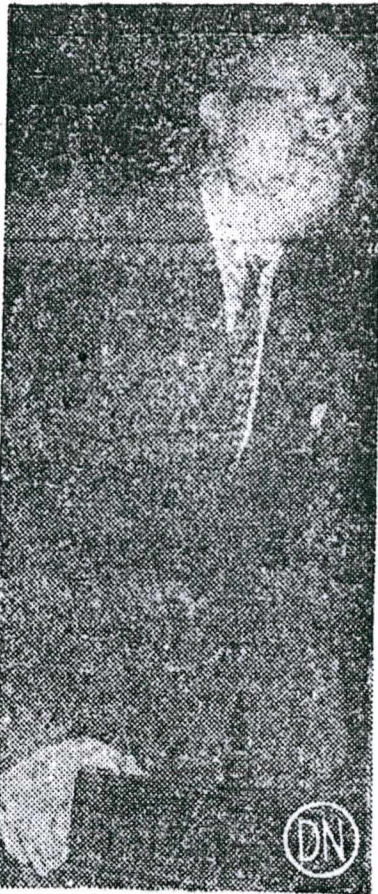
Agradável e inteligente pela lestra estabeleceu-se, então, entre o fulgurante pensador gaulês e os presentes.

### DESEJA VOLTAR AO BRASIL

Irradiante de simpatia, profundamente humano, o autor de «Calígula» palestrou ligeiramente com o representante do DIÁRIO DE NOTÍCIAS e expressou a sua alegria em conhecer o Brasil.

Lamentou, entretanto, que tantos compromissos o tivessem impedido, durante esta viagem, de entrar em contato mais íntimo com o povo brasileiro, suas coisas e seus costumes. Prometeu, entretanto, que na primeira oportunidade regressará ao Brasil, para, então, desobrigado de pronunciar conferências, misturar-se com o povo brasileiro. Disse, porém, esse, agora, um de seus mais ardentes desejos.

Mais um pensador do que propriamente um romancista, Albert Camus fala, com fluência verdadeiramente fascinante e num francês muito singular, sobre o mundo, seus problemas e seus dramas. O traço marcante do pensamento do ilustre escritor francês — sua profunda humanidade — revela-se, então, em toda a sua plenitude, encantando



Albert Camus, quando proferia sua conferência no Instituto de Belas Artes.

«homens de pensamento deste país, pudessem ouvir dos lábios de Camus, uma rude verdade, necessária ao mundo torturado dos nossos dias».

ÉRICO VERÍSSIMO —  
«Uma das mais notáveis

### Instalou-se no Rio a 3.ª Conferência de Técnicos em Contabilidade

RIO, 9 (Meridional) — Sob a presidência do ministro da Fazenda, instalou-se, a tarde, a 3.ª Conferência de Técnicos em Contabilidade Pública e Assuntos Fazendários. Da reunião participaram também o ministro da Justiça, delegados dos Estados e Territórios. Inicialmente, o sr. Valentim Bouças, em longa oração, focalizou os objetivos que se propõe a Conferência. Após outras considerações, disse o orador:

«Podemos lançar desde já as bases de uma próxima conferência sobre legislação tributária, cujos estudos já foram iniciados e que poderão ter imediato prosseguimento, contribuindo de modo decisivo para uma maior harmonia de interesses e completa consolidação econômica da Federação Brasileira».

Em seguida, o ministro da Fazenda teve ocasião de dizer, após também referir-se às finalidades da Conferência:

«É pensamento do governo tudo empreender no sentido de acrescer a arrecadação sem contudo onerar os contribuintes com quaisquer majorações de impostos, taxas e outras contribuições fiscais».

O delegado de Alagoas, sr. José Lopes Duarte, aludindo à situação no seu Estado, formulou um apelo em favor dos nossos sertanejos, clamando por medidas que venham em seu socorro.

### Visita do secretário do Interior ao DPM

Continuando na série de visitas que vem efetuando aos órgãos subordinados à Secretaria do Interior, o sr. Oscar Fontoura, ontem às 15,30 horas, visitou o Departamento das Prefeituras Municipais, onde, acompanhado pelo sr. Francisco Juruena, diretor daquele departamento, realizou meticulosa inspeção aos serviços do DPM, colhendo ótima impressão.

conferências a que tenho assistido. Camus definiu perfeitamente a missão do escritor de nosso tempo».

## Agitada a capital de São Paulo...

(Continuação da última pag.)

comunistas resolveram insistir na realização de comícios e conferências sobre o Movimento da Paz. Por meio de boletins espalhados pela cidade, anunciaram os interessados, entre outras manifestações, uma conferência que se realizará

jornalista, preso e autuado em flagrante, foi Elias Chaves Neto, que, em companhia do engenheiro e ex-parlamentar comunista Catulo Branco, do interior do automóvel chipa P-1-33-05, que transitava pela rua 12 de Outubro, também distribuía semelhantes boletins

ATENDIDO

MAIS A CASA

Hoje, templo Índio

Surtiram os veementes presidente do Industrialista Jobim e pelo Camarã de Domingos cedida uma cinco milheiro de sala milheiro da industrialista.

Ontem à t do Rio a Indica de que o presidente do ra à delegação de Instituto. Ouvido pela gem, o dr. B. Moraes, del confirmou a para os indu. Acrescentou comunicação, lin Pedro, d pouco depois.

O dr. Bras que a nova bulda entre as fichas, que f atendidos no teira Imobili não haverá a ganização de. «Os interea guiu o delega IAPI — será grupos, a par (dia 10), que Quem não con

credenciais do nista como d ferência da P ção se anunci gre. Entre o Mario Verdum tins Junqueira varro Rojas, Santos e Mig

ELEMENTO

Ainda no lo des prenden dãos que se mados, uma de de faca, com borracha e como cassete com pedacos tra esse de rado por esse



...esse, agora, um de seus  
mais ardentes desejos.

Mais um pensador do que  
propriamente um romancista,  
Albert Camus fala, com flu-  
idez e num francês muito  
sencilho, sobre o mundo, seus  
problemas e seus dramas. O  
traço marcante do pensamen-  
to do ilustre escritor francês  
— sua profunda humanidade  
— revela-se, então, em toda  
a sua plenitude, encantando  
os presentes. Camus refere-  
se à técnica, e ridiculou de se  
pretender endeusá-la e mostra  
a necessidade de nós humani-  
stas, fugindo ao embrute-  
cimento a que somos jogados,  
cotidianamente. O homem  
e o humano são o centro de  
gravitação do pensamento do  
escritor francês.

### CONFERENCIA NO INSTI- TUTO DE BELAS ARTES

A noite, considerável públi-  
co reuniu-se no salão de co-  
ferências do Instituto de Be-  
las Artes, a fim de ouvir a  
palestra do escritor francês.  
A cabeceira da mesa, to-  
maram assento, além do re-  
presentante do governador de  
Estado, os escritores Erico Ve-  
lissimo, Moisés Vellinho,  
Manoelito de Ornelas e núme-  
rosas outras figuras dos nos-  
sos meios literários.

A sessão foi presidida pelo  
escritor Guilhermino Cesar,  
Presidente da Associação de  
Cultura Franco-Brasileira. Ini-  
cialmente, o escritor Erico Ve-  
lissimo, em nome da inte-  
lectualidade gaúcha, saudou o  
ilustre visitante, salientando  
a simpatia em que é tida, en-  
tre nós, a obra de Camus e  
como persiste, no Brasil, a  
fascinação que sobre os bra-  
sileiros sempre exerceram a  
cultura e o espírito luminosos  
da França.

Albert Camus, a seguir, de-  
senvolveu o tema "A Europa  
e o Crime", em conferência  
brilhante que durou cerca de  
mais de duas horas. Confe-  
rencista de mão cheia, ver-  
dadeiramente capaz de encan-  
tar espiritualmente qualquer  
auditorio, Albert Camus estu-  
dou, desde as suas origens, o  
crime na Europa e situou as  
diversas correntes na aprecia-  
ção daquele fenomeno socio-  
psicológico.

Hoje, pela manhã, o escri-  
tor francês deverá seguir pa-  
ra Montevideo, onde pronun-  
ciará uma série de conferên-  
cias. Deixa, em Porto Ale-  
gre, uma impressão profunda  
e leva, segundo disse, ontem,  
ao reporter, uma comovida re-  
cordação do Brasil e dos bra-  
sileiros.

### OPINIÕES

Sobre a brilhante conferên-  
cia que o escritor francês Al-  
bert Camus pronunciou ontem,  
na Auditorio Tasso Correia  
do Instituto de Belas Artes, a  
reportagem do DIÁRIO DE  
NOTÍCIAS, colheu as seguin-  
tes impressões, que dizem bem  
do sucesso maldicido que co-  
rou a iniciativa da Associação  
Cultural Franco-Brasileira:

**MOISÉS VELLINHO** —  
"Porto Alegre, a meu ver, nun-  
ca teve oportunidade de ouvir  
nada de tão vivo conteúdo hu-  
mano e que traduzisse com  
tanta cruz e verdade os pro-  
blemas do homem univer-  
sal".

**GUILHERMINO CEZAR** —  
"Lamento que nem todos os  
homens públicos, educadores

## Agitada a capital de São Paulo...

(Continuação da última pag.)  
comunistas resolveram insistir  
na realização de comícios e  
conferências sobre o Movimen-  
to da Paz. Por meio de boletins  
espalhados pela cidade, a-  
nunciaram os interessados, en-  
tre outras manifestações, uma  
conferência, que se realizaria  
no Clube Escandinavo, situado  
à rua Nestor Pestana, proximi-  
dades da rua da Consolação.

O diretor do DOPS, sr. El-  
pidio Reali imediatamente  
chamou ao seu gabinete o pro-  
prietário do prédio, informan-  
do-o de que se tratava de mo-  
vimento comunista. Depois de  
alegar que ignorava o verda-  
deiro objetivo da conferência,  
quando cedera o prédio, o re-  
ferido cidadão concordou em  
voltar atrás, recusando a ces-  
são do club, cujas portas fe-  
chou.

### PROVIDENCIAS DA POLICIA

Com o objetivo de prevenir  
possível alteração da ordem  
publica, o diretor do DOPS, de  
conformidade com instruções  
do secretario da Segurança Pu-  
blica, general Scarcela Portela,  
efetuou, em toda a cidade e  
no interior do Estado, intenso  
policiaemento preventivo, para  
o que lançou mão de todos os  
recursos, como a Força Públi-  
ca e elementos da Policia Civi-  
l. Para o Clube Escandinavo,  
a referida autoridade designou  
os delegados adjuntos Arnaldo  
Pires de Camargo, Francisco  
Ielo, Palma Rocha, Palm Pin-  
to, Hugo Riheiro e Leopoldo  
Mendes da Costa. Para outros  
locais, ficou de sobreaviso o  
delegado Paulo Rangel. Nu-  
merosos investigadores e sol-  
dados da Força Publica man-  
tiveram rigoroso policiaemento  
em torno do prédio do Clube  
Escandinavo, impedindo o ace-  
so de qualquer pessoa. Nas  
imediasções também foram con-  
centrados reforços policiaes.

### 146 PRISÕES

Cerca das 19 horas, antes,  
portanto, da hora anunciada  
para a realização da conferên-  
cia, à rua Nestor Palma aflui-  
ram inúmeras pessoas. As au-  
toridades, incontinenti, trata-  
ram de impedir a aglomeração,  
do que resultaram ligeiros atri-  
tos e protestos contra a ação  
policia. Na eminencia de per-  
turbacão da ordem, pois os a-  
nimos já se mostravam exalta-  
dos, verificando-se correrias e  
apupos, a Policia passou a  
efetuar prisões, que atingiram  
o total de 146, segundo fomos  
informados no DOPS. A maio-  
ria dessas prisões, de carater  
puramente preventivo, foram  
relaxadas horas depois, pelo  
proprio diretor do DOPS, sr.  
Elpidio Reali.

### FIGURAS PROEMINENTES DO ANTIG P. C. B.

Entre as prisões efetuadas  
pela Policia de Ordem Politi-  
ca, a reportagem anotou a de  
proeminentes figuras do ex-  
tinto Partido Comunista.

O médico e jornalista Osorio  
Cesar foi preso em flagrante,  
quando do alto de um prédio  
de apartamentos da ave-  
nida São João, atirava à rua  
boletins sobre o movimento da  
paz. Conduzido ao DOSP, Osorio  
Cesar foi autuado. Outro

jornalista, preso e autuado em  
flagrante, foi Elias Chaves Ne-  
to, que, em companhia do en-  
genheiro e ex-parlamentar co-  
munista Catulo Branco, do in-  
terior do automovel chupa P-  
1-33-05, que transitava pela  
rua 12 de Outubro, também  
distribuiu semelhantes boletins.  
Por identico motivo, foram  
presos em flagrante o corretor  
Flavio Botelho, o engenheiro  
arquiteto Roger Henri Wells,  
José Fretine, Constantino Val-  
verde e José Filho. Os dois pri-  
meiros distribuíam boletins na  
Avenida Jabaquara, em fren-  
te à Igreja de São Judas Ta-  
deu, do interior do automovel  
chupa P-2-01-34, enquanto os  
demais o faziam na Avenida  
Rangel Pestana, no auto A...  
4-36-15. Ainda foi detido o  
ator comico Jo radio e do ci-  
nema Luiz Calazans. O conhe-  
cido Jararaca. Este artista, que  
as autoridades policiaes consi-  
deram comunista, horas depois  
da prisão foi posto em liberda-  
de.

### DELEGADOS DO PARTIDO A CONFERENCIA DE POR- TO ALEGRE

Pelo delegado Arnaldo Pires  
de Camargo, foram presos, em  
frente ao Clube Escandinavo,  
todas as cidadões que, ao se-  
rem revistados pelas autorida-  
des, tinham em seu poder as

## Brilhantes, oportuna

(Continuação da última pag.)  
foi particularmente o que a-  
companhei, sendo mesmo re-  
lator substituto em vista de o  
relator efetivo, dr. Alvaro  
Souza Lima, achar-se preso,  
no inicio, ao Congresso Pan  
Americano de Engenharia, on-  
de representava o Brasil, co-  
lhi magnifica impressão.

De um modo geral o traba-  
lhos dessa 3ª Comissão foram  
muito elucidativos por terem  
sido ventilados pelos interessa-  
dos diretos das classes produ-  
toras, os principais problemas  
que embaraçam ou afligem a  
nossa produção no setor dos  
transportes. Foram apontadas  
muitas deficiencias e examina-  
das metulosamente numero-  
sas faces deste grande proble-  
ma, porque, ao par dos repre-  
sentantes diretos da produção,  
os utilizadores dos tranportes,  
as principais delegações se fi-  
zeram acompanhar por asses-  
sores tecnicos, engenheiros li-  
gados ao ramo o que permitiu  
fosssem os assuntos debatidos  
e estudados a luz dos pontos  
de vista às vezes divergentes  
dos responsáveis tecnicos e ad-  
ministrativo e dos utilizadores,  
diretamente interessados na  
melhoria dos serviços.

E' interessante notar que às  
vezes ao serem iniciados os de-  
bates sobre determinado ponto,  
tudo indicava que se ia desen-  
har uma dissensão irreconcili-  
avel entre estes responsáveis  
e os utilizadores. Decorria o  
debato, entretanto conduzia  
quase que invariavelmente a  
uma conclusão praticamente  
unanime. Isto mostra bem o  
quanto são uteis estas confe-  
rencias que aplainam dificul-  
dades e apontam, aos governos,  
riscos seguros para a solução  
dos principais problemas que

**DR. MIGUEL SALDANHA**  
CLINICA ESPECIALIZADA em  
**PIORREIA**

**DR. MUCIO SIRCHIS**  
CIRURGIÃO-DENTISTA  
Pontes Móveis e Dentaduras — Protese Imediata. — Con-  
sultas: 2.as, 4.as e 6.as das 14,30 às 18,30 — Consultó-  
rio: Ed. Grau — Andradas, 1617 - 1617 — Sala 38 - 5.ª A.



### **3. CONTOS**

Infirme aussi, complice et bruyant, n'ai-je pas crié parmi les pierres? Aussi je m'efforce d'oublier, je marche dans nos villes de fer et de feu, je souris bravement à la nuit, je hèle les orages, je serai fidèle. J'ai oublié, en vérité, actif et sourd, désormais. Mais peut-être un jour, quand nous serons prêts à mourir d'épuisement et d'ignorance, pourrai-je renoncer à nos tombeaux criards, pour aller m'étendre dans la vallée, sous la même lumière, et apprendre une dernière fois ce que je sais. »

1953

J'ai grandi dans la mer et la pauvreté m'a été fastidieuse, puis j'ai perdu la mer, tous les luxes alors m'ont paru gris, la misère intolérable. Depuis, j'attends. J'attends les heures du retour, la maison des eaux, le jour limpide. Je patiente, je suis poli de toutes mes forces. On me voit passer dans de belles rues savantes, j'admire les paysages, j'applaudis comme tout le monde, je donne la main, ce n'est pas moi qui parle. On me loue, je rébe un peu, on m'offense, je m'étonne à peine. Puis j'oublie et souris à qui m'outrage, ou je salue trop courtoisement celui que j'aime. Que faire si je n'ai de mémoire que pour une seule image ? On me somme enfin de dire qui je suis. « Rien encore, rien encore... »

C'est aux enterrements que je me surpasse. J'excellé, vraiment. Je marche d'un pas lent dans des banlieues fleuries de jirraillés, j'imprime de larges allées, plantées d'arbres de ciment, et qui conduisent à des trous de terre froide. Là, sous le pontement à peine rougi du ciel, je regarde de hardis compagnons inhummer mes amis par trois mètres de fond. La fleur qu'une main glaiseuse me tend alors, si je la jette, elle ne manque jamais la fosse. J'ai la pitié précise, l'émotion exacte, la nique convenablement inclinée. On admire que mes paroles soient justes. Mais je n'ai pas de mérite : j'attends.

J'attends longtemps. Parfois, je trébuche, je perds la main, la réussite me fuit. Qu'importe, je suis seul alors. Je me réveille ainsi, dans la nuit, et, à demi endormi, je crois entendre un bruit de vagues, la respiration des eaux. Réveillé tout à fait, je reconnais le vent dans les feuillages et la rumeur malheureuse de la ville déserte. Ensuite, je n'ai pas trop de tout mon art pour tacher ma détresse ou l'habiller à la mode.

D'autres fois, au contraire, je suis aidé. A New York, certains jours, perdu au fond de ces puits de pierre et d'acier où errent des millions d'hommes, je courrais de l'un à l'autre, sans en voir la fin, épuisé, jusqu'à ce que je ne fusse plus soutenu que par la masse humaine qui cherchait son issue. J'étouffais alors, ma panique allait crier. Mais, à chaque fois, un appel lointain de remorqueur venait me rappeler que cette ville, citerne sèche, était une île, et qu'à la pointe de la Battery l'eau de mon bap-tême m'attendait, noire et pourrie, convertie de lièges creux.

*Ainsi, moi qui ne possède rien, qui ai donné ma forme qui campe auprès de toutes mes maisons, je suis pour comble quand je le veux, j'appareille à toute heure, le dévot m'ignore. Point de patrie pour le désespéré et moi, je suis la mer me précède et me suit, j'ai une folie toute prête. Ceux s'aiment et qui sont séparés peuvent vivre dans la douleur, ce n'est pas le désespoir : ils savent que l'amour existe. Pourquoi je souffre, les yeux secs, de l'exil. J'attends en Un jour vient, enfin...*

Les pieds nus des matins battent doucement le pont. Nous partons au jour qui se lève. Dès que nous sommes sortis du port, un vent court et dru brosse vigoureusement la mer qui se réveille en petites vagues sans écuma. Un peu plus tard, le vent fraîchit et sème l'eau de canalis, aussitôt disparus. Ainsi, toute la matinée, nos voiles claquent au-dessus d'un joyeux vivier. Les eaux se fourdent, écailleuses, couvertes de baves fraîches. Un temps en temps, les vagues jappent contre l'étrave, une écume amère et onctueuse, salive des dieux, coule long du bois jusque dans l'eau où elle s'éparpille en volutes sans mourants et renaissants, pelage de quelque valet bleue et blanche, bête fourbue, qui dérive encore longtemps derrière notre sillage.

Depuis le départ, des mouettes suivent notre navire sans effort apparent, sans presque battre de l'aile. Leur navigation tétiligne s'appuie à peine sur la brise. Un d'un coup, un plouf brutal au niveau des cuisines jette l'alarme gourmande parmi les oiseaux, saccage leur beau tournoient follement en tous sens puis, sans rien dire de leur vitesse, quittent l'une après l'autre mêlée pour piquer vers la mer. Quelques secondes après les voilà de nouveau réunies sur l'eau, basse-cour puteuse que nous laissons derrière nous, nichées creux de la houle qui effeuille lentement la manne détritrus.

À midi, sous un soleil assourdissant, la mer se sou-

peine, exténuée. Quand elle retombe sur elle-même, elle fait siffler le silence. Une heure de cuisson et l'eau sale, grande plaque de tôle portée au blanc, grésille. Elle grésille, elle fume, brûle enfin. Dans un moment, elle va se retourner pour offrir au soleil sa face humide, maintenant dans les vagues et les ténébres.

Nous passons les portes d'Hercule, la pointe où mourut Antée. Au-delà, l'Océan est partout, nous doublons d'un seul bord Horn et Bonne-Espérance, les méridiens épousent les latitudes, le Pacifique boit l'Atlantique. Aussitôt le cap sur Vancouver, nous fonçons lentement vers les mers du Sud. À quelques encablures, Pâques, la Désolation et les Hébrides défilent en convoi devant nous. Un matin, brusquement, les mouettes disparaissent. Nous sommes loin de toute terre, et seuls, avec nos voiles et nos machines.

Seuls aussi avec l'horizon. Les vagues viennent de l'est invisible, une à une, patiemment; elles arrivent jusqu'à nous et, patiemment, repartent vers l'Ouest inconnu, une à une. Long cheminément, jamais commenté, jamais achevé... La rivière et le fleuve passent, la mer passe et demeure. C'est ainsi qu'il faudrait aimer, fidèle et fugitif. J'épouse la mer.

Pleines eaux. Le soleil descend, est absorbé par la brume bien avant l'horizon. Un court instant, la mer est rose d'un côté, bleue de l'autre. Puis les eaux se foncent. La goélette glisse, minuscule, à la surface d'un cercle parfait, au métal épais et terni. Et à l'heure du plus grand apaisement, dans le soir qui approche, des centaines de marsouins surgissent des eaux, caracolent un moment autour de nous, puis fuient vers l'horizon sans hommes. Flux partis, c'est le silence et l'angoisse des eaux primitives.

Un peu plus tard encore, rencontre d'un iceberg sur le Tropique. Invisible sans doute après son long voyage dans ces eaux chaudes, mais efficace : il longe le navire à tribord où les cordages se couvrent brièvement d'une

rosée de givre tandis qu'à bâbord meurt une journée sèche.

La nuit ne tombe pas sur la mer. Du fond des eaux, qu'un soleil déjà noyé noircit peu à peu de ses cendres épaisses, elle monte au contraire vers le ciel encore pâle. Un court instant, Vénus reste solitaire au-dessus des flots noirs. Le temps de fermer les yeux, de les ouvrir, les étoiles pullulent dans la nuit liquide.

La lune s'est levée. Elle illumine d'abord faiblement la surface des eaux, elle monte encore, elle écrit sur l'eau souple. Au zénith enfin, elle éclaire tout un couloir de mer, riche fleuve de lait qui, avec le mouvement du navire, descend vers nous, inépuisablement, dans l'océan obscur. Voici la nuit fidèle, la nuit fraîche que j'appelais dans les lumières bruyantes, l'alcool, le tumulte du désir.

Nous naviguons sur des espaces si vastes qu'il nous semble que nous n'en viendrons jamais à bout. Soleil et lune montent et descendent alternativement, au même fil de lumière et de nuit. Journées en mer, toutes semblables comme le bonheur...

Cette vie rebelle à l'oubli, rebelle au souvenir, dont parle Stevenson.

L'aube. Nous coupons le Cancer à la perpendiculaire, les eaux gémissent et se convulsent. Le jour se lève sur une mer houleuse, pleine de paillettes d'acier. Le ciel est blanc de brume et de chaleur, d'un éclat mort, mais insoutenable, comme si le soleil s'était liquéfié dans l'épaisseur des nuages, sur toute l'étendue de la calotte céleste. Ciel malade sur une mer décomposée. À mesure que l'heure avance, la chaleur croît dans l'air livide. Tout le long du jour, l'étrave débusque des nuées de poissons volants, petits oiseaux de fer, hors de leurs buissons de vagues.

Dans l'après-midi, nous croisons un paquebot qui

remonte vers les villes. Le salut que nos sirènes échangent avec trois grands cris d'animaux préhistoriques, les signaux des passagers perdus sur la mer et alertés par la présence d'autres hommes, la distance qui grandit peu à peu entre les deux navires, la séparation enfin sur les eaux malveillantes, tout cela, et le cœur se serre. Ces éléments obstinés, accrochés à des planches, jetés sur la crinière des océans immenses à la poursuite d'îles en dérive, qui, chérissant la solitude et la mer, s'empêcheront jamais de les aimer ?

Au juste milieu de l'Atlantique nous plions sous les vents sauvages qui soufflent interminablement d'un pôle à l'autre. Chaque cri que nous poussons se perd, s'envole dans des espaces sans limites. Mais ce cri, porté jour après jour par les vents, abordera enfin à l'un des bouts aplatis de la terre et retentira longuement contre les parois glacées, jusqu'à ce qu'un homme, quelque part, perdu dans sa coquille de neige, l'entende et, content, veuille sourire.

Je dormais à demi sous le soleil de deux heures quand un bruit terrible me réveilla. Je vis le soleil au fond de la mer, les vagues régnaient dans le ciel houleux. Soudain, la mer brûlait, le soleil coulait à longs traits glacés dans ma gorge. Autour de moi, les marins riaient et pleuraient. Ils s'aimaient les uns les autres mais ne pouvaient se pardonner. Ce jour-là, je reconnus le monde pour ce qu'il était, je décidai d'accepter que son bien fût en même temps malaisant et salutaires ses forfaits. Ce jour-là, je compris qu'il y avait deux vérités dont l'une ne devait jamais être dite.

La curieuse lune australe, un peu rognée, nous accompagne plusieurs nuits, puis glisse rapidement du ciel jusque dans l'eau qui l'avale. Il reste la Croix du Sud, les étoiles rares, l'air poreux. Au même moment, le vent tombe tout à fait. Le ciel roule et tangue au-dessus de nos mâts immobiles. Moteur coupé, voilure en panne, nous souffrons dans la nuit chaude pendant que l'eau cogne



amicalement nos flancs. Aucun ordre, les machines taissent. Pourquoi poursuivre en effet et pourquoi revenir? Nous sommes comblés, une muette folie, invinciblement nous endort. Un jour vient ainsi qui accomplit tout; faut se laisser couler alors, comme ceux qui nagent jusqu'à l'épuisement. Accomplir quoi? Depuis toujours je le tais à moi-même. Ô lit amer, couche princière, couronne est au fond des eaux!

Au matin, notre hélice fait doucement mousser l'es tiède. Nous reprenons de la vitesse. Vers midi, venus de lointains continents, un troupeau de cerfs nous croisent; nous dépassent et nagent régulièrement vers le nord; suivis d'oiseaux multicolores, qui, de temps en temps, prennent repos dans leurs bois. Cette forêt bruisante disparaît peu à peu à l'horizon. Un peu plus tard, la mer se couvre d'étranges fleurs jaunes. Vers le soir, un chant invisible nous précède pendant de longues heures. Je m'endors, familier.

Toutes les voiles offertes à une brise nette, nous filons sur une mer claire et musclée. À la cime de la vitesse, la barre à bâbord. Et vers la fin du jour, redressant encore notre course, la gîte à tribord au point que notre voile effleure l'eau, nous longeons à grande allure un continent austral que je reconnais pour l'avoir autrefois survolé, aveugle, dans le cercueil barbare d'un avion. Roi fainéant mon chariot se traînait alors; j'attendais la mer sans jamais l'atteindre. Le monstre hurlait, décollait des guirlandes du Pérou, se ruait au-dessus des plages du Pacifique, survolait les blanches vertèbres fracassées des Andes par l'immense plaine de l'Argentine, couverte de troupes de mouches, unissait d'un trait d'aile les prés uruguayens inondés de lait, aux fleuves noirs du Venezuela, atterrissait, hurlait encore, tremblait de convoitise devant de nouveaux espaces vides à dévorer et avec tout cela ne cessait jamais de ne pas avancer ou du moins de ne le faire qu'avec une lenteur convulsée, obstinée, une étonnante hagarde et fixe, intoxiquée. Je mourais alors dans une cellule métallique, je rêvais de carnages, d'orgies; un espace, point d'innocence ni de liberté! La prison!

qui ne peut respirer est mort ou folie; qu'y faire sinon fuir et posséder? Aujourd'hui, au contraire, je suis gorgé de souffles, toutes nos ailes claquent dans l'air bleu, et je vais crier de vitesse, nous jetons à l'eau nos sextants et nos boussoles.

Sous le vent impérieux, nos voiles sont de fer. La côte dérive à toute allure devant nos yeux, forêts de cocotiers royaux dont les pieds trempent dans des lagunes émeraude, baie tranquille, pleine de voiles rouges, sables de lunes. De grands buildings surgissent, déjà lézardés sous la poussée de la forêt vierge qui commence dans la cour de service; çà et là un ipé jaune ou un arbre aux branches violettes crévent une fenêtre, Rio s'éroule enfin derrière nous et la végétation va recouvrir ses ruines neuves où les singes de la Tijuca éclateront de rire. Encore plus vite, le long des grandes plages où les vagues fissent en gerbes de sable, encore plus vite, les moutons de l'Uruguay entrent dans la mer et la jaunissent d'un coup. Puis, sur la côte argentine, de grands bûchers grossiers, à intervalles réguliers, élèvent vers le ciel des demi-brûfs qui grillent lentement. Dans la nuit, les glaces de la Terre de Feu viennent battre notre coque pendant des heures, le navire ralentit à peine et vire de bord. Au matin, l'unique vague du Pacifique, dont la froide lessive, verte et blanche, bouillonne sur les milliers de kilomètres de la côte chilienne, nous soulève lentement et menace de nous échouer. La barre l'évite, double les Kerguelen. Dans le soir doucereux les premières barques malaises avancent vers nous.

« À la mer! À la mer! » criaient les garçons merveilleux d'un livre de mon enfance. J'ai tout oublié de ce livre, sauf ce cri. « À la mer! » et par l'océan Indien jusqu'au boulevard de la mer Rouge d'où l'on entend éclater une à une, dans les nuits silencieuses, les pierres du désert qui gèlent après avoir brûlé, nous revenons à la mer ancienne où se taisent les cris.

Un matin enfin, nous relâchons dans une baie pleine

d'un étrange silence, balisée de voiles fixes. Seuls, quelques oiseaux de mer se disputent dans le ciel des eaux de roseaux. À la nage, nous regagnons une plage déserte; toute la journée, nous entrons dans l'eau puis nous séchons sur le sable. Le soir venu, sous le ciel qui verdit et recule, la mer, si calme pourtant, s'apaise encore. De courtes vagues soufflent une buée d'écume sur la grève tiède. Les oiseaux de mer ont disparu. Il ne reste qu'un espace, offert au voyage immobile.

Certaines nuits dont la douceur se prolonge, oui, et aide à mourir de savoir qu'elles reviendront après nous sur la terre et la mer. Grande mer, toujours labourée toujours vierge, ma religion avec la nuit! Elle nous libère et nous rassasie dans ses sillons stériles, elle nous libère et nous tient debout. À chaque vague, une promesse toujours la même. Que dit la vague? Si je devais mourir, entouré de montagnes froides, ignoré du monde, rendu par les miens, à bout de forces enfin, la mer, au dernier moment, emplirait ma cellule, viendrait me soutenir au-dessus de moi-même et m'aider à mourir sans haine.

À minuit, seul sur le rivage. Attendre encore, et partir. Le ciel lui-même est en panne, avec toutes ses étoiles, comme ces paquebots couverts de feux qui, à cette heure même, dans le monde entier, illuminent les eaux sombres des ports. L'espace et le silence pèsent d'un seul poids sur le cœur. Un brusque amour, une grande œuvre, un acte décisif, une pensée qui transfigure, certains moments donnent la même intolérable amertume doublée d'un attrait irrésistible. Délicieuse angouille d'être, proximité exquise d'un danger dont nous ne connaissons pas le nom, vivre, alors, est-ce courir à sa perte? À nouveau, sans répit, courons à notre perte.

J'ai toujours eu l'impression de vivre en haute mer, menacé, au cœur d'un bonheur royal.

il était heureux. Il entendait les grognements de ses enfants, des bruits d'eau, les tintements de la vaisselle. Louise parlait. Les grandes vitres vibraient au passage d'un camion sur le boulevard. Le monde était encore là, jeune, adorable : Jonas écoutait la belle rumeur que font les hommes. De si loin, elle ne contrariait pas cette force joyeuse en lui, son art, ces pensées qu'il ne pouvait pas dire, à jamais silencieuses, mais qui le mettaient au-dessus de toutes choses, dans un air libre et vif. Les enfants couraient à travers les pièces, la fillette riait, Louise aussi maintenant, dont il n'avait pas entendu le rire depuis longtemps. Il les aimait ! Comme il les aimait ! Il éteignit la lampe et, dans l'obscurité revenue, là, n'était-ce pas son étoile qui brillait toujours ? C'était elle, il la reconnaissait, le cœur plein de gratitude, et il la regardait encore lorsqu'il tomba, sans bruit.

« Ce n'est rien, déclarait un peu plus tard le médecin qu'on avait appelé. Il travaille trop. Dans une semaine, il sera debout. — Il guérira, vous en êtes sûr ? disait Louise, le visage défait. — Il guérira. » Dans l'autre pièce, Rateau regardait la toile, entièrement blanche, au centre de laquelle Jonas avait seulement écrit, en très petits caractères, un mot qu'on pouvait déchiffrer, mais dont on ne savait s'il fallait y lire *solitaire* ou *solidaire*.

La voiture vira lourdement sur la piste de latérite, dans la nuit, d'un côté de la route, puis de l'autre, deux baraques de bois couvertes de toile. Près de la deuxième, sur la droite, on distinguait dans le léger brouillard une tour bâtie de poutres grossières. Du sommet de la tour partait un câble métallique, invisible à son point d'attache, mais qui scintillait à mesure qu'il descendait dans la lumière des phares pour disparaître derrière le talus qui coupait la route. La voiture ralentit et s'arrêta à quelques mètres des baraques.

L'homme qui en sortit, à la droite du chauffeur, peina pour s'extirper de la portière. Une fois debout, il vacilla un peu sur son large corps de colosse. Dans la zone d'ombre, près de la voiture, affaissé par la fatigue, planté lourdement sur la terre, il semblait écouter le talenti du moteur. Puis il marcha dans la direction du talus et entra dans le cône de lumière des phares. Il s'arrêta au sommet de la pente, son dos énorme dessiné sur la nuit. Au bout d'un instant, il se retourna. La face noire du chauffeur luisait au-dessus du tableau de bord et souriait. L'homme fit un signe; le chauffeur coupa le contact. Aussitôt, un grand silence frais tomba sur la piste et sur la forêt. On entendit alors le bruit des eaux.

L'homme regardait le fleuve, en contrebas, signalé seulement par un large mouvement d'obscurité, piqué d'écaillés brillantes. Une nuit plus dense et figée, loin, de l'autre côté, devait être la rive. En regardant bien, cependant, on apercevait sur cette rive immobile une flamme jaunâtre, comme un quinquet dans le lointain. Le colosse se retourna vers la voiture et hocha la tête. Le chauffeur

éteignit ses phares, les alluma, puis les fit clignoter régulièrement. Sur le talus, l'homme apparaissait, disparaissait, plus grand et plus massif à chaque resurfection. Soudain, de l'autre côté du fleuve, au bout d'un bras invisible, une lanterne s'éleva plusieurs fois dans l'air. Sur un dernier signe du guetteur, le chauffeur éteignit définitivement ses phares. La voiture et l'homme disparurent dans la nuit. Les phares éteints, le fleuve était presque visible ou, du moins, quelques-uns de ses longs muscles liquides qui brillaient par intervalles. De chaque côté de la route, les masses sombres de la forêt se dessinaient sur le ciel et semblaient toutes proches. La petite pluie qui avait détrempé la piste, une heure auparavant, flottait encore dans l'air tiède, alourdissant le silence et l'immobilité de cette grande clairière au milieu de la forêt vierge<sup>1</sup>. Dans le ciel noir tremblaient des étoilles embuées.

Mais de l'autre rive montèrent des bruits de chaînes, et des clapotis étouffés. Au-dessus de la baraque, à droite de l'homme qui attendait toujours, le câble se tendit. Un grincement sourd commença de le parcourir, en même temps que s'élevait du fleuve un bruit, à la fois vaste et faible, d'eaux labourées. Le grincement s'égalisa, le bruit d'eaux s'élargit encore, puis se précisa, en même temps que la lanterne grossissait. On distinguait nettement, à présent, le halo jaunâtre qui l'entourait. Le halo se dilata peu à peu et de nouveau se rétrécit, tandis que la lanterne brillait à travers la brume et commençait d'éclairer, au-dessus et autour d'elle, une sorte de toit carré en palmes sèches, soutenu aux quatre coins par de gros bambous. Ce grossier appentis, autour duquel s'agitaient des ombres confuses, avançait avec lenteur vers la rive. Lorsqu'il fut découpés dans la lumière jaune, trois petits hommes au torse nu, presque noirs, coiffés de chapeaux coniques. Il se tenaient immobiles sur leurs jambes légèrement écartées, le corps un peu penché pour compenser la puissante dérive du fleuve soufflant de toutes ses eaux invisibles sur le flanc d'un grand radeau grossier qui, le dernier, sortit de la nuit et des eaux. Quand le bac se fut encore rapproché, l'homme distingua derrière l'appentis<sup>2</sup>, du côté de l'aval, deux grands nègres coiffés, eux aussi, de larges chapeaux de paille et vêtus seulement d'un pantalon de toile bise. Côte à côte, ils pesaient de tous

leurs muscles sur des perches qui s'enfonçaient lentement dans le fleuve, vers l'arrière du radeau<sup>1</sup>, pendant que les nègres, du même mouvement ralenti, s'inclinaient au-dessus des eaux jusqu'à la limite de l'équilibre. À l'avant, les trois mulâtres, immobiles, silencieux, regardaient venir la rive sans lever les yeux vers celui qui les attendait.

Le bac cogna soudain contre l'extrémité d'un embarcadère qui avançait dans l'eau et que la lanterne, qui oscillait sous le choc, venait seulement de révéler. Les grands nègres s'immobilisèrent, les mains au-dessus de leur tête, agrippées à l'extrémité des perches à peine enfoncées, mais les muscles tendus et parcourus d'un frémissement continu qui semblait venir de l'eau elle-même et de sa pesée<sup>2</sup>. Les autres passagers lancèrent des chaînes autour des poteaux de l'embarcadère, sautèrent<sup>3</sup> sur les planches, et rabattirent une sorte de pont-levis grossier qui recouvrit d'un plan incliné l'avant du radeau.

L'homme revint vers<sup>4</sup> la voiture et s'y installa pendant que le chauffeur mettrait son moteur en marche. La voiture aborda lentement le talus, pointa son capot vers le ciel, puis le rabattit vers le fleuve et entama la pente. Les freins serrés, elle roula, glissait un peu sur la boue, s'arrêtait, repartait<sup>5</sup>. Elle s'engagea sur l'embarcadère dans un bruit de planches rebondissantes, atteignit l'extrémité où les mulâtres, toujours silencieux<sup>6</sup>, s'étaient rangés de chaque côté, et plongea doucement vers le radeau. Celui-ci piqua du nez dans l'eau dès que les roues avant l'atteignirent et remonta presque aussitôt pour recevoir le poids entier de la voiture. Puis le chauffeur laissa courir sa machine jusqu'à l'arrière, devant le toit carré où pendait la lanterne. Aussitôt, les mulâtres replèrent le plan incliné sur l'embarcadère et sautèrent d'un seul mouvement sur le bac, le décrochant en même temps de la rive boueuse. Le fleuve s'arc-bouta sous le radeau et le souleva sur la surface des eaux où il dérivait lentement au bout de la longue tringle qui courait maintenant dans le ciel, le long du câble. Les grands Noirs détendirent alors leur effort et ramènèrent les perches. L'homme et le chauffeur sortirent de la voiture et vinrent s'immobiliser sur le bord du radeau, face à l'amont. Personne n'avait parlé pendant la manœuvre et, maintenant encore, chacun se tenait à sa place, immobile et silencieux, excepté un des grands nègres qui roulait une cigarette dans du papier grossier.



L'homme regardait la trouée par où le fleuve surgissait de la grande forêt brésilienne et descendait vers eux. Large à cet endroit de plusieurs centaines de mètres, il pressait des eaux troubles et soyeuses sur le flanc du bac puis, libéré aux deux extrémités, le débordait et s'étalait à nouveau en un seul flot puissant qui coulait doucement, à travers la forêt obscure, vers la mer et la nuit. Une odeur fade, venue de l'eau ou du ciel spongieux, flottait. On entendait maintenant le clapotis des eaux lourdes sous le bac et, venus des deux rives, l'appel espacé des crapauds-buffles ou d'étranges cris d'oiseaux. Le colosse se rapprocha du chauffeur. Celui-ci, petit et maigre, appuyé contre un des piliers de bambou, avait enfoncé ses poings dans les poches d'une combinaison autrefois bleue, maintenant couverte de la poussière rouge qu'ils avaient remâchée pendant toute la journée. Un sourire épanoui sur son visage tout plissé malgré sa jeunesse, il regardait sans les voir les étoiles extrénuées qui nageaient encore dans le ciel humide.

Mais les cris d'oiseaux se firent plus nets, des jacassements inconnus s'y mêlèrent et, presque aussitôt, le câble se mit à grincer. Les grands Noirs enfoncèrent leurs perches et taronnèrent, avec des gestes d'aveugles, à la recherche du fond. L'homme se retourna vers la rive qu'ils venaient de quitter. Elle était à son tour recouverte par la nuit et les eaux, immense et farouche comme le continent d'arbres qui s'étendait au-delà sur des milliers de kilomètres. Entre l'océan tout proche et cette mer végétale, la poignée d'hommes qui dérivait à cette heure sur un fleuve sauvage semblait maintenant perdue. Quand le radeau heurta le nouvel embarcadere ce fut comme si, toutes amarres rompues, ils abordaient une île dans les ténèbres, après des jours de navigation effrayée.

À terre, on entendit enfin la voix des hommes. Le chauffeur venait de les payer et, d'une voix étrangement gaie dans la nuit lourde, ils saluaient en portugais la voiture qui se remettait en marche.

« Ils ont dit soixante, les kilomètres d'Iguaape. Trois heures tu roules et c'est fini. Socrate est content », annonça le chauffeur.

L'homme rit, d'un bon rire, massif et chaleureux, qui lui ressemblait.

« Moi aussi, Socrate, je suis content. La piste est dure.

— Trop lourd, monsieur d'Arrast, tu es trop lourd », et le chauffeur riait aussi sans pouvoir s'arrêter.

La voiture avait pris un peu de vitesse. Elle roulait entre de hauts murs d'arbres et de végétation inextricable, au milieu d'une odeur molle et sucrée. Des vols entrecroisés de mouches lumineuses traversaient sans cesse l'obscurité de la forêt et, de loin en loin, des oiseaux aux yeux rouges venaient battre pendant une seconde le pare-brise. Parfois, un feulement étrange leur parvenait des profondeurs de la nuit et le chauffeur regardait son voisin en roulant comiquement les yeux.

La route tournait et retournait, franchissait de petites rivières sur des ponts de planches bringuebalantes. Au bout d'une heure, la brume commença de s'épaissir. Une petite pluie fine, qui dissolvait la lumière des phares, se mit à tomber. D'Arrast, malgré les secousses, dormait à moitié. Il ne roulait plus dans la forêt humide, mais à nouveau sur les routes de la Serra qu'ils avaient prises le matin, au sortir de São Paulo. Sans arrêt, de ces pistes de terre s'élevait la poussière rouge dont ils avaient encore le goût dans la bouche et qui, de chaque côté, aussi loin que portait la vue, recouvrait la végétation rare de la steppe. Le soleil lourd; les montagnes pâles et ravinées, les zébus faméliques rencontrés sur les routes avec, pour seule escorte, un vol fatigué d'urubus dépenaillés, la longue, longue navigation à travers un désert rouge... Il sursauta. La voiture s'était arrêtée. Ils étaient maintenant au Japon : des maisons à la décoration fragile de chaque côté de la route et, dans les maisons, des kimonos furtifs. Le chauffeur parlait à un japonais, vêtu d'une combinaison sale, coiffé d'un chapeau de paille brésilien. Puis la voiture démarra.

« Il a dit quarante kilomètres seulement.

— Où étions-nous? À Tokyo?

— Non, Registro. Chez nous tous les Japonais viennent là.

— Pourquoi?

— On sait pas. Ils sont jaunes, tu sais, monsieur d'Arrast. »

Mais la forêt s'éclaircissait un peu, la route devenait plus facile, quoique glissante. La voiture patinait sur du sable. Par la portière, entraient un souffle humide, tiède, un peu aigre.

« Tu sens, dit le chauffeur avec gourmandise, c'est la bonne mer. Bientôt Iguape.

— Si nous avons assez d'essence », dit d'Arrast. Et il se rendormit paisiblement.

Au petit matin, d'Arrast, assis dans son lit, regardait avec étonnement la salle où il venait de se réveiller. Les grands murs, jusqu'à mi-hauteur, étaient fraîchement badigeonnés de chaux brune. Plus haut, ils avaient été peints en blanc à une époque lointaine et des lambeaux de croûtes jaunâtres les recouvraient jusqu'au plafond. Deux rangées de six lits se faisaient face. D'Arrast ne voyait qu'un lit défait à l'extrémité de sa rangée, et ce lit était vide. Mais il entendit du bruit à sa gauche et se retourna vers la porte où Socrate, une bouteille d'eau minérale dans chaque main, se tenait en riant. « Heureux souvenir ! » disait-il. D'Arrast se secoua. Oui, l'hôpital où le maire les avait logés la veille s'appelait « Heureux souvenir ». « Sur souvenir, continuait Socrate. Ils m'ont dit d'abord construire l'hôpital, plus tard construire l'eau. En attendant, heureux souvenir, tient l'eau piquante pour te laver. » Il disparut, riant et chantant, nullement épuisé, en apparence, par les éternuements cataclysmiques qui l'avaient secoué toute la nuit et avaient empêché d'Arrast de fermer l'œil.

Maintenant, d'Arrast était tout à fait réveillé. À travers les fenêtres grillagées, en face de lui, il apercevait une petite cour de terre rouge, détrempée par la pluie qu'on voyait couler sans bruit sur un bouquet de grands aloès. Une femme passait, portant à bout de bras un foulard jaune déployé au-dessus de sa tête. D'Arrast se recoucha puis se redressa aussitôt et sortit du lit qui plia et gemit, sous son poids. Socrate entra au même moment : « À toi, monsieur d'Arrast. Le maire attend dehors. » Mais devant l'air de d'Arrast : « Reste tranquille, lui jamais pressé. »

Rasé à l'eau minérale, d'Arrast sortit sous le porche du pavillon. Le maire qui avait la taille et, sous ses lunettes cerclées d'or, la mine d'une belette aimable, semblait absorbé dans une contemplation morne de la pluie. Mais un ravissant sourire le transfigura dès qu'il aperçut d'Arrast. Il raidit sa petite taille, se précipita et tenta d'entourer de ses bras le torse de « M. l'ingénieur ». Au

même moment, une voiture freina devant eux, de l'autre côté du petit mur de la cour, dérapa dans la glaise mouillée, et s'arrêta de guingois. « Le juge ! » dit le maire. Le juge, comme le maire, était habillé de bleu marine. Mais il était beaucoup plus jeune ou, du moins, le paraissait à cause de sa taille élégante et son frais visage d'adolescent étonné. Il traversait maintenant la cour, dans leur direction, en évitant les flaques d'eau avec beaucoup de grâce.

À quelques pas de d'Arrast, il tendait déjà les bras et lui souhaitait la bienvenue. Il était fier d'accueillir M. l'ingénieur, c'était un honneur que ce dernier faisait à leur pauvre ville, il se réjouissait du service inestimable que M. l'ingénieur allait rendre à Iguape par la construction de cette petite digue qui éviterait l'inondation périodique des bas quartiers. Commander aux eaux, dompter les fleuves, ah ! le grand métier, et sûrement les pauvres gens d'Iguape retiendraient le nom de M. l'ingénieur et dans beaucoup d'années encore le prononceraient dans leurs prières. D'Arrast, vaincu par tant de charme et d'éloquence, remercia et n'osa plus se demander ce qu'un juge pouvait avoir à faire avec une digue. Au reste, il fallait, selon le maire, se rendre au club où les notables désiraient recevoir dignement M. l'ingénieur avant d'aller visiter les bas quartiers. Qui étaient les notables ?

« Eh bien, dit le maire, moi-même, en tant que maire, M. Carvalho, ici présent, le capitaine du port, et quelques autres moins importants. D'ailleurs, vous n'aurez pas à vous en occuper, ils ne parlent pas français. »

D'Arrast appela Socrate et lui dit qu'il le retrouverait à la fin de la matinée.

« Bien oui, dit Socrate. J'irai au jardin de la Fontaine.

— Au jardin ?  
— Oui, tout le monde connaît. Sois pas peur, monsieur d'Arrast. »

L'hôpital, d'Arrast s'en aperçut en sortant, était construit en bordure de la forêt, dont les frondaisons massives surplombaient presque les toits. Sur toute la surface des arbres tombait maintenant un voile d'eau fine que la forêt épaisse absorbait sans bruit, comme une énorme éponge. La ville, une centaine de maisons, à peu près, couvertes de tuiles aux couleurs éteintes, s'étendait entre la forêt et le fleuve, dont le souffle lointain parvenait jusqu'à l'hôpital. La voiture s'engagea d'abord dans des rues

détrempées et déboucha presque aussitôt sur une place rectangulaire, assez vaste, qui gardait dans son argile rouge, entre de nombreuses flaques, des traces de pneus, de roues ferrées et de sabots. Tout autour, les maisons basses, couvertes de crépi multicolore, fermaient la place derrière laquelle on apercevait les deux tours rondes d'une église bleue et blanche, de style colonial. Sur ce décor nu flottait, venant de l'estuaire, une odeur de sel. Au milieu de la place erraient quelques silhouettes mouillées. Le long des maisons, une foule bigarrée de gauchos, de japonais, d'Indiens métis et de notables élégants, dont les complets sombres paraissaient ici exotiques, circulaient à petits pas, avec des gestes lents. Ils se garaient sans hâte, pour faire place à la voiture, puis s'arrêtaient et la suivait du regard. Lorsque la voiture stoppa devant une des maisons de la place, un cercle de gauchos humides se forma silencieusement autour d'elle.

Au club, une sorte de petit bar au premier étage, meublé d'un comptoir de bambous et de guéridons de tôle, les notables étaient nombreux. On but de l'alcool de canne en l'honneur de d'Arrast, après que le maire, verre en main, lui eut souhaité la bienvenue et tout le bonheur du monde. Mais pendant que d'Arrast buvait, près de la fenêtre, un grand escogriffe, en culotte de cheval et leggings, vint lui tenir, en chancelant un peu, un discours rapide et obscur où l'ingénieur reconnut seulement le mot « passeport ». Il hésita, puis sortit le document dont l'autre s'empara avec voracité. Après avoir feuilleté le passeport, l'escogriffe articula une mauvaise humeur évidente. Il reprit son discours, secouant le carnet sous le nez de l'ingénieur qui, sans s'émouvoir, contemplant le furieux. À ce moment, le juge, souriant, vint demander de quoi il était question. L'ivrogne examina un moment la frêle créature qui se permettait de l'interrompre puis, chancelant de façon plus dangereuse, secoua encore le passeport devant les yeux de son nouvel interlocuteur. D'Arrast, paisiblement, s'assit près d'un guéridon et attendit. Le dialogue devint très vif et, soudain, le juge étreint une voix fracassante qu'on ne lui aurait pas soupçonnée. Sans que rien l'eût fait prévoir, l'escogriffe battit soudain en retraite avec l'air d'un enfant pris en faute. Sur une dernière injonction du juge, il se dirigea vers la porte, de la démarche oblique du cancre puni, et disparut.

Le juge vint aussitôt expliquer à d'Arrast, d'une voix redevenue harmonieuse, que ce grossier personnage était le chef de la police, qu'il osait prétendre que le passeport n'était pas en règle et qu'il serait puni de son incartade. M. Carvalho s'adressa ensuite aux notables, qui faisaient cercle, et sembla les interroger. Après une courte discussion, le juge exprima des excuses solennelles à d'Arrast, lui demanda d'admettre que seule l'ivresse pouvait expliquer un tel oubli des sentiments de respect et de reconnaissance que lui devait la ville d'Iguaçu tout entière et, pour finir, lui demanda de bien vouloir décider lui-même de la punition qu'il convenait d'infliger à ce personnage calamiteux. D'Arrast dit qu'il ne voulait pas de punition. Il se contenta de dire que le coupable restait aux arrêts et qu'ils attendraient tous ensemble que leur éminent visiteur voulût bien décider de son sort. Aucune protestation ne put fléchir cette rigueur souriante et d'Arrast dut promettre qu'il réfléchirait. On décida ensuite de visiter les bas quartiers.

Le fleuve était déjà largement ses eaux jaunies sur les rives basses et glissantes. Ils avaient laissé derrière eux les dernières maisons d'Iguaçu et ils se trouvaient entre le fleuve et un haut talus escarpé où s'accrochaient des cases de torchis et de branchages. Devant eux, à l'extrémité du remblai<sup>2</sup>, la forêt recommençait, sans transition, comme sur l'autre rive. Mais la trouée des<sup>3</sup> eaux s'élargissait rapidement entre les arbres jusqu'à une ligne indistincte, un peu plus grise que jaune, qui était la mer. D'Arrast, sans rien dire, marcha vers le talus au flanc duquel les niveaux différents des<sup>1</sup> crues avaient laissé des traces encore fraîches. Un sentier boueux remontait vers les cases. Devant ces dernières, des Noirs se dressaient, silencieux, regardant les nouveaux venus. Quelques couples se tenaient par la main et, tout au bord du remblai, devant les adultes, une rangée de tendres négrillons, au ventre ballonné et aux cuisses grêles, écartillaient des<sup>5</sup> yeux ronds.

Parvenu devant<sup>6</sup> les cases, d'Arrast appela d'un geste le commandant du port. Celui-ci était un gros Noir rieur vêtu d'un uniforme blanc. D'Arrast lui demanda en espa-

gnol s'il était possible de visiter une case. Le commandant en était sûr, il trouvait même que c'était une bonne idée, et M. l'Ingénieur allait voir des choses très intéressantes. Il s'adressa aux Noirs, leur parlant longuement, en désignant d'Arraët et le fleuve. Les autres écoutaient, sans mot dire. Quand le commandant eut fini, personne ne bougea. Il parla de nouveau, d'une voix impatiente. Puis il interpella un des hommes qui secoua la tête. Le commandant dit alors quelques mots brefs sur un ton impératif. L'homme se détacha du groupe, fit face à d'Arraët et, d'un geste, lui montra le chemin. Mais son regard était hostile. C'était un homme assez âgé, à la tête couverte d'une courte laine grisonnante, le visage mince et flétri, le corps pourtant jeune encore, avec de dures épaules sèches et des muscles visibles sous le pantalon de toile et la chemise déchirée. Ils avancèrent, suivis du commandant et de la foule des Noirs, et grimpèrent sur un nouveau talus, plus déclive, où les cases de terre, de fer-blanc et de roseaux s'accrochaient si difficilement au sol qu'il avait fallu consolider leur base avec de grosses pierres. Ils croisèrent une femme qui descendait le sentier, glissant parfois sur ses pieds nus, portant haut sur la tête un bidon de fer plein d'eau. Puis ils arrivèrent à une sorte de petite place délimitée par trois cases. L'homme marcha vers l'une d'elles et poussa une porte de bambous dont les gonds étaient faits de lianes. Il s'effaça, sans rien dire, fixant l'ingénieur du même regard impassible. Dans la case, d'Arraët ne vit d'abord rien qu'un feu mourant, à même le sol, au centre exact de la pièce. Puis il distingua dans un coin, au fond, un lit de cuivre au sommier nu et défoncé, une table dans l'autre coin, couverte d'une vaisselle de terre et, entre les deux, une sorte de tréteau où trônait un chromo représentant saint Georges. Pour le reste, rien qu'un tas de loques, à droite de l'entrée et, au plafond, quelques pagnes multicolores qui séchaient au-dessus du feu. D'Arraët, immobile, respirait l'odeur de fumée et de misère qui montait du sol et le prenait à la gorge. Derrière lui, le commandant frappa dans ses mains. L'ingénieur se retourna et, sur le seuil, à contre-jour, il vit seulement arriver la gracieuse silhouette d'une jeune fille noire qui lui tendait quelque chose : il se saisit d'un verre et but l'épais alcool de canne qu'il contenait. La jeune fille tendit son plateau pour recevoir le verre vide et sortit dans un

mouvement si souple et si vivant que d'Arraët eut soudain envie de la retenir.

Mais, sorti derrière elle, il ne la reconnut pas dans la foule des Noirs et des notables qui s'était amassée autour de la case. Il remercia le vieil homme, qui s'inclina sans un mot. Puis il partit. Le commandant, derrière lui, repréna ses explications, demandait quand la Société française de Rio pourrait commencer les travaux et si la digue pourrait être construite avant les grandes pluies. D'Arraët ne savait pas, il n'y pensait pas en vérité. Il descendait vers le fleuve frais, sous la pluie impalpable. Il écoutait toujours ce grand bruit spacieux qu'il n'avait cessé d'entendre depuis son arrivée, et dont on ne pouvait dire s'il était fait du froissement des eaux ou des arbres. Parvenu sur la rive, il regardait au loin la ligne indécise de la mer, les milliers de kilomètres d'eaux solitaires et l'Afrique, et, au-delà, l'Europe d'où il venait.

« Commandant, dit-il, de quoi vivent ces gens que nous venons de voir ? »

— Ils travaillent quand on a besoin d'eux, dit le commandant. Nous sommes pauvres.

— Ceux-là sont les plus pauvres ?

— Ils sont les plus pauvres. »

Le juge qui, à ce moment-là, arrivait en glissant légèrement sur ses fins souliers dit qu'ils aimait déjà M. l'Ingénieur qui allait leur donner du travail.

« Et vous savez, dit-il, ils dansent et ils chantent tous les jours. »

Puis, sans transition, il demanda à d'Arraët s'il avait pensé à la punition.

« Quelle punition ? »

— Eh bien, notre chef de police.

— Il faut le laisser. » Le juge dit que ce n'était pas possible et qu'il fallait punir. D'Arraët marchait déjà vers Iguaçu.

Dans le petit jardin de la Fontaine, mystérieux et doux sous la pluie fine, des grappes de fleurs étranges dévalaient le long des lianes entre les bananiers et les pandanus. Des amoncellements de pierres humides marquaient le croisement des sentiers où circulait, à cette heure, une foule bariolée. Des métiers, des mulâtres, quelques gauchos y bavardaient à voix faible ou s'entonnaient, du même pas

lent, dans les allées de bambous jusqu'à l'endroit où les bosquets et les taillis devenaient plus denses, puis impénétrables. Là, sans transition, commençait la forêt.

D'Arrašt cherchait Socrate au milieu de la foule quand il le reçut dans son dos.

« C'est la fête, dit Socrate en riant, et il s'appuyait sur les hautes épaules de d'Arrašt pour sauter sur place.

— Quelle fête ?

— Eh ! s'étonna Socrate qui faisait face maintenant à d'Arrašt, tu connais pas ? La fête du bon Jésus. Chaque année, tous viennent à la grotte avec le marteau. »

Socrate montrait non pas une grotte, mais un groupe qui semblait attendre dans un coin du jardin.

« Tu vois ! Un jour, la bonne statue de Jésus, elle est arrivée de la mer, en remontant le fleuve. Des pêcheurs l'ont trouvée. Que belle ! Alors, ils l'ont lavée ici dans la grotte. Et maintenant une pierre a poussé dans la grotte. Chaque année, c'est la fête. Avec le marteau, tu casses, tu casses des morceaux pour le bonheur béni. Et puis quoi, elle pousse toujours, toujours tu casses. C'est le miracle. »

Ils étaient arrivés à la grotte dont on apercevait l'entrée basse par-dessus les hommes qui attendaient. À l'intérieur, dans l'ombre piquée par des flammes tremblantes de bougies, une forme accroupie cognait en ce moment avec un marteau. L'homme, un gauchon maigre aux longues moustaches, se releva et sortit, tenant dans sa paume offerte à tous un petit morceau de schiste humide sur lequel, au bout de quelques secondes, et avant de s'éloigner, il referma la main avec précaution. Un autre homme alors entra dans la grotte en se baissant.

D'Arrašt se retourna. Autour de lui, les pèlerins attendaient, sans le regarder, impassibles sous l'eau qui descendait des arbres en voiles fins. Lui aussi attendait, devant cette grotte, sous la même brume d'eau, et il ne savait quoi. Il ne cessait d'attendre, en vérité, depuis un mois qu'il était arrivé dans ce pays. Il attendait, dans la chaleur rouge des jours humides, sous les étoiles menues de la nuit, malgré les tâches qui étaient les sienness, les digues à bâtir, les routes à ouvrir, comme si le travail qu'il était venu faire ici n'était qu'un prétexte, l'occasion d'une surprise, ou d'une rencontre qu'il n'imaginait même pas, mais qui l'aurait attendu, patiemment, au bout du monde.

Il se secoua, s'éloigna sans que personne, dans le petit groupe, fit attention à lui, et se dirigea vers la sortie. Il fallait retourner au fleuve et travailler.

Mais Socrate l'attendait à la porte, perdu dans une conversation volubile avec un homme petit et gros, râblé, à la peau jaune plutôt que noire. Le crâne complètement rasé de ce dernier agrandissait encore un front de belle courbure. Son large visage lisse s'ornait au contraire d'une barbe très noire, taillée en carré.

« Celui-là, champion ! dit Socrate en guise de présentation. Demain, il fait la procession. »

L'homme, vêtu d'un costume marin en grosse serge, un tricot à raies bleues et blanches sous la vareuse mari-nière, examinait d'Arrašt, attentivement, de ses yeux noirs et tranquilles. Il souriait en même temps de toutes ses dents très blanches entre les lèvres pleines et luisantes.

« Il parle d'espagnol, dit Socrate et, se tournant vers l'inconnu :

— Raconte M. d'Arrašt. » Puis il partit en dansant vers un autre groupe. L'homme<sup>3</sup> cessa de sourire et regarda d'Arrašt avec une franche curiosité.

« Ça t'intéresse, capitaine ?

— Je ne suis pas capitaine, dit d'Arrašt.

— Ça ne fait rien. Mais tu es seigneur. Socrate me l'a dit.

— Moi, non. Mais mon grand-père l'était. Son père aussi et tous ceux d'avant son père. Maintenant, il n'y a plus de seigneurs dans nos pays.

— Ah ! dit le Noir en riant, je comprends, tout le monde est seigneur.

— Non, ce n'est pas cela. Il n'y a ni seigneurs ni peuple. »

L'autre réfléchissait, puis il se décida :

« Personne ne travaille, personne ne souffre ?

— Oui, des millions d'hommes.

— Alors, c'est le peuple.

— Comme cela oui, il y a un peuple. Mais ses maîtres sont des policiers ou des marchands. »

Le visage bienveillant du mulâtre se referma. Puis il grogna : « Humph ! Acheter et vendre, hein ! Quelle saleté ! Et avec la police, les chiens commandent. »

Sans transition, il éclata de rire.

« Toi, tu ne vends pas ?



— Presque pas. Je fais des ponts, des routes.  
— Bon ça! Moi, je suis coq sur un bateau. Si tu veux, je te ferai notre plat de haricots noirs.

— Je veux bien. »

Le coq se rapprocha de d'Arrast et lui prit le bras.  
« Écoute, j'aime ce que tu dis. Je vais te dire aussi.

Tu aimeras peut-être. »

Il l'entraîna, près de l'entrée, sur un banc de bois humide, au pied d'un bouquet de bambous.

« J'étais en mer, au large d'Iguape, sur un petit pétrolier qui fait le cabotage pour approvisionner les ports de la côte. Le feu a pris à bord. Pas par ma faute, eh! je sais mon métier! Non, le malheur! Nous avons pu mettre les canots à l'eau. Dans la nuit, la mer s'est levée, elle a roulé le canot, j'ai coulé. Quand je suis remonté, j'ai heurté le canot de la tête. J'ai dérivé. La nuit était noire, les eaux sont grandes et puis je nage mal, j'avais peur. Tout d'un coup, j'ai vu une lumière au loin, j'ai reconnu le dôme de l'église du bon Jésus à Iguape. Alors, j'ai dit au bon Jésus que je porterais à la procession une pierre de cinquante kilos sur la tête s'il me sauvait. Tu ne me crois pas, mais les eaux se sont calmées et mon cœur aussi. J'ai nagé doucement, j'étais heureux, et je suis arrivé à la côte. Demain, je tiendrai ma promesse. »

Il regarda d'Arrast d'un air soudain soupçonneux.

« Tu ne ris pas, hein? »

— Je ne ris pas. Il faut faire ce que l'on a promis. »  
L'autre lui trappa sur l'épaule.

« Maintenant, viens chez mon frère, près du fleuve. Je te cuirai des haricots.

— Non, dit d'Arrast, j'ai à faire. Ce soir, si tu veux.

— Bon. Mais cette nuit, on danse et on prie, dans la grande case. C'est la fête pour saint Georges. » D'Arrast lui demanda s'il dansait aussi. Le visage du coq se durcit tout d'un coup; ses yeux, pour la première fois, fuyaient.

« Non, non, je ne danserai pas. Demain, il faut porter la pierre. Elle est lourde. J'irai ce soir, pour fêter le saint. Et puis je partirai tôt.

— Ça dure longtemps? »

— Toute la nuit, un peu le matin. »

Il regarda d'Arrast, d'un air vaguement honteux.

« Viens à la danse. Et tu m'emmèneras après. Sinon,

je réstèrai, je danserai, je ne pourrai peut-être pas m'em-pêcher.

— Tu aimes danser? »

Les yeux du coq brillèrent d'une sorte de gourmandise.  
« Oh! oui, j'aime. Et puis il y a les cigares, les saints, les femmes. On oublie tout, on n'obéit plus.

— Il y a des femmes? Toutes les femmes de la ville? »

— De la ville, non, mais des cases. »

Le coq retrouva son sourire.

« Viens. Au capitaine, j'obéis. Et tu m'aideras à tenir demain la promesse. »

D'Arrast se sentit vaguement agacé. Que lui faisait cette absurde promesse? Mais il regarda le beau visage ouvert qui lui souriait avec confiance et dont la peau noire luisait de santé et de vie.

« Je viendrai, dit-il. Maintenant, je vais t'accompagner un peu. »

Sans savoir pourquoi, il revoyait en même temps la jeune fille noire lui présenter l'offrande de bienvenue.

Ils sortirent du jardin, longèrent quelques rues boueuses et parvinrent sur la place défoncée que la faible hauteur des maisons qui l'entouraient faisait paraître encore plus vaste. Sur le crépi des murs, l'humidité ruisselait maintenant, bien que la pluie n'eût pas augmenté. À travers les espaces spongieux du ciel, la rumeur du fleuve et des arbres parvenait, assourdie, jusqu'à eux. Ils marchaient d'un même pas, lourd chez d'Arrast, musclé chez le coq. De temps en temps, celui-ci levait la tête et souriait à son compagnon. Ils prirent la direction de l'église qu'on apercevait au-dessus des maisons, atteignirent l'extrémité de la place, longèrent encore des rues boueuses où flottaient maintenant des odeurs agressives de cuisine. De temps en temps, une femme, tenant une assiette ou un instrument de cuisine, montrait dans l'une des portes un visage curieux, et disparaissait aussitôt. Ils passèrent devant l'église, s'enfoncèrent dans un vieux quartier, entre les mêmes maisons basses, et débouchèrent soudain sur le bruit du fleuve invisible, derrière le quartier des cases que d'Arrast reconnut.

« Bon. Je te laisse. À ce soir, dit-il.

— Oui, devant l'église. »

Mais le coq retenait en même temps la main de d'Arrast.

Il hésitait. Puis il se décida :

« Et toi, n'as-tu jamais appelé, fait une promesse ? »

— Si, une fois, je crois.

— Dans un naufrage ?

— Si tu veux. » Et d'Arrast dégagea sa main brusquement<sup>1</sup>. Mais au moment de tourner les talons, il rencontra le regard du coq. Il hésita, puis sourit.

« Je puis te le dire, bien que ce soit sans importance. Quelqu'un allait mourir par ma faute. Il me semble que j'ai appelé. »

— Tu as promis ?

— Non. J'aurais voulu promettre.

— Il y a longtemps ?

— Peu avant de venir ici. »

Le coq prit sa barbe à deux mains. Ses yeux brillèrent.

« Tu es un capitaine, dit-il. Ma maison est la tienne. Et puis tu vas m'aider à tenir ma promesse, c'est comme si tu la faisais toi-même. Ça t'aidera aussi. »

D'Arrast sourit : « Je ne crois pas.

— Tu es fier, capitaine.

— J'étais fier, maintenant je suis seul. Mais dis-moi seulement, ton bon Jésus t'a toujours répondu ?

— Toujours, non, capitaine !

— Alors ? »

Le coq éclata d'un rire frais et enfantin.

« Eh bien, dit-il, il est libre, non ? »

Au club, où d'Arrast déjeunait avec les notables, le maire lui dit qu'il devait signer le livre d'or de la municipalité pour qu'un témoignage subsistât au moins du grand événement que constituait sa venue à Iguape. Le juge de son côté trouva deux ou trois nouvelles formules pour célébrer, outre les vertus et les talents de leur hôte, la simplicité qu'il mettrait à représenter parmi eux le grand pays auquel il avait l'honneur d'appartenir. D'Arrast dit seulement qu'il y avait cet honneur, qui certainement était un, selon sa conviction, et qu'il avait aussi l'avantage pour sa société d'avoir obtenu l'adjudication de ces longs travaux. Sur quoi le juge se récria devant tant d'humilité. « À propos, dit-il, avez-vous pensé à ce que nous devons faire du chef de la police ? » D'Arrast le regarda en souriant. « J'ai trouvé. » Il considérerait comme une faveur personnelle, et une grâce très exceptionnelle, qu'on voulût bien pardonner en son nom à cet étourdi, afin que son séjour, à lui, d'Arrast, qui se réjouis-

sait tant de connaître la belle ville d'Iguape et ses généreux habitants, pût commencer dans un climat de concorde et d'amitié. Le juge, attentif et souriant, hochait la tête. Il médita un moment la formule, en connaissant, s'adressa ensuite aux assistants pour leur faire applaudir les magnanimes traditions de la grande nation française et, tourné de nouveau vers d'Arrast, se déclara satisfait. « Puisqu'il en est ainsi, conclut-il, nous dînerons ce soir avec le chef. » Mais d'Arrast dit qu'il était invité par des amis à la cérémonie de danses, dans les cases. « Ah, oui ! dit le juge. Je suis content que vous y alliez. Vous verrez, on ne peut s'empêcher d'aimer notre peuple. »

Le soir, d'Arrast, le coq et son frère étaient assis autour du feu éteint, au centre de la case que l'ingénieur avait déjà visitée le matin. Le frère n'avait pas paru surpris de le revoir. Il parlait à peine l'espagnol et se bornait la plupart du temps à hocher la tête. Quant au coq, il s'était intéressé aux cathédrales, puis avait longuement disserté sur la soupe aux haricots noirs. Maintenant, le jour était presque tombé et si d'Arrast voyait encore le coq et son frère, il distinguait mal, au fond de la case, les silhouettes accroupies d'une vieille femme et de la jeune fille qui, à nouveau, l'avait servi. En contrebas, on entendait le fleuve monotone.

Le<sup>2</sup> coq se leva et dit : « C'est l'heure. » Ils se levèrent, mais les femmes ne bougèrent pas. Les hommes sortirent seuls. D'Arrast hésita, puis rejoignit les autres. La nuit était maintenant tombée, la pluie avait cessé. Le ciel, d'un noir pâle, semblait encore liquide. Dans son eau transparente et sombre, bas sur l'horizon, des étoiles commençaient de s'allumer. Elles s'éteignaient presque aussitôt, tombaient une à une dans le fleuve, comme si le ciel dégotait de ses dernières lumières. L'air épais sentait l'eau et la fumée. On entendait aussi la rumeur toute proche de l'énorme forêt, pourtant immobile. Soudain, des tambours et des chants s'élevèrent dans le lointain, d'abord sourds puis distincts, qui se rapprochèrent de plus en plus et qui se turent. On vit peu après apparaître une théorie de filles noires, vêtues de robes blanches en soie grossière, à la taille très basse. Moulé dans une casaque rouge sur laquelle pendait un collier de dents multicolores, un grand Noir les suivait et, derrière lui, en

désordre, une troupe d'hommes habillés de pyjamas blancs et des musiciens munis de triangles et de tambours larges et courts. Le coq dit qu'il fallait les accompagner<sup>1</sup>.

La case où ils parvinrent en suivant la rive à quelques centaines de mètres des dernières cases, était grande, vide, relativement confortable avec ses murs crépis à l'intérieur. Le sol était en terre battue, le toit de chaume et de roseaux, soutenu par un mât central, les murs nus. Sur un petit autel tapissé de palmes, au fond, et couvert de bougies qui éclairaient à peine la moitié de la salle, on apercevait un superbe chromo où saint Georges, avec des airs séducteurs<sup>2</sup>, prenait avantage d'un dragon moustachu. Sous l'autel, une sorte de niche, garnie de papiers en rocaïles, abritait, entre une bougie et une écuelle d'eau, une petite statue<sup>3</sup> de glaise, peinte en rouge, représentant un dieu cornu. Il brandissait, la mine farouche, un couteau démesuré, en papier d'argent.

Le coq conduisit d'Arrašt dans un coin où ils restèrent debout, collés contre la paroi, près de la porte. « Comme ça, murmura le coq, on pourra partir sans déranger. » La case, en effet, était pleine d'hommes et de femmes, serrés les uns contre les autres. Déjà la chaleur montait. Les musiciens allèrent s'installer de part et d'autre du petit autel. Les danseurs et les danseuses se séparèrent en deux cercles concentriques, les hommes à l'intérieur. Au centre, vint se placer le chef<sup>4</sup> noir à la casaque rouge. D'Arrašt s'adossa à la paroi, en croisant les bras.

Mais le chef, fendant le cercle des danseurs, vint vers eux et, d'un air grave, dit quelques mots au coq. « Décroise les bras, capitaine, dit le coq. Tu te serres, tu empêches l'esprit du saint de descendre. » D'Arrašt laissa docilement tomber les bras. Le dos toujours collé à la paroi, il ressemblait lui-même, maintenant, avec ses membres longs et lourds, son grand visage déjà luisant de sueur, à quelque dieu bestial et rassurant. Le grand Noir le regarda puis, satisfait, régagna sa place. Aussitôt, d'une voix claironnante, il chanta les premières notes d'un air que tous reprurent en chœur, accompagnés par les tambours. Les cercles se mirent alors à tourner en sens inverse, dans une sorte de danse lourde et appuyée qui ressemblait plutôt à un piétinement, légèrement souligné par la double ondulation des hanches<sup>5</sup>.

La chaleur avait augmenté. Pourtant, les pauses dimi-

naient peu à peu, les arrêts s'éspagaient et la danse se précipitait. Sans que le rythme des autres se ralentit, sans cesser lui-même de danser, le grand Noir fendit à nouveau les cercles pour aller vers l'autel. Il revint avec un verre d'eau et une bougie allumée qu'il ficha en terre, au centre de la case. Il versa l'eau autour de la bougie en deux cercles concentriques, puis, à nouveau dressé, leva vers le toit des yeux fous<sup>2</sup>. Tout son corps tendu, il attendait, immobile. « Saint Georges arrive. Regarde, regarde », souffla le coq dont les yeux s'exorbitaient.

En effet, quelques danseurs présentaient maintenant des airs de transe, mais de transe figée, les mains aux reins, le pas raide, l'œil fixe et atone. D'autres<sup>3</sup> précipitaient leur rythme, se convulsant sur eux-mêmes, et commençaient à pousser des cris inarticulés. Les cris monterent peu à peu et lorsqu'ils se confondirent dans un hurlement collectif, le chef, les yeux toujours levés, poussa lui-même une longue clameur à peine phrasée, au sommet du souffle, et où les mêmes mots revenaient. « Tu vois, souffla le coq, il dit qu'il est le champ de bataille du dieu. » D'Arrašt fut frappé du changement de sa voix et regarda le coq qui, penché en avant, les poings serrés, les yeux fixes, reproduisait sur place le piétinement rythmé des autres. Il s'aperçut alors que lui-même, depuis un moment, sans déplacer les pieds pourtant, dansait de tout son poids.

Mais les tambours tout d'un coup firent rage et subitement le grand diable rouge se déchaina. L'œil enflammé, les quatre membres tournoyant autour du corps, il se recevait, genou plié, sur chaque jambe, l'une après l'autre, accélérant son rythme à tel point qu'il semblait qu'il dût se démembrer, à la fin. Mais brusquement, il s'arrêta en plein élan, pour regarder les assistants, d'un air fier et terrible, au milieu du tonnerre des tambours. Aussitôt un danseur surgit d'un coin sombre, s'agenouilla et tendit au possédé un sabre court. Le grand Noir prit le sabre sans cesser de regarder autour de lui, puis le fit tourner au-dessus de sa tête<sup>4</sup>. Au même instant, d'Arrašt aperçut le coq qui dansait au milieu des autres. L'ingénieur ne l'avait pas vu partir.

Dans la lumière rougeoyante, incertaine, une poussière étouffante montait du sol, épaississait encore l'air qui collait à la peau. D'Arrašt sentait la fatigue le gagner peu

à peu ; il respirait de plus en plus mal. Il ne vit même pas comment les danseurs avaient pu se munir des énormes cigares qu'ils fumaient à présent, sans cesser de danser, et dont l'étrange odeur emplissait la case et le grisait un peu ! Il vit seulement le coq qui passait près de lui, toujours dansant, et qui tirait lui aussi sur un cigare : « Ne fume pas », dit-il. Le coq grogna, sans cesser de rythmer son pas, fixant le mâc central avec l'expression du boxeur sonné, la nuque parcourue par un long et perpétuel frisson. À ses côtés, une Noire épaisse, remuant de droite à gauche sa face animale, aboyait sans arrêt. Mais les jeunes négresses, surtout, entraient dans la transe la plus affreuse, les pieds collés au sol et le corps parcouru, des pieds à la tête, de soubresauts de plus en plus violents à mesure qu'ils gagnaient les épaules. Leur tête s'agitait alors d'avant en arrière, littéralement séparée d'un corps décapité. En même temps, tous se mirent à hurler sans discontinuer, d'un long cri collectif et incolore, sans respiration apparente, sans modulations, comme si les corps se nouaient tout entiers, muscles et nerfs, en une seule émission épuisante qui donnait enfin la parole en chacun d'eux à un être jusque-là absolument silencieux. Et sans que le cri cessât, les femmes, une à une, se mirent à tomber. Le chef noir s'agenouillait près de chacune, serrait vite et convulsivement leurs tempes de sa grande main aux muscles noirs. Elles se relevaient alors, chancelantes, rentraient dans la danse et reprénaient leurs cris, d'abord faiblement, puis de plus en plus haut et vite, pour retomber encore, et se relever de nouveau, pour recommencer, et longtemps encore, jusqu'à ce que le cri général faiblît, s'altérât, dégénérait en une sorte de rauque aboiement qui les secouait de son hoquet. D'Arrast, épuisé, les muscles noués par sa longue danse immobile, étouffé par son propre mutisme, se sentit vaciller. La chaleur, la poussière, la fumée des cigares, l'odeur humaine rendaient maintenant l'air tout à fait irrespirable. Il chercha le coq du regard : il avait disparu. D'Arrast se laissa glisser alors le long de la paroi et s'accroupit, retenant une nausée.

Quand il ouvrit les yeux, l'air était toujours aussi étouffant, mais le bruit avait cessé. Les tambours seuls rythmaient une basse continue, sur laquelle dans tous les coins de la case, des groupes, couverts d'étoffes blanchâ-

tres, piétinaient. Mais au centre de la pièce, maintenant débarrassé du verre et de la bougie, un groupe de jeunes filles noires, en état semi-hypnotique, dansaient lentement, toujours sur le point de se laisser dépasser par la mesure. Les yeux fermés, droites pourtant, elles se balançaient légèrement d'avant en arrière, sur la pointe de leurs pieds, presque sur place. Deux d'entre elles, obèses, avaient le visage recouvert d'un rideau de raphia. Elles encadraient une autre jeune fille, costumée celle-là, grande, mince, que d'Arrast reconnut soudain comme la fille de son hôte. Vêtu d'une robe verte, elle portait le chapeau de chasseresse en gaze bleue, relevé sur le devant, garni de plumes mousquetaires, et tenait à la main un arc vert et jaune, muni de sa flèche, au bout de laquelle était embroché un oiseau multicolore. Sur son corps gracie, sa jolie tête oscillait lentement, un peu renversée, et sur le visage endormi se reflétait une mélancolie égale et innocente. Aux arrêts de la musique, elle chancelait, somnolente. Seul, le rythme renforcé des tambours lui rendait une sorte de tuteur invisible autour duquel elle enroulait ses molles arabesques jusqu'à ce que, de nouveau arrêtée en même temps que la musique, chancelant au bord de l'équilibre, elle poussât un étrange cri d'oiseau, perçant et pourtant mélodieux.

D'Arrast, fasciné par cette danse ralentie, contemplait la Diane noire lorsque le coq surgit devant lui, son visage lisse maintenant décomposé ! La bonté avait disparu de ses yeux qui ne reflétaient qu'une sorte d'avidité inconnue. Sans bienveillance, comme s'il parlait à un étranger : « Il est tard, capitaine, dit-il. Ils vont danser toute la nuit, mais ils ne veulent pas que tu restes maintenant. » La tête lourde, d'Arrast se leva et suivit le coq qui gagnait la porte en longeant la paroi. Sur le seuil, le coq s'échaça, tenant la porte de bambous, et d'Arrast sortit. Il se retourna et regarda le coq qui n'avait pas bougé. « Viens ? Tout à l'heure, il faudra porter la pierre. »

— Je reste, dit le coq d'un air fermé.  
— Et ta promesse ? »

Le coq sans répondre poussa peu à peu la porte que d'Arrast retenait d'une seule main. Ils restèrent ainsi une seconde, et d'Arrast céda, haussant les épaules. Il s'éloigna.

La nuit était pleine d'odeurs fraîches et aromatiques.

Au-dessus de la forêt, les rares étoiles du ciel austral, estompées par une brume invisible, luisaient faiblement. L'air humide était lourd. Pourtant, il semblait d'une délicate fraîcheur au sortir de la case. D'Arrašt remonta la pente glissante, gagnait les premières cases, trébuchait comme un homme ivre dans les chemins troués. La forêt grondait un peu, toute proche. Le bruit du fleuve grandissait, le continent tout entier émergeait dans la nuit et l'écrètement envahissait d'Arrašt. Il lui semblait qu'il aurait voulu vomir ce pays tout entier, la tristesse de ses grands espaces, la lumière glauque des forêts, et le clapotis nocturne de ses grands fleuves déserts. Cette terre était trop grande, le sang et les saisons s'y confondaient, le temps se liquéfait. La vie ici était à ras de terre et, pour s'y intégrer, il fallait se coucher et dormir, pendant des années, à même le sol boueux ou desséché. Là-bas, en Europe, c'était la honte et la colère. Ici, l'exil ou la solitude, au milieu de ces fous languissants et trépidants, qui dansaient pour mourir. Mais, à travers la nuit humide, pleine d'odeurs végétales, l'étrange cri d'oiseau blessé, poussé par la belle endormie, lui parvint encore.

Quand d'Arrašt, la tête barrée d'une épaisse migraine, s'était réveillé après un mauvais sommeil, une chaleur humide écrasait la ville et la forêt immobile. Il attendait à présent sous le porche de l'hôpital, regardant sa montre arrêtée, incertain de l'heure, étonné de ce grand jour et du silence qui montait de la ville. Le ciel, d'un bleu presque franc, pesait au ras des premiers toits éteints. Des urubus jaunâtres dormaient, figés par la chaleur, sur la maison qui faisait face à l'hôpital. L'un d'eux s'ébroua tout d'un coup, ouvrit le bec, prit ostensiblement ses dispositions pour s'envoler, claqua deux fois ses ailes poussiéreuses contre son corps, s'éleva de quelques centimètres au-dessus du toit, et retomba pour s'endormir presque aussitôt.

L'ingénieur descendit vers la ville. La place principale était déserte, comme les rues qu'il venait de parcourir. Au loin, et de chaque côté du fleuve, une brume basse flottait sur la forêt. La chaleur tombait verticalement et d'Arrašt chercha un coin d'ombre pour s'abriter. Il vit alors, sous l'auvent d'une des maisons, un petit homme

qui lui faisait signe. De plus près, il reconnut Socrate. « Alors, monsieur d'Arrašt, tu aimes la cérémonie ? » D'Arrašt dit qu'il faisait trop chaud dans la case et qu'il préférerait le ciel et la nuit.

« Oui, dit Socrate, chez toi, c'est la messe seulement. Personne ne danse. »

Il se frottait les mains, sautait sur un pied, tournait sur lui-même, riait à perdre haleine.

« Pas possibles, ils sont pas possibles. »

Puis il regarda d'Arrašt avec curiosité :

« Et toi, tu vas à la messe ? »

— Non.

— Alors où tu vas ?

— Nulle part. Je ne sais pas.

Socrate riait encore.

« Pas possible ! Un seigneur sans église, sans rien ! »

D'Arrašt riait aussi :

« Oui, tu vois, je n'ai pas trouvé ma place. Alors, je suis parti.

— Reste avec nous, monsieur d'Arrašt, je t'aime.

— Je voudrais bien, Socrate, mais je ne sais pas danser. » Leurs rires résonnaient dans le silence de la ville déserte.

« Ah, dit Socrate, j'oublie. Le maire veut te voir. Il déjeune au club. » Et sans crier gare, il partit dans la direction de l'hôpital. « Où vas-tu ? » cria d'Arrašt. Socrate imita un ronflement : « Dormir. Tout à l'heure la procession. » Et courant à moitié, il reprit ses ronflements.

Le maire voulait seulement donner à d'Arrašt une place d'honneur pour voir la procession. Il l'expliqua à l'ingénieur en lui faisant partager un plat de viande et de riz propre à miraculer un paralytique. On s'installerait d'abord dans la maison du juge, sur un balcon, devant l'église, pour voir sortir le cortège. On irait ensuite à la mairie, dans la grande rue qui menait à la place de l'église et que les pénitents emprunteraient au retour. Le juge et le chef de police accompagneraient d'Arrašt, le maire étant tenu de participer à la cérémonie. Le chef de police était en effet dans la salle du club, et tournait sans trêve autour de d'Arrašt, un infatigable sourire aux lèvres, lui prodiguant des discours incompréhensibles, mais évidemment affectueux. Lorsque d'Arrašt descendit, le chef de



police se précipita pour lui ouvrir le chemin, tenant toutes les portes ouvertes devant lui.

Sous le soleil massif, dans la ville toujours vidée, les deux hommes se dirigeaient vers la maison du juge. Seuls, leurs pas résonnaient dans le silence. Mais, soudain, un pétard éclata dans une rue proche et fit s'envoler sur toutes les maisons, en gerbes lourdes et embarrassées, les urubus au cou pelé. Presque aussitôt des dizaines de pétards éclatèrent dans toutes les directions, les portes s'ouvrirent et les gens commencèrent de sortir des maisons pour remplir les rues étroites.

Le juge exprima à d'Arrast la fierté qui était la sienne de l'accueillir dans son indigne maison et lui fit graver un étage d'un bel escalier baroque peint à la chaux bleue. Sur le palier, au passage de d'Arrast, des portes s'ouvrirent d'où surgissaient des têtes brunes d'enfants qui disparaissaient ensuite avec des rires étouffés. La pièce d'honneur, belle d'architecture, ne contenait que des meubles de rotin et de grandes cages d'oiseaux au jaccassement étourdissant. Le balcon où ils s'installèrent donnait sur la petite place devant l'église. La foule commençait maintenant de la remplir, étrangement silencieuse, immobile sous la chaleur qui descendait du ciel en flots presque invisibles. Seuls, des enfants couraient autour de la place, s'arrêtant brusquement pour allumer les pétards dont les détonations se succédaient. Vue du balcon, l'église, avec ses murs crépis, sa dizaine de marches peintes à la chaux bleue, ses deux tours bleues et or, paraissait plus petite.

Tout d'un coup, des orgues éclatèrent à l'intérieur de l'église. La foule, tournée vers le porche, se rangea sur les côtés de la place. Les hommes se découvrirent, les femmes s'agenouillèrent. Les orgues lointaines jouèrent, longuement, des sortes de marches. Puis un étrange bruit d'élytres vint de la forêt. Un minuscule avion aux ailes transparentes et à la frêle carcasse, insolite dans ce monde sans âge, surgit au-dessus des arbres, descendit un peu vers la place, et passa, avec un grondement de grosse crécelle, au-dessus des têtes levées vers lui. L'avion vira ensuite et s'éloigna vers l'estuaire.

Mais, dans l'ombre de l'église, un obscur remue-ménage attirait de nouveau l'attention. Les orgues s'étaient tués, relayées maintenant par des cuivres et des tambours, invisibles sous le porche. Des pénitents, recouverts de

surplis noirs, sortirent un à un de l'église, se groupèrent sur le parvis, puis commencèrent de descendre les marches. Derrière eux venaient des pénitents blancs portant des bannières rouges et bleues, puis une petite troupe de garçons costumés en anges, des confréries d'enfants de Marie, aux petits visages noirs et graves, et enfin, sur une chaise multicolore, portée par des notables suant dans leurs complets sombres, l'effigie du bon Jésus lui-même, roseau en main, la tête couverte d'épines, saignant en chancelant au-dessus de la foule qui garnissait les degrés du parvis.

Quand la chasse fut arrivée au bas des marches, il y eut un temps d'arrêt pendant lequel les pénitents essayèrent de se ranger dans un semblant d'ordre. C'est alors que d'Arrast vit le coq. Il venait de déboucher sur le parvis, torse nu, et portait sur sa tête barbe une énorme bloc rectangulaire qui reposait sur une plaque de liège à même la crâne. Il descendit d'un pas ferme les marches de l'église, la pierre exactement équilibrée dans l'arceau de ses bras courts et musclés. Dès qu'il fut parvenu derrière la chasse, la procession s'ébranla. Du porche surgirent alors les musiciens, vêtus de vestes aux couleurs vives et s'époumonant dans des cuivres entrubannés. Aux accents d'un pas redoublé, les pénitents accélèrent leur allure et gagnèrent l'une des rues qui donnaient sur la place. Quand la chasse eut disparu à leur suite, on ne vit plus que le coq et les derniers musiciens. Derrière eux, la foule s'ébranla, au milieu des détonations, tandis que l'avion, dans un grand ferraillement de pistons, revenait au-dessus des derniers groupes. D'Arrast regardait seulement le coq qui disparaissait maintenant dans la rue et dont il lui semblait soudain que les épaules fléchissaient. Mais à cette distance, il voyait mal.

Par les rues vides, entre les magasins fermés et les portes closes, le juge, le chef de police et d'Arrast gagnèrent alors la mairie. À mesure qu'ils s'éloignaient de la fanfare et des détonations, le silence reprenait possession de la ville et, déjà, quelques urubus revenaient prendre sur les toits la place qu'ils semblaient occuper depuis toujours. La mairie donnait sur une rue étroite, mais longue, qui menait d'un des quartiers extérieurs à la place de l'église. Elle était vide pour le moment. Du balcon de la mairie, à perte de vue, on n'apercevait qu'une chaussée

défoncée, où la pluie récente avait laissé quelques flaques. Le soleil, maintenant un peu descendu, rongeaient encore, de l'autre côté de la rue, les façades aveugles des maisons.

Ils attendirent longtemps, si longtemps que d'Arrast, à force de regarder la réverbération du soleil sur le mur d'en face, sentit à nouveau revenir sa fatigue et son vertige. La rue vidée, aux maisons désertes, l'attirait et l'écoeurait à la fois. À nouveau, il voulait fuir ce pays, il pensait en même temps à cette pierre énorme, il aurait voulu que cette épreuve fût finie. Il allait proposer de descendre pour aller aux nouvelles lorsque les cloches de l'église se mirent à sonner à toute volée. Au même instant, à l'autre extrémité de la rue, sur leur gauche, un tumulte éclata et une foule en ébullition apparut. De loin, on la voyait agglutinée autour de la chasse, pèlerins et pénitents mêlés, et ils avançaient, au milieu des pétards et des hurlements de joie, le long de la rue étroite. En quelques secondes, ils la remplirent jusqu'aux bords, avançant vers la mairie, dans un désordre indescriptible, les âges, les races et les costumes fondus en une masse bariolée, couverte d'yeux et de bouches vociférantes, et d'où sortaient, comme des lances, une armée de cierges dont la flamme s'évapora dans la lumière ardente du jour. Mais quand ils furent proches et que la foule, sous le balcon, sembla monter le long des parois, tant elle était dense, d'Arrast vit que le coq n'était pas là.

D'un seul mouvement, sans s'excuser, il quitta le balcon et la pièce, dévala l'escalier et se trouva dans la rue, sous le tonnerre des cloches et des pétards. Là, il dut lutter contre la foule joyeuse, les porteurs de cierges, les pénitents offusqués. Mais irrésistiblement, remontant de tout son poids la marée humaine, il s'ouvrit un chemin, d'un mouvement si emporté, qu'il chancela et faillit tomber lorsqu'il se retrouva libre, derrière la foule, à l'extrémité de la rue. Collé contre le mur brûlant, il attendit que la respiration lui revint. Puis il reprit sa marche. Au même moment, un groupe d'hommes déboucha dans la rue. Les premiers marchaient à reculons, et d'Arrast vit qu'ils entouraient le coq.

Celui-ci était visiblement exténué. Il s'arrêtait, puis, courbé sous l'énorme pierre, il courait un peu, du pas pressé des débardeurs et des coolies, le petit trot de la misère, rapide, le pied frappant le sol de toute sa plante.

Autour de lui, des pénitents aux surplis salis de cire fondu et de poussière l'encourageaient quand il s'arrêtait. À sa gauche, son frère marchait ou courait en silence. Il sembla à d'Arrast qu'ils mettaient un temps interminable à parcourir l'espace qui les séparait de lui. À peu près à sa hauteur, le coq s'arrêta de nouveau et jeta autour de lui des regards éteints. Quand il vit d'Arrast, sans paraître pourtant le reconnaître, il s'immobilisa, tourné vers lui. Une sueur huileuse et sale couvrait son visage maintenant gris, sa barbe était pleine de filets de salive, une mousse brune et sèche cimentait ses lèvres. Il essaya de sourire. Mais, immobile sous sa charge, il tremblait de tout son corps, sauf à la hauteur des épaules où les muscles étaient visiblement noués dans une sorte de crampes. Le frère, qui avait reconnu d'Arrast, lui dit seulement : « Il est déjà tombé. » Et Socrate, surgi il ne savait d'où, vint lui glisser à l'oreille : « Trop danser, monsieur d'Arrast, toute la nuit. Il est fatigué. »

Le coq avança de nouveau, de son trot saccadé, non comme quelqu'un qui veut progresser mais comme s'il fuyait la charge qui l'écrasait, comme s'il espérait l'alléger par le mouvement. D'Arrast se trouva, sans qu'il sût comment, à sa droite. Il posa sur le dos du coq une main devenue légère et marcha près de lui, à petits pas pressés et pesants. À l'autre extrémité de la rue, la chasse avait disparu, et la foule, qui, sans doute, emplissait maintenant la place, ne semblait plus avancer. Pendant quelques secondes, le coq, encastré par son frère et d'Arrast, gagna du terrain. Bientôt, une vingtaine de mètres seulement le séparèrent du groupe qui s'était massé devant la mairie pour le voir passer. À nouveau, pourtant, il s'arrêta. La main de d'Arrast se fit plus lourde. « Allez, coq, dit-il, encore un peu. » L'autre tremblait, la salive se remettait à couler de sa bouche tandis que, sur tout son corps, la sueur jaillissait littéralement. Il prit une respiration qu'il voulait profonde et s'arrêta court. Il s'ébranla encore, fit trois pas, vacilla. Et soudain la pierre glissa sur son épaule, qu'elle entailla, puis en avant jusqu'à terre, tandis que le coq, déséquilibré, s'écroulait sur le côté. Ceux qui le précédaient en l'encourageant sautèrent en arrière avec de grands cris, l'un d'eux se saisit de la plaque de liège pendant que les autres empoignaient la pierre pour en charger à nouveau le coq.

D'Arrast, penché sur celui-ci, nettoyait de sa main l'épaule souillée de sang et de poussière, pendant que le petit homme, la face collée à terre, haletait. Il n'entendait rien, ne bougeait plus. Sa bouche s'ouvrait avidement sur chaque respiration, comme si elle était la dernière. D'Arrast le prit à bras-le-corps et le souleva aussi facilement que s'il s'agissait d'un enfant. Il le tenait debout, serré contre lui. Penché de toute sa taille, il lui parlait dans le visage, comme pour lui insuffler sa force. L'autre, au bout d'un moment, sanglant et terreux, se détacha de lui, une expression hagarde sur le visage. Chancelant, il se dirigea de nouveau vers la pierre que les autres soulevaient un peu. Mais il s'arrêta; il regardait la pierre d'un regard vide, et secouait la tête. Puis il laissa tomber ses bras le long de son corps et se tourna vers d'Arrast. D'énormes larmes coulaient silencieusement sur son visage ruiné. Il voulait parler, il parlait, mais sa bouche formait à peine les syllabes. « J'ai promis », disait-il. Et puis : « Ah! capitaine. Ah! capitaine! » et les larmes noyèrent sa voix. Son frère surgit dans son dos, l'étreignit, et le coq, en pleurant, se laissa aller contre lui, vaincu, la tête renversée.

D'Arrast le regardait, sans trouver ses mots. Il se tourna vers la foule, au loin, qui criait à nouveau. Soudain, il arracha la plaque de liège des mains qui la tenaient et marcha vers la pierre. Il fit signe aux autres de l'élever et la chargea presque sans effort. Légèrement tassé sous le poids de la pierre, les épaules ramassées, soufflant un peu, il regardait à ses pieds, écoutant les sanglots du coq. Puis il s'ébranla à son tour d'un pas puissant, parcourut sans faiblir l'espace qui le séparait de la foule, à l'extrémité de la rue, et fendit avec décision les premiers rangs qui s'écartèrent devant lui. Il entra sur la place, dans le vacarme de cloches et des détonations, mais entre deux haies de spectateurs qui le regardaient avec étonnement, soudain silencieux. Il avançait du même pas emporté, et la foule lui ouvrait un chemin jusqu'à l'église. Malgré le poids qui commençait de lui broyer la tête et la nuque, il vit l'église et la chasse qui semblait l'attendre sur le parvis. Il marchait vers elle et avait déjà dépassé le centre de la place quand brutalement, sans savoir pourquoi, il obliqua vers la gauche, et se détourna du chemin de l'église, obligeant les pèlerins à lui faire face. Derrière lui,

il entendit des pas précipités. Devant lui, s'ouvraient de toutes parts des bouches. Il ne comprenait pas ce qu'elles lui criaient, bien qu'il lui semblât reconnaître le mot portugais qu'on lui lançait sans arrêt. Soudain, Socrate apparut devant lui, roulant des yeux effarés, parlant sans suite et lui montrant, derrière lui, le chemin de l'église. « A l'église, à l'église », c'était là ce que criaient Socrate et la foule. D'Arrast continua pourtant sur sa lancée. Et Socrate s'écarta, les bras comiquement levés au ciel, pendant que la foule peu à peu se taisait. Quand d'Arrast entra dans la première rue, qu'il avait déjà prise avec le coq, et dont il savait qu'elle menait aux quartiers du fleuve, la place n'était plus qu'une rumeur confuse derrière lui.

La pierre, maintenant, pesait doulousement sur son crâne et il avait besoin de toute la force de ses grands bras pour l'alléger. Ses épaules se nouaient déjà quand il atteignit les premières rues, dont la pente était glissante. Il s'arrêta, tendit l'oreille. Il était seul. Il assura la pierre sur son support de liège et descendit d'un pas prudent, mais encore ferme, jusqu'au quartier des cases. Quand il y arriva, la respiration commençait de lui manquer, ses bras tremblaient autour de la pierre. Il pressa le pas, parvint enfin sur la petite place où se dressait la case du coq, courut à elle, ouvrit la porte d'un coup de pied et, d'un seul mouvement, jeta la pierre au centre de la pièce, sur le feu qui rougeoyait encore. Et là, redressant toute sa taille, énorme soudain, aspirant à goulées désespérées l'odeur de misère et de cendres qu'il reconnaissait, il écouta monter en lui le flot d'une joie obscure et haletante qu'il ne pouvait pas nommer.

Quand les habitants de la case arrivèrent, ils trouvèrent d'Arrast debout, adossé au mur du fond, les yeux fermés. Au centre de la pièce à la place du foyer, la pierre était à demi enfouie, recouverte de cendres et de terre. Ils se tenaient sur le seuil sans avancer et regardaient d'Arrast en silence comme s'ils l'interrogeaient. Mais il se taisait. Alors, le frère conduisit près de la pierre le coq qui se laissa tomber à terre. Il s'assit, lui aussi, faisant un signe aux autres. La vieille femme le rejoignit, puis la jeune fille de la nuit, mais personne ne regardait d'Arrast. Ils étaient accroupis en rond autour de la pierre, silencieux. Seule, la rumeur du fleuve montait jusqu'à eux à travers

l'air lourd. D'Arrast, debout dans l'ombre, écoutait, sans rien voir, et le bruit des eaux l'emplissait d'un bonheur tumultueux. Les yeux fermés, il saluait joyeusement sa propre force, il saluait, une fois de plus, la vie qui recommençait. Au même instant, une détonation éclata qui semblait toute proche. Le frère s'écarta un peu du coq et se tournant à demi vers d'Arrast, sans le regarder, lui montra la place vide : « Assieds-toi avec nous. »

TEXTES COMPLÉMENTAIRES  
COMMENTAIRES  
NOTES ET VARIANTES

## **4. CONFERÊNCIAS**



## NOUS AUTRES MEURTRIERS

Oui, c'est la vérité que nous vivons sans avenir et que le monde d'aujourd'hui ne nous promet plus que la mort ou le silence, la guerre ou la terreur. Mais c'est la vérité aussi que nous ne pouvons pas le supporter parce que nous savons que l'homme est une longue création et que tout ce qui vaut la peine de vivre, amour, intelligence, beauté, demande le temps et la maturité.

Et si nous ne pouvons pas le supporter, nous devons le dénoncer. Et la première chose justement est de pousser ce cri de révolte. Car la terreur et la fatalité sont faites pour moitié au moins de l'inertie et de la fatigue des individus en face des principes stupides ou des actions mauvaises dont on continue d'empoisonner le monde. La tentation la plus forte de l'homme est celle de l'inertie. Et parce que le monde n'est plus peuplé par le cri des victimes, beaucoup peuvent penser qu'il continuera d'aller son train pendant quelques générations encore. Il ira son train, en effet, mais parmi les prisons et les chaînes. Parce qu'il est plus facile de faire son travail quotidien et d'attendre dans une paix aveugle que la mort vienne un jour, les gens croient qu'ils ont assez fait pour le bien de l'homme en ne tuant personne directement. Mais, en vérité, aucun homme ne peut mourir en paix s'il n'a pas fait tout ce qu'il faut pour que les autres vivent et s'il n'a pas cherché ou dit quel est le chemin d'une mort pacifiée. Et d'autres encore, qui n'ont pas envie de penser trop longtemps à la misère humaine, préfèrent en parler d'une façon très générale et dire que cette crise de l'homme est de tous les temps. Mais ce n'est pas une sagesse qui vaut pour le prisonnier ou le condamné. Et, en vérité, nous continuons d'être dans la prison, attendant les mots de l'espoir.

Les mots d'espoir sont le courage, la parole claire et l'amitié. Qu'un seul homme puisse envisager aujourd'hui une nouvelle guerre sans le tremblement de l'indignation et la guerre devient possible. Qu'un seul homme puisse justifier les principes qui conduisent à la guerre et à la terreur et il y aura guerre et terreur. Il faut donc bien que nous disions clairement que nous vivons dans la terreur parce que nous vivons selon la puissance et que nous ne sortirons de la terreur que lorsque nous aurons remplacé les valeurs de puissance par les valeurs d'exemple. Il y a terreur parce que les gens croient ou bien que rien n'a de sens, ou bien que seule la réussite historique en a. Il y a terreur parce que les valeurs humaines ont été remplacées par les valeurs du mépris et de l'efficacité, la volonté de liberté par la volonté de domination. On n'a plus raison parce qu'on a la justice et la générosité avec soi. On a raison parce qu'on réussit. Et plus on réussit, plus on a raison. À la limite, c'est la justification du meurtre.

Tout le monde aujourd'hui veut réussir, par l'argent ou par le jeu. Tout le monde veut triompher. Les nations ne souhaitent pas le succès parce qu'elles ont raison, mais elles le veulent pour avoir enfin raison. Aucune d'elles ne veut plus écouter l'autre. Il n'y a plus de dialogues possibles dans un univers où tout le monde est sourd. Demain, ce sera le monologue du vainqueur et le silence de l'esclave. C'est pourquoi les hommes ont raison d'avoir peur, parce que dans un pareil monde c'est toujours par hasard ou par une arbitraire bienveillance que leur vie ou celle de leurs enfants sont épargnées. Et ils ont raison aussi d'avoir honte parce que ceux qui vivent dans un pareil monde sans le condamner de toutes leurs forces (c'est-à-dire presque tous) sont à leur manière aussi meurtriers que les autres.

Il n'y a qu'un seul problème aujourd'hui qui est celui du meurtre. Toutes nos disputes sont vaines. Une seule chose importe qui est la paix. Les maîtres du monde sont aujourd'hui incapables de l'assurer parce que leurs principes sont faux et meurtriers. Que du moins et dans tous les pays, ceux

qui refusent le meurtre se réveillent, dénoncent les faux principes et entament pour leur propre compte la réflexion, le dialogue, la démarche exemplaire qui démontreront au moins que l'histoire est faite pour l'homme et pas le contraire. Ceux qui ne veulent pas tuer doivent parler, et ne dire qu'une seule chose, mais la dire sans répit, comme un témoin, comme mille témoins qui n'auront de cesse que lorsque le meurtre, à la face du monde, sera répudié définitivement.

(CAMUS, *Franchise*, n° 3, nov.-déc. 1946)  
(*Cahiers de la France retrouvée*)

## LE TEMPS DES MEURTRIERS'

Quelques-uns d'entre vous ont la générosité de s'intéresser à l'Europe. Et je reconnais qu'ils ont du mérite. Le vieux continent porte beaucoup de cicatrices qui lui font le visage patibulaire. Il a l'humeur souvent méchante et une assez injuste préférence à croire que rien n'existe hors de ses limites, qui ne dépassent pourtant pas celles du seul Brésil. Mais enfin il a un passé, des siècles de gloire, ce qui n'est rien, et de culture, ce qui vaut mieux. Et dans le grand désert d'un monde stérilisé par l'esprit de puissance, dans un temps où les hommes, poussés par de médiocres et féroces idéologies, s'habituent à avoir honte de tout et du bonheur lui-même, il arrive qu'ici ou là, des hommes dispersés sur les continents, se tournent encore vers la malheureuse Europe et s'interrogent sur son avenir sachant bien que l'esclavage ou le désespoir de l'Europe ne peuvent aller sans l'obscurcissement de deux ou trois valeurs dont aucun citoyen d'aucun pays ne pourra jamais se passer sans renoncer au nom d'homme.

Je partage cette inquiétude et je voudrais y répondre. Je n'ai pas le don de prophétie et je ne suis pas qualifié pour décider si l'Europe a encore un avenir? Mais je puis dire au moins ceci : l'Europe pour poursuivre sa mission<sup>1</sup> doit guérir d'un cer-

1. L'IMEC possède deux versions de cette conférence. L'une, sans titre, comporte 23 pages dactylographiées (pages numérotées 1-22 + 3<sup>bis</sup>) et l'autre, intitulée « Les Embarras de la violence », est légèrement plus courte (20 pages dactylographiées). Seule la première de ces versions a été corrigée et mise au point par Camus, vraisemblablement à São Paulo. C'est donc cette version qui est reproduite ici. Les variantes importantes seront signalées en note.

Les nombreuses corrections manuscrites de Camus ont été intégrées au texte dans la mesure où leur déchiffrement a été possible. Dans d'autres cas, une note indique la correction problématique.

2. À cet endroit, un ajout manuscrit dont la lecture est incertaine : « < Il est fort probable aussi que l'Europe a besoin de se retremper au contact des peuples libres. > ».

3. En surcharge : « < être encore utile au monde > ». Lecture incertaine.

tain nombre de maladies. Parmi ces maux, il en est qui sont tout à fait hors de ma compétence. D'autres hommes aujourd'hui s'essaient à les nommer et à les guérir. Mais il est au moins une maladie de l'Europe que j'ai partagée avec les hommes de ma génération et sur laquelle il m'est arrivé de réfléchir. Il me semble donc que je ne puis rien faire de mieux, venant ici et pour répondre à notre inquiétude commune, que de dire aussi simplement que je le puis ce que je sais de cette maladie, et de contribuer au diagnostic qui doit toujours précéder une éventuelle guérison.<sup>4</sup>

Ce faisant, il me semble que j'aiderai en même temps à compléter l'idée qu'on se fait de l'Europe. Car elle est considérée comme la terre de l'humanisme et cela est juste dans un sens. Mais depuis quelques années, elle est autre chose : la terre des camps de concentration et de la destruction froide et scientifique. Comment la terre de l'humanisme a-t-elle produit le camp de concentration et une fois la chose faite comment les humanistes eux-mêmes se sont arrangés des camps de concentration, voilà les questions qui sont de la compétence des hommes de ma génération et que je voudrais aborder, laissant à d'autres, plus qualifiés, le soin de vous parler de l'humanisme et de l'Europe traditionnelle.

L'Europe<sup>5</sup>, aujourd'hui, est dans le malheur. Quel est ce malheur? À première vue, il se définit simplement : on y a beaucoup tué ces dernières années et quelques-uns prévoient même qu'on tuera encore. Un si grand nombre de morts finit par alourdir l'atmosphère. Naturellement, ce n'est pas nouveau. L'histoire officielle a toujours été l'histoire des grands meurtriers. Et ce n'est pas d'aujourd'hui que Cain tue Abel. Mais c'est d'aujourd'hui que Cain tue Abel au nom de la logique et

4. Le paragraphe qui suit est un ajout manuscrit sur feuille volante, marqué de l'en-tête « Esplana Hotel », São Paulo. Point d'insertion du paragraphe au mot « guérison ».

5. Camus s'inspire de quelques passages de sa conférence « Le Témoin de la liberté », prononcée en 1948 (voir II, 400-3).

L'image du parent pauvre que l'on garde à la cuisine se retrouve, en 1953, dans « Le Pain et la liberté » (II, 792-3).

réclame ensuite la Légion d'honneur. Je prendrai un exemple pour me faire mieux comprendre.

Pendant les grèves de novembre 1947, les journaux annoncèrent que le bourreau de Paris cesserait aussi son travail. Ou n'a pas assez remarqué, à mon sens, cette décision de notre compatriote. Ses revendications étaient nettes. Il demandait naturellement une prime pour chaque exécution, ce qui est dans la règle de toute entreprise. Mais, surtout, il réclamait avec force, le statut de chef de bureau. Il voulait en effet recevoir de l'État, qu'il avait conscience de bien servir, la seule consécration, le seul honneur tangible qu'une nation moderne puisse offrir à ses bons serviteurs, je veux dire, un statut administratif. Ainsi s'éteignait, sous le poids de l'histoire, une de nos dernières professions libérales. Car c'est bien sous le poids de l'histoire, en effet. Dans les temps barbares, une auréole terrible tenait à l'écart du monde le bourreau. Il était celui qui, par métier, attendait au mystère de la vie et de la chair. Il était et il se savait un objet d'horreur. Et cette horreur consacrait en même temps le prix de la vie humaine. Aujourd'hui, il est seulement un objet de pudeur. Et je trouve, dans ces conditions, qu'il a raison de ne plus vouloir être le parent pauvre qu'on garde à la cuisine parce qu'il n'a pas les ongles nets. Dans une civilisation où le meurtre et la violence sont déjà des doctrines et sont en passe de devenir des institutions, les bourreaux ont tout à fait le droit d'entrer dans les cadres administratifs. À vrai dire, le bourreau de Paris avait raison, nous autres Français, sommes un peu en retard. Un peu partout dans le monde, les exécuteurs sont déjà installés dans les fauteuils ministériels. Ils ont seulement remplacé la hache par le tampon à encre.

Quand la mort devient affaire de statistique<sup>6</sup> et d'adminis-

6. En surcharge : « Anecdote du train ».

Il est difficile de savoir de quelle anecdote il s'agit. Il est bien question d'une anecdote de train dans « Les Embarras de la violence » mais elle se situe beaucoup plus loin dans la conférence lorsqu'il est question d'un lien possible entre le scepticisme et la foi dans l'homme : « Les Français de la Résistance que j'ai connus et qui lisaient Montaigne dans les trains où ils transportaient leurs tracts prouvaient qu'on pouvait, du moins, chez nous, comprendre les sceptiques

tration, c'est en effet que quelque chose ne va pas. L'Europe est malade puisque la mise à mort d'un être peut y être envisagée autrement qu'avec l'horreur et le scandale qu'elle devrait susciter, puisque la torture des hommes y est admise comme une servitude un peu ennuyeuse, au même titre que le ravitaillement et l'obligation de faire la queue pour obtenir le moindre gramme de beurre. L'Europe souffre ainsi de meurtre et d'abstraction. Mon opinion est qu'il s'agit de la même maladie. Je vous propose simplement, et ce sera les deux parties de mon exposé, d'examiner comment nous y sommes entrés et comment nous pouvons en sortir.

## I

La réponse à la première question est simple. Nous y sommes entrés par la pensée. Et c'est une maladie que, d'une certaine manière, nous avons voulue.

Bien entendu, aucun d'entre nous, sauf exception, n'a jamais exercé réellement le métier d'exécuteurs. Mais nous nous sommes tous trouvés et nous nous trouvons encore devant des entreprises historiques d'extermination à grande échelle. Il se peut même que nous les ayons combattues, par exemple, avec courage et tenacité. Mais de quels arguments pouvions-nous soutenir la condamnation que nous portions contre elles? N'avions-nous jamais entretenu des pensées ou des doctrines qui pour finir donnaient leurs raisons aux charniers? En ce qui concerne les hommes de ma génération, il se trouve malheureusement que oui. On ne pense pas mal parce qu'on est un meurtrier, mais on est un meurtrier parce qu'on pense mal. C'est la première réflexion dont je voudrais vous faire part.

Beaucoup parmi nous, en effet, ont été portés par le nihilisme en ayant une idée de l'homme. Et tous, par conséquent, par le seul fait de vivre, d'espérer et de lutter, nous affirmions quelque chose.

lisme de l'entre-deux guerres. Et la question en ce qui les concerne n'est pas de savoir s'ils avaient des excuses à vivre dans la négation. Ils en avaient. Ce qui importe c'est de savoir s'ils y ont vécu. Les hommes<sup>7</sup> de mon âge en France et en

7. Camus s'appuie maintenant sur la conférence qu'il a prononcée aux États-Unis, en 1946, « La Crise de l'homme » (« The Human Crisis », *Albert Camus* 5 : *Journalisme et politique, l'entrée dans l'histoire, 1938-1940*) [Paris, Lettres Modernes, « La Revue des lettres modernes », 1972], pp. 157-76), et dont l'original français semble s'être perdu. Pour les différents passages utilisés, voir AC5, 158-9 ; 164-5 ; 167-71 ; 173. « La Crise de l'homme » peut donc être partiellement reconnue grâce à la réutilisation de ces passages par Camus. Pour ce faire, il convient de prendre également en considération le fragment suivant des « Embarras de la violence » (correspondant à AC5, 169-71). Les parties communes au « Temps des meurtriers » (*supra*, pp. 67-9) et aux « Embarras de la violence » seront délimitées par des barres verticales.

Nous devons ainsi commencer à appeler les choses par leur nom et bien nous rendre compte que nous tuons les hommes chaque fois que nous nous complaisons dans certaines pensées. La première chose à faire est donc le rejet pur et simple, par la pensée et l'action, de toute philosophie réaliste ou fataliste. | Nous ne dirons pas ainsi que nous refusons toute violence, ce qui serait utopique, mais que nous refusons la violence confortable, je veux dire légitimée par la raison d'État ou par une philosophie. Aucune violence ne peut être exercée par procuration, aucune justifiée en général. Chaque acte violent doit tout remettre en question pour l'homme qui le commet. | En particulier, la suppression de la peine de mort devrait être le premier article du Code international dont chacun de nous attend la création. La peine de mort ne s'imagine qu'en fonction d'hommes qui croient posséder la vérité absolue. Ce n'est pas notre cas. Et nous sommes obligés de conclure que nous ne pouvons dire de personne qu'il soit absolument coupable ( nous pouvons le sentir et chercher à l'abattre). | Il est donc impossible de prononcer le châtement absolu<sup>a</sup>. |

Pour prendre un exemple dans la pratique : j'en sais assez pour admettre la condamnation même à des peines très dures de prison, d'un collaborateur. Mais j'ignore trop de choses pour ne pas signer sa demande de commutation de peine, s'il est condamné à mort.

Une autre chose à faire sera de refuser aux philosophies politiques le droit de tout régler. | Il ne s'agit pas en effet de donner à ce monde un catéchisme politique et moral. Le grand malheur de notre temps est que justement la politique prétend nous nuire, en même temps d'un catéchisme, d'une philosophie complète, et même quelquefois d'un art d'aimer. Or le rôle de la politique est de faire le ménage et non pas de régler nos problèmes intérieurs. | [*Mais barrés*] ou si avec Hegel nous acceptons l'idée d'une philosophie totale, nous accroissons les chances du meurtre. | J'ignore pour moi s'il existe un absolu. Mais je sais qu'il n'est pas de l'ordre politique. L'absolu n'est pas l'affaire de

a. Le texte n'a visiblement pas été relu ; il comporte plusieurs blancs laissés par Camus et qu'il m'a été possible de combler en recourant au texte du « Temps des meurtriers ».

Europe, par exemple, sont nés juste avant ou pendant la première grande guerre, sont arrivés à l'adolescence au moment de la crise économique mondiale et ont eu 20 ans l'année de la prise de pouvoir par Hitler. Pour compléter leur éducation, on leur a offert ensuite la guerre d'Espagne, Munich, la guerre de 1939, la défaite et quatre années d'occupation et de luttes clandestines. Pour finir, on leur promet le feu d'artifice atomique.<sup>8</sup> Je suppose donc que c'est ce qu'on appelle une génération intéressante<sup>9</sup>. Mais d'autant plus intéressante qu'elle est entrée dans cette interminable expérience avec les seules forces de la révolte, puisqu'elle ne croyait à rien. La littérature de son temps était en révolte contre la clarté, le récit et la phrase elle-même. La peinture était en révolte contre le sujet, la réalité et la simple harmonie. La musique refusait la mélodie. Quant à la philosophie, elle enseignait qu'il n'y avait pas de vérités, mais simplement des phénomènes, qu'il pouvait y avoir

Mr. Smith, M. Durand, Herr Vogel, mais rien de commun tous : il est l'affaire de chacun. Et tous doivent régler leurs rapports entre eux de façon que chacun ait le loisir intérieur de s'interroger sur l'absolu. Notre vie appartient sans doute aux autres et il est juste de la donner quand cela est nécessaire. Mais notre mort n'appartient qu'à nous, c'est ma définition de la [Liberté].

La quatrième chose à faire est de rechercher et de créer à partir de la négation, les valeurs provisoires qui permettront de concilier une pensée négative et les possibilités d'un action positive. C'est là le travail des philosophes dont je n'ai donné qu'une question<sup>b</sup>.

La cinquième chose à faire est de bien comprendre que cette attitude revient à créer un universalisme où tous les hommes de bonne volonté pourront se retrouver. Pour sortir de la solitude, il faut parler mais il faut parler franc, et, en toutes occasions, ne jamais mentir et dire toute la vérité que l'on sait. Mais on ne peut dire la vérité que dans un monde où elle est définie et fondée sur des valeurs communes à tous les hommes. Aucun homme au monde, aujourd'hui ni demain ne peut jamais décider que sa vérité est assez bonne pour pouvoir l'imposer aux autres. Car la conscience commune des hommes peut seule assumer cette ambition. Et il faut retrouver les valeurs dont vit cette conscience commune. La liberté que nous avons à conquérir pour finir est le droit de ne pas mentir. | À cette condition seulement nous pourrions, dans la complétude générale... |

b. Erreur vraisemblable de frappe. Il convient sans doute de lire *exquisse* comme dans « Le Temps des meurtriers ».

8. Ajout de 1949 au texte de « La Crise de l'homme » (AC5, 158).

9. Camus aime l'expression. Il s'en servira, lors de la conférence d'Upsala, en 1957 (II, 1079).



entre ces trois phénomènes particuliers. L'attitude morale de cette génération était encore plus catégorique : le nationalisme lui paraissait une vérité dépassée, la religion un exil, 20 ans de politique internationale lui avaient appris à douter de toutes les puretés et à penser que personne n'avait jamais tort puisque tout le monde estimait avoir raison. Quant à la morale traditionnelle de la société, elle lui paraissait ce qu'elle n'a pas cessé d'être, c'est-à-dire une démission, ou une monstrueuse hypocrisie.

Cette génération a donc vécu dans le nihilisme. Bien entendu, cela non plus n'était pas nouveau. D'autres générations, d'autres pays ont vécu à d'autres périodes de l'histoire cette expérience. Mais, ce qu'il y a de nouveau, c'est que ces mêmes hommes, étrangers à toutes valeurs, ont eu à régler leur position personnelle par rapport au meurtre et à la terreur. Car ils sont entrés par exemple dans la guerre, comme dans l'Enfer, s'il est vrai que l'Enfer est le reniement. Ils n'aimaient ni la guerre, ni la violence. Ils ont dû accepter la guerre et exercer la violence. Ils n'avaient de haine que pour la haine. Il leur a fallu pourtant apprendre cette difficile science. Pour se battre, il faut croire à quelque chose. Ces hommes-là, apparemment, ne croyaient à rien. Ils pouvaient donc ne pas se battre. Mais si l'on ne se bat pas, on adopte alors les valeurs de l'ennemi, mêmes si ce sont des valeurs méprisables, puisqu'on les laisse triompher.

Nous savions instinctivement que nous ne pouvions pas céder aux bêtes qui s'élevaient aux quatre coins de l'Europe. Mais nous ne savions pas justifier cette obligation où nous étions. Ceci était la maladie de l'Europe qu'on peut encore définir ainsi : il n'y a pas si longtemps, c'étaient les mauvaises actions qui demandaient à être justifiées, et aujourd'hui, ce sont les bonnes. Et elles n'étaient pas faciles à justifier, puisque les plus conscients d'entre nous apercevaient<sup>10</sup> qu'ils n'avaient encore dans la pensée aucun principe qui pût leur permettre de s'opposer à la terreur et de désavouer le meurtre.

10. Dans « Les Embarras de la violence », Camus a écrit : « s'apercevaient ».

Car si on ne croit à rien, en effet, si rien n'a de sens et si nous ne pouvons affirmer aucune valeur, alors tout est permis et rien n'a d'importance. Alors, il n'y a ni bien ni mal, et Hitler par exemple, n'a ni tort ni raison. Malice et vertu sont hasard ou caprice. On peut passer des milliers d'innocents au four crématoire comme on peut se dévouer et soigner les lépreux. On peut aussi bien honorer les morts que les jeter à la poubelle. Tout cela est équivalent. « Une paire de bottes, écrivait le nihiliste Pissarev, vaut mieux que Shakespeare »<sup>11</sup>.

Et lorsque nous pensons que rien n'a de sens, il faut conclure que celui qui a raison, c'est celui qui réussit. La seule règle est de se montrer le plus efficace, c'est-à-dire, le plus fort. Le monde n'est plus partagé entre les justes et les injustes, mais entre les maîtres et les esclaves. Et c'est si vrai qu'aujourd'hui encore, des tas de gens intelligents et sceptiques vous déclarent que si par hasard Hitler avait gagné cette guerre, l'Histoire lui aurait rendu hommage et aurait consacré l'atroce piédestal sur lequel il s'était juché. Quoi d'étonnant à cela. « L'histoire officielle consiste à croire les meurtriers sur parole », a dit Simone Weil. Et nous ne pouvons pas douter en vérité que l'Histoire telle que nous la concevons, aurait consacré Hitler et justifié la terreur et le meurtre, comme nous tous les consacrons et les justifions aux moments où nous osons penser que rien n'a de sens.

Ainsi de quelque côté qu'on se tourne, au cœur de la négation et du nihilisme, le meurtre... et le meurtre scientifique, le meurtre *utile*<sup>12</sup>... a sa place privilégiée. Au bout de ce raisonnement se trouvaient, de la façon la plus naturelle, les C. de C.<sup>13</sup> Si donc nous estimions légitime de nous installer dans la négation totale, nous devions nous préparer à tuer et à tuer scientifiquement. Bien entendu, il y faut quelques dispositions. Mais, en somme, moins qu'on ne le croit, si l'on juge par l'expérience, sans compter qu'il est toujours possible de faire tuer,

11. Camus se souviendra de cette phrase dans *L'Homme révolté* (II, 657).

12. Le mot est souligné par Camus.

13. Phrase manuscrite, en surcharge (au-dessus de : « Si donc nous estimions légitime... »). C. de C. = Camp de concentration.

comme cela se voit ordinairement. Dans tous les cas, rien de ce que nous pensions ne pouvait nous permettre de réfuter ce que nous étions en train de voir, même s'il s'agissait de Dachau. Et c'est pourquoi tant d'hommes de ma génération se sont trouvés jetés un peu au hasard dans cette misérable aventure sans rien dans l'esprit qui puisse empêcher le meurtre ou le légitimer, entraînés par toute une époque enfiévrée de nihilisme, mais dans la solitude cependant, les armes à la main et le cœur serré.

C'est parce qu'ils avaient une conscience aiguë de ce délaissement qu'un certain nombre d'autres hommes ont refusé en apparence le nihilisme et choisi, toujours en rejetant les principes d'explication supérieurs, les valeurs de l'Histoire. Le matérialisme historique en particulier, était là, qui leur semblait un refuge, où ils croyaient trouver une règle d'action sans renoncer à rien de leur révolte. Il suffisait d'agir dans le sens de l'histoire. Ces hommes disaient, par exemple, que cette guerre, et bien d'autres choses, étaient nécessaires parce qu'elle liquiderait l'ère des nationalismes et qu'elle préparerait le temps des Empires auquel succéderait, après de nouveaux conflits ou non, la société universelle.

Mais, pensant cela, ils arrivaient au même résultat que s'ils avaient pensé que rien n'avait de sens. Car si l'Histoire a un sens c'est un sens total ou ce n'est rien. Ces hommes pensaient et agissaient comme si l'Histoire obéissait à une dialectique souveraine et comme si nous nous dirigeons tous ensemble vers un but définitif. Ils pensaient et agissaient suivant le principe de Hegel : « L'homme est fait pour l'Histoire et non l'Histoire pour l'homme ». En vérité, tout le réalisme politique et moral qui guidait et guide encore les destinées du monde obéit, souvent sans le savoir, et avec 100 ans de retard, à une philosophie de l'Histoire née en Allemagne, selon laquelle l'humanité entière se dirige selon des voies rationnelles vers un Univers définitif. On a remplacé le nihilisme par un rationalisme sans nuances et dans les deux cas, les résultats sont les mêmes. Car,

s'il est vrai que l'Histoire obéit à une logique souveraine, s'il est vrai, selon cette même philosophie que l'état féodal doit inévitablement succéder à l'état anarchique, puis les nations à la féodalité, et les Empires aux nations pour aboutir enfin à la Société Universelle, alors tout ce qui sert cette marche inévitable est bon et les accomplissements de l'Histoire sont les vérités définitives.

Et comme ces accomplissements ne peuvent être servis que par les moyens ordinaires qui sont les guerres, les intrigues et les meurtres, individuels et collectifs, on justifie tous les actes non pas en ce qu'ils sont bons ou mauvais, mais en ce qu'ils sont efficaces ou non. Au bout de ce raisonnement se retrouvent de façon non moins naturelle, le C. de C. et le meurtre scientifique. Dans leurs conséquences, il n'y a pas de différences entre les deux attitudes dont j'ai parlé. Toutes les deux se trouvent à l'extrémité de cette longue aventure de l'esprit moderne qui, depuis ce que Nietzsche a appelé la mort de Dieu, n'a pas cessé d'écrire dans le sang de l'Histoire la tragédie de l'orgueil européen. Toute idée fausse finit dans le sang et c'est la justice de cette terre. Mais il s'agit toujours du sang des autres, et c'est l'injustice de notre condition.

## II

Ce sont donc bien ces idées fausses qui ont rendu l'Europe malade. Elles lui ont donné le virus de l'efficacité et elles ont rendu le meurtre nécessaire. Être efficace c'est le grand mot d'aujourd'hui et dans la mesure où nous avons souhaité l'efficacité par désespoir ou par logique, dans cette mesure même, nous sommes tous responsables des meurtres de l'histoire. Car la volonté d'efficacité, c'est la volonté de domination. Vouloir dominer quelqu'un ou quelque chose, c'est souhaiter la stérilité, le silence, ou la mort de ce quelqu'un. Voilà pourquoi nous

vivons un peu en fantômes dans un monde désormais abstrait, silencieux à force de hurlements et menacé de ruine. Car les philosophies<sup>14</sup> qui placent l'efficacité au sommet de toutes les valeurs sont des philosophies de mort. C'est sous leur influence que les forces de vie ont déserté l'Europe et que la civilisation de ce continent présente aujourd'hui des signes de déperissement. Les civilisations aussi ont leur scorbut qui est ici le mal d'abstraction.<sup>15</sup>

Je ne prendrai que quelques exemples. Et d'abord la polémique.

Il n'y a pas de vie sans dialogue. Et sur la plus grande partie du monde, le dialogue est remplacé par la polémique, langage de l'efficacité. Le xx<sup>e</sup> siècle est, chez nous<sup>16</sup>, le siècle de la polémique et de l'insulte. Elle tient, entre les nations et les individus, et au niveau même des disciplines autrefois désintéressées la place que tenait traditionnellement le dialogue réfléchi. Des milliers de voix, jour et nuit, poursuivant chacune de son côté un tumultueux monologue, déversent sur les peuples un torrent de paroles mystificatrices. Mais quel est le mécanisme de la polémique? Elle consiste à considérer l'adversaire en ennemi, à le simplifier par conséquent et à refuser de le voir. Celui que j'insulte, je ne connais pas la couleur de son regard. Grâce à la polémique, nous ne vivons plus dans un monde d'hommes, mais dans un monde de silhouettes.

Il n'y a pas de vie non plus sans persuasion. Et l'histoire d'aujourd'hui ne connaît que l'intimidation, politique d'efficacité. Les hommes vivent et ne peuvent vivre que sur l'idée qu'ils ont quelque chose en commun où ils peuvent toujours se retrouver. Mais nous avons découvert ceci : il y a des hommes qu'on ne persuade pas. Il était et il est impossible à une victime des

14. Ajout manuscrit (sans point d'insertion précis), au dos du feuillet 10 qui commence à « Car les philosophies... » : « [mots illisibles] une abstraction qui s'appelle l'État, instrument de puissance qui met ses [des?] moyens techniques [au nom?] d'une répression indifférente [mots illisibles] ».

15. Suivent quelques mots peu lisibles où l'on peut cependant déchiffrer : « Un monde terrorisé est en marche... ».

16. Voir II, 401-3.

camps de concentration d'expliquer à ceux qui l'avilissent qu'ils ne doivent pas le faire<sup>17</sup>. C'est que ces derniers ne représentent plus des hommes, mais une idée portée à la température de la plus inflexible volonté. Celui qui veut dominer est sourd. En face de lui, il faut se battre ou mourir. C'est pourquoi les hommes d'aujourd'hui vivent dans la terreur. Dans le « Livre des morts » on lit que le juste Égyptien pour mériter son pardon devait pouvoir dire : « Je n'ai causé de peur à personne ». Dans ces conditions, on cherchera en vain nos grands contemporains, le jour du jugement dernier, dans la file des bienheureux.

Quoi d'étonnant à ce que ces silhouettes désormais sourdes et aveugles, terrorisées, nourries de tickets, et dont la vie entière se résume dans une fiche de police, puissent être ensuite traitées comme des abstractions anonymes. Il est intéressant de constater que les régimes qui sont issus des idéologies dont je parle sont précisément ceux qui, par système, procèdent au déracinement des populations, les promenant à la surface de l'Europe, comme des symboles exsangues qui ne prennent une vie dérisoire que dans les chiffres des statistiques. Depuis que ces belles philosophies sont entrées dans l'histoire, d'énormes masses d'hommes, dont chacun pourtant avait autrefois une manière de serrer la main, sont définitivement ensevelis sous les deux initiales des personnes déplacées qu'un monde très logique a inventées pour elles.<sup>18</sup>

17. Cf. « Ni victimes ni bourreaux » (II, 332).

18. On lit à cet endroit, dans « Les Embarras de la violence », le développement suivant :

Nos machines nous mènent à la conquête du monde. Pour le moment cela consiste à survoler à 400 km/heure et à 3000 mètres d'altitude de façon [quel] la nature, autrefois, bois, ruisseaux, prairies, fossés à enjamber, n'est plus qu'un décalque. Le monde n'est plus pour nous qu'une épure. Et dans les cadres de cette épure, s'ordonnent les symboles qui consacrent la domination de l'homme sur l'homme. Les tickets remplaçant le pain, des vies entières renfermées dans une fiche de police<sup>b</sup>. Le destin aujourd'hui n'a plus la force de la nature. Il est devenu méticuleux et un peu maniaque. Il est rangé, il a pris ses bureaux. Et à force de papiers et de fonctionnaires, on crée un monde où la chaleur humaine disparaît, où aucun homme ne peut en toucher un autre, si ce n'est à travers le dédale de ce qu'on appelle les formalités.

a) « que » a été oublié.

b) la phrase est restée sans verbe.

Car tout cela est logique. Quand on veut unifier le monde entier au nom d'une théorie, par le moyen de l'efficacité, il n'est pas d'autres voies que de rendre ce monde, aussi décharné, aveugle et sourd que la théorie elle-même<sup>19</sup>. Il n'est pas d'autres voies que de couper les racines mêmes qui attachent l'homme à la vie et à la nature.<sup>20</sup> Et ce n'est pas un hasard si l'on ne trouve pas de paysage dans la grande littérature européenne depuis Dostoïevski. Ce n'est pas un hasard si les livres significatifs d'aujourd'hui, au lieu de s'intéresser aux nuances du cœur et aux vérités de l'amour, ne se passionnent que pour les juges, les procès et la mécanique des accusations, si au lieu d'ouvrir les fenêtres sur la beauté du monde, on les y referme avec soin sur l'angoisse des solitaires. Ce n'est pas un hasard si le philosophe qui inspire aujourd'hui une grande partie de la pensée européenne est celui qui a écrit que seule la ville moderne permet à l'esprit de prendre conscience de lui-même et qui est allé jusqu'à dire que la nature est abstraite et que la raison seule est concrète. C'est le point de vue de Hegel, en effet, et c'est le point de départ d'une immense aventure de l'intelligence, celle qui finit par tuer toutes choses. Dans le grand spectacle de la nature, ces esprits ivres ne voient plus rien qu'eux-mêmes. C'est l'aveuglement dernier.

Pourquoi aller plus loin ? Ceux qui connaissent les villes détruites d'Europe, savent ce dont je parle. Elles offrent l'image de ce monde décharné, efflanqué d'orgueil, où le long d'une monotone apocalypse, des fantômes errent à la recherche d'une amitié perdue, avec la nature et les êtres. Le grand drame de l'homme d'Occident, c'est qu'entre lui et son devenir historique, ne s'interposent plus ni les forces de la nature, ni celles de l'amitié. Ses racines coupées, ses bras desséchés, il se confond déjà avec les potences qui<sup>21</sup> lui sont promises.

19. Ajout manuscrit : « aussi froid que l'hiver, aussi cruel que [mot illisible] ».

20. Ajout manuscrit : « La nature est ce qui échappe à l'histoire et [mots illisibles] ».

21. Ajout manuscrit au-dessus de ce membre de phrase : « que ses meurtries et ses idéologies lui promettent ». Lecture incertaine. — La fin de cette partie

### III

J'arrêterai ici cette description, bien qu'elle soit incomplète. Trop d'êtres dans l'Europe d'aujourd'hui sont les témoins misérables de sa réalité pour qu'il soit possible de s'y complaire. Ce qui m'intéresse, c'est de savoir comment sortir de cet état et si justement nous sommes capables d'en sortir. Il fut un temps où les commandements divins donnaient à chacun sa règle et j'en tends bien que ceci était une solution. Mais ces temps ne sont plus et 80% des Européens d'aujourd'hui vivent hors de la grâce<sup>22</sup>.

La seule conclusion pratique, c'est que l'Europe ne peut plus tirer la force d'une renaissance que de ce dont elle dispose, c'est-à-dire ses négations et sa révolte. Mais, après tout, direz-vous, ce sont ses philosophies de la révolte qui l'ont conduite où elle est. Elle s'est d'abord révoltée contre un monde qui n'avait pas de sens et elle en a tiré l'idée qu'il fallait dominer de la conférence présentait, dans « Les Embarras de la violence », le développement suivant :

Que ce soit à l'intérieur des nations ou dans le monde, la méfiance, le ressentiment, la cupidité, la course à la puissance sont en train de fabriquer un univers sombre et déshéparé, où chaque homme se trouve obligé de vivre dans le présent. Le mot seul d'« Avenir » lui figurant toutes les angoisses, livré à des puissances abstraites, décharné et abruti par une vie précipitée, séparé des vérités naturelles, des loisirs sages et du simple bonheur. Oui, les hommes dont j'ai parlé éprouvent ce mal dans leur chair, depuis des années, le lisent sur le visage de ceux qu'ils aiment et du fond de leur cœur malade, s'élève à nouveau l'ancienne révolte qui leur a soufflé tant de pensées terribles et dont il faudrait pourtant qu'elle leur apporte la vraie libération.

22. Camus avait d'abord écrit :

hors de la grâce [et refusent les valeurs supérieures. Ce n'est pas toujours de leur faute. Et si la religion occidentale a trahi sa mission qui était l'universalisme, si elle fait cause commune avec la folie des nations, elle ne peut plus prétendre à rien réformer avant de se réformer elle-même. Sa responsabilité n'est pas mince d'avoir laissé tant d'hommes aux prises avec l'histoire sans autres armes que leur négation et leur révolte].

Il a barré cette fin de paragraphe, soucieux, sans doute, de ne pas choquer son public (voir p. 81 n. 34).

ce monde par les voies de la puissance. Elle a choisi l'efficacité. Elle a ce qu'elle voulait. Et il est vrai que la plupart des Européens ont choisi, sans le savoir, de vivre comme ils vivent. Dans ce cas, il n'y aurait plus d'autre issue que les cloîtres et les déserts. L'avenir du monde pourrait être abandonné alors à ces peuples enfants qui rient au sommet de leurs machines.

Ma réponse est différente cependant, et je la donne pour ce qu'elle vaut. La révolte ne conduit pas à la domination et c'est par une perversion de l'orgueil intellectuel qu'on en a tiré tant d'affreuses conséquences<sup>23</sup>.

Mais ceci est la folie. Et la révolte peut encore nous donner, au niveau même qui est le sien, une règle d'action qui diminue la douleur des hommes au lieu de l'accroître. Dans ce monde privé de valeurs, dans ce désert du cœur où nous avons vécu, que signifiait en effet cette révolte? Elle faisait de nous des hommes qui disaient *Non*. Mais nous étions en même temps des hommes qui disaient *Oui*. Nous disions *non* à ce monde, à son absurdité essentielle, aux abstractions qui nous menaçaient, à la civilisation de mort qu'on nous préparait. En disant *non*, nous affirmions que les choses avaient assez duré, qu'il y avait une limite qu'on ne pouvait dépasser. Mais dans ce même temps, nous affirmions tout ce qui était en deçà de cette limite, nous affirmions qu'il y avait quelque chose en nous qui refusait le scandale et qu'il n'était pas possible d'humilier trop longtemps. Et, bien sûr, c'était une contradiction qui devait nous faire réfléchir. Nous pensions que ce monde vivait et luttait sans valeur réelle. Et voilà que nous luttons pourtant contre l'Allemagne, par exemple. Et tous,

23. Camus barre ici d'un trait les lignes suivantes :

Rien ne justifie cette rage de destruction sinon l'aveuglement d'une indignation qui n'aperçoit plus ses raisons. [Le nihilisme rationnel ou non, confond dans la même cotère, créateur et créatures.]<sup>a</sup> Supprimant la justification supérieure, le nihilisme rejette toute limite et finit par juger qu'il est indifférent de tuer ce qui est déjà voué à la mort.

a) Cette phrase a été barrée, apparemment, lors d'une correction antérieure.

par conséquent, par le seul fait de refuser et de lutter, nous affirmions quelque chose<sup>24</sup>.

#### *Anecdote allemande*

Mais ce quelque chose avait-il une valeur générale, dépassait-il l'opinion d'un individu, pouvait-il servir de règle de conduite? La réponse a déjà été donnée. Les hommes dont je parle acceptaient de mourir dans le mouvement de leur révolte. Et cette mort prouvait qu'ils se sacrifiaient au bénéfice d'une vérité qui dépassait leur existence personnelle, qui allait plus loin que leur destinée individuelle. Ce que nos révoltés défendaient contre un destin ennemi, c'était une valeur commune à tous. Quand des hommes étaient torturés avec application, quand des mères se voyaient obligées de condamner leurs enfants à mort, quand les justes étaient enterrés comme des pourceaux, ces révoltés jugeaient que quelque chose en eux était nié qui ne leur appartenait pas seulement, mais qui était un lieu commun où les hommes ont une solidarité toute prête<sup>25</sup>.

Oui, c'est la grande leçon de ces années terribles que l'injure faite à un étudiant en Prague touchait un ouvrier de la banlieue parisienne et que le sang versé quelque part sur les bords d'un fleuve européen allait amener un paysan d'Écosse à verser le sien sur le sol de ces Ardennes qu'il voyait pour la première

24. C'est ici que pourrait se situer l'anecdote du train concernant Montaigne et qui, comme l'anecdote allemande, illustre cette situation paradoxale de l'homme qui se révolte tout en niant que le monde ait un sens.

L'anecdote allemande, rapportée dans le *Correio do Povo* (12-08-49) de Porto Alegre, souligne plus précisément l'impossibilité pratique de s'en tenir au refus absolu de toute valeur :

Albert Camus, ensuite, raconte l'anecdote d'un adolescent français qui répète, sous la menace de mort d'un policier allemand : « aucune idée ne mérite qu'on meure pour elle » — affirmant ainsi qu'il y a pourtant des idées pour lesquelles on peut parfois consentir à donner sa vie [...].

Voir également H. LOTTMAN (*Albert Camus* [Paris, Seuil, 1978]), p. 482.

25. Un trait joint ce mot à la dernière phrase du paragraphe suivant (« Mais il y avait [...] plus long. »). Camus voulait-il enchaîner de cette manière? Cela paraît assez douteux.



fois. Et cela même était absurde et fou, impossible, ou presque, à penser. Mais il y avait en même temps dans l'absurdité, cette leçon que nous étions dans une tragédie collective, dont l'enjeu était une dignité partagée, une communion des hommes entre eux qu'il s'agissait de défendre et de maintenir, avant d'en savoir plus long.

À partir de là, nous savions comment agir et nous appréhensions comment, dans le dénuement moral le plus absolu, l'homme peut retrouver des valeurs suffisantes à régler sa conduite. Car, si cette communion des hommes entre eux, dans la reconnaissance mutuelle de leur chair et de leur dignité était la vérité, c'est cette communication même, c'est ce dialogue qu'il fallait servir.

Et pour maintenir cette communication, il fallait que les hommes fussent libres, puisqu'il n'y a rien de commun entre un maître et un esclave, et qu'on ne peut parler et communiquer avec un homme asservi. La servitude est un silence, et le plus terrible de tous.

Et pour maintenir cette communication, nous devions aussi faire en sorte que l'injustice disparût, parce qu'il n'y a pas de dialogue entre l'opprimé et le profiteur. L'envie aussi est du domaine du silence.

Et pour maintenir cette communication, nous devions enfin proscrire le mensonge et la violence, car l'homme qui ment se ferme aux autres hommes et celui qui torture et contraint impose le silence définitif.

Ainsi, à partir de la négation et par le simple mouvement de notre révolte, il était possible de retrouver une morale de la liberté et de la sincérité, une morale du dialogue.

Pour guérir l'Europe, pour servir l'avenir du monde, c'est cette morale du dialogue que nous avons provisoirement à opposer à la morale<sup>26</sup> du meurtre. Nous devons lutter contre l'injustice, contre la servitude et la terreur, parce que ces trois

26. « la morale » remplacé « au monde » barré. Pour cette « morale du dialogue », voir « Vers le dialogue » dans « Ni victimes ni bourreaux » (II, 349-52).

fléaux sont ceux qui font régner le silence entre les hommes, qui élèvent des barrières entre eux, qui les obscurcissent l'un à l'autre et qui les empêchent de se retrouver dans la seule valeur qui puisse les sauver de ce monde désespérant : la longue fraternité des hommes en lutte contre leur destin. Au bout de cette interminable nuit, maintenant et enfin, nous savons ce que nous devons faire.

Qu'est-ce que cela signifie pratiquement ? Cela signifie que l'Europe ne guérira pas si nous n'appelons pas les choses par leur nom, si nous n'acceptons pas l'idée que nous tuons des hommes chaque fois que nous nous complaisons dans certaines pensées. La première chose à faire est donc le rejet pur et simple, par la pensée et l'action, de toute philosophie cynique<sup>27</sup>. Nous ne dirons pas ainsi que nous refusons toute violence, ce qui serait utopique, mais que nous refusons la violence confortable, je veux dire la violence légitimée par la raison d'État ou par une philosophie<sup>28</sup>. Aucune violence ne peut être exercée par procuration, aucune justifiée en général. Chaque acte violent doit tout remettre en question pour l'homme qui le commet. La suppression de la peine de mort — et la condamnation des systèmes concentrationnaires — dans tous les cas devrait être le premier article du Code international dont chacun de nous attend la création. La peine de mort ne s'imagine qu'en fonction d'hommes qui croient posséder la vérité absolue. Ce n'est pas notre cas. Et nous sommes alors obligés de conclure que nous ne pouvons dire de personne qu'il soit absolument coupable. Il est donc impossible de prononcer le châtiment absolu.

L'Europe ne guérira pas si nous ne refusons pas aux philosophies politiques le droit de tout régler. Il ne s'agit pas, en effet, de donner à ce monde un catéchisme politique et moral. Le grand malheur de notre temps est que justement la politique prétend nous munir, en même temps, d'un catéchisme, d'une philosophie complète, et même quelquefois d'un art d'aimer.

27. « ou fataliste » a été barré.

28. Voir « Ni victimes ni bourreaux » (II, 334-5).

Or, le rôle de la politique est de faire le ménage et non pas de régler nos problèmes intérieurs. J'ignore, pour moi, s'il existe un absolu. Mais je sais qu'il n'est pas de l'ordre politique. L'absolu n'est pas l'affaire de tous : il est l'affaire de chacun. Et tous doivent régler leurs rapports entre eux de façon que chacun ait le loisir intérieur de s'interroger sur l'absolu. Notre vie appartient sans doute aux autres et il est juste de la donner quand cela est nécessaire. Mais notre mort n'appartient qu'à nous, c'est ma définition de la liberté.

L'Europe ne guérira pas si elle ne recherche pas à créer, à partir de la négation, les valeurs provisoires qui permettent de concilier une pensée négative et les possibilités d'une action positive. C'est là le travail des philosophes dont je n'ai donné qu'une esquisse. Mais il nous permettrait au moins de remettre en question un certain nombre de valeurs falsifiées sur lesquelles vivent nos contemporains, et dont la première est l'héroïsme. Il faut le dire tranquillement, il y a un procès à faire à l'héroïsme<sup>29</sup>, et ce sera un procès d'usurpation. Car cette valeur est falsifiée en ce sens que nos philosophies de l'exaltation lui donnent trop souvent une place qui n'est pas la sienne, je veux dire la première. « Le courage, disait Schopenhauer, simple vertu de sous-lieutenant ! » N'allons pas si loin. Mais disons, au moins, que nous ne voulons pas de n'importe quel héros. Beaucoup d'entre nous peuvent témoigner que les S.S. allemands étaient courageux. Cela ne prouve pas qu'ils avaient raison en organisant les camps de concentration. L'héroïsme est donc une vertu secondaire, qui dépend d'autres valeurs pour garder un sens. Celui qui meurt pour l'injustice n'en est pas justifié pour autant. Il y aurait aussi du courage, mais d'une autre sorte, à savoir reconnaître que la première des vertus n'est pas l'héroïsme, mais l'honneur, sans lequel le courage perd son sens et l'héroïsme s'avilit.

Pour finir, l'Europe ne guérira pas sans réinventer un univer-

29. Ce procès a déjà été fait par Camus dans les *Lettres à un ami allemand* où on peut lire, entre autres : « [...] l'héroïsme est peu de chose, le bonheur plus difficile. » (II, 242). Voir également : II, 222-3.

salisme où tous les hommes de bonne volonté pourront se retrouver. Pour sortir de la solitude et de l'abstraction, il faut parler. Mais il faut parler franc, et, en toutes occasions, dire toute la vérité que l'on sait. Mais on ne peut dire la vérité que dans un monde où elle est définie et fondée sur des valeurs communes à tous les hommes. Aucun homme au monde, aujourd'hui ni demain, ne peut jamais décider que sa vérité est assez bonne pour pouvoir l'imposer aux autres. Car la conscience commune des hommes peut seule assumer cette ambition. Et il faut retrouver les valeurs dont vit cette conscience commune<sup>30</sup>. Cela signifie que nous avons tous à créer en dehors des partis, des communautés de réflexion qui entameront le dialogue, par-dessus les frontières, et qui affirmeront par leurs vies et leurs discours que ce monde doit cesser d'être celui des policiers, des soldats et de l'argent pour devenir celui de l'homme et de la femme, du travail fécond et du loisir réfléchi. La liberté que nous avons à conquérir pour finir, est le droit de ne pas mentir. À cette condition seulement, nous connaîtrons nos raisons de vivre et de mourir. À cette condition seulement nous pourrons, dans la complexité générale où nous vivons, essayer au moins d'être des meurtriers innocents<sup>31</sup>.

30. Ajout manuscrit : « détruite aujourd'hui par la terreur ». Lecture incertaine.

31. On se souvient des confidences de Tarrou, dans *La Peste* (I, 1426).

## CONCLUSION

J'en ai terminé avec les quelques réflexions que je voulais vous proposer. On pensera peut-être que l'attitude assez limitée dont j'ai parlé, n'a que des chances modestes contre les forces du meurtre. Mais, je conclurai ainsi, ce n'est pas mon avis. Car il s'agit d'une prudence bien calculée, d'ailleurs provisoire<sup>32</sup>, qui demande de la force et de l'obstination. Plus simplement, elle demande qu'on aime la vie plus que l'idée. Voilà peut-être ce qui la rend difficile, dans une Europe qui a désappris d'aimer la vie et fait semblant d'aimer l'avenir par-dessus tout, pour tout lui sacrifier. Mais si elle veut reprendre goût à la vie, il lui faudra remplacer les valeurs d'efficacité par les valeurs d'exemple<sup>33</sup>.

Quelqu'un, dans le monde antique, nous a laissé justement l'exemple et le chemin de ce salut. Il savait que la vie comporte une part d'ombre et une part de lumière, que l'homme ne pouvait pas prétendre tout régler, qu'il fallait lui démontrer sa vanité. Il savait qu'il y a des choses qu'on ne sait pas et que si l'on prétend tout savoir, alors on finit par tout tuer. Pressentant ce que devait dire Montaigne : « C'est mettre à bien haut prix ses conjectures que d'en faire cuire un homme tout vif », il prêchait dans les rues d'Athènes la valeur d'ignorance, afin que l'homme devienne supportable à l'homme. À la fin, naturel-

32. Ajout manuscrit : « d'ailleurs provisoire ». Lecture incertaine.

33. Une note manuscrite, sur feuille volante, pourrait avoir sa place ici :

Et à la vérité, si elle ne le fait pas, personne ne pourra le faire à sa place. Elle a trempé dans les mêmes entreprises meurtrières que les autres puissances qui font semblant aujourd'hui de mener le monde. Mais ces puissances n'ont fait que suivre les leçons de [mot illisible]. Et cette dernière [mot illisible] est capable de former les pensées dont dépend désormais notre salut commun.

lement, on l'a mis à mort. Socrate mort, alors commence la décadence du monde grec. Et on a tué beaucoup de Socrate en Europe depuis quelques années. C'est une indication. C'est l'indication que seul l'esprit socratique d'indulgence envers les autres et de rigueur envers soi-même est dangereux en ce moment pour notre civilisation du meurtre. Nietzsche le savait bien qui avait su distinguer en Socrate le pire ennemi de la volonté de puissance. C'est donc l'indication que seul cet esprit peut faire du bien au monde. Tout autre effort, si admirable soit-il, dirigé vers la domination ne peut que mutiler l'homme plus gravement encore. Socrate avait raison, il n'y a pas d'homme sans dialogue. Et il me semble que le moment est venu, pour l'Europe et le monde, de regrouper contre les idéologies de la puissance, les forces du dialogue.

Et ici, je me souviendrai que je suis écrivain. Car un des sens de l'histoire d'aujourd'hui et plus encore de demain, c'est la lutte entre les artistes et les conquérants, et si dérisoire que cela puisse paraître, entre les mots et les balles. Les conquérants et les artistes veulent la même chose et vivent de la même révolte. Mais les conquérants modernes veulent l'unité du monde et ils ne peuvent l'obtenir qu'en passant par la guerre et la violence. Ils n'ont qu'un rival, et bientôt qu'un ennemi, qui est l'art. Car les artistes veulent aussi cette unité mais ils la recherchent et la trouvent parfois dans la beauté, au terme d'une longue ascèse intérieure. « Les poètes, dit Shelley, sont les législateurs non reconnus du monde »<sup>34</sup>. Mais par là il définit, en même temps, la grande responsabilité des artistes contemporains qui doivent reconnaître ce qu'ils sont, et que, par exemple, ils sont du côté de la vie, non de la mort. Ils sont les témoins de la chair, non de la loi. Par leur vocation, ils sont condamnés à la compréhension de cela même qui leur est ennemi. Cela ne signifie pas, au contraire, qu'ils soient incapables de juger du bien ou du mal. Mais, chez le pire criminel, leur aptitude à vivre la vie d'autrui leur permet de

34. Citation reprise dans *L'Homme révolté* (II, 672).

reconnaître la constante justification des hommes, qui est la douleur.<sup>35</sup>

Par leur œuvre et par leur exemple, il ne leur reste plus désormais qu'à démontrer que la compassion aussi est une force, qu'il vaut mieux se tromper sans assassiner personne et en laissant parler les autres que d'avoir raison au milieu du silence et des charniers. Il leur reste à proclamer que si les révolutions peuvent réussir par la violence, elles ne peuvent se maintenir que dans le dialogue. Une part de l'avenir européen est entre les mains de nos penseurs et de nos artistes, qui connaissent ainsi, et à la fois, misère et grandeur. Mais il en a toujours été ainsi et cela même est exaltant. L'histoire met aujourd'hui au premier plan l'éternelle vocation de l'intelligence, celle qui, à travers des siècles de combats douteux et de grandeurs menacées, n'a jamais cessé de lutter pour affirmer contre les abstractions de l'histoire ce qui dépasse toute l'histoire et qui est la chair, qu'elle soit souffrante ou qu'elle soit heureuse. Toute l'Europe d'aujourd'hui dressée dans sa superbe nous crie que cette entreprise est dérisoire et vaine. Mais nous sommes tous au monde pour démontrer le contraire.

© Jean et Catherine Camus

35. Ajout manuscrit partiellement lisible : « C'est cette compassion au sens fort du mot qui a fait d'eux dans l'histoire autrefois [illis.] Plutôt que de fuir ce risque et cette responsabilité, les artistes doivent l'accepter [illis.] l'essentiel [illis.] Et lutter à leur manière [illis.] parvenir. »

## [Un Moraliste de la révolte : Chamfort]<sup>1</sup>

On a pu dire de Sébastien Roch-Nicolas Chamfort que la postérité n'avait retenu son nom qu'à condition d'oublier son œuvre. C'est que la postérité aime le confort et l'œuvre de Chamfort est inconfortable. La nature humaine ne s'y trouve pas bien traitée et Chamfort n'a jamais exalté qu'une des vertus les plus mal partagées qui soient au monde, je veux dire le caractère. Mais une époque comme la nôtre où la nature humaine s'est distinguée par de si beaux crimes, a des raisons de se montrer moins susceptible et se trouve peut-être désignée pour réparer une des injustices les plus étonnantes de l'histoire littéraire.<sup>2</sup>

Chamfort né en 1741, mort en 1794, est le dernier moraliste de nos lettres classiques. Après lui, c'est le silence des époques révolutionnaires. Puis la littérature deviendra romantique, c'est-à-dire ennuyeuse.<sup>3</sup>

Disons d'abord que, pour un homme qui observe le monde

1. IMEC : Le texte de la conférence ne porte pas de titre et commence par les initiales : M.M. (Mesdames, Messieurs).

2. IMEC : histoire littéraire. | Dans tous les cas, le goût personnel et l'admiration que je me sens pour cet insupportable auteur m'ont paru suffisants pour qu'ayant à vous parler de littérature française, je choisisse comme sujet, plutôt qu'un parallèle entre Racine et Corneille, l'auteur des *Maximes et Anecdotes* (Il est aussi l'auteur d'une tragédie et de deux comédies dont il vaut mieux ne pas parler). | [§] Chamfort

3. IMEC : c'est-à-dire ennuyeuse. | Chamfort n'est pas encore ennuyeux. Mais il vit dans un monde bouleversé au contact duquel sa sensibilité s'exaspère et son œuvre, classique d'ailleurs, laisse mieux apercevoir ses mouvements profonds, si difficiles à déceler, dans d'autres œuvres, sous la perfection de la forme et des constructions. C'est ainsi que Chamfort, mieux qu'un autre, peut nous aider à prendre une vue moins intellectuelle de ce qu'était réellement le classicisme. | [§] Disons

4. À partir de là, Camus utilise le texte de l'« Introduction aux *Maximes* de Chamfort » (désignée désormais par : Intr.). Le texte de l'IMEC ne fera pas l'objet d'une mention particulière lorsqu'il coïncide avec celui de l'« Introduction ».

sans cesser d'y tenir sa place, il est bien difficile de penser tous les jours comme Chamfort. Et, par exemple, on admettra mal que la supériorité fait toujours des ennemis, que le génie est forcément solitaire.<sup>5</sup> La supériorité va très bien avec l'amitié, le génie est quelquefois de bonne compagnie.<sup>6</sup>

Il est bien difficile aussi d'entrer avec Chamfort dans un des sentiments les plus communs et les plus sots qui soient au monde, je veux dire le mépris des femmes en général. Il n'y a pas de mépris ni de passion en général. Tout cela demande la connaissance de cause.<sup>7</sup> J'aime mieux les pensées où Chamfort nuance son jugement. Telle celle-ci qui va loin : « Les femmes n'ont de bon que ce qu'elles ont de meilleur. » Et cette autre dont il faut bien avouer la mélancolie : « Il faut choisir d'aimer les femmes ou de les connaître, il n'y a pas de milieu. » Ajouterai-je enfin que la misanthropie me paraît une attitude futile et mal venue et que je n'aime dans Chamfort ni sa hargne rentrée, ni son côté « roquet », ni son désespoir total. J'aurai alors donné tous les éléments du paradoxe qui fait qu'avec cela Chamfort cependant me paraît un des plus enseignants parmi nos moralistes.<sup>9</sup>

Nos plus grands moralistes ne sont pas des faiseurs de maximes, ce sont des romanciers. Qu'est-ce qu'un moraliste en effet? Disons seulement que c'est un homme qui a la passion

5. Intr. : solitaire. | Ce sont là des choses qu'on dit pour faire plaisir au génie ou à soi-même. Mais il n'y a rien de vrai. | La

a) « des » n'apparaît pas dans le texte de l'IMEC.

6. Intr. : compagnie. | La sorte de solitude qu'il rencontre ne lui est pas particulière : il est seul quand il veut. | [§] Il

7. IMEC : Les trois phrases qui suivent, inexistantes dans le texte de l'« Introduction », apparaissent sous forme de note manuscrite, en bas de page.

8. Dans le texte de l'IMEC « aboyeur » est écrit à la main, au-dessus de « roquet ». Maria da Saudade a traduit : *seu lado vociferador* (« son côté vociférant »).

9. Intr. : nos moralistes. | Mais je le dis tout de suite, c'est qu'en portant ces jugements dans le général, il est infidèle au principe le plus secret de son art. En tout autre occasion, il procède d'une manière bien différente qui fait son originalité et sa profondeur. | [§] Nos

du cœur humain.<sup>10</sup> [Et] c'est ce qu'il y a de moins général au monde. C'est pourquoi, et malgré les apparences, il est bien difficile d'apprendre quelque chose sur la conduite des hommes en lisant les maximes de La Rochefoucauld.<sup>11</sup> Je donnerai volontiers tout le livre des *Maximes* pour une phrase heureuse de *La Princesse de Clèves* et pour deux ou trois petits faits vrais comme savait les collectionner Stendhal.<sup>12</sup> Nos vrais moralistes n'ont pas fait de phrases, ils ont regardé et se sont regardés. Ils n'ont pas légitimé, ils ont peint. Et par là ils ont plus fait pour éclairer la conduite des hommes que s'ils avaient plus patiemment<sup>13</sup> une centaine de formules définitives, vouées aux dissertations de bacheliers. C'est que le roman seul est fidèle au particulier. Son objet n'est pas les conclusions de la vie mais son déroulement même.<sup>14</sup> Du moins, c'est en cela qu'il sert à la connaissance comme le peuvent les sciences naturelles ou physiques et comme ne le peuvent ni les mathématiques ni les maximes qui sont toutes deux des jeux de l'esprit aux prises avec lui-même.

Qu'est-ce que la maxime en effet ? On peut dire en simplifiant que c'est une équation<sup>15</sup> où les signes du premier terme se

10. Intr. : cœur humain. | Mais qu'est-ce que le cœur humain ? Cela est bien difficile à savoir, on peut seulement imaginer que c'est [...] — Ici la traduction du portugais serait : « Et rien n'est moins général que le cœur humain. » Il m'a semblé préférable d'adopter le texte de l'« Introduction ».

11. Intr. : La Rochefoucauld. | Ce bel équilibre dans la phrase, ces antithèses calculées, cet amour-propre érigé en raison universelle, cela est bien loin des replis et des caprices qui font l'expérience d'un homme. | Je

12. Intr. : Stendhal. | On passe souvent de l'amour à l'ambition mais on ne revient guère de l'ambition à l'amour », dit La Rochefoucauld, et je ne sais rien de plus sur ces deux passions, car cela peut se retourner. Julien Sorel tuant sa carrière par le moyen de deux amours si différents m'enseigne bien plus dans chacun de ses actes. | Nos

13. Intr. : patiemment [pour quelques beaux esprits,] une centaine

14. Intr. : même. | En un mot, il est plus modeste, c'est en cela qu'il est classique. | Du

15. Intr. : Note à ce mot : « On s'explique ainsi qu'elle ait été cultivée avec un si rare bonheur en France et particulièrement dans ce xviii<sup>e</sup> siècle qui est celui des mathématiques. » Dans le texte de l'IMEC, les appels de note sont souvent marqués d'une croix. Lorsqu'il s'agit d'une citation, on peut présumer que Camus prévoyait de la lire à haute voix.

retrouvent exactement dans le second, mais avec un ordre différent. C'est pour cela que la maxime idéale peut toujours être retournée. Toute sa vérité est en elle-même et pas plus que la formule algébrique, elle n'a de correspondant dans [la réalité].<sup>16</sup> Mais rien de cela n'est [vrai]<sup>17</sup> parce que tout y est général.

Or, l'intérêt de Chamfort est qu'il n'écrit pas des maximes, à quelques exceptions près.<sup>18</sup> Si on regarde de près ce qu'il est convenu d'appeler ses pensées, on verra aisément qu'elles ne cultivent ni l'antithèse ni la formule.<sup>19</sup> [Il s'exprime] non par maximes, mais par remarques qui pourraient aussi bien entrer dans le cours d'un récit : « Il faut être juste avant d'être généreux, comme on a des chemises avant d'avoir des dentelles. »<sup>20</sup>

16. Intr. : n'a de correspondant dans l'expérience<sup>a</sup>. | On peut en faire ce que l'on veut jusqu'à épuisement des combinaisons possibles entre les termes donnés dans l'énoncé, que ces termes soient amour, haine, intérêt<sup>b</sup> ou pitié, liberté ou justice<sup>c</sup>. On peut même, et toujours comme en algèbre, tirer de l'une de ces combinaisons un pressentiment à l'égard de l'expérience. | Mais

a) Le texte portugais donne « réalité » au lieu d'« expérience ».

b) IMEC : haine, intérêt ou justice.

c) IMEC : En surcharge, entre les lignes : « (pastiches de Muller et Reboux) »

17. Intr. : Mais rien de cela n'est [réel] parce que

18. Intr. : près. | Et, sauf à céder, quand il s'agit des femmes ou de la solitude, aux mouvements d'une humeur excessive, il n'a rien généralisé. | Si

19. Intr. : la formule. | L'homme qui écrit : « Le philosophe qui veut éteindre ses passions ressemble au chimiste qui voudrait éteindre son feu » est de la même famille d'esprits que celui qui, à peu près dans le même temps, écrit admirablement : « On déclame contre les passions sans songer que c'est à leur flambeau que la philosophie allume le sien. » Et le premier comme le dernier s'expriment, | non par maximes

a) En note : « Marquis de Sade ».

20. Intr. : d'un récit. | Ce sont des traits<sup>a</sup>, des coups de sonde, des éclairages brusques<sup>b</sup>, ce ne sont pas des lois. Tous les deux apportent une matière où rien chemises avant d'avoir des dentelles ».

IMEC : À la suite de cette citation, note manuscrite : « + autres citations ». Ce trait de Chamfort est rappelé dans un passage de *L'Homme révolté* (II, 511). On notera que l'auteur des *Maximes* y apparaît comme le « moraliste de la révolte ».

b) IMEC : des éclairages brusques | sur les âmes. On le voit, | ce ne sont pas des lois. | [Rien ici] n'est  
Toutes les citations de Chamfort présentées dans la suite du paragraphe (version portugaise) sont extraites de l'une des deux pages manuscrites que comporte le texte de l'IMEC.



Ce ne sont pas des lois, ce sont des traits, des coups de sonde, un éclairage brusque [qui révèle une âme]. [Ainsi] encore parlant d'un égoïste : « Il brûlerait votre maison pour se faire cuire deux œufs. » [Ou] d'une dame de cour qui ne montrait aucune sensibilité à la représentation d'une de nos grandes tragédies : « Je pleurerai bien, mais je dois souper en ville... » [Ou] sur le monde, cette observation toujours valable : « Quand on veut plaire dans le monde, il faut se résoudre à se laisser apprendre beaucoup de choses qu'on sait par des gens qui les ignorent. » [Ou] ces deux dernières qui résument les contradictions de Chamfort : « Un homme qui, à 40 ans, n'est pas misanthrope n'a jamais aimé les hommes », et « Le goût du sacrifice est l'égoïsme des grands caractères. »

Chamfort ne met pas en formules son expérience du monde. Son très grand art abonde seulement en traits infiniment justes dont chacun suppose un portrait ou plusieurs situations que l'esprit peut facilement rétablir après coup.<sup>21</sup> C'est en cela qu'il fait penser d'abord à Stendhal qui est allé chercher comme lui l'homme où il se trouvait, c'est-à-dire dans la société et la vérité où elle se cache, dans ses traits particuliers. Mais la ressemblance va encore plus loin et il est possible sans paradoxe de parler de Chamfort comme d'un romancier. Car mille traits du même goût finissent par composer chez lui

n'est à légiférer, tout à peindre. Et, par exemple, on peut chercher longtemps chez nos moralistes de profession un texte qui aille aussi loin et qui porte plus d'expérience utilisable que celui-ci, dont le mot final me paraît de loin ce qui convient le mieux à l'usage de notre monde : « Il y a des fautes de conduite que, de nos jours, on ne fait plus guère ou qu'on fait beaucoup moins. On est tellement raffiné que, mettant l'esprit à la place de l'âme, un homme vil, pour peu qu'il ait réfléchi, s'abstient de certaines platitudes qui, autrefois, pouvaient réussir. J'ai vu des hommes malhonnêtes avoir quelquefois une conduite fière et décente avec un prince, un ministre; ne point fléchir, etc. Cela trompe les gens et les novices qui ne savent pas, ou bien oublient, qu'il faut juger un homme par l'ensemble de ses principes ou de son caractère. »

Mais on voit en même temps qu'il ne peut s'agir à aucun moment d'un art de la maxime. [§] Chamfort ne met pas

21. Intr. : En note : « Il en a eu lui-même l'intuition la plus claire : "Les maximes générales sont dans la conduite de la vie ce que les routines sont dans les arts." »

une sorte de roman *Maximes*. Mais si l'on considère en même temps les *Anecdotes* où les personnages<sup>23</sup> [sont] mis en scène et représentés dans leurs particularités, on peut prendre une idée encore plus précise de ce roman inavoué. [On a ainsi]<sup>24</sup> une sorte de grande « Comédie Mondaine » où il est possible, nous le verrons, de distinguer une histoire et un héros. Essayons de [la] résumer<sup>25</sup>.

L'action se passe à la fin du XVIII<sup>e</sup> siècle, au milieu d'une société sans force, sinon sans grâce, et dont l'unique occupation paraît être de danser sur les volcans. Le décor du roman est donc fourni par ce qu'on appelait alors le monde. Remarquons tout de suite que cela enlève de la généralité aux remarques de Chamfort.<sup>26</sup> Et la fameuse phrase sur l'amour ramené au

22. Intr. : une chronique collective [qui est ici versée tout entière dans les commentaires qu'elle suscite chez un homme]. Je

23. Intr. : les personnages [cette fois ne sont plus suggérés par les jugements qui se rapportent à eux, mais au contraire] mis en scène

24. Seul le membre de phrase qui suit la note a été retenu de tout un passage supprimé de l'« Introduction » :

inavouée. [En les joignant aux *Maximes*, on dispose des matériaux complets, personnages et commentaires, d'] une sorte de grande « comédie mondaine » où il est possible, nous le verrons, de distinguer une histoire et un héros. [Il suffirait de lui restituer la cohérence que l'auteur n'a pas voulu lui donner et l'on obtiendrait une œuvre bien supérieure au recueil de pensées qu'elle paraît être, le vrai livre d'une expérience humaine dont le pathétique et la cruauté font oublier les vaines injustices. C'est en tout cas un travail qu'il est possible d'indiquer. Et on verrait par lui que Chamfort, au contraire de La Rochefoucauld est un moraliste aussi profond que Mme de La Fayette ou Benjamin Constant et qu'il se place, malgré et à cause de ses aveuglements passionnés, parmi les grands créateurs d'un certain art où, à aucun moment, la vérité de la vie n'a été sacrifiée aux artifices du langage.] Essayons

a) En note : « Et même de Vauvenargues qui ne pratique que la confidence. Il n'a pas l'objectivité apparente qui fait le grand artiste. »

IMEC : Note manuscrite, à la suite de cette citation : « Ce qui l'a mené à considérer qu'on pouvait livrer au public des pensées de cette force : "Quand on aime la vie, on aime la mort." »

25. Intr. : Essayons de résumer [ce roman].

26. Intr. : Chamfort. [C'est le lecteur pressé qui, la plupart du temps, étend au cœur humain ce que l'auteur affirme seulement de certaines têtes folles.] Et

contact de deux épidermes, incompréhensible chez un homme qui a dit tant de choses profondes sur la passion, ne s'entend qu'avec ce que Chamfort lui-même y ajoute : « L'amour, tel qu'il existe dans la société... »

Ce qui est attaqué dans la chronique de Chamfort, c'est une classe, une minorité séparée du reste de la nation, sourde et aveugle, entêtée de plaisirs. C'est cette classe qui fournit les personnages du roman, le décor et les sujets de la satire. Car, à le regarder d'une vue courte, il s'agit d'abord d'un roman satirique<sup>27</sup>. Le roi, la cour, Madame, fille du roi, s'étonnant que sa bonne puisse, comme elle-même, avoir cinq doigts; Louis XV bronchant sur son lit d'agonie parce que son médecin emploie la formule « Il faut »; la duchesse de Rohan<sup>28</sup> [enceinte] répondant à qui la questionnait pour savoir quand elle accoucherait : « J'aurai cet honneur dans deux mois »; leur bêtise insondable, l'incroyable prétention qui leur fait désigner Dieu comme le « gentilhomme d'en haut »<sup>29</sup>, M. de Maugeron faisant pendre un marmiton innocent à la place d'un cuisinier coupable, mais dont il apprécie la cuisine; [et] d'autres encore. Ce sont des portraits, des images où reviennent souvent les mêmes personnages.<sup>30</sup> À deux ou trois exceptions près, où il cultive la scène de comédie<sup>31</sup>, sa technique est celle du roman et même

27. Intr. : roman satirique. [Ce sont les *Anecdotes* qui apportent ici la précision.] Le roi

28. Intr. : la duchesse de Rohan<sup>e</sup> [considérant qu'accoucher d'un Rohan est un honneur; les courtisans préférant se réjouir de la bonne santé du roi à déplorer cinq défaites des armées françaises.] répondant

a) IMEC : « répondant à qui la questionnait pour savoir quand elle accoucherait : "J'aurai cet honneur dans 2 mois." »

29. Intr. : « gentilhomme d'en haut », [l'ignorance infinie d'une classe où d'Alembert n'est rien auprès de l'ambassadeur de Venise; Berrier faisant employer l'homme qui l'a averti de l'attentat de Damiens et dont il a négligé l'avis.] M. de Maugeron

30. Intr. : les mêmes personnages. [Ayant à traiter d'une société figée dans les abstractions de l'étiquette, Chamfort a choisi de les montrer, comme des marionnettes, de l'extérieur.] À deux

31. IMEC : note manuscrite à ce mot : « (citer), par exemple dans cette anecdote que je ne puis me retenir de vous faire goûter. »

du roman moderne. Les êtres sont toujours représentés dans leur action.<sup>32</sup>

Au milieu de tous ces personnages, le héros du roman c'est Chamfort lui-même.<sup>33</sup> Si on réunissait en effet tous les textes qui concernent un certain M..., on obtiendrait un portrait assez complet de ce personnage pour lequel Chamfort a forgé le mot de « sarcasmatique »<sup>34</sup>. Ayant goûté à tout et désormais détourné de tout, il ne pourrait plus se décrire que par ses refus, s'il ne lui restait deux choses qui lui font un ton irremplaçable : le souvenir de la passion et le culte du caractère. On trouvera dans la bouche de M... assez de déclarations sur le caractère.<sup>35</sup> Ce n'est pas pour rien que Chamfort a intitulé, avec tant de hauteur<sup>36</sup> « Du goût pour la retraite et de la dignité du caractère », une section de ses maximes. Il n'est rien qu'il mette plus haut chez un homme et son seul défaut est peut-être

32. Intr. : action. [Ses traits (voir l'anecdote de Maupertuis)<sup>r</sup> ne concluent rien, ils peignent des caractères] [8] Au

a) IMEC : Cette indication entre parenthèses est barrée et Camus écrit à la main : « citer ».

Chamfort rapporte à propos de Maupertuis l'anecdote suivante : « Maupertuis, étendu dans son fauteuil et bâillant, dit un jour : "Je voudrais résoudre un beau problème qui ne fût pas difficile." Ce mot le peini tout entier. » (CHAMFORT, *Maximes et pensées. Caractères et anecdotes* [« Le Livre de Poche », Gallimard, 1970], pp. 313-5). — Il est clair que l'« anecdote de Maupertuis » fut racontée lors de la conférence.

33. Intr. : Chamfort lui-même. [Sa biographie pourrait nous fournir de renseignements intéressants. Mais cela n'est même pas utile puisqu'il s'est mis en scène dans les *Anecdotes* et les *Maximes*, et toujours selon la technique romanesque, c'est-à-dire indirectement.] Si

34. Intr. : « sarcasmatique » [et de la conduite de qui il rend un compte scrupuleux au milieu de la société irrédelle et folle qui l'entoure. Ce personnage est arrivé à l'âge où la jeunesse se perd et avec elle les êtres, que l'on croyait jusque-là une source de jouissances éternelles. Ennemi de la religion<sup>a</sup>, ayant.] Ayant

a) IMEC : « Ennemi de la religion » est barré. Camus ne souhaite pas, apparemment, heurter de front les sentiments de son public. Voir p. 63, note 22.

35. IMEC : « Le [« son » barré] discours de réception [« de C. » rajouté à la main] à l'Académie française portait sur deux sujets : l'Amitié et la Chevalerie. »

36. Intr. : avec tant de hauteur [une section de ses maximes] : « Du goût pour la retraite et de la dignité du caractère. »]. Il n'est

de confondre justement le caractère avec la solitude. Mais c'est en même temps le sujet de son livre secret sur lequel nous aurons à revenir. On donnera cependant son vrai sens à ce culte du caractère en considérant qu'il est la réaction inévitable<sup>37</sup> d'un homme placé<sup>38</sup> au milieu d'une société décadente où l'esprit se débite dans<sup>39</sup> [tous les salons, mais où personne ne prend au sérieux les grandes leçons de la volonté. Même ainsi,] il se réfère à l'expérience pour tempérer son postulat : « Il n'est pas bon, dit-il, de se donner des principes plus forts que son caractère ».

C'est qu'en même temps ce personnage épris [de dignité et] de hauteur d'âme a l'expérience de la passion et de ses blessures. Le même homme qui a écrit l'une des plus belles maximes qu'un esprit français ait jamais formées<sup>40</sup> : « La fortune pour arriver à moi passera par les conditions que lui impose mon caractère », donne cependant à chaque page toutes les preuves d'une sensibilité frémissante.<sup>41</sup> [Il parvient à réaligner] ce mélange de la volonté et de la passion qui fait le caractère<sup>42</sup> tragique et qui donne à Chamfort une avance

37. Intr. : la réaction [évidente] d'un

IMEC : le mot *évidente* est barré et remplacé par « inévitable ».

38. Intr. : un homme [situé] au

IMEC : le mot *situé* est barré et remplacé par « placé ».

39. Intr. : se débite dans [toutes les maisons, mais où les grandes leçons de la volonté ne peuvent se prendre au sérieux. Mais, en posant cette première valeur, Chamfort ne le fait pas dans l'arbitraire ni le général. Il se réfère

40. En portugais : « forgées ».

41. Intr. : frémissante. [Simplement, et le personnage nous donne ici sa dernière dimension, il a réalisé] ce mélange

a) IMEC : Dans la marge, « citer », avec cette note manuscrite en bas de page : « L'amitié extrême et délicate, dit-il, est souvent blessée du repli d'une rose. » « La rareté d'un sentiment vrai fait que quelquefois je m'arrête dans la rue à regarder un chien ronger un os. »

42. Intr. : le caractère tragique et qui donne [...] sur son siècle. [Car c'est un contemporain de Byron et de Nietzsche qui eût pu écrire : « J'ai vu peu de fiertés dont j'aie été témoin. Ce que je connais de mieux dans le genre, c'est celle de Satan dans le Paradis perdu ». On reconnaît ici le ton tragique et l'allure de ce que Nietzsche appelait l'esprit libre.] Qu'on

a) IMEC : note manuscrite, en bas de page : « Il y a une mélancolie qui tient à la grandeur d'esprit. » Oui et c'est un grand esprit, c'est un contemporain (?). »

considérable sur son siècle. Qu'on se souvienne seulement de la société à laquelle cet esprit<sup>43</sup> appartient pour son malheur. On imaginera aisément dès lors l'aventure de mépris et de désespoir qu'une âme de cette envergure est destinée à courir dans<sup>44</sup> ce monde qu'elle condamne. Et on tiendra le roman dont Chamfort nous a laissé les éléments. C'est le roman du refus, le récit d'une négation de tout qui finit par s'étendre à la négation de soi, une course vers l'absolu qui s'achève [dans le paroxysme de la destruction,] dans la rage du néant.

Cette aventure ne prend son sens que par les élan confiants dont a été faite la jeunesse de Chamfort.<sup>45</sup> [Beau et aimé, sa vie a commencé par le succès.<sup>46</sup> Si la réussite sociale a un sens, on peut dire que, dans ses débuts, la vie de Chamfort est une éclatante réussite. Mais, justement, il n'est pas sûr que<sup>47</sup> [la réussite sociale] ait un sens.<sup>48</sup> Car la réussite sociale n'a de sens que dans une société à laquelle on croit.<sup>49</sup>

43. Intr. : esprit [appartenait malgré lui et que,] pour son malheur, il n'a pu s'empêcher de juger. [appartient

44. Intr. : dans [un] monde qu'elle [méprise]. Et

a) IMEC : le mot *méprise* est barré et remplacé par « condamne ».

45. Intr. : Chamfort. [Il était, dit-on, aussi beau que l'amour. Cette] vie

46. Intr. : succès. [Les femmes l'ont aimé, ses premières œuvres, si médiocres fussent-elles, lui ont gagné les salons et même la faveur royale. Cette société, en fait, ne lui a pas été si dure et sa qualité d'enfant naturel ne lui a même pas été une gêne. | Si

47. Intr. : pas sûr que [ce mot] ait un sens.

a) IMEC : « ce mot » est barré et remplacé par « la r.s. » (la réussite).

48. Intr. : sens. [C'est ce que nous apprend le roman de Chamfort, qui est l'histoire d'une solitude.] Car

49. Intr. : on croit. [Or il y a, d'abord, dans le personnage de Chamfort, cette disposition tragique qui l'empêchera toujours de croire à une société et cette susceptibilité de cœur qui l'arrêtera d'entrer dans un monde où ses origines risqueraient d'être contestées. Il est de ceux que poussent à la fois de grandes et éclatantes vertus qui les mettent au point de tout conquérir et cette autre vertu plus amère qui les mène à nier cela même qui vient d'être conquis. Ajoutons enfin qu'il est placé dans une société à laquelle ne croient même plus ceux dont c'est pourtant la profession d'y croire. Que peut faire alors un homme en face d'un monde qu'il méprise ? Si sa qualité est bonne, il prendra sur lui les exigences qui justement ne sont pas satisfaites dans ce monde. Non pour se donner en exemple, mais par un simple souci de cohérence. S'il faut à

Voilà donc notre personnage installé au milieu de ses réusites et de son dédain d'un monde corrompu. La seule chose qui l'anime, c'est le mouvement d'une morale personnelle. Immédiatement, c'est à ses<sup>50</sup> [privileges] qu'il s'attaque. Lui qui vit de pensions demande leur suppression. « Il y a une sorte de plaisir attaché au courage qui se met au-dessus de la fortune. Mépriser l'argent, c'est détrôner un roi. »<sup>51</sup> Lui<sup>52</sup> qui reçoit de l'Académie ses jetons, l'attaque avec violence. « En fait d'inutilité, il ne faut que le nécessaire » et demande sa dissolution<sup>53</sup>. Homme<sup>54</sup> [de la monarchie], il se jette dans le parti qui finira par le tuer.<sup>55</sup> Jamais le despotisme n'avait reçu de si terribles attaques : « Le désavantage d'être au-dessous des princes est largement compensé par l'avantage d'en être loin. » Ou encore celle-ci qui n'a pas tellement vieilli à mon sens : « Lorsqu'on considère que le produit du travail et des lumières<sup>56</sup> de trente ou quarante siècles a été de livrer 300 millions d'hommes répandus sur le globe à une trentaine de despotes, la plupart ignorants et imbéciles, dont chacun est gouverné par trois ou

toute intrigue son ressort profond, on trouvera donc le ressort de cette histoire dans le goût de la morale. » [§] Voilà

51. En note : il s'agit d'une morale d'engagement, et non d'une moralité. En fait Chamfort est immoraliste : « Jouis et fais jouir sans faire de mal à toi et à personne, voilà, je crois, toute la morale. »

IMEC : cette note est barrée.

50. Intr. : c'est à ses [avantages particuliers] qu'il s'attaque

IMEC : c'est à ses [propres] avantages

51. Citation ajoutée au texte de l'« Introduction » et qui apparaît dans celui de l'IMEC sous forme de note manuscrite et complétée par cette phrase : « Il y a du ragout ».

52. IMEC : « Lui » est ajouté à la main.

53. IMEC : Dans la marge, à la main : « avec ce mot terrible : En fait d'inutilité... »

La citation a été un peu déplacée dans le texte portugais.

54. Intr. : Homme [d'ancien régime], il

55. La fin du paragraphe et le paragraphe suivant ont été ajoutés.

IMEC : notes manuscrites, sur feuille volante.

56. « et des lumières » n'a pas été traduit en portugais. Il s'agit apparemment d'une omission car la citation de Chamfort est notée correctement à la main par Camus (IMEC).

quatre scélérats, quelquefois stupides, que penser de l'humanité et qu'attendre d'elle à l'avenir ? »

Et pour finir celle-ci<sup>57</sup> qui [les] résume [toutes, et qui est un défi hautain] face aux dictatures de tous les temps : « Il est plus facile de légaliser certaines choses que de les légitimer. » [Chamfort]<sup>58</sup> s'écarte de tout, refuse tout, il n'épargne personne ni lui-même<sup>59</sup>. Son corps lui-même est mis en cause, ce visage si séduisant devient « altéré, puis hideux ».

Notre héros va encore plus loin, car le renoncement à ses propres avantages n'est rien et la destruction de son corps est peu de chose auprès de la destruction de son âme même. Finalement, c'est cela qui fait la grandeur de Chamfort et l'étonnante beauté du roman qui nous est proposé. Car, en somme, le mépris des hommes est souvent la marque d'un cœur vulgaire. Il s'accompagne alors de la satisfaction de soi. Il n'est légitime au contraire que lorsqu'il se soutient du mépris de soi. « L'homme est un sot animal, dit Chamfort, si j'en juge par moi ». C'est en cela qu'il me paraît être le moraliste de la révolte, dans la mesure précise où il a fait toute l'expérience de la révolte en la tournant contre lui-même, son idéal étant une sorte de sainteté désespérée. « J'ai détruit mes passions à peu près comme un homme violent tue son cheval ne pouvant plus le gouverner »<sup>60</sup>. Une attitude si extrême et si farouche devait l'amener à la négation ultime qui est le silence<sup>61</sup>. « Tous les

57. IMEC : celle-ci [qui résume tout, ce qui se dresse(?) toujours comme un principe en face des] dictatures...

58. Intr. : [il] s'écarte de tout, [il] refuse tout

59. Intr. : lui-même : on voit qu'il s'agit d'une tragédie de l'honneur. Solitaire dès lors, il s'acharne aussi contre l'unique recours de l'homme seul, jamais l'incroyance n'avait trouvé d'accents si vigoureux<sup>61</sup>. Son

a) En note : « Si l'incroyance est la privation volontaire d'espérance, qu'a-t-on dit de plus définitif à cet égard : "L'espérance n'est qu'un charlatan qui nous trompe sans cesse et pour moi le bonheur n'a commencé que lorsque je l'ai eu perdue." »

60. Citation rajoutée; IMEC, note manuscrite.

61. Intr. : silence : « M. qu'on voulait faire parler sur différents abus publics ou particuliers répondit froidement : " Tous les jours

jours, j'accrois la liste des choses dont je ne parle plus. »<sup>62</sup> Cela même devait le conduire à nier l'œuvre d'art et cette force pure du langage qui, en lui-même, depuis si longtemps, essayait de donner une forme inégarable à sa révolte.<sup>63</sup> Et cela est logique. L'art est le contraire du silence, il est l'une des marques de cette complicité qui nous lie aux hommes dans notre lutte commune. Pour qui a perdu cette complicité et s'est placé tout entier dans le refus, ni le langage ni l'art n'ont plus<sup>64</sup> [de sens]. C'est sans doute la raison pour laquelle ce roman<sup>65</sup> [du silence] n'a jamais été écrit.<sup>66</sup> Dans tous les cas ici se termine cette « Comédie Mondaine »<sup>67</sup> qui dément pour finir le titre futile qu'on pouvait lui donner.<sup>68</sup>

C'est à la biographie de Chamfort qu'il faut demander la fin de cette aventure.<sup>69</sup> Je n'en connais pas de plus tragique et de plus cohérente. Car c'est par cohérence, en effet, que Chamfort, s'est jeté tout entier dans la révolution et que ne pouvant plus parler il a agi.<sup>70</sup> Mais il n'est pas difficile de voir qu'il n'a pris pour lui que la part négative de la révolution. Il avait trop

62. Intr. : plus. | Le plus philosophe est celui dont la liste est la plus longue »[ Cela

a) IMEC : note manuscrite : « Et encore. " Les hommes ne peuvent rien faire pour moi qui vaille leur oubli. " »

63. Intr. : révolte. | Il n'y a pas manqué et c'est ici la négation dernière. À l'un de ses personnages dont on réclame qu'il prenne de l'intérêt à son propre talent, il fait dire : « Mon amour-propre a péri dans le naufrage de l'intérêt que je prenais aux hommes »[ Et cela

64. Intr. : n'ont plus [leur expression]. C'est

66. Intr. : écrit. | C'est qu'il était justement le roman d'une négation. Il y avait dans cet art les principes mêmes qui devaient le conduire à se nier. Et sans doute Chamfort n'a pas écrit de roman parce que, peut-être, ce n'était pas l'usage. Mais, on le voit bien, c'est surtout parce qu'il n'aimait ni les hommes ni lui-même. On imagine mal un romancier qui n'aime aucun de ses personnages. Et pas un seul de nos grands romans ne se comprend sans une passion profonde pour l'homme. L'exemple de Chamfort, unique dans notre littérature, peut nous en persuader. | Dans

67. Intr. : « comédie mondaine » ; IMEC : « Comédie Mondaine ».

68. En portugais : « qu'on lui avait donné. »

69. Intr. : aventure. | Par l'ensemble et par les détails, je n'en connais pas

70. Intr. : agi. | remplaçant le roman par le libellé et le pamphlet. | Mais

le goût d'une justice idéale pour accepter vraiment l'injustice inséparable de toute action.<sup>71</sup> « Leur fraternité — finit-il par dire, en se référant aux révolutionnaires — est celle de Cam et d'Abel. » Pour qui est comme Chamfort, tenté par l'absolu et incapable de s'en délivrer au moyen de l'homme<sup>72</sup>, il ne reste qu'à mourir. Et en vérité c'est ce qu'il a fait, mais dans des circonstances si horribles qu'elles donnent sa dimension exacte à cette tragédie de la morale : elle s'achève en boucherie. La rage de la pureté s'identifie ici à la folie de la destruction. Le jour où Chamfort croit que la révolution l'a condamné, devant l'échec définitif, il se tire un coup de pistolet qui lui fracasse le nez et lui creève l'œil droit. Vivant encore<sup>73</sup>, il revient à la charge, se coupe la gorge avec un rasoir et se déchiquette les chairs. Inondé de sang, il se fonce la poitrine de son arme<sup>74</sup> et enfin, s'ouvrant<sup>75</sup> [les] poignets, s'écroule au milieu d'un lac de sang dont le suintement hors des portes finit par donner l'alerte. Cette rage de suicide, ce délire de destruction, sont difficiles à imaginer. Mais on trouve le commentaire dans les *Maximes* : « On s'effraie des partis violents ; mais ils conviennent aux âmes fortes<sup>76</sup> ». Et c'est en effet le culte obstiné de l'extrême et de l'impossible qui est figuré<sup>77</sup> dans le roman de Chamfort.<sup>78</sup>

Car le métier de moraliste ne peut aller sans désordres, sans fureurs ou sans sacrifices — ou alors il n'est qu'une feinte

71. Intr. : toute action. | L'échec l'attendait encore. | « Leur

La citation qui suit le mot *action* apparaît dans le texte de l'IMEC.

72. IMFC : ajout manuscrit : « réduit comme il l'a dit de façon si frappante à éponger la vie. »

73. En portugais : « Respirant encore ».

74. En portugais : « il enfonce son arme dans ses blessures ».

75. Intr. : s'ouvrant [jarrêts et poignets], s'écroule

76. Intr. : âmes fortes [et les caractères vigoureux se reposent dans l'extrême.] ». Et

77. En portugais : « que nous propose le roman »...

78. Intr. : Chamfort. | Mais c'est cela que précisément on peut appeler le goût de la morale. Simplement, ce roman d'une moralité supérieure s'achève dans des flots de sang, au milieu d'un monde bouleversé où chaque jour une dizaine de têtes rebondissent au fond d'un panier. En face des images conventionnelles que l'on nous donne de l'un et de l'autre, cela nous fournit une idée plus profonde de Chamfort et de la morale. | [§] Car

odieuse.<sup>79</sup> C'est pour cela que Chamfort m'apparaît comme un de nos rares grands moralistes : la morale, ce grand tourment des hommes, lui est une passion personnelle, et il en a poussé la cohérence jusqu'à la mort. J'ai lu de tous côtés qu'on lui reprochait son amertume. Mais, en vérité, j'aime mieux cette amertume tout entière éclairée par une grande idée de l'homme que la philosophie sèche du grand seigneur qui a écrit cette maxime impardonnable : « Le travail du corps délivre des peines de l'esprit et c'est ce qui rend les pauvres heureux »<sup>80</sup>. Même dans ses plus extrêmes négations, Chamfort n'a pas cessé de prendre le parti des vaincus. Il n'a nullement qu'à lui-même et pour des raisons supérieures. Certes, je vois bien où sa pensée fléchit. Il a cru que le caractère se définissait par le refus et il est des cas où le caractère doit savoir dire oui. Comment imaginer une supériorité qui se sépare des hommes ? C'est pourtant celle que Chamfort et, après lui, Nietzsche qui l'aimait tant, ont choisie. Mais lui et Nietzsche ont payé ce qu'il fallait pour cela, faisant la preuve qu'une intelligence en quête de sa justice profonde peut être aussi sanglante que les grandes conquêtes. C'est une idée qui force au respect. C'est aussi une idée qui porte son enseignement pour nous et notre monde. Je rappelle ici que Chamfort est un écrivain classique.<sup>81</sup> On voit alors que le classicisme ne se définit pas par le repos et la bienséance, comme on le laisse croire dans nos manuels. Le Prince de Clèves meurt de désespoir et Mme de Clèves entre au couvent. Don Juan se précipite aux enfers malgré tous les avertissements. Alceste incapable de supporter le mensonge, c'est-à-dire la société, court au désert perdre jusqu'au souvenir de la face humaine. Iphigénie, Britannicus, Polyeucte,<sup>82</sup> [bien d'autres]

79. IMEC : note manuscrite : « On n'est pas moraliste parce qu'on donne des leçons de morale ou qu'on censure les actes et les écrits d'auteur on est moraliste lorsqu'on paye de beaucoup de douleur les mots qu'on proclame. »

80. Intr. : en note : « La Rochefoucauld. »

81. Tout ce passage (« On voit alors [...] cet univers. ») qui apparaît également dans le texte de l'IMEC n'existe pas dans l'« Introduction ». Le passage en question commence par « Mais » dans le texte de l'IMEC.

82. IMEC : Polyeucte, [cent autres encore sont victimes] d'une obstination

sont les victimes sanglantes d'une obstination meurtrière qui a nom la morale.<sup>83</sup> L'univers de nos classiques retentit du cri des victimes et des meurtriers. Et que ce cri ait suscité le plus beau langage qui soit, que ces hécatombes soient élégantes<sup>84</sup> et pures, ajoute encore à la force tragique de cet univers. Oui<sup>85</sup>, si la cohérence, le goût du raisonnement, la logique même morale, l'exigence obstinée de la morale sont des vertus classiques, on peut bien dire que la façon dont Chamfort a choisi d'être classique a été d'en mourir. Cela restitué à cette notion la démesure et le frémissement<sup>86</sup> que nos grands siècles ont su lui donner et que nous avons à lui conserver.<sup>87</sup>

© Jean et Catherine Camus

83. IMEC : morale. | En vérité l' univers

84. En portugais : « harmonieuses ».

85. Intr. : classique. | Mais<sup>a</sup> |, si la cohérence

a) IMEC : Oui, | si...

86. En portugais : « la violence ».

87. IMEC : le texte est signé : « Albert Camus ».



**"A Europa e o crime"**

Resumo da conferência de Albert Camus

**Mensagem de Albert Camus**

"Obrigado a prosseguir viagem para Montevidéu, apresento aos círculos intelectuais de Pôrto Alegre, e muito especialmente à imprensa, cuja alta qualidade apreciei vivamente, meus sentimentos de profundo pesar, por não ter podido agradecer-lhes pessoalmente.

A todos, minha gratidão, pelo movimento de simpatia em torno da cultura francesa com que fui acolhido em Porto Alegre, de que guardarei uma lembrança singular."

Albert Camus

Albert Camus permaneceu apenas 24 horas em Pôrto Alegre. No entanto, o efeito de sua rápida passagem pela nossa cidade será dos mais duradouros, tal foi a impressão deixada pelo famoso escritor no espírito de todos aqueles que tiveram a feliz oportunidade de ouvi-lo.

Não podíamos, pois, deixar de pelo menos apresentar um resumo de sua notável conferência. "A Europa e o Crime", pronunciada terça-feira última, perante o auditório do Instituto de Belas Artes completamente tomado de um público brilhante e interessado.

Verifica-se ainda que homens dispersos pelos diversos continentes se voltam para a Europa e se interrogam sobre o seu futuro, convencidos de que a escravidão ou o desespero dessa mesma Europa acarretará o desaparecimento de valores, os quais nenhum homem digno desse nome poderá dispensar.

Albert Camus compartilha de tal inquietação, mas se recusa a toda profecia, quer somente estudar a doença atual da Europa e determinar, se possível, os remédios a aplicar.

A Europa vive atualmente na desgraça. Por que? Porque muito se tem assassinado nestes últimos anos. E de uma nova maneira: Cain assassina Abel em nome da lógica e

reclama em seguida a legião de honra. Ademais, a morte se apresenta como um problema de estatística. Finalmente, em muitos países "os carrascos se instalaram nas poltronas ministeriais. Eles simplesmente substituíram o machado pelo tinteiro."

Assim, a Europa sofre pelo crime e pela abstração, o que para Albert Camus é uma única e mesma doença.

A Europa entrou na morte pelo pensamento. Sem haver cometido pessoalmente crimes sangrentos, os europeus, sobretudo os da nova geração, se cornaram, mau grado seu, assassinos porque eles pensam mal.

Os jovens europeus têm vivido, com efeito, dentro do nihilismo: por certo isso não é inteiramente culpa deles, mas é um fato. Em literatura, em pintura, em filosofia, em moral reina o desprezo pelos valores tradicionais, a negação de tudo.

Nossa geração, nascida durante a guerra de 14, suportou sucessivamente a crise econômica, Munich, a guerra de 1939-45, a ocupação, a luta clandestina, os campos de concentração e agora se lhe promete o fogo de artifício atômico. É aquilo que chamo "uma geração interessante". Ora, esta geração conheceu a necessidade de regular sua posição em função do assassinio, em função da violência legalizada. E assim esses jovens, que tinham somente o ódio do ódio, tiveram de bater-se contra o assassinio, porque se não se batessem o deixariam triunfar.

A dificuldade foi encontrar as justificativas fundamentais, os princípios desta ação, porque o nihilismo havia difundido a idéia de que nada tem sentido, que aquele que tem razão é o que triunfa e que aquele que triunfa torna-se chefe, ou seja, o mais forte, ou ainda o que assassina mais cientificamente.

Seja porem como fôr, o nihilismo levou ao campo de concentração e ao assassinato, ao crime.

Por sua vez, o materialismo histórico conduz ao assassinio com o mesmo rigor que o nihilismo: para que a era dos imperialismos seja substituída pela era da sociedade universal, a guerra é necessária, o assassinio é legitimado, pois liquida os restos de uma estrutura ultrapassada.

Para os materialistas, a história tem um sentido, a dialética é soberana: assim a evolução é boa, os meios para apressar esta evolução são bons e tanto melhores quanto mais eficazes: mentiras, força, crime.

O materialismo histórico, como o nihilismo leva ao campo de concentração e ao assassinato científico.

O espírito moderno, desde a morte de Deus, não tem cessado de escrever no sangue da história a tragédia do orgulho humano.

São pois falsas idéias que tornaram a Europa enferma (procura exclusiva da eficiência) e necessidade assassina.

Nós somos então todos responsáveis por termos aceitado as filosofias da força, que são as filosofias da morte.

Albert Camus, nesta altura, passa a exemplificar com a polémica, tornada insulto ao adversário, recusa para reconhecer o antagonista. Evita-se o olhar do homem à nossa frente.

Em lugar de persuadir, intimida-se; e o diálogo, manifestação da vida do homem, é impossível entre o senhor e o escravo, entre a vítima e o carrasco. Aquele que quer dominar é surdo; os outros devem bater-se ou desaparecer.

Olhemos a Europa: ela está sob o regime da ficha policial, é percorrida pelas "pessoas deslocadas", ela está unificada, descarnada, surda e cruel porque se submeteu à eficiência. É o triunfo das cidades sobre a natureza, e os romances não falam senão de juizes, de processos, de prisões. A Europa tem a literatura que merece, uma literatura de prisioneiros.

A Europa de hoje: alguns homens procurando a amizade perdida...

Como sair dessa situação, como curar a doença da Europa?

A primeira solução deveria ser aquela de respeitar enfim os mandamento divinos, pois infelizmente é um fato que 80 por cento da Europa vive fora da graça. Ainda resta a segunda e última solução: a revolta, uma revolta humana contra a eficiência, uma revolta sem a qual o mundo será dominado por povos infantis, que riem aboletados em cima das suas máquinas.

A revolta será a recusa da dominação e uma tentativa de diminuir a dor do homem.

Albert Camus, a seguir, narra a anedota de uma adolescente francês que repete sob ameaça de morte por um policial alemão "nenhuma idéia merece que se morra por ela" afirmando a propósito que portanto há idéias pelas quais às vezes se pode consentir em dar a vida; tais idéias são superiores à existência de um indivíduo porque elas são necessárias

ao Homem: a liberdade, a justiça, a luta contra a inveja, contra a mentira e contra a violência.

O conferencista, cuja palavra expressiva e densa, ágil e colorida, vigorosa e bela, vinha empolgando o auditório, passa a pregar a moral da sinceridade e do diálogo, porque o silêncio é uma barreira entre os homens. Albert Camus prega ainda a repulsa à violência legitimada, porque nenhum homem detém o segredo da verdade absoluta.

O notável conferencista, abrindo então breve parêntesis, felicita o Brasil por ter abolido a pena de morte.

Denunciando a crueldade das revoluções e a fraqueza dos resultados obtidos pelas torrentes de sangue, Albert Camus denuncia as filosofias políticas da força, o mito pernicioso do heroísmo a todo preço: os homens devem cultivar a honra e a boa vontade.

É isso uma utopia? Não.

Indulgência para com os outros, exigência para consigo mesmo, esforço dos artistas contra a mentalidade dos conquistadores, eis as armas com as quais os homens devem ajudar para a salvação imediata da Europa e da Humanidade.

E Albert Camus termina dizendo que se por desgraça o escritor fracasse na sua generosa missão, mais vale enganar-se sem assassinar ninguém do que ter razão no meio do silêncio e dos túmulos.

# "A EUROPA E O CRIME"

Resumo da conferencia de Albert Camus

## Mensagem de Albert Camus

Obrigado a prosseguir viagem para Montevidéu, apresento aos círculos intelectuais de Porto Alegre, e muito especialmente à imprensa, cuja alta qualidade apreciei vivamente, meus sentimentos de profundo pesar, por não ter podido agradecer-lhes pessoalmente.

A todos, minha gratidão, pelo movimento de simpatia em torno da cultura francesa com que fui acolhido em Porto Alegre, de que guardarei uma lembrança singular.

Albert Camus



O escritor Albert Camus

Albert Camus permaneceu apenas 24 horas em Porto Alegre. No entanto, o efeito de sua rápida passagem pela nossa cidade será dos mais duradouros, tal foi a impressão deixada pelo famoso escritor no espírito de todos aqueles que tiveram a feliz oportunidade de ouvi-lo.

Não podíamos, pois, deixar de pelo menos apresentar um resumo de sua notável conferência. "A Europa e o Crime", pronunciada terça-feira última, perante o auditório do Instituto de Belas Artes completamente tomado de um público brilhante e interessado.

Verifica-se ainda que homens dispersos pelos diversos continentes se voltam para a Europa e se interrogam sobre o seu futuro, convencidos de que a escravidão ou o desespero dessa mesma Europa acarretará o desaparecimento de valores, os quais nenhum homem digno desse nome poderá dispensar.

Albert Camus compartilha de tal inquietação, mas se recusa a toda profecia, quer somente estudar a doença atual da Europa e determinar, se possível, os remédios a aplicar.

A Europa vive atualmente na desgraça. Por que? Porque muito se tem assassinado nestes últimos anos. E de uma nova maneira: Cain assassina Abel em nome da lógica e reclama em seguida a legião de honra. Ademais, a morte se apresenta como um problema de estatística. Finalmente, em muitos países "os carrascos se instalaram nas poltronas ministeriais. Eles simplesmente substituíram o machado pelo tinteiro".

Assim, a Europa sofre pelo crime e pela abstração, o que para Albert Camus é uma única e mesma doença.

A Europa entrou na morte pelo pensamento. Sem haver cometido pessoalmente crimes sangrentos, os europeus, sobretudo os da nova geração, se tornaram, máu grado seu, assassinos porque eles pensam mal.

Os jovens europeus têm vivido, com efeito, dentro do nihilismo: por certo isso não é inteiramente culpa deles, mas é um fato. Em literatura, em pintura, em filosofia, em moral reina o desprezo pelos valores tradicionais, a negação de tudo.

existência de um indivíduo por que elas são necessárias ao Homem: a liberdade, a justiça, a luta contra a inveja, contra a mentira e contra a violência.

O conferencista, cuja palavra expressiva e densa, agil e colorida, vigorosa e bela, vinha empolgando o auditório, passa a pregar a moral da sinceridade e do diálogo, porque o silêncio é uma barreira entre os homens. Albert Camus prega ainda a repulsa à violência legitimada, porque nenhum homem detém o segredo da verdade absoluta.

O notável conferencista, abrindo então breve parêntesis, fallica o Brasil por ter abolido a pena de morte.

Denunciando a crueldade das revoluções e a fraqueza dos resultados obtidos pelas torrentes de sangue, Albert Camus denuncia as filosofias políticas da força, o mito pernicioso do heroísmo a todo preço: os homens devem cultivar a honra e a boa vontade.

E' isso uma utopia? Não. Indulgência para com os outros, exigência para consigo mesmo, esforço dos artistas contra a mentalidade dos conquistadores, eis as armas com as quais os homens se devem ajudar para a salvação imediata da Europa e da Humanidade.

E Albert Camus termina dizendo que se por desgraça o escritor fracasse na sua generosa missão, mais vale enganar-se sem assassinar ninguém do que ter razão no meio do silêncio e dos túmulos.

Nossa geração, nascida durante a guerra de 14, suportou sucessivamente a crise econômica, Munich, a guerra de 1939-45, a ocupação, a luta clandestina, os campos de concentração e agora se lhe promete o fogo de artifício atômico. E' aquilo que chamo "uma geração interessante". Ora, esta geração conheceu a necessidade de regular sua posição em função do assassínio, em função da violência legalizada. E assim esses jovens, que tinham somente o ódio do ódio, tiveram de bater-se contra o assassínio, porque se não se batassem o deixaríamos triunfar.

A dificuldade foi encontrar as justificativas fundamentais, os princípios desta ação, porque o nihilismo havia confundido a idéia de que nada tem sentido, que aquele que tem razão é o que triunfa e que aquele que triunfa torna-se chefe, ou seja, o mais forte, ou ainda o que assassina mais cientificamente.

Seja porem como for, o nihilismo levou ao campo de concentração e ao assassinato, ao crime.

Por sua vez, o materialismo histórico conduziu ao assassínio com o mesmo rigor que o nihilismo: para que a era dos imperialismos seja substituída pela era da sociedade universal, a guerra é necessária, o assassínio é legitimado, pois líquida os restos de uma estrutura ultrapassada.

Para os materialistas, a história tem um sentido, a dialética é soberana: assim a evolução é boa, os meios para apressar esta evolução são bons e tanto melhores quanto mais eficazes: mentiras, força, crime.

O materialismo histórico, como o nihilismo leva ao campo de concentração e ao assassinato científico.

O espírito moderno, desde a morte de Deus, não tem cessado de escrever no sangue da história a tragédia do orgulho humano.

São pois falsas idéias que tornaram a Europa enferma (procura exclusiva da eficiência) e necessariamente assassina.

Nós somos então todos responsáveis por termos aceitado as filosofias da força, que são as filosofias da morte.

Albert Camus, nesta altura, passa a exemplificar com a polemica, tornada insulto ao adversário, recusa para conhecer o antagonista. Evita-se o olhar do homem à nossa frente.

Em lugar de persuadir, intimidar e o diálogo, manifestação da vida do homem, é impossível entre o senhor e o escravo, entre a vítima e o carrasco. Aquele que quer dominar é surdo: os outros devem bater-se ou desaparecer.

Olhemos a Europa: ela está sob o regime da ficha policial, é percorrida pelas "pessoas deslocadas", ela está unificada, descarnada, surda e cruel porque se submeteu à eficiência e o triunfo das cidades sobre a natureza, e os romances não falam senão de juizes, de processos, de prisões. A Europa tem a literatura que merece uma literatura de prisioneiros.

A Europa de hoje: alguns homens errantes procurando a amizade perdida...